



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

Trabalho de Projeto

Influência do Acompanhamento Parental no Percurso Educativo dos Jovens

Cristiana Filipa Santos Fernandes
Nº20140383

Orientadora

Professora Doutora Maria Manuela Cravo Branco Prata Abrantes

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Intervenção Social Escolar, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Manuela Cravo Branco Prata Abrantes, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Julho de 2019

Composição do júri

Presidente do júri

Professor Doutor, Valter Victorino Lemos

Vogais

Professor Doutor, Abílio José Maroto Amiguinho

Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de
Portalegre

Professora Doutora, Maria Manuela Cravo Branco Prata Abrantes

Professor Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de
Castelo Branco

*“A Educação visa melhorar a natureza do homem,
O que nem sempre é aceite pelo interessado”*
Carlos Drummond De Andrade

Dedicatória

Ao meu Avô,
Pelo exemplo de vida,
Pela determinação e força,
Por me ensinar a nunca desistir.

A ti, Avô,
Muito obrigada.

Agradecimentos

É com profundo orgulho que acabo esta etapa, enaltecendo a importância do apoio daqueles que me acompanharam até aqui.

O maior e mais profundo agradecimento à minha Orientadora, Professora Manuela Abrantes, por ter aceite o convite para orientar-me nesta caminhada, pelo exemplo, pela sabedoria e rigor, disponibilidade e todo o apoio prestado.

À Dr^a Alexandra Almeida Santos, Assistente Social na Escola em estudo, pelos ensinamentos e auxílio prestados. Agradeço a oportunidade de partilhar esta etapa com uma profissional de excelência, tendo desta forma, usufruído de uma experiência produtiva e enriquecedora. É com muita satisfação e apreço que agradeço toda a orientação e amizade.

À Dr^a Marisa Tapadinhas, Psicóloga da Escola em estudo, pelo companheirismo, pelo aconselhamento e pelo carinho. O apoio declarado advém do estabelecimento de uma relação baseada na descoberta, confiança e amparo constante.

À Ana Gonçalves, pelas palavras de incentivo, pela paciência, mas acima de tudo pela amizade. Agradeço por fazer de mim uma pessoa mais confiante, por me “*dar na cabeça*” na altura certa e por ter estado sempre a meu lado.

Ao Ivo Fazenda, por todos os conselhos, pela paciência, pela força e apoio cedidos desde início. Saliento que carrego todas as suas opiniões e perspetivas, como fatores de ensinamento e de ultrapassagem de obstáculos.

À Joana Gomes e à Maria Martins pela amizade, apoio mútuo e companheirismo.

Parto, hoje, para a descoberta de novas realidades, nas quais me proponho dar continuidade à formação na área social, todavia importa referir que esta partida não significa um adeus, mas sim um até já. Levar-vos-ei no coração.

Obrigada a todos vós por fazerem parte do meu percurso académico.

Resumo

O presente Trabalho enquadra-se no plano curricular do Mestrado em Intervenção Social Escolar da Escola Superior de Educação de Castelo Branco e resulta da Investigação realizada na Escola Secundária Inovar de Castelo Branco, sob orientação da Professora Doutora Manuela Abrantes, com início a 23 de Novembro de 2018 e término previsto a 10 de Maio de 2019.

Na Escola Secundária Inovar uma das problemáticas subjacentes é o insucesso escolar, decorrente das faltas em excesso e desmotivação, bem como os comportamentos desviantes. Assim sendo, a temática que nos propomos a abordar é o Insucesso Escolar, tendo como foco de estudo “A influência do Acompanhamento Parental no Percurso Educativo dos Jovens”.

A questão que orientou esta investigação é: *Será que o acompanhamento parental e profissional dos estudantes os consciencializa da importância da escola, promovendo o seu desenvolvimento e empenho nas atividades que lhes são propostas?*, alicerçada de sub-questões que consideramos pertinentes ao estudo: O acompanhamento individualizado traduz uma evolução positiva no desempenho escolar?; Qual a influência do acompanhamento parental no percurso educativo crianças/jovens?; O acompanhamento parental e profissional da Assistente Social potencia a responsividade dos Jovens?.

O projeto propõe a melhoria do percurso escolar dos jovens, a (re)construção da relação Escola-Família e o envolvimento parental no contexto escolar. Assim sendo, definimos como objetivos: promover melhorias no percurso escolar dos jovens em estudo; promover a motivação e empenho escolar dos alunos em estudo; promover a aquisição de hábitos essenciais ao sucesso escolar, por parte dos alunos; envolver os Encarregados de Educação no percurso educativo dos filhos; reforçar e/ou fortalecer a relação Escola-Família.

A metodologia de investigação é qualitativa com vertente de estudo de caso, a qual teve como pressuposto o acompanhamento individualizado com dois alunos previamente selecionados e o trabalho com os respetivos pais, mediante a colaboração da equipa técnica da referida Escola.

Concluimos que o comportamento e atitudes dos alunos selecionados é influenciado pela permissividade dos pais quanto à sua educação, a título de exemplo apresentamos a ausência de regras e limites impostos aos jovens, acentuada benevolência e, ainda, lacunas no que respeita às repreensões.

Consideramos importante realçar a importância da colaboração escola-família, numa lógica permanente e contínua, de forma a promover melhorias no percurso escolar dos jovens, uma vez que o acompanhamento parental e profissional foi essencial nos resultados obtidos com os alunos em estudo.

Palavras chave

Relação Escola-Família; Acompanhamento Parental; Educação Partilhada

Abstract

This project was built within the scope of the Master's degree in Social Intervention in School Context, under the guidance of Professora Maria Manuela Abrantes, from the Escola Superior de Educação, of Castelo Branco.

The problems underlying School Failure at INOVAR are due to excessed absences and lack of motivation, as well as deviant behaviour. Thus the theme which we address is the School failure, focusing on the study *“the influence of parental monitoring during young student’s school time”*.

The assumption of our intervention was an individualized work with the sample students and their parents, with collaboration of the technical team of the mentioned School. Its purposes are the improvement of the students school progress, the (re) construction of the School-Family relationship and the parental involvement in the school context.

The main question of this research is: will parents and professionals guidance make students aware of the importance of school, promoting their development and commitment to the school activities? This main problem is divided into other questions also relevant: will individual guidance have a positive response on school results? What is the influence of parents guidance in childrens/teenagers academic route? Will parents guidance as well as professional social assistant one reinforce young peoples responsivity?

The improvement of the students school progress, the (re)construction of the school family relationship and the parental involvement in the school context are proposed by this study.

Thus, the following objectives were considered: to promote the improvement of the academic route; to promote motivation and school commitment; to promote acquisition of essential habits for school success; to involve educational responsible people in their children academic routes; to reinforce the school family relationship.

The research methodology is a qualitative one, especially a study case, having the assumption of the individual monitoring of two students previously selected and the work with their parents through the collaboration of the technical team of the school.

It was possible to conclude that the behaviour and attitudes of the selected students are influenced by the permissiveness of their parents and as an example we mention the lack of rules and limits, too much indulgence and still some lack of calling their attention to certain important aspects.

It's relevant to highlight the importance of school- family collaboration as a continuous and permanent process, to promote better academic routes, since their parents and professional guidance was essential on results considered in this study.

Keywords

School-family relationship; parental monitoring; shared Education

Índice Geral

1. Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	3
2. A Família	3
2.1 Família: O primeiro contexto de aprendizagem	3
2.2 Modelos de Parentalidade: Relação Pais-Filhos.....	4
2.3 Parentalidade Positiva e Consciente.....	5
2.4 Vinculação na Adolescência.....	6
3. Relação Escola-Família	8
3.1 Importância e desafios da relação Escola-Família	8
3.2 Diferentes contextos de desenvolvimento dos jovens: Família e Escola	9
3.3 Envolvimento Parental na Escola.....	10
4. Percurso Educativo dos Jovens.....	12
4.1 Cursos de Educação e Formação	12
4.2 Insucesso Escolar	13
4.3 Importância do Acompanhamento Individualizado dos Alunos	15
Capítulo II – Enquadramento Metodológico	18
1. Vertente de Intervenção	18
2. Problemática e Objetivos de Estudo	19
2.1 Metas e Prioridades de Intervenção	20
3. Contexto de Intervenção.....	21
3.1 Caracterização da Instituição de Ensino – Escola Secundária Inovar	21
3.2 Princípios Gerais, Metas, Missão e Valores	22
3.3 Recursos Institucionais.....	22
3.3.1 Recursos Institucionais.....	22
3.3.2 Recursos Institucionais.....	23
3.3.3 Recursos Institucionais.....	23
3.4 Política Social	23
3.5 Enquadramento do Serviço Social na Educação	26
4. Metodologia de Investigação	27
4.1 Metodologia de Investigação.....	27

4.2 Questões de Investigação.....	28
4.3 Sujeitos de Intervenção	29
4.3.1 Aluno C.	30
4.3.2 Aluno H.....	32
4.4 Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados	34
4.5 Plano de Intervenção	36
4.5.1 Procedimentos.....	36
4.6 Cronograma	38
4.7 Avaliação do Projeto de Intervenção	38
Capítulo III – Análise e Interpretação dos Dados.....	40
1. Análise de Conteúdo das Entrevistas	40
1.1 Entrevistas realizadas aos Encarregados de Educação	40
1.2 Entrevistas realizadas a Alunos	44
1.3 Entrevista realizada às Diretoras de Turma.....	47
1.4 Entrevista realizada à Assistente Social	61
1.5 Entrevistas realizadas às Psicólogas.....	66
2. Acompanhamento Individual dos Alunos	78
3. Atividade com as Turmas	84
4. Triangulação dos Dados.....	99
Capítulo IV – Conclusões.....	113
1. Limitações ao Estudo.....	113
2. Conclusão dos resultados obtidos na Investigação	113
3. Considerações Finais	122
4. Bibliografia.....	123
Lista de Apêndices.....	126
Apêndice A – Atividade 1.....	126
Apêndice B – Atividade 2.....	127
Apêndice C – Atividade 3	128
Apêndice D – Autorização de Estudo de Caso	129
Apêndice E - Guião de Entrevista a Encarregados de Educação.....	130
Apêndice F – Guião de Entrevista a Alunos	131
Apêndice G – Guião de Entrevista às Diretoras de Turma	132
Apêndice H – Guião de Entrevista à Assistente Social	134

Apêndice I - Guião de Entrevista às Psicólogas.....	135
Apêndice J - Consentimento Informado para realização das entrevistas.....	136
Apêndice K - Entrevista realizada às Diretoras de Turma.....	137
Apêndice L - Entrevista realizada à Assistente Social.....	149
Apêndice M - Entrevista realizada às Psicólogas	154

Índice de figuras

Figura 1 - Círculo Vicioso do Insucesso Escolar. De "Professor do Futuro", por J. R. Cardoso, 2013, p.72	15
Figura 2 - Número de Pessoal Docente e Não Docente	23
Figura 3 - Genograma do Aluno C.	30
Figura 4 - Genograma do Aluno H.	32
Figura 5 - Atividade sobre a Perspetiva de Vida em Desenho	87

Lista de tabelas

Tabela 1 - Historial Académico do Aluno C.	30
Tabela 2 - Historial Académico do Aluno H.	32
Tabela 3 - Atividade sobre a Perspetiva de Vida dos alunos do CEF de OSTA 89	
Tabela 4 - Atividade sobre a Perspetiva de Vida dos alunos do CEF de Eletricidade	90
Tabela 5 - Tabela-resumo sobre o Acompanhamento Parental e Profissional dos Alunos	111

Lista de Quadros

Quadro 1 - Objetivos e Questões de Investigação.....	19
------------------------------------------------------	----

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

ESI – Escola Secundária Inovar

AESI – Agrupamento de Escolas Secundárias Inovar

CEF – Curso de Educação e Formação

PRA – Plano de Recuperação de Avaliação

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

1. Introdução

A Escola e a Família são contextos de interação e aprendizagem, dos quais se espera respeito, união, empatia, cooperação e partilha de responsabilidades, a fim de proporcionar aos jovens um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. No entanto, é evidente a falta de empenho por parte destes dois sistemas em (re)estruturar a sua relação, fator que pode comprometer o percurso do aluno. Importa reforçar que uma relação Escola-Família saudável é conseguida através do esforço de ambas as partes, ultrapassando os obstáculos à sua interação.

A escolha do tema decorre da necessidade de poder contribuir para se alcançar uma educação de qualidade, auxiliando os pais no exercício da parentalidade e nos desafios que enfrentam. Salienta-se ainda, a importância e vantagens do envolvimento dos pais no percurso escolar dos filhos.

É deveras importante trabalhar com pais, no sentido de conhecer as dinâmicas familiares e consequentes relações estabelecidas pelos jovens com os elementos deste sistema, de forma a avaliar qual o acompanhamento feito pelos pais.

O acompanhamento parental assume uma maior valia na promoção do empenho e motivação escolar dos alunos, por constituir um estímulo positivo e um reforço à melhoria dos comportamentos e atitudes no contexto escolar. As técnicas das Escolas devem consciencializar os pais da importância da repreensão, de forma a que saibam atuar junto dos filhos, quando estes apresentam comportamentos inadequados a um determinado contexto, não descurando a necessidade de dar a conhecer estratégias de motivação e formas de estimular o empenho dos jovens.

A investigação foi aplicada na Escola Secundária Inovar de Castelo Branco, tendo como intuito primordial o sucesso escolar dos alunos, concretamente dos dois alunos selecionados, ambos com um percurso educativo decadente. O trabalho realizado com os alunos, respetivos pais, e equipa técnica da Escola teve início a 23 de Novembro de 2018 e termina em Maio de 2019.

Ao nível da estrutura interna do trabalho apresentado, este encontra-se organizado em quatro capítulos: o Enquadramento Teórico, o Enquadramento Metodológico, a Análise e Interpretação dos Dados e os Resultados e Conclusões.

O enquadramento teórico é, sem dúvida, dos pontos mais importantes do Trabalho, por enquadrar informação pertinente acerca da problemática em estudo, dando relevância à análise, reflexão e aprofundamento do conhecimento realizado sobre a mesma.

No segundo capítulo, é exposta a metodologia de investigação e procedimentos utilizados no decorrer do estudo, métodos estes que, posteriormente, serão alvo de análise e reflexão de forma a interpretar os dados recolhidos. É uma fase que requer tempo, precisão, rigor e empenho por parte do investigador.

Mediante a interpretação do investigador no que respeita à análise dos dados, são retratadas as conclusões da investigação. Estão ainda inseridos na estrutura do trabalho, a bibliografia de apoio à fundamentação de toda a informação exposta ao

longo do Trabalho e os apêndices e anexos que constituem documentos complementares aos conteúdos descritos.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

2. A Família

2.1 Família: O primeiro contexto de aprendizagem

O sistema familiar deve ser entendido como um sistema complexo que integra diversos processos interativos, onde está intrínseca a residência e partilha de recursos comuns (Diogo, 1998).

De acordo com Ferreira (2011, p.45) uma família engloba um conjunto de pessoas unidas por laços de parentesco, onde os adultos assumem a responsabilidade das crianças no que respeita à satisfação das suas necessidades. Na perspetiva de Beltrão (1989, p.17 citado por Dias, 2000, p.81), a Família é considerada como um grupo social no qual os membros habitam numa residência comum e estabelecem relações interpessoais, sabendo que se assume o pressuposto da reprodução. Neste sentido, o sistema familiar corresponde ao primeiro grupo social do qual o Ser Humano faz parte, sendo, por isso, a unidade base da sociedade.

Quando pensamos na palavra família, associamos, de imediato, a um grupo de pessoas: a mãe, o pai, as crianças, os avós e os tios, eventualmente. A família constitui um espaço educativo e é considerada como *“o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo, no qual se “criam” e “educam” as crianças, ao proporcionar os contextos educativos indispensáveis para cimentar a tarefa de construção de uma existência própria”* (Diogo, 1998, p.37). Esta representação mental acontece devido ao facto de termos um modelo de referência que se encaixa neste tipo de representação.

Sendo a família o núcleo fundamental da sociedade, a partir do qual o Ser Humano se integra na sociedade e se desenvolve, assume um papel de extrema relevância na sua formação, educação e capacitação. O mesmo confirma Reis (2012) quando refere que é no contexto familiar que as crianças adquirem, pela primeira vez, conhecimento sobre normas e valores educativos, os quais corroboram a construção da sua identidade/personalidade.

A família é o primeiro contexto do indivíduo, o qual lhe apresenta moldes pelos quais se guia na sua interação com a sociedade, sendo que se pressupõe que este sistema dê estabilidade, equilíbrio e bases adequadas ao mesmo. O contexto mencionado é um espaço privilegiado de construção social da realidade em que, mediante as relações estabelecidas e as vivências, os acontecimentos do dia-a-dia assumem significados (Diogo, 1998). Isto é, o indivíduo dá valor, significado e forma às suas ações através da experiência da realidade do seu contexto, independentemente de ser uma boa ou má ação, já que foi essa a única forma de atuação que o indivíduo vivenciou/observou. No entanto, o sistema familiar tem vindo a sofrer alterações, fator que influencia o desempenho dos jovens no contexto escolar.

2.2 Modelos de Parentalidade: Relação Pais-Filhos

A família enquanto sistema herdou mudanças na sua dinâmica, resultado da evolução temporal e cultural (a posição da mulher, a composição e organização do agregado familiar, o casamento/divórcio, a interação/relação entre sujeitos, entre outros), abandonando o modelo tradicional que prevalecia há uns anos (Dias, 2011).

A parentalidade constitui um fator determinante no desenvolvimento das variadas fases de desenvolvimento da criança (Albuquerque, 2016 a citar Vaz, 2012). Por sua vez, os modelos de parentalidade impelam a forma como os pais se relacionam com os filhos.

Na perspetiva de Albuquerque (2016) denota-se a pertinência da análise destes modelos, de forma a identificar a dinâmica de interação entre pais e filhos e qual a sua influência no desenvolvimento dos mesmos. Importa referir que o tom de voz, as alterações de humor, as contradições (ou não) e a linguagem corporal definem o ambiente em que se desenrolam as relações.

Os pais devem apresentar estilos educativos sustentados em ações e atitudes positivas que promovam a autoestima, a autonomia e a construção da identidade própria dos filhos, na base de uma organização familiar equilibrada (Ribeiro, Gomes e Felizardo, 2015).

No entanto, sabe-se que não existe um único modelo e/ou prática parental, podendo identificar-se três categorias distintas.

Importa notar que cada modelo assumido pelos pais decorre, provavelmente, da sua vivência na infância (a sua experiência de filho), uma vez que é necessário reconhecer quando e como um determinado estilo parental se reflete na geração seguinte - a terceira geração (Oliveira, 1998, 2000b e Patterson, 1998 citados por Oliveira et al., 2002). O mesmo é defendido por Bowlby (1989 citado por Bigas, 2016), quando afirma que o modelo que o indivíduo desenvolve durante a infância e/ou adolescência é altamente influenciado pela forma como os pais/cuidadores exercem a parentalidade.

Os modelos parentais distinguem-se mediante o nível de autoridade, exigência e afeto (Ferreira e Vasconcelos, 2015):

- **Autoritarismo**

O sistema familiar é focado nos pais/cuidadores, uma vez que exercem e expressam o poder da autoridade de forma afirmativa e constante (Oliveira, 2002).

Os pais autoritários são exigentes, rígidos nas regras que estabelecem, pouco ou nada compreensivos e pretendem obediência absoluta por parte dos filhos sem que os questionem. Este modelo está associado a atitudes hostis e de caráter impositivo, onde há evidente ausência de afeto entre pais-filhos.

- **Democrata**

Há nesta prática exigência de respeito pelas regras e as infrações levam às sanções, ou seja, existe uma autoridade forte mas dialogante entre pais e filhos, o que favorece a internalização das normas parentais (Oliveira, 2002).

Neste modelo, os pais são exigentes, mas não numa lógica extremista. Exigem dos filhos, o desenvolvimento das suas capacidades, a construção da sua identidade e a garantia da responsabilidade/autonomia.

As crianças tendem a ser autónomas, confiantes e com um sentido de responsabilidade acentuado, uma vez que são ativamente envolvidas no processo educativo, quer na tomada de decisões quer na resposta aos problemas com que se deparam (Ferreira e Vasconcelos, 2015).

- **Permissivo**

Os pais permissivos são aqueles que não exigem e raramente impõem regras aos filhos, tendo estes liberdade e autonomia suficientes para gerir a sua dinâmica pessoal, social e escolar. Outra das características desta prática parental é a compreensão e/ou excesso de benevolência, dado que acreditam em tudo aquilo que os filhos lhes dizem, desculpando todos os comportamentos inadequados mediante a falta de castigo/repreensão.

Destaca-se o afeto, a falta de limites e o baixo nível de exigência por parte dos pais (Ribeiro, Gomes e Felizardo, 2015). Este tipo de modelo é seguido, por grande parte dos pais e/ou Encarregados de Educação, no que respeita ao percurso educativo dos filhos.

De entre estes três modelos, a diferença que se torna mais evidente é a capacidade de estabelecer um ambiente comunicativo e conseqüente qualidade do diálogo (Gallart citada por Silva e Nascimento, 2005).

2.3 Parentalidade Positiva e Consciente

Muitos pais pretendem que os filhos aceitem e respeitem os limites e regras impostas pelos mesmos, no entanto estes mesmos pais têm dificuldade em conhecer, definir e assumir os seus próprios limites, contrapondo aquilo que transmitem e aquilo que fazem (Belo e Coelho, 2017). Assim sendo, Silva e Esteves (2012) realçam que as ordens dos pais para com os filhos não devem ser contraditórias.

No que respeita à responsabilidade dos filhos, é uma característica que todos os pais pretendem que estes alcancem, contudo esquecem todas as promessas que não cumpriram ou todos os erros que já cometeram e pelas quais não se responsabilizaram. Todos estes pontos assumem uma condicionante direta na forma como os filhos vêm os pais e no reflexo do seu comportamento.

Como tal, importa assegurar uma Parentalidade assente em pressupostos que promovam o desenvolvimento equilibrado e benéfico às crianças/jovens e que constitua uma base de aprendizagem adequada, a Parentalidade Positiva e a Parentalidade Consciente.

A parentalidade positiva assenta o seu pressuposto num estilo parental focado no interesse da criança, assegurando a satisfação das necessidades, orientação, capacitação e reconhecimento, sem qualquer tipo de violência. Esta prática educativa reconhece a criança como um indivíduo com direitos, respeitando-os, e desenvolvendo

ao máximo as suas capacidades/potencialidades (Conselho da União Europeia, 2006, Lisboa).

Övén (2015) defende o exercício da parentalidade com base na parentalidade consciente, na qual os pais fazem coisas com os seus filhos, ao invés de coisas para eles. Na educação não existem formulas “perfeitas”: *“Que métodos funcionam?”*, apenas se sabe que o estabelecimento de relações fortes e unificadoras entre pais e filhos proporciona o desenvolvimento saudável de todas as partes envolvidas.

A comunicação é uma ferramenta de contato bastante importante, pois é mediante o uso da mesma que se criam relações entre pares. No que respeita à relação pais-filhos, deve ter-se em conta como os elementos do sistema familiar se relacionam entre si. Para que a comunicação seja concretizada, tem de existir por parte daquele que recebe a mensagem vontade de ouvir e compreender o outro, (Silva e Esteves, 2012), sabendo que essa comunicação implica o uso da linguagem verbal, como também, a linguagem corporal.

Para além da comunicação, importa ressaltar também, a importância do elogio, sendo que os pais devem *“elogiar as tentativas e não apenas o sucesso das tentativas”* (Silva e Esteves, 2012, p.37), pelo que a falta de reconhecimento do comportamento e/ou atitude, conduz ao comportamento inadequado, de acordo com os mesmos autores.

Marujo, Neto e Perloiro (1998, p.92) partilham da mesma opinião, afirmando que *“elogiar e recompensar por esforços, atitudes e comportamentos adequados é fundamental para ensinar às crianças e jovens a crescerem felizes e a sentirem-se motivados para certas tarefas – em especial quando essas tarefas não lhes agradam particularmente”*.

A parentalidade consciente, de acordo com Övén (2015), é uma prática que se distingue pela compreensão dos comportamentos das crianças, de forma a saber o que é realmente necessário para que o comportamento se altere (quando negativo).

Assim sendo, enaltecem-se os aspetos positivos do uso desta metodologia de educar, ensinar e compreender as necessidades dos filhos, numa perspetiva de respeito, valorização e atribuição de significado aos acontecimentos.

Importa não esquecer que os estilos parentais acarretam um impacto significativo no desenvolvimento psicológico das crianças/adolescentes (Oliveira, 2002), pelo que deve ter-se em conta as vantagens de optar por uma prática parental consciente e positiva.

2.4 Vinculação na Adolescência

Desde cedo que as crianças possuem mais que uma figura de vinculação, os elementos da família, no entanto, tendo em conta a “hierarquia de vinculação” (Salavessa, 2015), os pais/cuidadores mediante o exercício da parentalidade são as principais figuras de vinculação.

Os autores, Ferreira e Vasconcelos (2015) e Salavessa (2015) mencionam o comportamento de vinculação como qualquer ato que permite estabelecer ou manter

um vínculo afetivo e de proximidade por parte da criança/jovem e a sua figura de vinculação.

Salavessa (2015) faz referência a estudos da autoria de Ainsworth (1971) relacionados com os padrões de vinculação, referindo três grandes categorias:

- **Inseguro/Evitante**

Este padrão caracteriza-se pela indisponibilidade do cuidador e ausência de afeto/proximidade, sendo a prestação de cuidado realizada com desleixo. A rejeição compromete a relação de vinculação entre pais-filho.

- **Seguro**

Os cuidadores são responsivos e envolvidos nos cuidados que prestam à criança/jovem. Neste padrão os pais estimulam a autonomia e o desenvolvimento das capacidades e transmitem à criança/jovem conforto, proteção e segurança.

A manutenção de uma vinculação segura e a conquista da autonomia são processos que se interligam no alcance de uma finalidade comum, sabendo que a vinculação segura aos pais favorece o desenvolvimento da autonomia, de forma gradual e sem incidentes.

As autoras, Machado e Oliveira (2007), afirmam que existe correlação positiva entre uma vinculação segura e a expressão de diferentes indicadores psicossociais do adolescente, nomeadamente o desenvolvimento da sua identidade e/ou autonomia.

- **Inseguro/Ambivalente**

Na vinculação insegura a criança/jovem tem dúvidas relativamente à disponibilidade e capacidade de resposta do cuidador, o que contribui para diversos problemas de comportamentos interiorizados e/ou exteriorizados por parte dos adolescentes.

A vinculação aos pais é, sem dúvida, um fator a ter em conta na adolescência, por ser uma fase de mudança na sua dinâmica de vida, a vários níveis: na (re)definição da identidade própria, no grau de escolaridade, nas relações entre pares, na responsabilidade e nas perspetivas dos pais sobre o seu percurso de vida. Estas alterações na adolescência, na perspetiva de Machado (2007), constroem-se mediante uma fase de revisão necessária.

A adolescência consiste no período de transição entre a infância e a vida adulta, o qual se caracteriza pelo desenvolvimento físico, sexual, emocional e social (Eisenstein, 2005). É, aqui, que o indivíduo estabelece relações, dá uso à sua autonomia e potencialidades no alcance dos objetivos que se propõe alcançar.

Nesta fase de desenvolvimento que é a adolescência, o adolescente começa a ver-se a si próprio como um indivíduo independente na sua relação/vinculação com os pais (Machado e Oliveira, 2007).

Um estudo desenvolvido em Coimbra intitulado “Vinculação aos pais em adolescentes portugueses”, das autoras Machado e Oliveira (2007), propôs estudar as representações das relações com os pais, construídas por adolescentes portugueses, tendo em conta a qualidade das representações das vinculações entre pais e adolescentes e o desenvolvimento de problemas de exteriorização e/ou interiorização, ao longo da adolescência. Deste estudo destacam-se as seguintes conclusões: que entre

o período dos 13-14 anos e 17-18 anos é possível notar um decréscimo dos valores médios da vinculação aos pais e percebeu-se também, mediante análise de um questionário, que a vinculação aos pais é valorizada de formas diferentes tendo em conta a idade e o género dos sujeitos.

3. Relação Escola-Família

3.1 Importância e desafios da relação Escola-Família

É certo que o tempo dos jovens é repartido entre a escola e a família. No entanto, os pais, na maioria das vezes, aquando da permanência dos filhos no seio familiar não demonstram qualquer tipo de preocupação, dada a carga horária que possuem, fator que decorre da atual conjuntura social e económica, a qual fragiliza as famílias (Nogueira, 2011).

Os pais estão cada vez mais ocupados, querendo também ocupar os seus filhos com cada vez mais atividades, a fim de lhes proporcionar uma educação diversificada e de qualidade, ao mesmo tempo que os mantêm ocupados (Nogueira, 2011).

A família de acordo com Cruz e Santos (2008, p.444), *“é distante da escola e da vida escolar de seus filhos”, “não impõe limites aos filhos”* e os pais *“são ausentes e não participam no acompanhamento das aprendizagens”,* pelo que *“jogam a responsabilidade educativa para a escola e para os professores”*. Importa referir que na Escola o aluno é sujeito a um processo de ensino-aprendizagem que deve ter continuidade no contexto familiar, uma vez que ambos os sistemas têm como objetivo comum a educação.

A adolescência acarreta aos pais desafios na forma como os filhos gerem a sua autonomia e responsabilidade, podendo variar de acordo com a qualidade de vinculação pais-filhos que assumem. Saber lidar com procura precoce de liberdade dos filhos e conseqüente autonomia é um dos desafios lançados aos pais, sabendo que o principal desafio que lhes é colocado é a tarefa de educar.

A indiferença dos pais provoca nos filhos comportamentos indisciplinados, dado que ganham uma noção de liberdade maior o que, muitas vezes, se torna difícil de reverter (Caeiro e Delgado, 2005). Esta indiferença, muitas vezes, amplia-se e abarca o percurso educativo dos jovens, contribuindo diretamente para a sua degradação.

Um dos grandes desafios lançados à Escola passa por aproximar as famílias à Escola, de forma a promover uma relação harmoniosa, a participação ativa dos pais e uma relação de parceria. Nogueira (2011) defende a mesma ideia, quando refere que o Assistente Social assume um papel fundamental ao nível da mediação entre a escola e a família, pelo modo como procura incorporar os encarregados de educação nas escolas.

É importante que cada sistema respeite e aceite as crenças e valores, por muito opostos que sejam, a fim de alcançar uma relação harmoniosa e integradora (Tavares e Nogueira, 2013).

Na Escola recorre-se à mediação para dar resposta aos conflitos que se encontram presentes entre os binómios escola-família, aluno-família e escola-comunidade, tendo a seu cargo a responsabilidade de aproximar as diferentes entidades, sendo que a mediação potencia o diálogo entre as partes e promove a construção de laços sociais (Costa, 2003).

Nogueira (2011) afirma que a Escola é feita de, para e por pessoas, os alunos, respetivos pais e Professores e restante equipa escolar, de forma que a educação partilhada por todos, inclui a participação, a parceria e a partilha de responsabilidades, onde todos os atores têm consciência que o sucesso educativo só é possível alcançar aquando da colaboração de todos (Diogo, 1998).

A escola deve reconhecer o quão importante é a família estar inserida no contexto escolar e de como esta se sente mais acolhida e envolvida em contexto escolar, se o trabalho com os pais for realizado de forma individualizada. (Tavares e Nogueira, 2013). De acordo com as mesmas autoras, cada família é caracterizada pela sua própria identidade e como tal deve ser vista como única, sendo esta uma nuance de que o trabalho com as famílias deve ser particularizado.

A parceria Escola-Família implica o estabelecimento de uma parceria que se envolva na realização de trabalho com o intuito de alcançar uma finalidade comum, que beneficia ambos os sistemas (Epstein, 1992, p.1 citado por Diogo, 1998, p.73). Ocorre uma reconceptualização das funções e dos papéis, tradicionalmente, atribuídos aos professores e aos pais, procurando-se, agora, alcançar a colaboração e ajuda mútua, onde os professores deixam de trabalhar para, mas sim com os pais.

Reis (2012) menciona que é necessário que se estabeleça uma colaboração que reflita as ações conjuntas e coordenadas de ambas as partes. Denota-se, extremamente importante, a participação de todos os intervenientes envolvidos no processo educacional dos jovens, na procura da harmonia, coerência e sintonia, para que a família e a escola possam pensar, refletir e agir reciprocamente sobre o percurso escolar do mesmo. Diogo (1998) ressalta que a partilha das tarefas educativas é um princípio da relação Escola-Família, pois acarreta benefícios tanto para os alunos, pais, como para a escola.

Desta forma, a escola não se pode reconhecer sem a família e o mesmo acontece ao contrário, por serem sistemas que não se podem distanciar no processo educativo e de aprendizagem dos jovens (Oliveira, 2002).

3.2 Diferentes contextos de desenvolvimento dos jovens: Família e Escola

É no contexto familiar que se criam nos jovens atitudes, normas e valores, tal como se desenvolvem competências e capacidades, por ser o primeiro contexto educativo da criança, onde se desenvolvem as primeiras interações e estímulos.

De acordo com Oliveira (2002), o sucesso pessoal e educativo das crianças/jovens depende, não só, da qualidade do ambiente familiar, como também, do ambiente escolar.

Os jovens refletem e exteriorizam as suas vivências familiares, tanto a nível emocional e físico como afetivo, daí poder afirmar-se que os alunos com problemas escolares, evidenciam a falta de apoio parental, o que contribui para o crescente desinteresse pela escola e vice-versa. Importa realçar que nas escolas convivem estudantes com percursos e experiências de vida bastante heterogêneos reflexo dessas mesmas vivências (Carvalho, 2018), uma vez que um adolescente não abandona a sua personalidade à porta da escola (Le Gall, 1978).

Para além do conhecimento que transmite aos jovens, a Escola contribui ainda para a sua construção social (Tavares e Nogueira, 2013). De acordo com Bento et al, 1993 (citado por Nogueira, 2011, p.9), a escola detém um peso fulcral na vida de todos os cidadãos, dado que:

A educação escolar, para além da missão intrínseca de transmitir conhecimentos, terá, simultaneamente, de contribuir para o desenvolvimento de competências relativas à resolução dos problemas de vida, pelo estímulo no desenvolvimento psicológico, pelo confronto com questões concernentes a valores, e, mediante a prática de atividades proporcionadas pela escola, de forma a permitir um maior desenvolvimento moral dos alunos.

Tavares e Nogueira (2013) referem que o aluno passou a ser o foco no processo de aprendizagem, sabendo que a educação é contínua e dividida pelos sistemas que o integram, a Escola e a Família. É indispensável que a Escola conheça o aluno, no entanto isto só se torna possível quando a escola se predispõe a conhecer a família do mesmo, pois só assim se conhece a realidade/origem do aluno (a qual permite a construção da sua personalidade).

A criança/jovem divide o seu tempo entre a Família e a Escola, contextos diferentes, mas com objetivos comuns. É neles que o sujeito desenvolve a sua personalidade, autonomia e percurso educativo e pessoal. Desta forma, ressalta-se a importância destes dois contextos na promoção de um ambiente favorável ao seu desenvolvimento e na partilha de responsabilidades no que respeita à interação e conhecimentos que incutem nas crianças/jovens.

3.3 Envolvimento Parental na Escola

A educação é o pressuposto base para o desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo, sabendo que sem ela não seria possível desenvolver-se na totalidade. É imprescindível a influência da família na educação, o que a torna um parceiro indispensável na promoção da qualidade da educação. (Carvalho, 2018).

A escola é um espaço plural que reflete o contexto familiar e social de cada estudante no seu rendimento escolar, tanto na sua vertente positiva como negativa. Este contexto permite conhecer os alunos, o seu sistema familiar e o acompanhamento parental ou falta dele, aquando confrontados com situações/obstáculos, pois é nesta altura que se identifica a capacidade de superar dificuldades e/ou nível de tolerância a situações de stress.

Outro fator igualmente relevante é o comportamento e atitude do aluno em contexto de sala de aula, se é um aluno passivo, cooperante ou intolerante/desordeiro.

Tal como já foi referido, os jovens espelham na escola os valores que lhes são incutidos pela família.

Atualmente, na maioria dos Estabelecimentos de Ensino, o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos demonstra ser escasso (Diogo, 1998), realidade que deve ser alterada para benefício dos jovens. Tavares e Nogueira (2013) mencionam, ainda, que o acompanhamento parental é uma necessidade, para avaliar o desenvolvimento dos filhos e também para estimulá-los. As mesmas autoras enfatizam que o distanciamento dos pais contribui para o desinteresse e falta de empenho escolar dos filhos.

Bergeret (1983) refere que muitos pais vêm a ida à Escola como uma obrigação que não lhes agrada, pelo que a adiam sempre que podem. O envolvimento da família na escola não se centra apenas e só nos défices educativos (Carvalho, 2018) ou seja, nas participações de comportamentos indisciplinados, no conhecimento das notas finais negativas ou no número de faltas injustificadas.

Este envolvimento abrange muito mais para além disso, e tal como já foi referido, demonstra-se importante elogiar e reforçar atitudes e comportamentos positivos, assim como pequenos esforços demonstrados pelos jovens (Silva e Esteves, 2012). O reforço positivo estimula o empenho e a motivação para voltar a alcançar o sucesso, por muito pequeno que tenha sido. Com isto, não queremos dizer que não se deve repreender, no entanto deve ser feito apenas quando necessário e de forma adequada.

Muitas vezes, o interesse dos pais relativamente à Escola é unicamente o aproveitamento escolar dos filhos, nomeadamente as avaliações, no entanto há muito mais a ter em conta: a comunicação, o empenho, o carácter, o espírito de equipa, o saber perder e a relação com os outros. Estas qualidades estão intimamente ligadas aos resultados escolares, sabendo que são aptidões que se desenvolvem na família, assim como na Escola, de acordo com Bergeret (1983). Com isto, a autora não nega a importância de uma escolaridade bem sucedida, apenas reforça a importância do desenvolvimento dos jovens enquanto pessoas, na medida em que não são obrigados a assumir o papel do aluno excelente.

Oliveira (2002) faz referência a estudos realizados por diversos autores (Grolnik e Ryan, 1989; Steinberg et al., 1989 e Viega, 1988, 1989), nos quais se confirma que existe uma relação direta entre práticas parentais democráticas e o desempenho favorável dos filhos em contexto escolar, de forma que este estilo educativo promove o sucesso escolar.

Os pais devem assumir o papel de recurso, ao qual os filhos recorrem quando lhes surgem questões/problemas, de forma a serem orientados para a compreensão das tarefas propostas (Marujo, Neto e Perloiro, 1998).

É deveras importante que os jovens sintam que ao seu lado têm alguém que acompanhe o seu percurso, nas suas conquistas e derrotas. Desta forma, sentir-se-ão estimulados pelo adulto, dando uso das suas capacidades/potencialidades.

Diogo (1998) afirma que muitos foram os estudos que concluíram que o envolvimento e participação das famílias no percurso educativo dos jovens está intimamente ligado ao sucesso pessoal e escolar dos mesmos. Isto porque, a família é

um sistema orientador que condiciona tanto o percurso e desenvolvimento escolar, como as expectativas de vida da criança/jovem.

4. Percurso Educativo dos Jovens

O Ministério da Educação, mediante medidas descritas no Programa Educação, datado de 2015, pretende alcançar três objetivos fulcrais à universalização da frequência da educação:

- ✓ Elevar as competências básicas dos alunos portugueses;
- ✓ Assegurar o cumprimento da escolaridade obrigatória de 12 anos;
- ✓ Reforçar o papel das Escolas.

A Escola Secundária Inovar (ESI) apresenta três modalidades de ensino, onde a sua oferta formativa integra (Artigo 4º do Regulamento Interno da ESI):

- Cursos Científico-Humanísticos (Ciências e Tecnologias, Artes Visuais e Ciências Socioeconómicas);
- Cursos Profissionais (Técnico de Mecatrónica, Técnico de Multimédia, Gestão e Programação de Sistemas Informáticos e Técnico de Apoio à Gestão Desportiva);
- Cursos de Educação e Formação (Eletricidade de Instalações e Operador de Estações de Tratamento de Águas).

Atualmente, os jovens procuram alternativas ao ensino regular, tanto pela fuga ao “modelo mais teórico” de aprendizagem como pela facilidade de alcançar o certificado de formação. O decréscimo por parte dos jovens no ensino regular e o aumento nas vias de ensino alternativo é uma realidade que abrange a maior parte das Instituições de Ensino.

Tendo em conta esta realidade, a oferta educativa que a ESI apresenta como resposta para os alunos com características específicas de prosseguimento da escolaridade integral: os Cursos de Educação e Formação.

4.1 Cursos de Educação e Formação

Os Cursos de Educação e Formação (CEF) estão legislados mediante o Despacho Conjunto nº453/2004, datado de 27 de Julho, alterado pela Retificação nº1673/2004, com data de 7 de Setembro, com alterações introduzidas pelos Despachos nº12568/2010, de 4 de Agosto e nº 9752/2012, de 18 de Julho. De acordo com o Despacho Conjunto n.º 453/2004, alínea 2, os CEF:

Destinam-se, preferencialmente, a jovens com idade igual ou superior a 15 anos, em risco de abandono escolar ou que já abandonaram antes da conclusão da escolaridade de 12 anos, bem como àqueles que, após conclusão dos 12 anos de escolaridade, não possuindo uma qualificação profissional, pretendam adquiri-la para ingresso no mundo do trabalho.

Os CEF constituem uma Política Educativa que pretende dar resposta às mais variadas problemáticas: a desmotivação e desinteresse, pouca oferta educativa (direcionada para diferentes áreas de interesse dos jovens), o abandono escolar precoce e, conseqüente, insucesso escolar.

Na Instituição de Ensino onde é aplicada a intervenção, os CEF são caracterizados pelos tipo e nível 2. Conforme o Despacho Conjunto n.º 453/2004 (Capítulo I, artigo 1, alínea b), esta tipologia de CEF tem a duração de dois anos letivos, conferindo o 9º ano de escolaridade (equivale à qualificação profissional de nível 2).

Os alunos devem preencher requisitos para inserção nestes mesmos cursos, tais como: alunos em situação/risco de abandono, que tenham completado o 6º ano de escolaridade (ou que o tenham frequentado, tendo ou não aproveitamento), o 7º ano de escolaridade ou alunos que frequentaram o 8º ano de escolaridade, sem aproveitamento (Despacho Conjunto n.º 453/2004 de 27 de Julho).

São cursos com uma facilidade de aprendizagem maior e um grau de dificuldade menor, tendo em conta a via de ensino regular, o que pressupõe que os alunos apresentem resultados favoráveis.

No entanto, a realidade constata o oposto, sendo que os alunos, na sua maioria, apresentam resultados escolares abaixo do expectável, resultado da falta de interesse e empenho, descurando, desta forma, a oportunidade que lhes é facultada.

4.2 Insucesso Escolar

Atualmente, todas as Escolas espelham a notória falta de motivação e de interesse dos alunos no que respeita às responsabilidades escolares, nomeadamente no que respeita às aulas, à falta de assiduidade e/ou de pontualidade e ao comportamento apresentado pelos mesmos em contexto sala de aula.

Também na Escola em estudo encontrámos essa mesma realidade, apresentando o mesmo padrão e identificando casos de alunos com problemas no percurso escolar, contudo não podemos generalizar, pois nem todos os alunos/turmas apresentam estas características. Nesta Escola, as problemáticas subjacentes são o insucesso escolar, decorrente das faltas em excesso, desmotivação e os comportamentos desviantes.

O combate ao insucesso escolar é um dos grandes desafios do Assistente Social dada a sua complexidade, implicações e diversidade de causas/razões.

Rovira (citado por Mendonça, s/d, pp. 2 e 3), salienta que o insucesso escolar “parece aludir a um deficit pessoal que está muito longe de ser a causa principal da maior parte do chamado fracasso escolar”, tendo por trás diversos fatores potenciadores deste insucesso, onde:

a ênfase reside nas contradições que os alunos são incapazes de resolver, nomeadamente:

- i) entre a escola e a realidade em que vivem; ii) entre as aprendizagens exigidas pela escola e as que fazem na família e no meio social; iii) entre as aspirações, normas e valores da família e as exigidas pela escola.

Na perspetiva de Muñiz (1989), o conceito de insucesso escolar traduz a grande dificuldade experienciada pelo aluno em acompanhar a aprendizagem escolar correspondente à sua idade e ano de escolaridade. Durante muito tempo, a responsabilidade do insucesso escolar foi imputada ao aluno, mediante a incapacidade que este revelava para atingir os objetivos definidos em cada plano de estudos (Le Gall, 1978).

O insucesso escolar constitui um conceito multidimensional, uma vez que integra um aglomerado de comportamento e sentimentos, tais como a falta de empenho, o desinteresse, os comportamentos inadequados, a indisciplina, a desmotivação, entre muitos outros associados aos enunciados.

A desmotivação dos alunos decorre, na maioria das vezes, do alargamento da escolaridade obrigatória, por considerarem uma imposição (Caeiro e Delgado, 2005). Cardoso (2013) defende que a desmotivação constitui um fator potencial de indisciplina que, por sua vez, contribui para o insucesso escolar.

Machado e Alves (2014) defendem que os alunos desmotivados são passivos, evitando qualquer tipo de desafio, de forma que desistem facilmente das oportunidades de aprendizagem. Assim sendo, a falta de motivação constitui um fator condicionante do percurso escolar dos alunos, inibidor da aprendizagem, do rendimento e do sucesso escolar.

Um aluno que revela comportamentos indisciplinados, fá-lo quando não encontra no contexto escolar algo suficientemente motivador, que incite o seu esforço e empenho (Caeiro e Delgado, 2005).

A indisciplina em contexto escolar envolve os comportamentos dos alunos, que perturbam o ambiente e as atividades desenvolvidas pelos professores em sala de aula. Exemplos claros deste comportamento são *“fazer barulho, bocejar, sair do lugar sem autorização, participar fora da sua vez, agredir verbal e fisicamente os colegas, dizer asneiras, discutir com o professor, recusar sair da aula quando “convidado” a fazê-lo”* (Jesus, 1996, p. 22 citado por Caeiro e Delgado, 2005, p.15).

A indisciplina está, muitas vezes, associada à Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção, uma perturbação neuro-comportamental frequente em idade escolar, caracterizada por níveis elevados de desatenção, falta de concentração e impulsividade. Esta patologia compromete o percurso escolar dos jovens (Pinto, 2012).

Caracteriza-se, portanto, por um padrão persistente de falta de atenção e/ou impulsividade-hiperatividade, de intensidade frequente, comprometendo o seu comportamento em contexto escolar e fora deste.

A indisciplina e os comportamentos inadequados apresentados pelos jovens constituem fenómenos complexos, contribuindo muitas vezes para um ciclo vicioso (figura 1), dado que cada situação abrange um conjunto de especificidades que a caracterizam. Cada caso necessita de uma análise precisa, uma vez que cada um acarreta uma história e percurso de vida feito de sucessos e insucessos, o que lhe confere particularidades próprias.

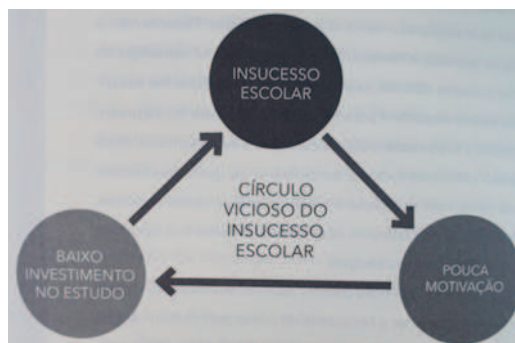


Figura 1 - Círculo Vicioso do Insucesso Escolar. De "Professor do Futuro", por J. R. Cardoso, 2013, p.72

Para alcançar a disciplina em contexto de sala de aula, é necessário que os professores apresentem comportamentos proativos neste contexto, ao invés de comportamentos reativos/impulsivos, de forma a prevenir situações e não dominar ocorrências.

Diez (1989) defende que o professor é, também, um educador. Assim sendo, o professor é um agente fundamental no processo de ensino-aprendizagem dos jovens e no contacto que estabelece com as famílias, no qual tem capacidades de fazer valer a colaboração escola-família, no desenvolvimento íntegro e sadio do aluno.

Espera-se que a relação entre pais-professores esteja alicerçada no sentido de colaboração. É necessário que as reuniões de pais sejam reformuladas, pois tal como foi referido acima, aquando da permanência dos pais na escola importa que sejam momentos de envolvimento e partilha de interesses que beneficiem o aluno (Tavares e Nogueira, 2013).

4.3 Importância do Acompanhamento Individualizado dos Alunos

O Serviço Social deve relacionar-se com os indivíduos enquanto cidadãos e não enquanto clientes, a fim de promover o *empowerment*, a participação ativa dos indivíduos na sociedade e evitar a dependência dos mesmos relativamente ao profissional, tornando-os capazes e independentes na procura de soluções para os seus próprios problemas. Assim, podemos afirmar que a nossa investigação teve como base este princípio, de modo a ceder aos alunos competências que lhes permitam ultrapassar os problemas e evitá-los, no sentido de alterarem o seu comportamento, fator pelo qual comprometem o seu percurso escolar.

Figueiredo (SD) defende que sem a escuta ativa, sobretudo dos alunos e das famílias por parte da escola, alicerçado do trabalho de observação, bem como o acompanhamento dos alunos, não seria possível obter resultados tendo em conta os objetivos da investigação.

O trabalho realizado com os alunos tem por base uma estrutura de avaliação de necessidades, a qual pressupõe uma definição de metas e objetivos escolares, mediante a identificação dos obstáculos e dificuldades dos alunos. Para o cumprimento das metas, o aluno em conjunto com a Assistente Social elabora um levantamento de estratégias, que permitem capacitar e adquirir competências necessárias para ultrapassar as dificuldades.

Os objetivos do acompanhamento individualizado dos alunos passam por: potenciar a motivação e empenho escolar, superar dificuldades, capacitar, garantir a aquisição de competências e/ou hábitos essenciais ao sucesso educativo, criar objetivos de estudo, perspectivas de futuro e avaliar os resultados alcançados (evolução). Pretende-se, portanto, alcançar mudanças efetivas no comportamento e percurso escolar dos jovens.

Importa, portanto, realçar a influência da motivação na disposição, concentração, atitude e comportamento dos jovens.

A motivação académica traduz a energia que move o comportamento e que coloca as capacidades em funcionamento, assumindo um papel importante no processo de aprendizagem, por ser impulsionadora da ação, planificação e sucesso (Lemos, 2005, e Eccles, Wigfield e Schiefele, 1998 citado por Machado e Alves, 2013).

Cardoso (2013) expõe dois tipos de motivação: a motivação intrínseca (aquela que está no interior do próprio indivíduo) e a motivação extrínseca (o que faz mover o indivíduo são fatores externos a si: recompensas, punições ou pressões sociais). Concretamente no caso dos alunos, a mais evidente é a segunda, dado que o modelo da recompensa acarreta melhores resultados no que respeita à postura adotada pelos alunos.

Tanto aos pais como aos professores é exigido que cultivem uma atitude otimista nos filhos/estudantes, a qual pretende converter o “pessimismo automático” num pensamento positivo, onde prevaleça o lado positivo de todo e qualquer acontecimento e se valorize o compromisso da ação dos filhos/alunos (Marujo, Neto e Perloiro, 1998). A aprendizagem do otimismo em contexto escolar pretende projetar no aluno uma imagem mental de si próprio a alcançar o sucesso escolar, mediante metas e objetivos que se propõe alcançar, ultrapassando afirmativamente obstáculos pela forma como este os avalia.

Para que um aluno esteja motivado é importante que lhe seja dado feedback dos seus progressos, mediante o alcance dos objetivos estabelecidos, pois o aluno necessita de orientação acerca do trabalho que realiza, de forma a conhecer e identificar erros e conquistas (Cardoso, 2013). A Escola deve também reforçar os aspetos positivos, da mesma forma que deverá fazer chamadas de atenção referentes aos aspetos negativos.

Nem a Escola, nem os professores se devem limitar a transmitir, apenas e só, conteúdos/conhecimento, pelo que devem apostar na criação e no desenvolvimento de laços afetivos com os alunos, uma vez que sem a comunicação, tanto os conhecimentos como os conteúdos não são rececionados pelos alunos (Caeiro e Delgado, 2005). Assim sendo, os professores não podem ser meros expositores de conhecimento, por se ter concluído que o método expositivo por parte do professor (Caeiro e Delgado, 2005), potencia a desmotivação e, conseqüentes comportamentos inadequados dos alunos em contexto sala de aula.

O sucesso escolar é conseguido mediante uma organização inovadora da Escola, a qual se centra no aluno, enfatizando a autonomia que as Escolas têm para fazer a diferença. Para tal é necessário criar projetos educativos que integrem a comunidade envolvente, assentes no trabalho em rede (Nogueira, 2011 a citar Abrantes, 2008).

Pratt et al. (1992 citado por Oliveira, 2002) defende que as práticas parentais democráticas promovem o sucesso escolar, uma vez que os pais prestam apoio nas tarefas escolares, estimulando um melhor desempenho escolar dos filhos.

Desta forma, o envolvimento dos pais nas atividades escolares é essencial, pelo que as famílias devem ser consideradas agentes fundamentais no processo de desenvolvimento dos filhos, porque a primeira escola é a família (Pinto, 2012). Deste modo, a família e a Escola devem apostar numa atuação conjunta e num relacionamento recíproco, cuja finalidade passa pela construção de contextos favoráveis de aprendizagem para os jovens (Diogo, 1998).

Concluindo, constitui-se extremamente importante pensar, criar e fazer emergir um paradigma para o envolvimento parental, no qual os pais, a Escola e a comunidade trabalhem em conjunto com o intuito de alcançar uma meta de sucesso para os alunos.

Capítulo II - Enquadramento Metodológico

1. Vertente de Intervenção

A escolha do tema de investigação do Trabalho Projeto decorre da experiência de Estágio Pré-profissional realizado na Escola Secundária Inovar (2017). Trabalhar em contexto escolar é, sem dúvida, um dos objetivos profissionais que pretendemos alcançar, não só pela proximidade que estabelecemos com os jovens e respetivas famílias, como também pela procura persistente de respostas para os problemas.

Com o aumento do número de problemáticas em contexto escolar, importa encontrar respostas sociais que convertam a falta de interesse pela formação, e consequentes resultados escolares, e fomentem a participação dos pais no percurso escolar dos filhos, a fim de afirmarem a função parental e prevenirem eventuais problemas.

O insucesso escolar é uma problemática preocupante, pois pode levar a que facilmente o aluno se desmotive e se desvincule da escola (Cardoso, 2013). Tendo em conta a análise dos questionários aplicados a quatro turmas problemáticas da Escola Secundária Inovar acerca do “Grau de Motivação Escolar do Alunos”, no ano 2017, é possível afirmar que grande parte dos alunos são desmotivados e atribuem pouca importância à Escola, no que respeita ao seu projeto de vida.

O combate deste fenómeno social constitui um enorme desafio lançado às Escolas dada a sua complexidade, implicações e diversidade de causas/razões. Importa, portanto, compreender e identificar a génese das situações-problema, pois quanto melhor se compreender o problema, mais adequada será a atuação sobre o mesmo.

Uma investigação realizada por nós, ao longo do Estágio Pré-profissional realizado na Escola Secundária Inovar (2017), integrado no 3ºAno de Licenciatura em Serviço Social relativa à “Influência das Dinâmicas Familiares no In(sucesso) Escolar dos Alunos” permitiu concluir que as dinâmicas familiares influenciam diretamente o percurso escolar dos jovens, de forma negativa quando se evidencia o insucesso escolar, e positivamente quando o percurso escolar do aluno assume bons resultados (sucesso escolar).

Diogo (1998) confirma esta mesma realidade quando refere que o envolvimento parental na vida escolar contribui para melhorar significativamente o desempenho social e académico dos alunos. Assim sendo, a participação dos pais no percurso educativo dos filhos envolve, apenas e só, um conjunto de benefícios a todos os níveis.

Recentemente, Maio de 2018, realizámos uma entrevista à Assistente Social da Escola Secundária Inovar relativa ao “Grau do Sucesso Escolar dos Alunos”, a qual permitiu avaliar e efetuar um diagnóstico preciso sobre a problemática, tendo em conta o trabalho realizado pela profissional sobre esta temática. Desta entrevista importa realçar o discurso da Assistente Social quando refere que grande parte dos Pais e Encarregados de Educação assumem um papel ausente na vida escolar do seu filho/educando. A mesma afirma que um bom acompanhamento parental influencia

positivamente os percursos educativos dos alunos, dado que estes se sentem mais acompanhados, mais protegidos, mais compreendidos, o que lhes dá uma maior motivação para o sucesso educativo.

Os esforços da Escola e da Família para alterar e/ou colmatar a problemática mediante a alteração das suas dinâmicas, não são apenas e só, suficientes para alcançar uma mudança efetiva. Os alunos devem ser consciencializados da importância da sua envolvência neste processo, ou seja, os alunos devem estar conscientes da mudança e acompanhá-la, alterando também os seus comportamentos, de forma coerente. A mudança de paradigma só é eficaz se todos os microssistemas “rumarem” num mesmo sentido.

2. Problemática e Objetivos de Estudo

No quadro que se segue (quadro 1) apresentamos os objetivos que nos propomos alcançar mediante os diferentes sujeitos de intervenção, concretamente os dois alunos selecionados para o estudo e respetivos Encarregados de Educação.

Consideramos pertinente colocar também as questões de investigação junto dos sujeitos da amostra e objetivos que lhe são atribuídos, de forma a clarificar o intuito da investigação.

Sujeitos de Intervenção	Objetivos	Questão de Investigação
Aluno	<ul style="list-style-type: none"> -Implementar o acompanhamento individualizado dos alunos selecionados; -Promover melhorias no percurso escolar dos jovens em estudo; -Promover a aquisição de hábitos essenciais ao sucesso escolar, por parte dos alunos em estudo; -Potenciar a motivação e empenho escolar dos alunos selecionados; -Reduzir o número de faltas injustificadas dos alunos selecionados; 	-O acompanhamento individualizado traduz uma evolução positiva no desempenho escolar?
Encarregados de Educação	<ul style="list-style-type: none"> -Envolver os Encarregados de Educação dos alunos selecionados no percurso educativo dos filhos; -Reforçar e/ou fortalecer a relação Escola-Família; -Promover a mediação escolar; 	-Qual a influência do acompanhamento parental no percurso educativo crianças/jovens?
Escola, Família e Comunidade	<ul style="list-style-type: none"> -Fomentar uma responsabilidade social coletiva dos diferentes sistemas (Família, Escola e Comunidade) -Capacitar tanto os indivíduos como as instituições, criando uma relação de contatos, nos quais ambas as partes medeiam o conflito e garantem os seus direitos, através das suas parcerias; -Promover a cidadania ativa e participada. 	-O acompanhamento parental e profissional da Assistente Social potencia a responsividade dos Jovens?

Quadro 1 - Objetivos e Questões de Investigação

2.1 Metas e Prioridades de Intervenção

No projeto de intervenção, as metas definidas são apresentadas consoante os objetivos propostos, pelo que se pretende alcançar resultados efetivos mediante um trabalho interventivo coeso e adequado. Neste sentido, foram identificadas prioridades de intervenção:

✓ **Prioridade 1** – Combater o Insucesso Escolar

É necessário planear e implementar uma intervenção que dê resposta ao insucesso escolar dos alunos. No entanto, sendo este um problema multidimensional, importa identificar e intervir junto das situações-problema, pois constituem focos de origem do mesmo.

Trabalhar o insucesso escolar implica trabalhar o indivíduo, a respetiva família e a Escola. São sistemas distintos, mas interligados entre si, aos quais deve ser intrínseca a responsabilidade que possuem na resolução do insucesso escolar, por serem sistemas que se influenciam.

A Escola e a Família são contexto de aprendizagem dos jovens, pelo que devem trabalhar mutuamente na conquista do sucesso educativo dos mesmos, na partilha de responsabilidades e no acompanhamento do seu percurso, tal como referimos anteriormente.

Relativamente ao aluno, este deve ser consciencializado da importância do seu papel no sucesso escolar, de forma a despertar o seu interesse pelas aprendizagens e dinâmicas escolares, sendo que para além de serem importantes cognitivamente, são também socialmente, promovendo um desenvolvimento global enquanto cidadão.

✓ **Prioridade 2** – Acompanhamento individualizado dos alunos

O acompanhamento individualizado permite conhecer e avaliar as necessidades dos alunos, potenciando uma atuação concisa de forma a detetar situações-problema que influenciem o seu aproveitamento escolar, tanto ao nível da escola como da família.

As atividades desenvolvidas com os alunos decorrem mediante as especificidades de cada um, de forma a intervir precisa e adequadamente junto dos mesmos. Denota-se importante reunir, semanalmente com os alunos, de forma a avaliar o seu comportamento e refletir com os mesmos sobre a sua evolução ou regressão.

✓ **Prioridade 3** – Reforçar a relação Escola-Família

A relação Escola – Família apresenta diversas lacunas, as quais carecem de uma intervenção coerente e eficaz, para que seja possível restabelecer a sua ligação. A quebra do vínculo na relação entre estes dois sistemas decorre, grande parte das vezes, da conotação negativa que está intrínseca à chamada dos pais à escola, uma vez que estes apenas são chamados aquando da existência de problemas com os seus educandos (Sousa e Sarmiento, 2010).

A Escola, o aluno e a família são os três elementos chave para a garantia do sucesso escolar, pois apesar dos diferentes papéis/funções que ostentam, todos dependem uns dos outros para alcançar o mesmo objetivo.

Para que se estabeleça uma relação cooperante e coesa entre a escola, a família e todos os atores sociais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem é necessário

que se desenvolvam intervenções nesse âmbito, pelo que as escolas devem oferecer um conjunto de ações que impliquem o envolvimento parental no percurso escolar dos educandos (Matos, 1994).

Importa reforçar que a cooperação entre a Escola e a Família é fundamental no processo de combate à problemática, sendo necessária a sensibilização de ambas as partes para a estimulação desta relação, de modo a que se retirem todos os benefícios da mesma.

3. Contexto de Intervenção

3.1 Caracterização da Instituição de Ensino - Escola Secundária Inovar

A Instituição de Ensino do estudo não será identificada, assim como os sujeitos de intervenção, pelo que optamos por alterar os respetivos nomes.

A ESI estabelece-se mediante o Decreto-Lei nº40209, datado de 28 de Junho de 1955, Anexo I, a fim de ceder uma resposta educativa às necessidades da população de Castelo Branco.

A princípio a oferta educativa da ESI abrangia as áreas da mecânica, eletricidade, contabilidade e secretariado. Posteriormente, com data de 1974, obteve a denominação de Escola Secundária de Castelo Branco, onde a formação abrangia o 7º, 8º, 9º, 10º e 11º anos, tendo mais tarde incluído o 12º ano. A designação atual desta Escola, efetivou-se em 1983, tendo o ensino técnico-profissional adquirido maior relevo.

A ESI detém uma vasta rede de contatos, dos quais podemos referenciar o Hospital Amato Lusitano, a Polícia de Segurança Pública (Escola Segura), a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, a Segurança Social, Centros de Saúde, Bombeiros, Escolas, Associação Amato Lusitano, entre outras. É notória a partilha, cooperação e interligação entre as diferentes entidades.

Os serviços disponibilizados pela ESI visam a garantia e promoção do bem-estar dos alunos, disponibilizando apoios e proporcionando as condições necessárias de trabalho que permitam alcançar o sucesso escolar. Destacam-se os Serviços de Ação Social Escolar, a Papelaria, o Serviço de Psicologia de Orientação, o Gabinete de Apoio ao Aluno e Família, a Reprografia, a Biblioteca, a Sala de Estudo, o Bar e o Refeitório.

O AESI constitui-se mediante o Despacho 4463/2011, com data de 3 de Março (publicação do Diário da República, 2ª série, nº50, datado de 11 de Março de 2011), anexo II, e o Artigo 7º do Decreto de Lei nº75/2008, com data de 22 de Abril, anexo III. O referido Agrupamento garante a conformidade do projeto educativo, promove o sucesso escolar, prevenindo, portanto, o abandono e a exclusão social escolares.

A Estrutura Orgânica e Funcional do AESI cumpre os princípios relativos à divisão de funções entre os Órgãos Centrais, sendo constituída pelo Conselho Geral, Diretor, Conselho Pedagógico e Conselho Administrativo), conforme o Regulamento Interno.

3.2 Princípios Gerais, Metas, Missão e Valores

O intuito primordial da ESI persiste no sucesso educativo dos alunos, pretendendo ser uma referência de excelência a nível académico, pela qualidade de formação prestada.

Os princípios da ESI consistem na formação, na responsabilidade, na democracia, na humanização, na iniciativa própria e na avaliação, tendo como foco o aluno e a satisfação das suas necessidades, de forma a alcançar o seu bem-estar (Regulamento Interno da AESI).

Os valores defendidos pela ESI são a cidadania, o respeito pela diversidade, o respeito mútuo, a disciplina, o profissionalismo, a solidariedade e o espírito de pertença à Instituição.

As metas gerais estabelecidas no plano educativo da ESI, estão dispostas no Regulamento Interno da referida Escola, as quais integram: a formação para a cidadania, a formação humanística e a formação científico-técnica.

As metas teóricas acima mencionadas dispõem dos seguintes objetivos (Regulamento Interno da AESI):

Promover comportamentos socioculturais compatíveis com certos valores humanísticos que são expostos na sociedade portuguesas através da realização, divulgação e participação em certas atividades e/ou iniciativas (...); promover o sucesso educativo (...); prevenir o abandono escolar tomando medidas tanto coletivas como individuais, de aconselhamento e acompanhamento que procuram soluções para casos particulares.

3.3 Recursos Institucionais

3.3.1 Recursos Institucionais

A ESI apresenta um espaço físico composto por 4 blocos: o bloco central, o ginásio e o refeitório, as oficinas e o bar dos alunos. O bloco central é constituído por quatro pisos:

- 1º Piso (integra Salas de Aula, um Laboratório de Física e um de Química, um Armazém de Química e uma Sala de Informática);
- 2º Piso (agrega Salas de Aula, Salas de Arte, Oficinas, os Balneários Feminino e Masculino, um Gabinete de Apoio a Alunos com Necessidades Educativas Especiais, o Bar dos Alunos, a Reprografia, a Papelaria, o Refeitório, um Laboratório de Máquinas e um Laboratório de Eletricidade);
- 3º Piso (é constituído pela Secretaria, pela Direção, pela Sala de Professores, pelo Bar dos Professores, por Salas de Arquivo, pelo SASE, por Salas de Aula, Salas de Informática e Ginásios);
- 4º piso (enquadra a Biblioteca, Salas de Aula e uma Sala de reuniões dos Diretores de Turma). A ESI integra no espaço exterior dois campos desportivos e respetivos pátios.

3.3.2 Recursos Institucionais

A ESI detém autonomia suficiente para gerir as suas próprias receitas, pelo que as suas fontes de financiamento derivam desse mesmo fator.

O Orçamento do Estado direciona os seus financiamentos para os Cursos Profissionais, abrangidos pelo Programa Operacional de Capital Humano (POCH), no que respeita ao 3º ciclo e secundário. No caso do 1º ciclo e pré-escolar o financiamento é da responsabilidade da Autarquia.

3.3.3 Recursos Institucionais

O AESI é composto por diferentes órgãos: a Direção Executiva, o Conselho Pedagógico, o Conselho Geral e o Conselho Administrativo.

O referido Agrupamento integra 219 docentes e 71 não docentes, os quais apresentam funções de Assistentes Técnicos, Assistentes Operacionais, Encarregado Operacional, Chefe de Serviços Administrativos Escolares e Cozinheiros.

Pessoal Não Docente		Pessoal Docente	
Técnicas Especializadas	6	Pessoal Contratado	12
Assistentes Técnicas	16	Pessoal Quadro	210
Assistentes Operacionais	51	Total	222
Total	73		

Figura 2 - Número de Pessoal Docente e Não Docente

3.4 Política Social

A Educação constitui uma Política Social, onde o foco deixou de ser, somente, a transmissão de conhecimentos e instrução de alunos, tendo este alargado a sua atuação para o campo da formação dos alunos no campo dos valores e princípios, consciência dos deveres e garantia de responsabilidades.

O ensino detém um caráter obrigatório (até aos 18 anos), universal e gratuito. De notar que a Educação promove a capacidade crítica, reflexiva e analítica dos alunos, sendo, portanto, um direito comum a todos os cidadãos.

A Política Social da Educação postula o trabalho em rede/parceria como a base do sucesso, dado que esta metodologia de trabalho tem como objetivo a cooperação e articulação entre profissionais e serviços, de forma a garantir uma melhor e mais completa intervenção junto dos alunos e famílias em situação de vulnerabilidade social. Ou seja, é necessário que os diferentes profissionais da Instituição partilhem informações, unam forças e cooperem entre si.

As Políticas de Educação são elaboradas e atualizadas ao longo do tempo com o intuito de proporcionar ao maior número possível de pessoas o direito à escolarização (Nogueira, 2011).

No Regulamento Interno da ESI (Capítulo I – Disposições Gerais, Artigo 6º - Escola inclusiva e diferenciação pedagógica, anexo V) encontra-se descrita a Política da Inclusão, política prezada pela Escola:

“2 - A orientação geral do processo de ensino-aprendizagem prossegue os objetivos da escola inclusiva através da diferenciação pedagógica e da personalização da relação professor-aluno, e implica a articulação entre todos os agentes e serviços que respeitam ao processo (professores, diretor de turma, conselho de turma, serviços de psicologia e orientação, gabinete de apoio ao aluno, família-encarregado de educação, associação de pais)”.

A Política Social ESI enquadra vários apoios e serviços educativos, os quais passamos a citar:

- ✓ Gabinete de Apoio ao Aluno (Capítulo III - Estruturas de Orientação Educativa e Articulação Curricular e Pedagógica e Serviços de Apoio Educativo, Secção I, Artigo 47º do Regulamento Interno da ESI)

“1 - O Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA) constitui uma estrutura intermédia do AESI com funções de esclarecimento, apoio e orientação dos alunos (...) Compete ao GAA: a) Apoiar os diretores de turma no esclarecimento aos alunos e pais e encarregados de educação, nomeadamente, no que se refere a matéria relacionada com exames e acesso ao Ensino Superior; b) Coadjuvar os diretores de turma na organização de formas de apoio aos alunos com dificuldades de aprendizagem; c) Colaborar com os diretores de turma na orientação profissional dos alunos de 9º ano”

- ✓ Serviços de Apoio Educativo (Capítulo III - Estruturas de Orientação Educativa e Articulação Curricular e Pedagógica e Serviços de Apoio Educativo, Secção II, Subsecção I, Artigo 49º do Regulamento Interno da ESI)

“1 - Nos termos do projeto educativo do AESI, entende-se por apoio educativo todos os serviços autónomos e articulados, que visem, nomeadamente: a) Criar as condições necessárias ao trabalho escolar no quadro das orientações do projeto educativo; b) Garantir os apoios sociais e financeiros fundamentais ao sucesso escolar, nos quadros da equidade e da igualdade de oportunidades; c) Proceder ao acompanhamento sistemático do progresso escolar do aluno, na orientação desse progresso e na busca de soluções para os problemas que o afetem; d) Auxiliar na resolução de dificuldades especiais de aprendizagem através da criação de condições ajustadas à superação dessas dificuldades; e) Proceder à orientação escolar e profissional dos alunos; f) Criar as condições logísticas de base ao desenvolvimento de atividades nas áreas cultural, do lazer e dos projetos específicos; g) Responder a iniciativas próprias dos alunos, de grupos de alunos ou da sua associação, enquadradas no projeto educativo; h) Proporcionar o bem-estar físico e mental dos alunos.”

- ✓ Educação Especial (Capítulo III - Estruturas de Orientação Educativa e Articulação Curricular e Pedagógica e Serviços de Apoio Educativo, Secção II, Subsecção III, Artigo 51º do Regulamento Interno da ESI)

“1 - O departamento de Educação Especial constitui-se como um serviço especializado, dirigido a todos os alunos com limitações significativas ao nível da atividade e participação, num ou vários domínios, decorrentes de alterações funcionais e estruturais de caráter permanente. 2 - Desenvolve a sua atividade em articulação com outras estruturas de orientação educativa,

nomeadamente o Serviço de Psicologia e Orientação. 3 - É responsável por promover respostas pedagógicas adequadas e diferenciadas face ao perfil de funcionalidade de cada aluno, adjacente a uma filosofia de escola inclusiva que promove o sucesso educativo de todos.”

- ✓ Serviço de Psicologia e Orientação (Capítulo III - Estruturas de Orientação Educativa e Articulação Curricular e Pedagógica e Serviços de Apoio Educativo, Secção II, Subsecção IV, Artigo 51º-I do Regulamento Interno da ESI)

“O Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) é um serviço técnico-pedagógico que desenvolve a sua ação no domínio do apoio psicopedagógico, do apoio ao desenvolvimento do sistema de relações da comunidade escolar e no domínio da orientação escolar e profissional, atuando em estreita articulação com as estruturas de administração e gestão, de coordenação educativa e supervisão pedagógica.”

- ✓ Centro de Recursos TIC para a Educação Especial do Distrito de Castelo Branco (Capítulo III - Estruturas de Orientação Educativa e Articulação Curricular e Pedagógica e Serviços de Apoio Educativo, Secção II, Subsecção V, Artigo 51º-L do Regulamento Interno da ESI)

“O Centro de recursos TIC para a Educação Especial do Distrito de Castelo Branco, tem como objetivo apoiar e acompanhar professores, alunos, auxiliares e pais, no sentido de dar uma resposta articulada e integrada aos problemas e necessidades sentidas nas e pelas escolas, nas quais existem crianças com necessidades educativas especiais de carácter permanente (NEEcp). As atividades desenvolvidas no âmbito deste centro de recursos, através das Tecnologias de Informação e Comunicação, têm como principais objetivos a facilitação e reforço das aprendizagens, para a autonomização e controlo do meio e ainda a otimização da comunicação das crianças/ jovens com NEEcp, que frequentam as estruturas regulares de ensino. Este centro abrange o espaço geográfico Castelo Branco e os concelhos de Mação e Manteigas. O mesmo, está sediado no Bloco C, na Escola EBI João Roiz de Castelo Branco, em Castelo Branco.”

- ✓ Biblioteca Escolar (Capítulo III - Estruturas de Orientação Educativa e Articulação Curricular e Pedagógica e Serviços de Apoio Educativo, Secção II, Subsecção VI, Artigo 51º-O do Regulamento Interno da ESI)

“2 - A BE inclui os espaços e equipamentos onde são recolhidos, tratados e disponibilizados todos os tipos de documentos, qualquer que seja a sua natureza e suporte, que constituem recursos pedagógicos, quer para as atividades quotidianas de ensino, quer para atividades curriculares não letivas, quer ainda para ocupação de tempos livres e de lazer. 3 - A BE constitui um instrumento essencial do desenvolvimento do currículo escolar e as suas atividades devem estar integradas nas restantes atividades do Agrupamento e fazer parte do seu Projeto Educativo.”

A escola converteu-se num palco bastante heterogéneo, onde a educação se tornou um desafio constante perante os desafios apresentados no contexto escolar, razão pela qual é necessário refletir sobre a atual dinâmica educativa (Nogueira, 2011).

Oliveira e Duarte (2005, p.288) defendem que no caso da educação, *“a descentralização passa então a nortear as reformas propostas para a organização e administração dos sistemas de ensino, seguindo as orientações gerais no quadro de reformas do Estado”*. As políticas educacionais *“têm focalizado o atendimento aos muito pobres, às populações vulneráveis, sob a justificativa de que os recursos disponíveis não são suficientes para atender a todos em igual proporção”*.

3.5 Enquadramento do Serviço Social na Educação

O Serviço Social na Educação permite identificar, avaliar e dar resposta aos mais variados problemas provenientes da questão social, os quais não abrangem somente o contexto escolar (Figueiredo, s/d).

O Serviço Social atenua conflitos entre as estruturas sociais e os indivíduos, promovendo um relacionamento entre ambos, a fim de mediar forças, assegurar o bem-estar social e a satisfação das necessidades dos cidadãos. A mediação constitui um processo que objetiva alcançar um acordo entre as partes em conflito, sendo esta uma ferramenta utilizada pelo Assistente Social, de forma facilitar a participação e democratização no exercício das políticas e direitos.

Em contexto escolar, a mediação é considerada como uma metodologia de facilitação da relação entre pais-escola, alunos-professores e alunos-alunos, de forma a atenuar todo e qualquer conflito que possa existir entre os diferentes sistemas. De acordo com as autoras Carvalho e Pinto (2014), a mediação arroga uma função pedagógica, na medida em que assume que a gestão adequada do conflito permite às partes recuperar ou desenvolver competências para a solução dos seus problemas. É deveras importante que os cidadãos se envolvam e responsabilizem pela resolução dos seus próprios problemas, pois, contribuem desta forma, para um melhor e maior grau de cumprimento dos acordos estabelecidos.

A implementação do Serviço Social nas escolas deu-se de forma bastante lenta, sendo ainda hoje insuficiente, no que toca à abrangência total das escolas, pois muitos Estabelecimentos de Ensino “sobrevivem” sem o trabalho dos Assistentes Sociais (Nogueira, 2011).

A importância do Serviço Social aquando enquadrado nas Escolas, prende-se com o trabalho do Assistente Social, o qual lhe permite atuar e intervir com diferentes sistemas, nomeadamente as famílias, os alunos e os professores. É através da articulação realizada com os sistemas que, enquanto técnicos, alcançamos uma intervenção unificada e concisa. Este trabalho pretende garantir o acesso à educação e a um ensino de qualidade, bem como desenvolver estratégias de intervenção sobre as problemáticas inerentes ao contexto escolar, na perspetiva de Figueiredo (s/d).

Concretamente, na Escola em Estudo, a Assistente Social detém sobre a sua alçada diversas funções, tais como: organização e planificação dos transportes escolares em parceria com a autarquia, atribuição de apoios e/ou subsídios escolares, organização dos serviços da papelaria, do bar dos alunos e do refeitório, organização dos processos de acidentes escolares, elaborar mapas mensais e trimestrais para a Direção Regional de Educação do Centro relativos aos seus serviços (Regulamento Interno da Escola, Capítulo IV – Normas de Utilização das instalações da ASE, anexo V).

A atuação do Serviço Social na ESI reflete a promoção do bem-estar escolar, garantia da satisfação das necessidades dos alunos e incentivo ao sucesso escolar e ao percurso escolar estável.

4. Metodologia de Investigação

4.1 Metodologia de Investigação

Este projeto adota um paradigma qualitativo interpretativo com a vertente de Estudo de Caso. Esta metodologia de estudo permite conhecer, mais profunda e detalhadamente, a situação individual de cada elemento do grupo, o que pensamos que permite alcançar, de melhor forma, o objetivo da intervenção.

A investigação qualitativa permite ao investigador a procura do conhecimento, através de uma maior diversificação nos procedimentos metodológicos utilizados.

De acordo com Chizzotti (2003, p.221), a metodologia qualitativa implica “uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”. Ou seja, esta metodologia incita o trabalho junto dos sujeitos de intervenção, de forma a alcançar informações pertinentes à investigação, mediante técnicas de observação, entrevista, análise de conteúdo, entre outras.

Optámos, ainda, pela metodologia de Investigação-ação, por considerarmos pertinente, já que de acordo com McKernan (1998), é um processo reflexivo que caracteriza uma investigação acerca de uma determinada problemática, sobre a qual se pretende aumentar o conhecimento, reforçando que é uma investigação sistemática e autorreflexiva levada a cabo para melhorar a prática (citado por Máximo-Esteves, 2008).

Coutinho et al. (2009, p.357) referem que a Investigação-ação é um paradigma que incide o seu foco no “*conhecimento emancipatório, que pretende pôr a nu as ideologias que condicionam o acesso ao conhecimento e operar ativamente na transformação dessa realidade*”, ou seja, para intervir numa determinada realidade é necessário um conhecimento prévio sobre a mesma.

Lewin (1946 citado Máximo-Esteves, 2008) defende que a investigação-ação traduz-se numa alavanca da mudança educativa, com pressuposto no carácter participativo, no impulso democrático e o contributo para a mudança social.

Os autores Pardal e Lopes (2011) ostentam os quatro pressupostos da metodologia de investigação-ação:

- ✓ **Estratégia de Reflexão sobre um problema específico** (Alargar o conhecimento sobre o problema identificado, de forma a estruturar medidas/ações que combatam o mesmo);
- ✓ **Investigação Aplicada** (O investigador está ativamente envolvido no problema de investigação e, conseqüentemente, na sua resolução);
- ✓ **Investigação para a mudança** (a investigação decorre com o intuito de transformar a realidade);
- ✓ **Investigação com conseqüências visíveis** (As transformações propostas pelo investigador produzem mudanças visíveis).

Pode dizer-se que a investigação-ação é um processo contínuo, o qual implica uma sequência de ações, (ação, observação, reflexão das conseqüências da ação, nova ação),

com o intuito de compreender a realidade e atuar de forma mais precisa sobre a mesma. Assim sendo, mediante o acompanhamento individualizado dos alunos deve assumir-se o uso desta técnica de investigação, por incluir um acompanhamento semanal com os dois alunos, cuja intervenção implica um melhoramento e uma constante reflexão sobre os comportamentos e vivências dos jovens.

Relativamente ao estudo de caso, Yin (2001) defende que surge da necessidade de estudar fenómenos sociais complexos de acordo com um conjunto de procedimentos específicos. Diogo (1998), por sua vez, afirma ser uma estratégia de investigação que consiste na descrição e análise holística de uma entidade e/ou fenómeno, a qual permite, simultaneamente, identificar e compreender as dinâmicas relacionais no contexto.

Yin (2001, p. 32) realça a importância do contexto em que se insere o estudo tendo em conta a sua pertinência na investigação: *“um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos”*.

Na perspetiva de Platt (1992, p.46 citada por Yin, 2001) o estudo de caso consiste numa lógica de planeamento que deve ser priorizada quando os problemas de estudo assim o permitem, de forma a ter em conta as circunstâncias e/ou acontecimentos.

Mediante a literacia apresentada, é possível afirmar a importância da utilização desta metodologia de investigação na procura de resposta a um estudo proposto.

4.2 Questões de Investigação

Definir as questões orientadoras da pesquisa é, provavelmente, o passo mais importante a ser considerado numa investigação, pois carece de tempo, clareza e objetividade. É importante compreender que as questões de investigação urgem mediante o seguinte pressuposto: sobre o que é o meu estudo? (Yin, 2001).

A problemática identificada no contexto, o conhecimento teórico sobre a mesma e a perspetiva de mudança do interventor, são fatores fundamentais para a definição das questões (Meirinhos e Osório, 2010).

Após refletirmos sobre o intuito, estratégias e objetivos do estudo, assumimos como questão central: Será que o acompanhamento parental e profissional dos estudantes os consciencializa da importância da escola, promovendo o seu desenvolvimento e empenho nas atividades que lhes são propostas?

Tal como já foi referido acima, voltamos a referir as questões de investigação específicas:

- ✓ O acompanhamento individualizado traduz uma evolução positiva no desempenho escolar?
- ✓ Qual a influência do acompanhamento parental no percurso educativo crianças/jovens?
- ✓ O acompanhamento parental e profissional da Assistente Social potencia a responsabilidade dos Jovens?

Acrescentamos ainda uma questão, aquando do trabalho junto do aluno, após uma avaliação da personalidade, atitude e postura do mesmo na interação com o profissional: *“qual o método que posso utilizar com este aluno?”*. Salienta-se, portanto, a adaptabilidade do profissional aos desafios com que se depara.

4.3 Sujeitos de Intervenção

No que respeita aos participantes do nosso estudo, pode dizer-se que são alunos do Curso de Educação e Formação da Escola Secundária Inovar de Castelo Branco, por integrarem uma turma que carece de intervenção imediata, tendo em conta o elevado número de faltas injustificadas, sistemas familiares desestruturados e acentuada desmotivação.

Na Escola Secundária Inovar de Castelo Branco, após analisadas as turmas com maior carência ao nível de intervenção (Cursos de Educação e Formação - CEF), definem-se como sujeitos de intervenção, dois alunos, ambos do sexo masculino, das turmas de CEF de Operador de Estações e Tratamento de Águas – 1ºano e CEF de Operador de Eletricista de Instalações – 2ºano, com idades de 15 e 16 anos, respetivamente.

Os alunos que frequentam estes Cursos procuram um ensino baseado na prática, que os prepare e integre no mercado de trabalho (conforme o Despacho n.º 9752-A/2012, datado de 18 de Julho).

Os alunos foram selecionados mediante parâmetros que consideramos essenciais ao estudo, os quais passamos a citar: alunos desmotivados, com elevado número de faltas, comportamento inadequado em contexto de sala de aula e com pais colaborantes com a escola. O processo de seleção foi realizado em conjunto com as Diretoras de Turma e a Assistente Social.

Foram selecionados apenas dois alunos porque a metodologia de investigação exige profundidade na intervenção, a qual carece de tempo e disponibilidade para o acompanhamento que é proposto no projeto.

Na investigação participam, ainda, as Diretoras de Turma dos alunos mencionados, bem como os respetivos Encarregados de Educação.

Na vertente de acompanhamento individual dos alunos, realizamos uma ficha individual de cada um dos casos em análise envolvidos na Investigação. Apresentamos, ainda, o genograma relativo a cada um dos alunos, isto é, um diagrama visual da árvore genealógica da família, o qual ajuda a entender a dinâmica dos alunos e das famílias de acordo com os processos universais. Achamos por bem elaborar uma tabela-resumo que descreve todo o percurso do aluno, no que respeita às faltas e medidas sancionatórias do comportamento dos alunos. Consideramos, portanto, que são instrumentos de maior utilidade para conhecer a realidade familiar e académica dos alunos.

4.3.1 Aluno C.

O agregado familiar, tal como identificado na figura, é composto pelo aluno C., o Pai, a Mãe e uma irmã de 11 anos. O aluno estabelece uma relação forte com os dois progenitores, sabe que o ajudarão em qualquer situação, apoiam-no e são bastante compreensivos. A avó paterna é um elemento (alicerce) fundamental na dinâmica familiar do aluno, dada a forte relação que estabelece com a mesma.

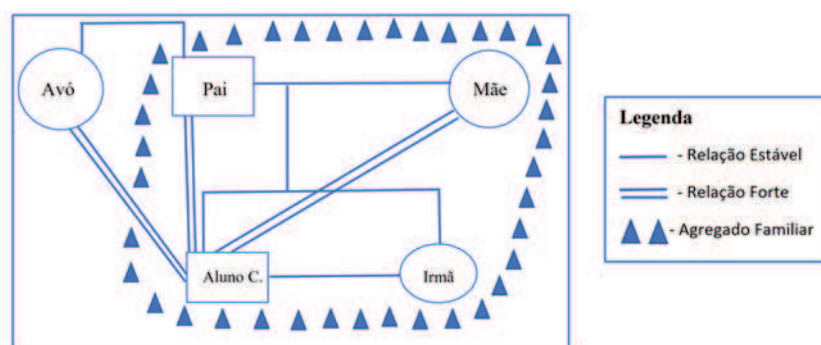


Figura 3 - Genograma do Aluno C.

A mãe é bastante protetora, ainda mais que o pai, no que concerne ao filho, pois defende e desculpa todo e qualquer acontecimento e/ou comportamento que tenha origem no mesmo.

De modo a analisar o histórico académico do aluno de forma global e completa, apresentamos uma tabela que faculta dados (tabela 1), por anos letivos, relativamente ao número de faltas, participações disciplinares e medidas sancionatórias graves, nomeadamente a suspensão. Os dados foram retirados do processo escolar do aluno.

Tabela 1 - Histórico Académico do Aluno C.

	HISTÓRICO ACADÉMICO - Aluno C.										
	Ano Letivo	Escola	Participações Disciplinares	Nº de faltas Disciplinares	Nº de faltas Injustificadas	Nº de faltas Pontualidade	Nº de faltas Material	Nº de faltas Justificadas	TOTAL FALTAS	Suspensão (dias)	
5º ano	2013/2014	Escola Básica Nascente	2	1	5	1	4	8	19	0	TRANSITA
6º ano	2014/2015	Escola Básica Nascente	3	1	15	0	2	37	55	0	TRANSITA
7º ano	2015/2016	Escola Básica Nascente	0	0	35	0	0	56	91	0	TRANSITA
8º ano	2016/2017	Escola Básica Nascente	0	0	12	0	0	152	164	0	NÃO TRANSITA
8º ano	2017/2018	Escola Básica Nascente	2	3	70	0	0	334	407	0	NÃO TRANSITA
1ºano - CEF	2018/2019	Escola Secundária Inovar	3	4	99	2	2	75	182	3	

No processo escolar do aluno estão descritas todas as ocorrências/participações disciplinares, nas quais consta o comportamento inadequado em contexto de sala de aula, a necessidade de constantes chamadas de atenção por parte dos professores e a sua capacidade de perturbar os colegas e, conseqüentemente, o bom funcionamento da aula.

Tendo em conta os dados apresentados, tabela 1, pode afirmar-se que o aluno possui no seu percurso um histórico elevado de faltas, num total de faltas 236 injustificadas e 662 justificadas, até à data presente.

Tendo em conta o trabalho realizado com a Diretora de Turma do aluno, é possível perceber que os pais justificam as faltas do aluno para benefício do mesmo, o que compromete a seriedade e responsabilidade do Encarregado de Educação.

Assim sendo, o aluno assume que pode replicar este tipo de comportamento, pois sabe que os pais justificam a maioria das suas faltas. Maioria, porque atualmente, o aluno frequenta o 1º ano do Curso de Educação e Formação (CEF) de Operador de Estações e Tratamento de Água (OSTA), e a Diretora de Turma exige aos alunos e Encarregados de Educação que apresentem um comprovativo médico e/ou da farmácia, de forma a que comprove o constante estado de doença.

A escolha do curso foi feita em conjunto com os pais, tendo em conta as retenções que tinha no seu percurso e os benefícios de inserção neste curso, dada a qualificação que faculta, aquando da conclusão do mesmo.

Tanto o pai como o filho afirmam que o aluno não tem qualquer tipo de hábito ou método de estudo e que se encontra completamente desmotivado pelo curso. O aluno refere que a adaptação à nova escola foi feita de forma gradual, dado que a Escola/curso apresentam dinâmicas e formatos diferentes daqueles a que estava habituado.

O pai tem conhecimento da maioria das faltas do filho, ao qual refere que o mesmo se dirige a casa da avó paterna nessas mesmas horas, convicto de que o filho não segue maus caminhos, por considerar que sabe onde está o filho. De acordo com o aluno falta simplesmente porque não tem vontade de ir e refere que não tem a ver com as influências/relações de pares. Em conversa com os pais, muitas vezes, afirma que não tem aulas.

O aluno foi suspenso, entre os dias 29 e 31 de Outubro, durante 3 dias por conduta imprópria, a qual o pai não considera que a causa tenha fundamento para tal e que não é uma medida sancionatória que deveria ser aplicada a alunos que se encontram completamente desmotivados, pois para os mesmos e neste caso, para o aluno C. “foram umas férias”.

Importa realçar que quando um aluno é suspenso, as faltas que são dadas nesse período estão incluídas nas pautas do aluno como faltas injustificadas. Assim sendo, avaliando o número de faltas das disciplinas é possível verificar que esta suspensão equivale a 23 faltas injustificadas.

A suspensão teve origem num acumular de participações disciplinares, as quais ditaram esta medida. O aluno demonstra uma atitude desestabilizadora e de desrespeito pelas chamadas de atenção dos professores, desafiando as mesmas com repetidos comportamentos inadequados em contexto de sala de aula.

O aluno apresenta-se determinado no que respeita aos objetivos e/ou perspetivas de futuro definidas, a nível académico e profissional. De acordo com o mesmo, o seu futuro passa pelo desporto, nomeadamente um curso profissional de Desporto, equivalente ao 12ºano, e posteriormente, exercer um cargo nesta área de formação.

4.3.2 Aluno H.

O agregado familiar, de acordo com a figura, é composto pelo aluno H. e pela mãe. Os pais estão divorciados, sendo que não estabelece contato com o pai, pois possuem uma relação distante. Quanto às duas irmãs, já constituíram família, fator que contribui para a saída de casa da mãe. O aluno possui uma boa relação com as mesmas.

A mãe é um elemento fundamental na dinâmica familiar do aluno, dado que detêm um vínculo afetivo bastante forte.

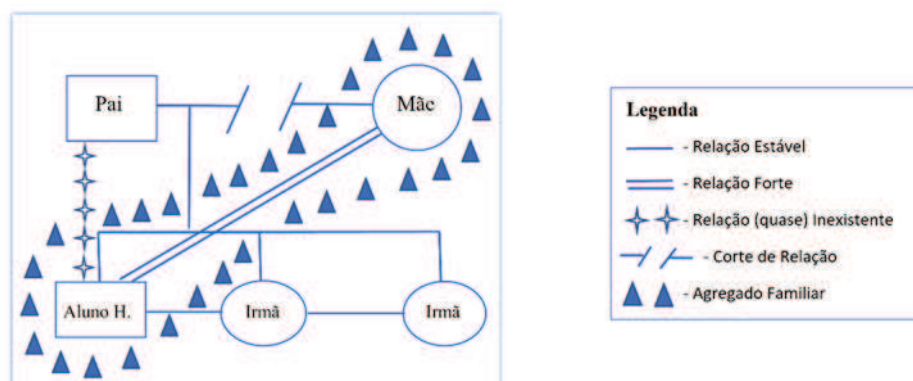


Figura 4 - Genograma do Aluno H.

A profissão da mãe, empregada de mesa, promove a liberdade do aluno, visto não ter ninguém a controlar os seus horários e/ou saídas com amigos, o que segundo o aluno é frequente. É evidente que não existem limites/regras impostas ao aluno.

No que concerne ao historial académico do aluno, apresentamos uma tabela que facultamos dados (tabela 2), por anos letivos, relativamente ao número de faltas, participações disciplinares e medidas sancionatórias graves, nomeadamente a suspensão.

Tabela 2 - Historial Académico do Aluno H.

HISTÓRICO ACADÉMICO - Aluno H.										
Ano Letivo	Escola	Participações Disciplinares	Nº de faltas Disciplinar	Nº de faltas Injustificadas	Nº de faltas Material	Nº de faltas Justificadas	TOTAL FALTAS	Suspensão (dias)		
5º ano	2012/2013	Escola Básica da Cruz	0	0	7	0	20	27	0	TRANSITA
6º ano	2013/2014	Escola Básica da Cruz	0	0	9	0	5	14	0	TRANSITA
7º ano	2014/2015	Escola Básica da Cruz	0	0	41	0	2	43	0	NÃO TRANSITA
7º ano	2015/2016	Escola Básica da Cruz	0	12	113	0	87	212	11	NÃO TRANSITA
7º ano	2016/2017	Escola Básica Nascente	4	2	93	0	28	123	8	TRANSITA
1ºano - CEF	2017/2018	Escola Secundária Inovar			50	4	24	78		TRANSITA
2ºano - CEF	2018/2019	Escola Secundária Inovar	4	3	72	4	7	86	7	

Os dados expostos foram extraídos do processo escolar do aluno, sendo que os campos que se encontram a amarelo incitam lacunas de informação nesse mesmo documento.

O aluno H. tem um historial académico fragilizado, conforme é possível observar na tabela 2, onde prevalecem faltas, quer sejam justificadas (total de 173), quer sejam injustificadas (total de 385) e, ainda, 17 faltas disciplinares, o que culminou em 26 dias de suspensão. Os dados estão atualizados até à data presente.

A Escola Básica da Cruz informou a CPCJ do número elevado de faltas atingido pelo aluno, pelo que é acompanhado pela entidade até ao momento, nomeadamente pelo serviço de psicologia.

De acordo com o processo escolar do aluno é possível verificar que ao longo do seu percurso académico sempre foi bastante distraído e falador, caracterizado ainda pela dificuldade em acatar as ordens e sugestões dos professores. É referido, também, que o aluno tem capacidades para ser bom aluno, se alterar o seu comportamento e respetivas atitudes.

Atualmente, o aluno frequenta o 2º ano do Curso de Educação e Formação - CEF de Operador de Eletricidade de Instalações. O aluno gosta do curso por considerar que é de grande facilidade, visto que, segundo o mesmo, não tem de fazer nada. Importa referir que o aluno não tem métodos/hábitos de estudo, não é motivado e é completamente desinteressado.

Tendo em conta esta perspetiva e atitude, demonstradas em contexto escolar, o aluno afirma com certeza que acaba o curso, sem se esforçar ou estudar, uma vez que as avaliações finais de período são resultado das médias do ano letivo anterior. Desta forma, o aluno assegura que as médias do ano letivo anterior serão suficientes para concluir o curso.

As situações que mais evidenciam a falta de interesse escolar do aluno traduzem-se na ausência de material escolar regular (mochila com caderno e material de escrita); não saber quais as datas dos testes, ao ponto de só saber da avaliação na hora; não saber quantos testes já recebeu ou as notas dos mesmos; não saber as avaliações finais de período (estão expostas à porta de entrada da escola) e considerar que estudar é uma perda de tempo, tempo esse que usufrui de melhor forma quer seja em saídas com amigos ou a dormir.

Outra das questões é o número de faltas injustificadas, as quais segundo o aluno têm origem na sua falta de vontade em ir às aulas. A mãe não sabe das datas dos testes, das notas dos mesmos, não tem conhecimento das avaliações finais e/ou faltas injustificadas do filho, pelo mesmo, somente quando recebe a carta da escola em casa ou quando a Diretora de Turma a informa.

A mãe é cooperante com a escola, sendo que comparece sempre que lhe é solicitado e quando considera necessário. As vindas da mãe à escola estão condicionadas pela sua carga horária, pelo que apenas consegue vir à tarde, entre a pausa do almoço e a do jantar.

No que respeita ao percurso escolar do aluno, a mãe reconhece que o seu emprego prejudica o desempenho do filho, por passar muito tempo sozinho e não ser uma mãe presente, referindo que “isso dá azo a desleixos”. Desta forma, podemos afirmar que há ambivalências no papel da mãe, porque apesar de colaborar com a Escola, não está integrada no percurso escolar do filho.

O aluno foi suspenso durante 5 dias, entre 22 e 26 de Outubro, por conduta imprópria, atitude provocatória e agressão a colega, o que a mãe refere não considerar uma medida justa, uma vez que apenas o seu filho foi suspenso. Tanto a mãe como o filho afirmam que o outro colega o agrediu, em primeiro lugar, e que ele apenas, o

agarrou por proteção como forma de o fazer parar. Tendo em conta o número de dias da medida sancionatória aplicada, o aluno apresenta nos dias indicados um total de 32 faltas injustificadas.

A Diretora de Turma refere que o aluno H. exerce, constantemente, bullying sobre um colega de turma, no entanto a mãe afirma que o filho já sofreu de bullying derivado ao excesso de peso, portanto podemos afirmar que passou de vítima a agressor.

Durante o seu percurso académico, a nível geral, o aluno demonstra ser desmotivado e pouco empenhado nas atividades propostas. Citando a Diretora de Turma no relatório que elaborou para a CPCJ, relativamente à situação escolar atuar do aluno, *“é necessário uma constante vigilância sobre o trabalho do aluno e um constante incentivo para que realize as tarefas”*, uma vez que *“nos momentos em que não existe esse acompanhamento individualizado (...) deixa simplesmente de trabalhar”*.

Questionado sobre o curso que pretende frequentar após conclusão do CEF, o aluno menciona que se informou com amigos sobre cursos de facilidade maior. As informações que obteve são relativas a uma Escola Tecnológica e Profissional, na qual, de acordo com os amigos, se obtém o 12º ano de escolaridade sem que seja exigido esforço por parte do aluno. Na realidade não lhe interessa qual a vertente do curso, o aluno opta por seguir um caminho mais fácil.

O aluno não tem objetivos definidos, tanto a nível académico, como a nível pessoal e profissional. No que respeita às suas perspetivas de futuro menciona que nunca pensou sobre isso, por não considerar ser necessário. Desta feita, não há nada que o motive ou que lhe incite interesse.

4.4 Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

Para a realização do Estudo de Caso será necessário recorrer à utilização de diversas técnicas e instrumentos de investigação, tais como:

- ✓ Entrevistas a Alunos, Encarregados de Educação, Diretoras de Turma, Assistente Social e Psicólogas;
- ✓ Observação participante;
- ✓ Notas de campo.

O método que consideramos imprescindível à nossa investigação é o de Estudo de Caso, porque na sua essência é aquele que cede resultados mais concretos e objetivos.

De acordo com Yin (2001), o estudo de caso é uma técnica que investiga um fenómeno dentro do contexto em que se insere, em especial quando os limites entre esse fenómeno e o contexto não são nítidos.

O estudo de caso consiste numa abordagem metodológica de investigação, que pressupõe o acompanhamento e estudo de um indivíduo ou grupo, por outras palavras, a pesquisa de estudo de caso pode incluir tanto estudos de caso único quanto de casos múltiplos (Yin, 2001).

Relativamente ao estudo de caso, Diogo (1998, p.100, a citar Merriam, 1991, p.16), afirma que consiste numa *“descrição e análise intensiva e holística de uma única*

entidade, fenómeno ou unidade social”, a qual neste caso concreto é o estudo das dinâmicas envolventes do percurso escolar dos dois alunos selecionados.

O estudo de caso é uma estratégia de investigação que tem como finalidade a análise de uma situação *“autêntica na sua complexidade real e na qual se ensaia uma ginástica subtil que permite, não só “ver” o jogo das inter-relações, como de as descrever, formular e compreender sem sair do concreto*” (Diogo, 1998, p.95 a citar Mucchielli, 1968, p.21).

Esta metodologia de estudo permite conhecer, mais profunda e detalhadamente, a situação individual de cada elemento do grupo, o que permite alcançar, de melhor forma, o objetivo da investigação. Para tal, foi necessário cimentar uma relação de partilha e parceria com os Diretores de Turma e Encarregados de Educação, pois constituem elementos chave do percurso escolar dos alunos.

Recorremos a varias técnicas de recolha de dados no trabalho de investigação nomeadamente a entrevista, aquando da nossa intervenção junto dos Alunos e respetivos Encarregados de Educação, sendo esta a técnica mais importante no Serviço Social individualizado, porque representa *“a relação interpessoal de apoio profissional entre o Utente e o Assistente Social, através da qual se troca informação, tornando-se no elemento principal para garantir uma mudança na situação problemática do caso”* (Carvalho e Pinto, 2014, p.254).

Paralelamente, foram efetuadas entrevistas às Diretoras de Turma, à Assistente Social e às Psicólogas relativamente à problemática, de forma a conhecer a sua perceção sobre a mesma e os métodos e estratégias aplicadas em casos identificados. Estas profissionais desempenham um papel fundamental na intervenção da problemática, pelo conhecimento e proximidade que tem com a mesma.

Diogo (1998) invoca a entrevista como um instrumento de investigação social de excelência, onde é possível obter informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional, que permite analisar a subjetividade do sujeito quando confrontada com a temática de inquérito.

A Entrevista Semi-estruturada integra questões-chave sobre um determinado problema, sendo que no decorrer da entrevista podem surgir novas questões, constituindo-se o guião como orientador da entrevista. Esta técnica apresenta uma estrutura que não condiciona as respostas a um padrão de alternativas, dando ao indivíduo a liberdade de se expressar e ao entrevistador a liberdade de acrescentar ou adaptar as questões (Bogdan e Biklen, 1994).

Com a metodologia de estudo de caso utiliza-se frequentemente a observação participante, uma outra técnica utilizada no decorrer da investigação. Esta técnica faculta não só, informações descritivas de um determinado acontecimento como também, permite ao investigador conhecer a dinâmica envolvida ao nível da orientação, do sentido e das emoções que integra.

Na perspetiva de Queiroz, Vall, Sousa e Vieira (2007, p.277) observar permite *“conhecer e compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações”*, implica *“aplicar atentamente os sentidos a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso”* e que *“não se trata apenas de ver, mas de examinar”*.

Por último, as notas de campo e os registos de natureza reflexiva, os quais descrevem, de forma detalhada, situações e acontecimentos ocorridos ao longo da intervenção, pelo que constituem documentos que complementam a investigação.

No decorrer da intervenção prevê-se que sejam realizadas atividades, abaixo mencionadas, cujo intuito passa pela implementação de novas dinâmicas, construtoras de um novo paradigma e de uma mudança efetiva, o que está em consonância com a técnica de investigação-ação acima mencionada.

4.5 Plano de Intervenção

No que respeita ao conceito de projeto, pode afirmar-se que consiste numa forma de intervenção baseada num plano de atividades, atividades de índole social (Sousa, 2007), cujo intuito passa pela integração de todos os sistemas envolvidos na educação, formação e desenvolvimento dos jovens, na resposta e combate à problemática de estudo.

Em todas as atividades a Assistente Social assume um papel ativo, no qual exerce a função de mediadora, pelo que utiliza a técnica da observação participante na recolha de dados. A descrição das diferentes atividades encontra-se disposta em apêndice (apêndices A, B e C).

4.5.1 Procedimentos

Após a identificação da problemática de estudo, respetivo aprofundamento teórico, e definição dos objetivos de intervenção procedemos à seleção do público-alvo. Esta seleção teve apoio das técnicas da Instituição de Ensino selecionada para aplicação do estudo, por considerarmos imprescindível pela relação de proximidade com as problemáticas inerentes ao contexto.

Posteriormente, a fim de obtermos autorizações dos Encarregados de Educação, por escrito, para realização do Estudo de Caso, convocámos uma reunião, na qual lhes foi explicado o intuito e objetivos do estudo. O exemplar da autorização de estudo de caso encontra-se em apêndice (apêndice D).

Para a realização das entrevistas foi imprescindível estruturar um guião que orientasse as mesmas, os quais são expostos em apêndice (apêndice E, F, G, H, I). Os guiões foram alvo de avaliação por parte de duas Professoras especialistas da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Desta avaliação emergiram dois pareceres favoráveis à sua implementação.

As entrevistas realizadas às Técnicas da Escola Secundária Inovar (uma Assistente Social, duas Psicólogas e duas Diretoras de Turma) foram gravadas em áudio, de forma a facilitar a análise de conteúdo. Em apêndice (J), apresentamos o consentimento informado, por escrito, para a realização da entrevista. No entanto, as entrevistas que aplicamos aos Encarregados de Educação e respetivos filhos, optamos por não gravar por considerarmos que seria um fator condicionador, já que foi o primeiro contacto com os mesmos.

As entrevistas efetuadas às profissionais acima mencionadas, relativamente à problemática, permitem conhecer a sua perceção sobre a mesma e os métodos e estratégias aplicadas em casos identificados. As entrevistas realizadas às técnicas, nomeadamente Diretoras de Turma, Assistente Social e Psicólogas, estão expostas em apêndice (apêndice K, L, M), respetivamente. No que concerne aos Encarregados de Educação, a entrevista teve por base a caracterização dos filhos e respetiva dinâmica familiar e escolar.

Aos alunos, inicialmente, foram colocadas questões que salientam as suas características, objetivos e perspetivas de vida, não descurando a identificação de eventuais dificuldades. As atividades desenvolvidas com os alunos decorreram mediante as necessidades e especificidades de cada um, de forma a intervir precisa e adequadamente junto dos mesmos.

O acompanhamento individualizado teve com intuito avaliar o percurso educativo dos estudantes, o seu comportamento/atitude e refletir sobre a sua evolução e/ou regressão ao longo das semanas.

No que respeita ao trabalho realizado com os alunos foi elaborado, em conjunto com os mesmos, um contrato, no qual se estabeleceram objetivos a alcançar, para obter “os fins programados durante a intervenção”, dado que *“facilita a adesão do utente à consecução dos objetivos, melhora a sua motivação e aumenta o compromisso para a mudança”* (Carvalho e Pinto, 2014, p.255).

Relativamente à definição dos objetivos, Capul e Lemay (2003) defendem que nenhum profissional pode trabalhar sem definir e estabelecer, regularmente, objetivos e estratégias de atuação, pressuposto base para o esforço e empenho na procura de resposta aos problemas do quotidiano. Denota-se a extrema importância da reflexão e do pensamento crítico, como forma de (re)pensar e objetivar o nosso trabalho enquanto profissionais.

A atividade realizada com as turmas de CEF (OSTA e Eletricidade), teve como intuito promover a participação dos alunos nas dinâmicas de grupo, nas quais definiam a sua perspetiva relativamente ao seu percurso escolar. A atividade propôs aos alunos o debate sobre diversas questões: perguntas relacionadas com o curso e perspetivas de futuro (escolar e profissional), avaliar a motivação, definirem em desenho 4 categorias (uma memória da infância, uma característica pessoal, algo relacionado com a escola, um sonho), aspetos positivos e negativos da escola e a definição de objetivos.

4.6 Cronograma

Cronograma							
Meses	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
Atividades							
Inserção na Instituição de Ensino							
Identificação da problemática							
Planificação da Intervenção							
Intervenção Social em contexto Escolar							
Colaboração e parceria com a equipa multidisciplinar							
Acompanhamento Individualizado dos alunos							
Realização de entrevistas							
Pais ativos na Escola							
Prós e Contras							

4.7 Avaliação do Projeto de Intervenção

Com a finalidade de encontrar uma definição unificadora, no que respeita à junção das principais características de uma avaliação, enquanto processo sistemático valorativo sobre um programa ou um conjunto de atividades, Aguillar e Ander- Egg (1992 citados por Monteiro, 2008) defendem que a avaliação constitui um método de investigação social planificada e dirigida. Tem como intuito identificar e obter de forma válida dados e informações relevantes de apoio à investigação, de forma a dar resposta aos problemas identificados.

A avaliação constitui um elemento fundamental na intervenção, pois *“proporciona uma apuração acerca da eficiência, eficácia e efetividade das ações sociais”* (Antunes, 2008, p.10). Só através deste método de reflexão é possível identificar se a atuação até então estabelecida está correta ou não, para redefinir e melhorar a prática profissional.

Este pressuposto esteve na base da Investigação realizada, por considerarmos ser de extrema importância.

Relativamente aos contatos que efetuamos com as famílias foi possível identificar diversas realidades. Em ambos os casos em que tivemos a oportunidade de intervir, consideramos que os pais são demasiado permissivos, revelando dificuldades na imposição de regras e limites relativamente ao comportamento e percurso dos seus filhos. Esta permissividade deriva, por vezes em situações de maior domínio dos jovens face aos progenitores e/ou educadores, agindo apenas segundo a sua vontade. Com frequência assistimos a discursos de jovens pautados por fugas à verdade, quer relativamente aos pais, quer a outros elementos significativos do seu sistema de redes relacionais e acima de tudo relativamente ao comportamento dentro do contexto escolar.

Numa primeira instância, foi difícil identificar, de imediato, as situações nas quais os alunos não estavam a ser verdadeiros. No entanto, consideramos que com o avançar do tempo se foi tornando mais evidente, porque no contato com a realidade nos foi permitindo adquirir experiência e ferramentas práticas de trabalho e consequentemente detetar sinais de menor veracidade.

Capítulo III - Análise e Interpretação dos Dados

1. Análise de Conteúdo das Entrevistas

Findadas as entrevistas procedemos à análise de conteúdo, uma técnica de investigação que permite descrever sistemática e objetivamente o conteúdo dos dados recolhidos.

A análise de conteúdo é um instrumento de análise da comunicação (Pardal e Lopes, 2011), que objetiva “*compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas*”, na perspetiva de Chizzotti (2006, p. 98). Deste modo, a análise de conteúdo é uma metodologia de interpretação de dados obtidos através do diálogo, a qual permite compreender o sentido da comunicação e o seu significado implícito e/ou oculto.

De acordo com Sampieri (2006 citado por Pardal e Lopes, 2011), a análise de conteúdo pressupõe codificação mediante um processo de seleção das características mais importantes da mensagem. Esta seleção dá corpo à categorização das unidades de análise.

Esta análise permitiu selecionar a informação mais pertinente, mediante a análise das entrevistas realizadas, o que em conjunto com o acompanhamento individualizado e a análise dos processos individuais escolares dos alunos, permitiu elaborar as fichas individuais de alunos.

Apresentam-se, nos quadros seguintes, os resultados obtidos após a análise de conteúdo das entrevistas:

1.1 Entrevistas realizadas aos Encarregados de Educação

Categorias	Subcategorias	Unidades de Contexto	
		Pai do Aluno C.	Mãe do Aluno H.
Recetividade dos filhos	Receios	E1- “O Cristiano tem medo que lhe roube as horas livres”	E1- “tenho receio que o Henrique não colabore”
Ocupação dos tempos livres	Preferências dos alunos	E1- “gosta bastante de futebol” E2- “Já saiu mais, agora só sai de vez em quando, aos fins de semana”	E1- “gosta de sair com os amigos” E2- “Sim, é frequente. Tem liberdade para o fazer”
Agregado Familiar	Dinâmica e relações familiares	E1- “O agregado familiar é composto por mim, pela mãe e pela irmã, de 11 anos” E2- “Existe uma boa relação entre todos, connosco pais e com a irmã” E3- “Há diálogo em casa, falamos sobre o nosso dia. Somos unidos”	E1- “O agregado familiar é composto por mim e pelo meu filho. Tenho mais duas filhas, mas já não vivem comigo” E2- “Sou divorciada. E o Henrique vê e fala muito poucas vezes com o pai, têm uma relação distante” E3- “Os horários não coincidem com os do Henrique, por isso estamos pouco tempo juntos. Mas somos próximos”

	Relação Pais-Escola	E1- “Tenho facilidade em vir á escola, porque trabalho aqui ao lado, no centro comercial”	E1- “Como sou empregada de mesa tenho um horário condicionado para vir à escola, por isso tento conjugar na pausa da tarde, entre o almoço e o jantar”
Percurso escolar do sujeito	Importância que atribui à escola	E1- “Para mim a escola é importante” E2- “O meu filho não se interessa pela escola”	E1- “A escola é importante, mas o meu filho não lhe dá tanta importância”
	Retenções	E1- “O meu filho já chumbou duas vezes, ambas no 8ºano”	E1- “O meu filho chumbou duas vezes no 7ºano”
	Métodos de Estudo	E1- “Não tem qualquer método de estudo”	E1- “Não tem hábitos de estudo”
	Relação entre pares	E1- “Acho que não tem dificuldades, nem conflitos com os colegas”	E1- “Não considero que ele tenha alguma dificuldade, apenas conflitos com um dos colegas da turma” E2- “O meu filho tem bastantes amigos”
	Conhecimento das faltas do filho	E1- “Tenho conhecimento da maioria das faltas dele” E2- “Muitas das vezes o Cristiano diz que não tem aulas e quando falta vai para casa da avó, a minha mãe” E3- “Não segue maus caminhos”	E1- “só tenho conhecimento das faltas do meu filho quando recebo a carta da escola em casa ou quando a diretora de turma me liga”
	Suspensão	E1- “Não considero que o motivo tenha fundamento para tal e não é uma medida sancionatória que deveria ser aplicada a alunos que se encontram completamente desmotivados, pois para o meu filho foram umas férias”	E1- “Não considero uma medida justa, porque apenas foi suspenso o meu filho e o outro aluno não” E2- “O outro rapaz agrediu primeiro o meu filho. O meu filho só o agarrou por proteção para que parasse de o agredir” E3- “O meu filho ficou preocupado com esta decisão, porque o outro aluno já fez queixa à polícia e há um processo na CPCJ, onde o meu filho tem acompanhamento regular”
	Interesse dos filhos pelo curso que frequentam	E1- “Está completamente desmotivado pelo curso”	E1- “Tenho noção que o meu emprego prejudica o percurso escolar do meu filho, porque passa muito tempo sozinho e isso dá azo a desleixos” E2- “gosta, porque é fácil”
	Níveis de empenho e motivação escolar do aluno	E1- “2”	E1- “3”

	Atividades extracurriculares	E1- “Jogava futebol, mas deixou de jogar quando foi operado ao joelho”	E1- “Pretende entrar no judo, pela prática de exercício” E2- “há uns anos era obeso e por isso sofria de bullying. Agora decidi, por livre e espontânea vontade, fazer dieta, emagreceu 15kg”
Objetivos e Perspetivas de Futuro	Escolha do Curso	E1- “O curso foi escolhido em conjunto, no entanto como existiam poucas alternativas, esta foi a escolhida”	E1- “O meu filho escolheu o curso em conjunto com a diretora de turma que tinha na outra escola”
	Perspetiva de futuro profissional	E1- “O meu filho não gosta do curso em que está, mas sabe que era a opção que tinha” E2- “ele quer algo relacionado com futebol, já que não pode ser jogador” E3- “por isso o curso não está relacionado com a profissão que vai exercer no futuro”	E1- “Ele ainda não sabe o que quer fazer”

Neste primeiro contacto com os Encarregados de Educação foi apresentado o conceito do projeto para que os mesmos autorizassem a participação dos seus educandos. Foi dito aos pais que os filhos foram selecionados de forma prévia, de acordo com o seu percurso e empenho escolar, sabendo que o projeto objetiva a definição de metas a alcançar numa perspetiva de melhoramento de atitudes, comportamento e avaliações escolares.

Após a introdução da investigação, ambos os Encarregados de Educação demonstraram estar apreensivos no que respeita à intervenção e trabalho com os filhos: o pai do aluno C. referiu que o aluno tem **receio** que o acompanhamento semanal “lhe roube as horas livres”. Por outro lado, a mãe do aluno H. considera que o acompanhamento possa ser comprometido pela falta de vontade/colaboração do filho.

Relativamente à constituição do **agregado familiar**, o aluno C. vive com a mãe, com o pai e uma irmã, de 11 anos e neste sistema familiar existe uma boa relação entre todos. O agregado familiar do aluno H. é composto, unicamente, por ele e pela mãe. O H. é filho de pais divorciados e não estabelece um contacto regular com o pai, tendo uma ligação forte com a mãe.

Questionado sobre a **dinâmica familiar**, o pai do aluno C. assume que existe diálogo entre todos no seio familiar, onde falam do dia-a-dia, pelo que de acordo com o mesmo são unidos e há uma relação forte entre todos. A profissão da mãe do H. condiciona o período/tempo que permanece em casa e de que dispõe para o filho, no entanto afirma que são bastante próximos.

Os **Encarregados de Educação vêm à escola** sempre que solicitado ou quando consideram pertinente, demonstrando-se disponíveis e cooperantes. Neste campo, a mãe do H. consegue, em conjunto com a Diretora de Turma, agendar um horário que se adapte ao seu horário profissional. Quanto à importância que atribuem a escola, ambos reiteram a importância da mesma.

Quando questionados sobre o momento em que tomam **conhecimento das faltas dos filhos** e qual a pessoa que os informa, não existe consonância nas respostas, uma vez que o Encarregado de Educação do aluno C. tem conhecimento da maioria das faltas do filho pelo próprio, ao qual refere que o mesmo se dirige a casa da avó paterna nessas horas, enfatizando que não “segue maus caminhos”, pois sabe onde o filho está. O aluno C. diz aos pais que muitas vezes não tem aulas, daí o facto de se encontrar fora da escola. Já no que respeita ao aluno H., a mãe refere que apenas tem conhecimento quando é informada pela diretora de turma ou quando recebe a carta da escola em casa.

Ambos os Encarregados de Educação referem que os filhos não têm qualquer tipo de **hábito ou método de estudo** e que se encontram desmotivados pelo curso ou pela escola. Os alunos no seu currículo escolar apresentam um historial de retenções, 2 retenções em ambos os casos.

Na sub-categoria do **empenho e motivação escolar do aluno**, importa frisar que a mãe do aluno H. reconhece que a sua profissão (empregada de mesa) influencia o desempenho escolar do filhos, não só porque passa muito tempo sozinho, como pelo que isso acarreta, referindo que tem consciência de que “isso dá azo a desleixos”. O encarregado de educação refere ainda que o filho numa escala de 0 a 10, se encontra num nível dois de motivação e empenho na escola. O pai do aluno C., tendo em conta a mesma sub-categoria, refere que o filho se encontra completamente desmotivado pelo curso, o qual foi escolhido em conjunto, e tendo em conta as **retenções**, o CEF era a alternativa que tinha. Relativamente ao curso, o aluno H. gosta do mesmo pela facilidade que assume, sendo que numa escala de 0 a 10 o aluno encontra-se num nível 3 de **motivação e empenho escolar**, de acordo com a mãe.

Aos alunos foi, recentemente, aplicada uma medida sancionatória tendo sido suspensos durante 3 e 5 dias, mediante um acumular de faltas disciplinares e por agressão a um colega, respetivamente. Os Encarregados de Educação partilham da mesma opinião quando se trata da medida aplicada, uma vez que ambos discordam da aplicação da mesma. O Encarregado de Educação do aluno C. não considera que a causa tenha fundamento para tal e que não é uma medida que deveria ser aplicada a alunos que se encontram completamente desmotivados, pois para os mesmos e neste caso concreto, para o seu filho “foram umas férias”.

Ainda sobre a **suspensão**, a Encarregada de Educação do aluno H. não considera que seja uma medida justa, pois apenas foi suspenso o seu filho e não o outro aluno em questão, pois esclarece que o filho foi agredido em primeiro lugar e que reagiu em forma de defesa. Por outro lado, importa realçar que foi mencionado que o aluno H. já sofreu de bullying, por ter excesso de peso, fator que contribuiu fortemente para perda de peso significativa (15 kg).

Tendo em conta as **perspetivas de futuro** dos alunos, é notória a discrepância de objetivos traçados pelos mesmos, dado que para o aluno C. prevalece o gosto pelo futebol e a escolha de uma profissão nessa área, no entanto, o aluno H. não apresenta um objetivo ou gosto que prevaleça neste campo. Desta forma, é possível verificar que nenhum dos cursos se enquadra na profissão que pretendem exercer no futuro.

Os dois alunos gostam de **sair à noite com amigos**, no entanto têm níveis de intensidade de saídas diferentes. O H. sai à noite com grande regularidade, não só porque tem liberdade para o fazer como também é das coisas que mais gosta de fazer. O C. sai esporadicamente aos fins de semana. Ambos apresentam um **grupo de amigos** estável.

No que respeita às **atividades extracurriculares**, o Pai do aluno C. menciona que o filho gosta bastante de futebol e que já praticou esta modalidade, no entanto foi obrigado a abandoná-la por ter sido operado a um joelho. O aluno H., de momento, não está inscrito em nenhuma atividade fora da escola, no entanto pretende inscrever-se no judo pela prática de exercício.

Por fim, ambos os Encarregados de Educação demonstraram interesse pelo projeto, reconhecendo-o como uma mais valia e pelos benefícios que proporciona no percurso escolar dos filhos, resultando nas duas autorizações de estudo de caso que concebem o começo da intervenção com os alunos.

De seguida apresentamos a análise das entrevistas dos alunos.

1.2 Entrevistas realizadas a Alunos

Categorias	Subcategorias	Unidades de Contexto	
		Aluno C.	Aluno H.
Perfil dos alunos	Idade	E1- "15 anos"	E1- "16 anos"
	Preferências	E2- "jogar futebol"	E2- "sair com amigos"
	Frequência de saídas à noite	E3- "Sim, aos fins de semana"	E3- "Sim, é frequente. Tanto ao fim de semana como durante a semana"
Agregado Familiar	Agregado familiar	E1- "Vivo com o meu pai, a minha mãe e irmã" E2- "tenho uma relação boa com todos"	E1- "Vivo com a minha mãe. Os meus pais estão separados" E2- "tenho duas irmãs, mas já vivem com os namorados"
	Dinâmica Familiar	E1- "é uma rotina normal"	E1- "é raro a minha mãe estar em casa, por causa do trabalho"
	Relação Pais-Escola	E1- "O meu pai vem várias vezes à escola, porque trabalha aqui ao lado – centro comercial"	E1- "a minha mãe conforme o seu horário. É empregada de mesa"
Percurso escolar do sujeito	Importância que atribui à escola	E1- "Média"	E1- "Nenhuma"
	Retenções	E1- "Chumbei duas vezes no 8ºano"	E3- "Chumbei duas vezes no 7ºano"
	Hábitos de Estudo	E1- "não tenho hábitos de estudo e muito menos vontade de o fazer"	E1- "Nenhuns. Nunca estudei, nem sei o que é"
	Comportamento em sala de aula	E1- "O meu comportamento é razoável"	E1- "Nas aulas não faço nada, mas de vez em quando falo"
	Dificuldades	E1- "não tenho qualquer tipo de dificuldade"	E1- "não tenho dificuldades"

	Relação entre pares	E1- “tenho uma boa relação com todos os meus colegas” E1- “não tenho conflitos com ninguém”	E1- “tenho um grupo de amigos estável, são muitos” E2- “tenho problemas com um colega de turma”
	Motivo das faltas injustificadas	E1- “falto simplesmente porque não tenho vontade de ir”	E1- “falto porque não tenho vontade e às vezes porque sei que a coisa vai correr mal, prefiro não ir”
	Interesse relativamente ao curso	E1- “não gosto do curso e a carga horária é muito grande”	E1- “O curso é fácil, não preciso de fazer nada”
	Nível de empenho e motivação escolar do aluno	E1- “2”	E1- “2”
	Suspensão	E1- “não teve nexos, fui suspenso por causa das participações disciplinares”	E1- “durante uma aula, o outro aluno estava a bater-me e eu só me defendi. A professora quando olhou, viu-me agarrado ao pescoço dele” E2- “não acho que foi uma boa medida, porque eu só me defendi e ele nem foi suspenso”
	Atividades extracurriculares	E1- “até há bem pouco tempo jogava no Benfica de Castelo Branco, mas, entretanto, fui operado ao joelho e por isso fui obrigado a parar”	E1- “não tenho atividades fora da escola”
Perspetivas de Futuro	Objetivos após término deste curso	E1- “quero tirar desporto nesta escola”	E1- “já me informei, com um amigo que anda numa Escola profissional e ele diz que lá fazemos o 12º ano sem ser preciso fazer nada” E2- “não me interessa qual é o curso, desde que não se faça nada está bom”
	Relação entre o curso que frequenta e a profissão que quer exercer	E1- “não, só entrei neste porque era mais fácil e rápido e também porque não dava para ir para outro”	E1- “não”
	Profissão	E1- “quero algo relacionado com desporto” E2- “já que não posso ser jogador, por causa do joelho, quero ser treinador”	E1- “ainda não pensei nisso! Mas ficar em casa é sem dúvida uma boa opção”

Aos alunos foi explicado o intuito do projeto de intervenção, do qual fazem parte mediante autorização dos Encarregados de Educação. Ambos os alunos foram informados pelos pais, do projeto de intervenção e da sua participação, como sujeitos que necessitam de orientação para alcançar resultados escolares favoráveis.

A composição do **agregado familiar** dos sujeitos é diferente: o aluno C. vive com o pai, com a mãe e com a irmã mais nova (11 anos) enquanto que o aluno H. só vive com

a mãe, a qual derivado á sua função profissional dispõe de pouco tempo com o filho no seio familiar. Os pais do H. estão divorciados, fator que contribuiu para a separação entre pai-filho, pelo que é um pai ausente. Tem mais duas irmãs que já não fazem parte do agregado, por viver com o respetivo companheiro.

Ambos os encarregados de educação são presentes na escola, vindo sempre que necessário, tendo em conta a sua carga horária.

No que respeita às **preferências** dos sujeitos da amostra, o aluno C. demonstra interesse pela prática de desporto, nomeadamente futebol. Relativamente às **saídas à noite com amigos**, os alunos afirmam que o fazem, com maior frequência no aluno H e de acordo com o mesmo é o que mais gosta de fazer.

Quando questionados sobre qual a **importância que atribuem à escola**, os alunos C. e H. afirmam “média” e “nenhuma”, respetivamente. Importa notar que nenhum dos dois alunos apresentam métodos ou hábitos de estudo, frisando que não o fazem porque não têm vontade de o fazer. Numa escala de 0 a 10, no que respeita à **motivação e empenho escolar**, ambos se identificam nível 2, ressaltando-se a elevada desmotivação escolar. Ambos os alunos têm no seu percurso escolar, duas retenções.

O aluno C. não gosta do **curso** em que está matriculado, mencionando que é a via mais fácil para ingressar para um curso profissional. No curso, o que mais lhe desagrada é a extensa carga horária. O aluno H. gosta do curso apenas e só por considerar um curso de facilidade maior, no qual segundo o mesmo não tem de se esforçar e tem a certeza de que conseguirá concluir o curso, nesta ausência de empenho.

As **faltas injustificadas**, de acordo com os alunos, fundamentam-se na falta de vontade de estarem presentes nas aulas. O aluno H. reforça que quando percebe que a sua atitude em contexto de sala de aula não será a mais correta, prefere não ir para não se prejudicar.

Tendo em conta as **relações entre pares**, ambos os alunos afirmam ter um grupo estável de amigos e uma boa relação com todos. No que respeita à recente **suspensão** de ambos, estes não consideram uma medida justa a aplicar tendo em conta o sucedido.

Na sub-categoria das **atividades extracurriculares**, o aluno C. jogava no Benfica de Castelo Branco, até ao momento em que foi operado ao joelho, pelo que foi obrigado a fazer desistir. O aluno quando acabar o CEF pretende ingressar num curso profissional de desporto, uma vez que o seu gosto pelo desporto desperta em si uma vontade de querer exercer uma profissão ligada a essa área. Desta forma, pode afirmar-se que o curso em que está matriculado nada tem a ver com o seu objetivo profissional.

O aluno H. não está inscrito em nenhuma atividade extracurricular. Quando questionado sobre qual o curso com que pretende ingressar quando concluir o CEF, o aluno demonstra-se claro e objetivo, respondendo que já se informou, por um amigo que frequenta uma Escola Profissional, que consegue concluir o 12º ano sem fazer nada. Ao aluno apenas lhe interessa que o curso que irá frequentar seja fácil e não exija muito dele. Sobre as **perspetivas de futuro** refere que nunca pensou sobre isso, mas que “ficar em casa é sem dúvida uma boa opção”. Não há nada que o motive, nem uma profissão que lhe mostre interesse.

Segue-se a análise das entrevistas às Diretoras de Turma dos alunos selecionados.

1.3 Entrevista realizada às Diretoras de Turma

Categorias	Subcategorias	Unidades de Contexto	
		Diretora de Turma 1	Diretora de Turma 2
Turma de CEF	Número de elementos da turma	<p>E1- “a turma era inicialmente constituída por 18 alunos”</p> <p>E2- “um (...) nunca chegou a aparecer, foi indicado para abandono escolar”</p> <p>E3- “entretanto a turma recebeu mais um aluno de etnia cigana que neste momento também está em abandono escolar”</p> <p>E4- “houve uma transferência de um aluno que foi viver para a Suíça”</p> <p>E5- “a turma, neste momento, tem então 16 alunos”</p>	<p>E1- “A turma começou com 22 alunos, neste momento, para fins estatísticos estão 20, mas na sala já só estão 15”</p> <p>E2- “uma foi transferida, outro anulou a matrícula e 5 alunos ultrapassaram o número de faltas permitido por lei”</p> <p>E3- “2 abandonaram mesmo e os outros estão a cumprir um plano de estudos”</p>
	Perfil dos alunos da turma	<p>E1- “De uma forma geral são alunos com um percurso que não tiveram sucesso no ensino regular”</p> <p>E2- “que estão num curso de eletricidade porque havia dois cursos à escolha, o outro era de madeiras”</p> <p>E3- “Não são alunos motivados (...) excetuando 2, 3 alunos no máximo, que são alunos muito empenhados e que têm objetivos”</p> <p>E4- “Já há 4 alunos que completaram recentemente os 18 anos e claro, continuam porque estão a um passo de ficar com o 9º ano e um estágio e sabem que isso é benéfico, mas é visível a falta de empenho deles”</p>	<p>E1- “O perfil da turma, pois o perfil destes alunos dum CEF, são normalmente alunos que vêm com muitas retenções, além do número de retenções, trazem problemas de comportamento e que se refletiu ao longo deste ano”</p> <p>E2- “o facto de já 5 alunos terem ultrapassado o limite de faltas vem reforçar isto, vem ao encontro do que é o perfil da turma”</p> <p>E3- “A maior parte é preguiçosa, mas já vinham. Lá está, são hábitos que se adquirem, e hábitos e métodos de trabalho quase que não têm nenhuns”</p> <p>E4- “Há ali alunos com algumas capacidades e que não o mostraram no ensino regular, mas que no ensino de CEF estão lindamente, irão de certeza absoluta completar os 2 anos com sucesso”</p> <p>E5- “de referir que eu tenho 4 nacionalidades na turma: brasileiros, um sírio, um romeno, dois alunos de etnia cigana, apesar de um deles já ter abandonado, claro que (...) turma também fica mais</p>

			enriquecida. Tudo enriquece a turma” E6- “eles funcionam muito bem como turma, tanto como para o bem como para o mal”
	Comportamento da turma	E1- “de um modo geral revelam mau comportamento, são várias as queixas, nem todas deram em participação disciplinar” E2- “a indisciplina é devastadora, portanto eles arraram os professores” E3- “Mante-los sossegados numa sala é complicado” E4- “o comportamento é sempre referenciado como insuficiente”	E1- “muitas vezes, até o saber estar, quando eu digo o saber estar não são as regras de sala de aula, é o saber estar (...) chamo muitas vezes à atenção diversos alunos que não sabem estar, ou seja, interrompem (...) por vezes fazem comentários desapropriados, despropositados, mas que para eles quando eu lhes chamo à atenção eles ficam a olhar para mim como quem diz “ <i>mas isto é despropositado?</i> ”, não entendem pronto”
	Avaliar a responsabilidade e o empenho dos alunos	E1- “Não são empenhados, como eu disse e nem sequer são responsáveis” E2- “à exceção desses 3” E3- “mesmo os alunos com 18 anos de idade, que já são encarregados de educação de si próprios, faltam às aulas sem controlar o limite de faltas” E4- “sendo necessário lembrá-los sempre (...) dos limites de faltas porque eles não controlam isso” E5- “estão constantemente a fazer planos de reposição de horas, para não ficarem já em situação de retenção”	E1- “Alguns sim” E2- “A maioria deles, destes 15 que eu falei. Outros não, estão simplesmente para tentar terminar o 9ºano”
	Estratégias de promoção do empenho e motivação dos alunos	E1- “É assim, não existem milagres” E2- “essas estratégias não podem ser ligadas às disciplinas” E3- “tem de ser algo diferente daquilo que não os motiva: a escola”	E1- “A melhor estratégia é sempre ir tentar ir ao encontro daquilo que eles mais gostam de fazer” E2- “eles estão a fazer um projeto em termos de cidadania e desenvolvimento que vai precisamente ao encontro daquilo que eles gostariam de fazer e o feedback que eu tenho dos professores que os estão a acompanhar é, portanto, eles estão muito motivados com os trabalhos” E3- “E os trabalhos que ali vêm para um concurso que eles vão participar. Não sei não mas há ali pelo menos um dos trabalhos que não sei não. Eles às vezes surpreendem-nos”

	Causas associadas ao insucesso escolar dos alunos	<p>E1- “Talvez os interesses não passem pela formação académica”</p> <p>E2- “aprender também dá trabalho”</p> <p>E3- “muitos deles estão aqui porque é a saída alternativa”</p>	<p>E1- “São sempre os interesses divergentes dos escolares e a falta de empenho”</p> <p>E2- “É evidente que este CEF só abriu este ano, o de tratamento de águas e muitos não estariam para aí virados, até mesmo nas aulas práticas se nota isso em alguns alunos. Ter negativa nas aulas práticas é não querer fazer rigorosamente nada mesmo (...) há alunos com 2 e com 1”</p> <p>E3- “Claro que só existia um e que era a única opção, mas para o ano vai acontecer o mesmo, também só vai existir um, se não gostarem não sei como é que tiram o 9º ano, a menos que esperem pelos 18 e anulem a matrícula”</p>
	Importância que os alunos atribuem à escola	<p>E1- “são alunos que estão aqui porque têm de estar”</p>	<p>E1- “Vou voltar a dizer que a maioria dá importância à escola porque precisa dela para obter o 9ºano”</p>
	Perspetivas de futuro dos alunos	<p>E1- “Não pensam sequer no futuro”</p> <p>E2- “Muitos já percebi que nem sequer vão prosseguir eletricidade, foi uma forma de continuarem na escola sem ser no ensino regular”</p> <p>E3- “mesmo aqui o futuro até podia sorrir desde que aproveitassem a oportunidade de se especializarem em alguma coisa que não a eletricidade”</p> <p>E4- “Eu acho que eles ainda não pensam no futuro deles como pessoas de trabalho”</p> <p>E5- “portanto, ainda estão aqui um bocadinho a ver o que irão fazer”</p>	<p>E1- “Alguns sim, outros não”</p> <p>E2- “Lá está, o aluno C. não deve, nem tem nenhuma perspetiva futura de certeza absoluta”</p>
Perfil do aluno selecionado em contexto de sala de aula	Comportamento e atitudes do aluno	<p>E1- “De alguma forma sim, mas não no sentido de perturbar as aulas”</p> <p>E2- “é inadequado porque usa sistematicamente o telemóvel, apesar das várias advertências dos professores vão dando”</p> <p>E3- “Talvez seja o aluno que mais recorre ao telemóvel”</p> <p>E4- “na maior parte das aulas tem uma postura de apatia quase, tem outras em que trabalha. Depende”</p>	<p>E1- “O comportamento, eu vou mesmo falar mal”</p> <p>E2- “o comportamento dele apesar de ter melhorado, ele incita os alunos a fazer por trás”</p> <p>E3- “eu já lhe comuniquei isso, que ele é um dissimulado, um sonso, já lhe disse mesmo, porque ele por trás faz as coisas e depois não dá a cara”</p> <p>E4- “Faz pela calada, portanto não assume”</p> <p>E5- “já atingiu o limite de faltas, e, portanto, é um aluno</p>

		<p>E5- “à disciplina que lhes leciono, língua portuguesa, há aulas em que ele vem motivado e trabalha e vai à frente da ficha”</p> <p>E6- “dou as fichas, analiso com eles e damos as respostas em conjunto”</p> <p>E7- “e às vezes, noto que ele, ele e o colega de carteira, por vezes têm um ritmo mais acelerado”</p> <p>E8- “isso quer dizer que não estão à espera de copiar as respostas, fazem-nas sozinhos. Isso é nos dias bons”</p> <p>E9- “Tem outros dias que é de total apatia. Portanto, aí o comportamento é inadequado: recorre ao telemóvel, dorme, mas não perturba”</p> <p>E10- “Não é um aluno que seja necessário mandar calar, não perturba, (...) e ele se tiver necessidade de falar com o colega do lado ou com o colega atrás, ele fá-lo de uma forma discreta”</p> <p>E11- “a mim pessoalmente (...) e vejo isso também pela opinião dos outros colegas, ele não é um elemento perturbador”</p> <p>E12- “É um elemento que não faz, não se empenha porque não quer, porque tem capacidades para tal”</p>	<p>que já foi referenciado para a CPCJ, uma vez que já fez um PRA, está no limite das faltas em algumas, não é só numa disciplina, são em várias disciplinas neste momento”</p> <p>E6- “Portanto, ele está aqui para fazer o mínimo, porque ele tem capacidades, tem muitas capacidades, aliás ele só pode ter capacidades pela forma que é e por aquilo que faz por trás com os colegas, portanto, tem inteligência para isso”</p> <p>E7- “ele só não faz porque não quer, porque ele faz o mínimo”</p>
	Nível de motivação e empenho escolar do aluno	<p>E1- “tentando gerir os dias bons com os dias maus, embora eu considere que os dias maus, que ele vem com aquela preguiça, são superiores”</p> <p>E2- “Talvez, talvez um 5”</p> <p>E3- “Sendo um bocadinho benévola”</p>	<p>E1- “Vou por 5”</p> <p>E2- “É assim ele faz o mínimo, é assim ele está aqui para tentar tirar o 9º ano, faz o mínimo possível”</p>
Absentismo Escolar	Motivações para a frequência das faltas injustificadas	<p>E1- “No geral, onde o aluno também se envolve, é porque se deixam dormir, porque não apetece ir, ou porque têm outras coisas combinadas lá fora”</p> <p>E2- “excedem o limite de faltas de forma a chegarem mesmo até ao fim”</p>	<p>E1- “São muito frequentes, para já, porque eles não querem dizer aos pais, e depois, portanto, eles faltam porque já faltavam (...) muitos deles também já foram retidos por faltas anteriormente (...) já não iam às aulas, portanto, os seus interesses não são estar na aula”</p>

			<p>E2- “depois acham que tudo se resolve, a geração que nós temos agora, não são só este tipo de alunos”</p> <p>E3- “Eu penso que eles não absorvem ou acham que tudo se resolve, pronto e que tudo tem solução e que a solução é para bem deles quando isso não é verdade e alguns estão a sofrer as consequências disso”</p>
	Influência da relação entre pares e as faltas injustificadas	<p>E1- “Sim, provavelmente os pares vão influenciar as faltas”</p> <p>E2- “no entanto não me parece que seja aqui o caso”</p> <p>E3- “Porque não vejo grandes grupos a faltar ou aqueles pares do costume a faltar”</p> <p>E4- “Uma vez falta um, outra vez falta outro”</p>	<p>E1- “Dentro da turma não, é fora da turma”</p>
	Estratégias de combate às faltas injustificadas	<p>E1- “A melhor estratégia, sem dúvida, é andar sempre em cima da situação”</p> <p>E2- “Cada falta que se dá, dizer “eu sei que tu faltaste, porque é que faltaste?””</p> <p>E3- “e se isso não bastar porque na maior parte dos casos não basta, é telefonar para o encarregado de educação”</p> <p>E4- “o aluno chega a casa e o encarregado de educação diz “eu sei que tu faltaste, porque é que faltaste?””</p> <p>E5- “acontece que numa turma, embora sendo pequena (...) se eu fosse fazer (...) teria de o fazer todos os dias, essa quantidade de telefonemas e, portanto, seria impossível”</p> <p>E6- “Mas faço-o sempre que posso”</p> <p>E7- “a maior parte (...) quando comunico (...) eu vejo que o educando fica ali uns dias mais sossegado. Portanto, acho que resulta”</p>	<p>E1- “A estratégia para combater as faltas injustificadas, é para além da conversa que se tem com o aluno, que se tem com a turma, para (...) eles (...) primeiro terem consciência do que isso vai acarretar”</p> <p>E2- “Provavelmente, posso dizer que posso ter falhado com eles logo no início, apesar de lhes ter contado algumas coisas, mas quer dizer, eu não imaginei que ia ter tantos alunos a serem sinalizados para a CPCJ”</p> <p>E3- “Disse-lhes sempre que era a última oportunidade que eles tinham e isso foi dito desde o início do 1º período”</p> <p>E4- “até mesmo alunos que estavam em risco, eles chumbam-me por faltas de pontualidade quando sabem que não podem, por faltas disciplinares, quer dizer não faz sentido”</p>
Sinalização à CPCJ	Reação do Encarregado de Educação à pré-sinalização		<p>E1- “Quando (...) chamo cá o pai e tenho uma conversa na presença da Assistente Social e lhe explicamos que o aluno (...) pode ser referenciado à CPCJ, porque o número de faltas já é tão elevado (...) dizer que não</p>

			queremos fazer porque eles têm uma filha mais pequena e o aluno ainda só tem 15 anos, portanto que eles iriam ser muito chateados e que o aluno poderia mesmo ser institucionalizado, o pai realmente ficou preocupado”
	Sinalização		E1- “continuou a descambar e eu tive de sinalizar”
	Reação do Encarregado de Educação à pós-sinalização		E1- “penso que eles não querem falar comigo, dá-me a sensação que cortaram relações, porque eu sou a má da fita, porque eu só quero mal ao aluno, por lhes ter dito na cara o quem era o filho”
Medidas sancionatórias disciplinares	Qual a origem da suspensão	<p>E1- “a suspensão, teve na origem (...) duas faltas disciplinares, no entanto o motivo foi o mesmo”</p> <p>E2- “o motivo que levou a instrução do processo, a agir dessa forma foi o facto de se perceber ali uma pressão deste aluno para com outro aluno da turma”</p> <p>E3- “Não soube aprender, não aprendeu nada com o facto de ter uma primeira participação disciplinar, continuou a fazer bullying (...) nas aulas e lá fora”</p> <p>E4- “que os alunos por vezes levantem a voz a nas aulas, que estejam distraídos, que não façam, é uma coisa”</p> <p>E5- “Que persigam colegas é outra e é grave e, portanto, não poderíamos deixar que isso continuasse a acontecer”</p>	<p>E1- “A suspensão do aluno vem mediante uma série de participações”</p> <p>E2- “Na primeira suspensão, lá está ele faz pela calada, desenhou o que não deveria ter desenhado no caderno de outro colega”</p> <p>E3- “A segunda participação, esta realmente foi péssima porque ele quis realçar à turma um mau comportamento de um aluno, uma coisa que outro aluno disse e que ele resolveu repeti-la normalmente e claro que a professora não acho piada nenhuma.</p> <p>E4- “A terceira foi porque ele não estava atento nem a cumprir a tarefa que lhe tinha sido proposta e a perturbar outros alunos (...) aqui foi apanhado”</p>
	Opinião sobre a medida aplicada	<p>E1- “Se nada fosse feito ali, provavelmente teríamos tido uma situação muito grave entre esses dois alunos”</p>	<p>E1- “Concordo lindamente com esta medida, fui eu que a apliquei, por isso concordo”</p> <p>E2- “É assim, a escola neste momento não tem condições (...) porque eu ainda consegui fazer isso com uma outra aluna e que teve mais dias de suspensão que ele, que era fazê-lo aqui na escola (...) estive no bar dos alunos”</p> <p>E3- “talvez uma dessas com este aluno tivesse resultado melhor para sentir “o peso do trabalho” (...) é um trabalho por aí além”</p>

			<p>E4- “É claro que os pais iriam barafustar e ele também”</p> <p>E5- “Mas nem sempre podemos aplicar essa pena e lá está tem de ser com o aval dos pais (...) no caso da outra aluna foram mesmo os pais que pediram que fosse assim, em vez de ir para casa que era o que ela queria”</p> <p>E6- “Aqui neste aluno, também foi o que ele quis (...) não vir às aulas, mas que teve influência depois nas faltas”</p>
	Mudanças no comportamento do aluno	<p>E1- “Eu creio que a medida só por si, não foi suficiente, porque ele voltou revoltado (...) ainda com mais vontade de agredir o colega”.</p> <p>E2- “Foi a forma como o processo foi conduzido (...) teve de se fazer ver que (...) se continuasse iria ser novamente punido”</p>	<p>E1- “Se teve mudanças? Teve, mas tardiamente”</p> <p>E2- “como contribuiu para a falta de assiduidade e depois ele continuou a dar faltas, ele agora quando se sentiu apertado quando foi para a CPCJ sinalizado e se apercebeu do que é que tinha de fazer aí sim, aí é que deu resultado. Portanto, no fundo contribuiu”</p>
	Reação do/a Encarregado/a de Educação	<p>E1- “a mãe teve de vir (...) prestar entrevista, prestar conhecimento de tudo e assinar os documentos”</p> <p>E2- “A mãe, a mim pareceu me que nem queria acreditar (...) uma atitude de tanta agressividade do filho”</p> <p>E3- “porque segundo me disse o filho, ele próprio, noutra escola era ao contrário, era ele a vítima”</p> <p>E4- “Normalmente aquele que é vítima (...) futuramente (...) tem mais tendência, para ser ele o agressor”</p> <p>E5- “É uma forma de vingança”</p>	<p>E1- “Muito mal”</p> <p>E2- “reagiram muito mal”</p> <p>E3- “porque assumiram que nós é que somos os maus da fita”</p>
Sistema familiar do aluno selecionado	Família do aluno selecionado	<p>E1- “conheço a encarregada de educação, mostra de facto alguma preocupação pela situação escolar do filho”</p>	<p>E1- “É assim, a dinâmica familiar, no fundo parece-me, pronto é um pai, uma mãe, tem uma irmã, olhando e vendo são um casal, são pais à partida perfeitamente normais, se é que isso se pode dizer desta forma”</p> <p>E2- “No entanto, na educação do aluno foram muito (...) benevolentes (...) eu sei por histórias anteriores, a antiga diretora de turma está no conselho de turma, portanto, já o conhece e contou-me”</p>

			E3- “E os pais, a partir de já, quando quiseram ter mão nele já não conseguiram”
	Perspetivas dos pais sobre o filho		<p>E1- “Ele era muito bom a jogar à bola e como era muito bom a jogar (...) projetaram isso nele, como um futuro Cristiano Ronaldo, digamos assim”</p> <p>E2- “Mas ele lesionou-se e teve de ser operado e, portanto, acabou-se o futebol, acabando-se o futebol, acabaram-se as perspetivas”</p> <p>E3- “E, portanto (...) ele acha que ia ser só bom no futebol e, portanto, descurou o resto”</p>
	Relação pais-filho	<p>E1- “Houve uma situação em que estiveram juntos (...) ao mesmo tempo e pareceu-me que há uma boa relação”</p> <p>E2- “a mãe tenta sempre por, através de um reforço positivo, de uma forma carinhosa, levá-lo a um bom porto”</p> <p>E3- “parece-me que há ali diálogo, compreensão, uma atitude até, demasiado tolerante, da mãe em relação ao filho”</p>	<p>E1- “principalmente a mãe sempre lhe pôs as mãozinhas de baixo”</p> <p>E2- “Para além daquelas crises de ansiedade que ele tem e que (...) só este ano é que houve uma confirmação que realmente é uma crise de ansiedade, porque ele depois se mete em sarilhos, fora da escola e enfim, devido a todo o seu histórico e os pais sempre lhe puseram as mãozinhas por baixo, é verdade”</p> <p>E3- “Sempre o protegeram e, no entanto, ele não é santo, e eles nunca deram verdadeiramente um castigo, um castigo-castigo, em que ele sentisse na pele o que é perder alguma coisa”</p> <p>E4- “são pais muito preocupados, não há dúvida, só que preocupados que quando agem não agem da forma que deviam agir, ou seja, são muito permissivos, muito-muito”</p> <p>E5- “É sempre a desculpar, como por exemplo agora a história do teste de Higiene e Segurança no trabalho, portanto (...) ele não se preocupou em vir, porque se ele tivesse estudado para o teste, de certeza absoluta que ele não se tinha esquecido do teste e a mãe disse que (...) queria que ele fizesse o teste (...) e é assim, já lhe foi dada a oportunidade de fazer o teste e pelos vistos ele não estava muito (...) a desculpa que a</p>

			mãe dizia <i>“ah, ele com certeza esqueceu-se”</i>
	Relação pais-escola	E1- “Quando convocada vem sempre”	E1- “os pais começaram a vir à escola quando, a mãe principalmente, no 1º período, vinha mais quando ele começou a dar as primeiras faltas e que ela foi informada” E2- “Veio-me falar da história da ansiedade e que ele estava a sofrer de bullying, lá fora, não era dentro da escola” E3- “ela vinha quase todas as semanas após a primeira vez que alertei”
	Frequência com que o/a Encarregado/a de Educação do aluno vêm à Escola	E1- “veio às reuniões convocadas para os encarregados de educação” E2- “Não vem por iniciativa própria, quando não há convocatória”	E1- “os pais dele tinham um atestado medico para me entregar e acabou por ser ele a trazer porque o pai (...) nunca vinha à hora de atendimento, portanto não sei” E2- “Já vieram frequentemente, agora neste momento não, já vieram mais frequentemente do que vêm agora” E3- “neste período, (...) vi o pai na reunião e talvez mais outra vez”
Acompanhamento Parental no Percurso Educativo dos Jovens	Frequência com que os Encarregados de Educação vêm à Escola	E1- “Há pais que não conheço ainda” E2- “Muitos encarregados de educação eu só conheço de contatá-los telefonicamente” E3- “na reunião dos encarregados de educação para entrega das avaliações, a percentagem dos encarregados de educação que estão presentes é muito baixa, menos de 20%” E4- “Nenhum encarregado de educação, nenhum, se dirige à escola sem ser convocado (...) Tem sido uma constante nesta turma”	E1- “A maioria dos encarregados de educação vêm só quando solicitados” E2- “Só mesmo quando os problemas com mais problemas é que os pais são mesmo assíduos, ou seja, quando já estão em último caso”
	Frequência e regularidade do acompanhamento dos pais no percurso escolar dos filhos	E1- “Não creio que os encarregados de educação perguntem como é que estão as tuas notas”	E1- “Não. Só em alguns casos” E2- “há pais que estão preocupados com isso, mas são muito poucos” E3- “ou porque não têm tempo, porque é mesmo assim, porque há casos aqui complicados. Outros porque acham que o filho está entregue à escola”

	Influência do acompanhamento parental no percurso educativo dos jovens	<p>E1- “Sem dúvida, também sou mãe”</p> <p>E2- “sei que se houver, não só dos pais, às vezes mesmo dos próprios professores, ou alguém da família que queira saber como estão as coisas (...)que nos pergunta “ então, já conseguiste melhorar?”, talvez nos lembremos de nos esforçar um pouco mais”</p> <p>E3- “Se ninguém pergunta, nós não podemos melhorar”</p> <p>E4- “se houvesse (...) outro acompanhamento dos pais, se eu não tivesse enviado através dos alunos as avaliações dos alunos, metade dos pais não saberiam quais as notas dos filhos”</p> <p>E5- “Portanto se não querem saber das notas, provavelmente não querem saber “como é que foi o teste? Ou como é que foi a ficha?””</p> <p>E6- “essa falta de preocupação ou de verificação ou de, não é de interesse, mas esse deixar andar pelos responsáveis por eles, acaba por não ser estímulo”</p>	<p>E1- “Sim, com certeza”</p> <p>E2- “Na educação dos filhos, porque a escola não substitui a educação dada pelos pais”</p>
	Ausência de estímulo	E7- “Eles não sentem estímulo para tirarem grandes resultados”	
Intervenção realizada	Atividade com a Turma	<p>E1- “Foi positivo”</p> <p>E2- “penso que colaboraram”</p> <p>E3- “acho que foi benéfico para eles e que gostaram”</p>	<p>E1- “Achei espetacular”</p> <p>E2- “Sinceramente acho que esteve muito bem, foi pena o tempo realmente, mas é assim com eles tem sempre de se pensar em mais tempo”</p> <p>E3- “acho que correu muito bem”</p>
	Intervenção realizada com o aluno	E1- “Eu acho que é muito benéfico”	<p>E1- “Eu quase que digo que não tenho opinião porque não vejo, não sinto e não pergunto, que é mesmo assim”</p> <p>E2- “Mas se é ele que também está a contribuir para esta mudança de atitude do aluno, está a correr lindamente”</p>
	Alterações na postura, atitude e comportamento do aluno	<p>E1- “Sim, sem dúvida”</p> <p>E2- “Conhecendo o aluno, no início antes de ser acompanhado por si e</p>	<p>E1- “Eu acho que sim, que também foi uma das causas”</p> <p>E2- “A nível de atitudes, comportamentos e avaliação”</p>

		<p>depois, acho que há aqui uma mudança nele”</p> <p>E3- “Ele sabe que alguém lhe vai perguntar alguma coisa. Não é a mãe, talvez a mãe não lhe pergunte nada da escola, sobre a escola”</p> <p>E4- “Mas na escola há alguém interessado, quer por motivos de trabalho, investigação (...) que lhe vai perguntar as coisas”</p> <p>E5- “Ele vai ter de dar contas disso”</p> <p>E6- “pareceu me ter ficado mais calminho depois de ter começado a trabalhar consigo”</p>	
	<p>Importância do acompanhamento individualizado no trabalho com alunos</p>	<p>E1- “Eu acho que sim”</p> <p>E2- “há aqui muita alminha perdida”</p>	<p>E1- “Isso era um sonho”</p> <p>E2- “Que todos os professores pudessem ter e com alguns alunos que apresentam dificuldades e não falo só no CEF, falo também em turma normais, acho que se tivessem ali um apoio que nós professores muitas das vezes não conseguimos”</p> <p>E3- “nota-se perfeitamente que quando é em turno as aulas funcionam sempre muito melhor do que quando são em grupo, a turma inteira”</p> <p>E4- “Portanto lá está, isso era sopa no mel ou mel na sopa, termos ali alguém que nos ajudasse”</p> <p>E5- “Isso era fantástico”</p>

Ao longo da análise existem unidades de contexto em branco numa das entrevistadas porque no decorrer da entrevista uma delas falou sobre outras questões e consideramos pertinente colocar essa informação.

Na identificação das Diretoras de Turma fizemos referência a um número de forma a ser mais fácil diferenciá-las, pelo que a Diretora de Turma 1 e Diretora de Turma 2, correspondem à Direção de Turma de CEF de Eletricidade e de CEF de OSTA, respetivamente.

Ambas as turmas, ao longo do período perderam alunos, por anulação da matrícula (uma aluna), por transferência (dois alunos) ou por ter sido declarado o abandono escolar (quatro alunos).

No que respeita ao **perfil dos alunos das turmas de CEF**, são alunos que não tiveram sucesso no ensino regular, pelo que apresentam um historial de retenções, problemas de comportamento, desmotivação acentuada, fatores que se refletiram ao

longo do ano. Na sua maioria, os alunos só estão nestes cursos por ser a única alternativa, dada a oferta formativa e a necessidade de completar o 9º ano de escolaridade. Tudo isto contribui para que a postura e atitudes expressas pelos alunos no contexto de sala de aula não seja adequada, dado que *“hábitos e métodos de trabalho quase que não têm nenhuns”*, de acordo com a Diretora de Turma 2. Contudo importa referir que ambas as turmas de CEF, OSTA e Eletricidade, detêm alunos com capacidades cognitivas, *“muito empenhados e que têm objetivos”*, pelo que estes em específico *“irão de certeza absoluta completar os 2 anos com sucesso”*.

Ao nível do **comportamento dos alunos**, a Diretora de Turma do CEF de Eletricidade refere que *“o comportamento é sempre referenciado como insuficiente”* e *“a indisciplina é devastadora”*. Na turma de CEF de OSTA, a Diretora de Turma refere que os alunos apresentam comportamentos inadequados e desapropriados ao contexto de sala de aula, enfatizando que os alunos não sabem estar enquanto pessoas, por não conseguirem definir o que é certo e errado.

O **comportamento dos alunos selecionados** foi referenciado mediante uma conduta inadequada, ao nível da postura e comportamento. O aluno H., de acordo com a Diretora de Turma 1, apresenta uma postura de total apatia pela Escola e pelas tarefas que lhe são propostas, no entanto refere que depende do estado de espírito do aluno, pois existem aulas em que demonstra ser empenhado. O aluno H. usa sistematicamente o telemóvel, apesar das várias advertências dos professores, sendo considerado como o *“aluno que mais recorre ao telemóvel”*, no entanto não é considerado um elemento perturbador. Por sua vez, o aluno C., de acordo com a Diretora de Turma 2, assume uma postura de *“dissimulado”*, pois refere que *“faz pela calada”*, ou seja, os seus atos objetivam a culpa no outro, de forma a que nunca o identifiquem como autor do ato.

No CEF de OSTA, relativamente à **responsabilidade e empenho dos alunos**, a professora afirmou que a maioria apresenta uma postura positiva em relação à Escola. De acordo com a Diretora de Turma do CEF de Eletricidade, os alunos não são empenhados, nem responsáveis, uma vez que é necessário chamar à atenção e repreender de forma continuada, pois não retêm aquilo que lhes é dito.

O **nível de empenho e motivação dos alunos selecionados**, numa escala de 0 a 10, foi identificado em ambos os casos com um cinco, por considerarem que *“os dias maus, que ele vem com aquela preguiça, são superiores”* e *“faz o mínimo possível”*, tendo em conta o Aluno H. e Aluno C., respetivamente.

Como **estratégia de promoção do empenho e motivação dos alunos**, a Diretora de Turma 2 afirma ser necessário ir ao encontro daquilo que os alunos mais gostam de fazer, ressaltando a motivação dos seus alunos na realização de um projeto que irá a concurso. Na perspetiva da Diretora de Turma 1 *“não existem milagres”*, ressaltando que para promover a motivação e o empenho dos alunos, as estratégias não devem estar em consonância com aquilo que é o dia-a-dia na escola, *“tem de ser algo diferente daquilo que não os motiva: a escola”*.

Quanto às **causas associadas ao insucesso escolar**, as Diretoras de Turma afirmam que *“são sempre os interesses divergentes dos escolares e a falta de empenho”*, porque *“talvez os interesses não passem pela formação académica”*. Nesta perspetiva e

relativamente à **importância que atribuem à Escola**, ambas as Diretoras de Turma defendem que os alunos apenas frequentam o curso porque é a sua única alternativa, estando na Escola somente porque é uma obrigação que lhes é imposta.

Na sub-categoria das **perspetivas de futuro**, a Diretora de Turma do CEF de Eletricidade assume ter conhecimento que muitos dos alunos *“nem sequer vão prosseguir eletricidade”*, foi apenas *“uma forma de continuarem na escola sem ser no ensino regular”*, considerando, desta forma, que os alunos *“ainda não pensam no futuro deles como pessoas de trabalho”*. No CEF de OSTA, a Diretora de turma referiu que *“alguns sim, outros não”*.

Relativamente às **causas e/ou motivações do Absentismo Escolar**, a Diretora de Turma 2 menciona que este comportamento resulta de hábitos adquiridos previamente, referindo que muitos dos alunos já foram anteriormente retidos por faltas injustificadas. Na Direção de Turma da Professora 1, os alunos apresentam os seguintes argumentos como justificações das faltas: *“é porque se deixam dormir, porque não apetece ir, ou porque têm outras coisas combinadas lá fora”*. A **relação entre pares influencia o número de faltas injustificadas** dos alunos, tal como referenciado pelas Diretoras de Turma, no entanto ressaltam que os grupos de amizade dos alunos, é maioritariamente constituído por alunos fora da sua turma. Como **estratégias de atenuar o absentismo escolar**, ambas referem a importância e necessidade constante no acompanhamento do número de faltas, consciencializando-os das consequências que esse comportamento acarreta.

O aluno C. excedeu o número de faltas de forma consciente e com o conhecimento dos Encarregados de Educação, apesar das diversas advertências da Diretora de Turma, pelo que foi necessário **sinalizar o aluno à CPCJ**. Numa fase prévia à sinalização, o Encarregados de Educação mostrou-se preocupado, no entanto a situação continuou a “descarrilar”. Atualmente, a Diretora de Turma sente que os pais do aluno cortaram relações consigo derivado à sinalização.

A ambos os alunos, no 1º período, foi aplicada uma medida sancionatória do comportamento, a **suspensão**, da qual resultam 3 e 5 dias de suspensão.

O aluno H. exercia bullying sobre um colega de turma, pelo que foi advertido pelos professores e com aplicação de faltas disciplinares, no entanto *“não soube aprender (...) com o facto de ter uma primeira participação disciplinar”*, mantendo a mesma postura para com o colega *“nas aulas e lá fora”*. O Bullying culminou na agressão física ao colega, desta feita a Diretora de Turma 1 referiu que *“se nada fosse feito ali, provavelmente teríamos tido uma situação muito grave entre esses dois alunos”*, no entanto a medida só por si, não foi suficiente, porque o aluno *“voltou revoltado (...) ainda com mais vontade de agredir o colega”*. Mais tarde, o aluno tomou consciência das implicações dos seus atos, pelo que alterou a sua postura. No que respeita ao aluno C., a medida foi aplicada na sequência de três participações alusivas a comportamentos inapropriados e falta de empenho nas tarefas, o que consequentemente compromete o ambiente da aula porque o aluno destabiliza os colegas. A Diretora de Turma 2 afirma que a suspensão foi, sem dúvida, valorizada pelo aluno com algo positivo por ter a hipótese de não ir à escola, pois é algo de que não gosta. Nesta perspetiva considera que teria um efeito

mais significativo, na medida em que seria visto realmente como um castigo, se a sanção passasse pela realização de tarefas no contexto escolar, nomeadamente ajuda no bar dos alunos ou refeitório. A Diretora de Turma 2, no que respeita à **alteração de comportamento por parte do aluno mediante a medida aplicada**, afirma que as mudanças se fizeram sentir tardiamente, quando o aluno se apercebeu que estava próximo do limite de faltas.

Quando questionadas sobre a **reação dos Encarregados de Educação à suspensão dos filhos**, as Diretoras de Turma asseguraram o seu desagrado, no que respeita à mãe do aluno H. porque *“nem queria acreditar (...) uma atitude de tanta agressividade do filho”* e os pais do aluno C. porque *“assumiram que nós é que somos os maus da fita”*.

Na sub-categoria da **família dos alunos selecionados**, concretamente sobre o aluno C, a Diretora de Turma 2 afirma que os pais são *“muito preocupados”*, no entanto *“não agem da forma que deviam agir, ou seja, são muito permissivos”*, no que respeita à educação do filho. Foi, ainda, referido que os pais perspetivaram para o filho um futuro profissional ligado ao mundo do futebol, o que contribuiu para que o aluno descursasse a escola, contudo é algo que não lhe é mais possível alcançar, ser jogador de futebol, por ter sido operado. Nesta fase, os pais já não conseguiram remediar a falta de interesse do filho pela escola.

A Diretora de Turma 1, no que respeita à mãe do aluno H., considera que *“mostra de facto alguma preocupação pela situação escolar do filho”*, pois tenta *“através de um reforço positivo, de uma forma carinhosa, levá-lo a um bom porto”*. No entanto, a mãe é caracterizada por ser compreensiva apresentando, por vezes, uma atitude demasiado tolerante, em relação ao comportamento do filho.

Em ambos os alunos, a relação estabelecida com os pais é referenciada como positiva e constante proteção. Na **relação pais-escola**, ambos os encarregados de Educação vêm sempre que convocados, notando que a Diretora de Turma 2 faz referência que os pais do aluno C, inicialmente vinham com frequência à escola, por iniciativa própria, o que não se verifica atualmente.

No que respeita à **vinda dos Encarregados de Educação à Escola**, de um modo geral relativamente às turmas de CEF, as Diretoras de Turma assumem que os pais não vêm à Escola por iniciativa própria, apenas e só quando necessário. Importa frisar que no CEF de Eletricidade, de acordo com a Diretora de Turma 1, ainda há pais que não conhece, sendo que na reunião de entrega das avaliações finais, compareceram menos de 20% dos Encarregados de Educação.

Quando questionadas sobre a **existência de um acompanhamento regular e coeso dos pais relativamente ao percurso escolar dos filhos**, as Diretoras de Turma enfatizam que são poucos os pais que o fazem, muitas vezes, resultado da sua disponibilidade ou pelo descurar dessa tarefa.

O **acompanhamento parental** assume uma influência positiva **no percurso educativo dos jovens**, tal como expresso pelas Diretoras de Turma. Na perspetiva da Diretora de Turma 2, a Escola não pode nem deve ser vista como um sistema que substitui a educação dada pelos pais, pois considera que muitos dos pais assumem que

a educação é responsabilidade da Escola. A Diretora de Turma do CEF de Eletricidade arroga a necessidade e **importância do estímulo** como uma ferramenta de melhoria, no sentido em que a falta de reforço assume nos jovens uma noção de não ser necessário melhorar, já que ninguém vai questionar sobre as nossas práticas ou tarefas.

A **intervenção realizada com as turmas** foi avaliada como “espetacular” pela Diretora de Turma 2, apresentando uma crítica construtiva relativamente ao timing da atividade, por considerar que seria necessário e importante trabalhar mais tempo com os jovens. A Diretora de Turma da turma de CEF de Eletricidade avalia a atividade como algo positivo e benéfico para os alunos, referindo ainda a colaboração dos mesmos.

As Diretoras de Turma afirmaram que “*conhecendo o aluno, no início antes de ser acompanhado por si e depois, acho que há aqui uma mudança nele*” e “*está a contribuir para esta mudança de atitude do aluno*”, respetivamente, pelo que foram evidenciadas **alterações ao nível do comportamento, atitude e postura em contexto escolar** por parte dos alunos, fator que corrobora a importância e significado do nosso trabalho.

Mediante as narrativas é realçada a **importância do acompanhamento individualizado no trabalho com alunos**, por se considerar que é uma ferramenta de trabalho com base no apoio à orientação escolar dos alunos.

1.4 Entrevista realizada à Assistente Social

Apresentamos agora a análise da entrevista realizada à Assistente Social.

Categorias	Subcategorias	Unidades de Contexto
		Assistente Social
Perfil dos alunos selecionados	Características dos alunos	<p>E1- “Quanto aos alunos que foram selecionados são 2 alunos que estão completamente desmotivados (...) já vinham com algum percurso idêntico ao que estão a fazer, nomeadamente faltas às aulas, processos disciplinares, dado o comportamento inadequado no contexto de sala de aula”</p> <p>E2- “Não conseguem estar atentos numa aula, não conseguem aprender a matéria, de todo não têm métodos de estudo”</p> <p>E3- “isso tudo advém de desmotivação a nível escolar”</p>
	Fatores associados à desmotivação	<p>E1- “em primeiro lugar: são alunos que são isentos de regras, isentos de regras familiares, isentos de regras a nível de encarregado de educação, com determinados vícios já adquiridos à algum tempo”</p>
	Qual a importância que os alunos atribuem à escola	<p>E1- “Não, eles não atribuem”</p> <p>E2- “ou por outra, eles sabem que para conseguirem determinados objetivos nomeadamente a nível profissional (...) são obrigados a ter o mínimo dos mínimos de escolaridade, já descurando aqui o 12º ano, o 9º ano”</p> <p>E3- “eles sabem que (...) este CEF dá equivalência ao 9º ano. Portanto eles, de um modo teórico (...) têm essa consciência, na prática eles não gostam de estudar”</p> <p>E4- “embora os CEF sejam cursos essencialmente práticos e a nível teórico são muito soft, é um ensino muito mais aligeirado, muito mais superficial, mas é facto que eles não gostam de estudar”</p>

		E5- “portanto, há aqui a ambiguidade, de perceberem que necessitam do 9º ano para um futuro profissional, como digo e reitero, já não considero o 12º ano, mas é facto que não gostam e, portanto, a cabeça pensa de uma maneira e o corpo de outra”
	Responsabilidade e o empenho dos alunos	E1- “Empenhados não são, responsáveis muito menos” E2- “Empenhados não são por aquilo que já referi e responsáveis pior ainda” E3- “se fossem responsáveis tentavam ainda que de um modo difícil para eles, desgostoso para eles e contra aquilo que têm na realidade vontade de fazer, eles não conseguem minimamente cumprir”
	Estratégias de promoção do empenho e motivação dos alunos	E1- “Já tentamos de tudo e mais alguma coisa” E2- “num modo muito básico, eu digo que motivando “se conseguirem fazer isto terão a oportunidades muito melhores para uma vida profissional” ainda que difícil, mas sim, têm e que “podem estar muito melhor na vida” e fazendo pensar nos prós e nos contras daquilo que estão a fazer” E3- “Em casa, explicar aos pais como motivá-los e como castigá-los” E4- “se errarem, obviamente que merecem uma repreensão, um castigo ou sansão como queiram pensar, em retirar aquilo que o aluno mais gosta (...) tirar numa de castigo” E5- “Se o aluno tiver um comportamento cada vez melhor e progredindo ainda que mais lentamente, que um aluno normal, ser-lhe-á dado aquilo que eles gostam (...) isto funciona de um modo básico”
	Importância do elogio e da repreensão	E1- “Se um aluno efetivamente tem um comportamento correto e faz um esforço para conseguir aquilo que sabe teoricamente que tem de fazer ou que deve ter, se o fizer deve ser elogiado” E2- “se um aluno tiver essa consciência que deve fazer ainda que não goste, mas que deve porque precisa e ainda faz pior, obviamente que deve ser castigado”
	Trabalho com pais	E1- “os pais de facto com a nossa ajuda, nas escolas atrás desconheço totalmente, mas com a nossa ajuda, nomeadamente comigo, com as psicólogas no agrupamento, com as estagiárias que temos do IPCB, tentamos de facto conversar com os pais” E2- “Fazemos todo o possível para que entendam como devem agir” E3- “o facto é que eles podem ter consciência do facto e conseguimos esse objetivo que é consciencializa-los da problemática inerente aos filhos” E4- “dado que sempre foram ausentes nesse cumprimento de regras a nível familiar, neste momento é difícil impor-lhes regras, é difícil fazer com que eles as cumpram e eles próprios, pais, não sabem como atuam em relação aos filhos”
Agregado Familiar	Dinâmica Familiar	E1- “São pais demasiado ausentes, ou por outra, foram pais demasiado ausentes” E2- “Aqui no agrupamento não são tanto porque nós fazemos questão de chamar os pais, os encarregados de educação, com frequência à escola, explicando o que está a acontecer e que é importante estar com o jovem”

	Relação pais-filhos	E1- “A relação pais-filhos foi aquilo que eu disse” E2- “Não é aquilo que se pretendia, ou aquilo que nós técnicos pretendíamos que fosse”
	Relação pais-escola	E1- “Em relação à relação pais-escola (...) são pais que vêm à escola única e exclusivamente quando solicitado, porque por vontade própria acham que é totalmente desnecessário”
Percurso escolar dos alunos de turmas CEF	Perfil dos alunos de turmas CEF	E1- “os cursos de CEF, são direcionados a alunos que já vêm com alguma problemática para trás, nomeadamente (...) retenções, com idades mais avançadas e desmotivação” E2- “Portanto, problemáticas a nível escolar”
	Causas associadas ao insucesso escolar dos alunos de turmas CEF	E1- “A desmotivação, depois a desmotivação relacionada com o ambiente familiar, com as ausências a vários níveis, como já referi, a nível da família” E2- “os consumos estão também muito ligados a essa desmotivação, o grupo de amigos, obviamente o grupo de amigos associado ao consumo de substâncias e a isenção de regras a nível de família e tudo isso leva a uma desmotivação total e o resultado é negativo” E3- “obviamente eles não podem progredir”
	Procedimento formal	E1- “quando há faltas injustificadas (...) é a lei que o determina, a partir do momento em que os alunos, se aproximam de metade do número de faltas que lhe é permitido, o diretor de turma é obrigado a (...) sinalizar o aluno à CPCJ”
	Estratégias de combate às faltas injustificadas	E1- “quando os pais e o aluno ou a aluno são chamados à CPCJ, digamos que (...) assustam-se e tem algum efeito a nível escolar e por vezes aí resolvemos o assunto, ainda que não seja definitivamente, que seja temporariamente” E2- “Por vezes isso não resulta (...) e o que é que nós fazemos? (...) obrigá-los a fazer tarefas extracurriculares, para eles perceberem o que é trabalhar e responsabilizá-los e perceberem que o futuro deles será por algumas dessas atividades de castigo que passam aqui na escola” E3- ““Por vezes resulta, por vezes não resulta. Tudo depende (...) e reitero, que tudo depende do acompanhamento familiar dos alunos na escola, é fundamental””
	Influência da relação entre pares e as faltas injustificadas	E1- “Claro que sim”
Medidas sancionatórias disciplinares	Vantagens e/ou desvantagens da suspensão dos jovens	E1- “é aquilo que a lei obriga” E2- “Quanto a mim, não é correto. Porque muitos deles provocam mesmo essas situações para poderem estar em casa” E3- “E porquê? Estão sozinhos, têm o tempo todo (...) para fazerem o que devem e o que não devem, certo?” E4- “Depois eles ficam como que anestesiados, “à pois, mas nós não fizemos” ou “isto não podia ter sido feito”, mas no fundo foi aquilo que eles querem” E5- “Porque estarem 3 dias (...) 5 dias, 7 dias, 11 dias, é espetacular estar em casa sem pais, sem ninguém, podemos ter o grupo de amigos em casa, podemos fazer tudo e mais alguma coisa”

		E6- “na minha opinião, sim senhora tem de haver sanções disciplinares, concordo plenamente, mas não o facto de serem suspensos”
	Repercussões da suspensão	E1- “Claro que depois tem as suas repercussões, mas isso eles sabem. Portanto, são faltas que não são justificadas e um aluno em situação de pré-reprovação em faltas, isso aumenta-lhe as faltas e podem mesmo reprovar dada essa sanção disciplinar”
Acompanhamento Parental no Percurso Educativo dos Jovens	Frequência com que os Encarregados de Educação vêm à Escola	E1- “Aqui no agrupamento (...) nós fazemos questão de chamar os pais, os encarregados de educação, com frequência à escola, explicando o que está a acontecer e que é importante estar com o jovem”
	Frequência e regularidade do acompanhamento dos pais no percurso escolar dos filhos	E1- “Não, de todo.” E2- “é importante (...) falar como é que correu o dia de aulas, é importante falar qual a relação que eles têm com os professores” E3- “é importante a proximidade familiar. Na maior parte das vezes essa proximidade não existe”
	Causas da ausência de acompanhamento parental	E1- “Não existe porque (...) os locais de trabalho cada vez exigem mais disponibilidade, mais tempo no local de trabalho e os pais chegam a casa e estão cansados e, portanto, ainda que seja de um modo involuntário, vão descurando dessa proximidade dos filhos” E2- “os pais também já não têm conhecimentos, ao ponto de conseguirem pedagogicamente acompanhar os filhos, e, portanto, uma coisa vem da outra”
	Consequências da ausência de acompanhamento parental	E1- “são crianças adolescentes, que já por si é uma fase difícil, (...) o comportamento do adolescente é, é a fase de vida mais difícil do ser humano, já por si têm tendência para comportamentos desviantes” E2- “Quando os pais se mantêm ausentes, mais tempo eles têm e mais ideias vêm para fazer aquilo que não devem”
	Importância do acompanhamento parental no percurso educativo dos jovens	E1- “Claro que sim”
	Perspetiva sobre a realidade do Agrupamento de Escolas	E1- “infelizmente (...) no nosso agrupamento, essencialmente o que acontece é isso. A ausência de qualquer acompanhamento, ausência de qualquer obrigatoriedade de cumprimento de regras, um alheamento total da família”
Intervenção realizada	Intervenção realizada com os alunos	E1- “fizeste o teu estágio de 3ºano de licenciatura aqui na escola, já tinhas (...) uma boa noção da nossa realidade escolar, portanto acho que estás a trabalhar muito bem” E2- “Acho que consegues perceber infelizmente (...) quais são as realidades dos nossos jovens de hoje em dia, e que serão os adultos do futuro, e estás ciente disso” E3- “Estás a trabalhar corretamente e acho que vais conseguir resultados ainda melhores e mais profundos que o que fizeste no estágio de licenciatura” E4- “És responsável, tens uma boa relação com pais, tens boa relação com os alunos, consegues manter com um aluno a distância entre uma profissional e um aluno” E5- “portanto acho que estás excelente (...) acho que estás no caminho correto”

	Importância do acompanhamento individualizado no trabalho com alunos	E1- “É benéfico. É muito benéfico mesmo.” E2- “se não nem conseguias obter os dados que consegues” E3- “Neste momento, há (...) aquela lei (...), a proteção de dados” E4- “não podias interagir com eles, não podias ter as informações que tens quando fazes um estudo individual”
--	----------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Os alunos que frequentam os **cursos de CEF** apresentam uma bagagem repleta de problemáticas a nível escolar, nomeadamente retenções, desmotivação, falta de empenho e responsabilidade escolar.

No que respeita aos **alunos selecionados para o estudo** apresentam características semelhantes em contexto escolar, as quais refletem a completa desmotivação, fator que influencia o seu comportamento e postura. Ambos os alunos faltam às aulas e assumem um comportamento inadequado no contexto de sala de aula, o qual por vezes dá origem a participações disciplinares.

Sobre a **importância que atribuem à Escola** , foi reiterado que os alunos da amostra não atribuem qualquer importância. No entanto têm consciência de que para alcançar determinados objetivos profissionais, é necessário obter o mínimo de escolaridade, o 9º ano. De um modo teórico eles têm essa consciência, no entanto na prática eles não gostam de estudar.

A Assistente Social refere que os cursos de CEF são essencialmente práticos e a nível teórico não apresentam grande complexidade, por ser um ensino aligeirado e superficial, mas é facto que eles não gostam de estudar. No que respeita ao **comportamento dos alunos em contexto de sala de aula** , a técnica menciona que os alunos não conseguem estar atentos numa aula, não conseguem aprender a matéria e não apresentam métodos ou hábitos de estudo.

Para além do comportamento inadequado, foi mencionado que os alunos não são empenhados e muito menos responsáveis, pois se o fossem tentavam cumprir as tarefas e obrigações escolares ainda que de um modo desgostoso para eles e contra aquilo que têm na verdade vontade de fazer.

Como forma de **promover a motivação escolar** dos alunos, as técnicas da Escola já aplicaram diversas estratégias aquando do trabalho com alunos, nomeadamente na consciencialização dos alunos acerca das repercussões da sua postura atual no seu futuro profissional.

A **desmotivação** advém, de acordo com a narrativa, de determinados vícios previamente adquiridos, da isenção de regras por parte dos Encarregados de Educação, e conseqüentemente, do alheamento dos pais no percurso escolar dos filhos. Foi referido que na Escola, as técnicas e estagiárias de Serviço Social do IPCB trabalham com os pais, de forma a consciencializá-los das problemáticas inerentes aos filhos e da necessidade de falarem com os mesmos e qual a forma como devem agir, no que respeita á imposição de regras, sanções ou recompensas. O **trabalho com os pais**

decorre da dificuldade que os pais apresentam na forma como atuam em relação aos filhos.

A técnica considera que o **acompanhamento parental** exerce uma influência positiva no percurso escolar dos alunos. No entanto, tendo em conta a realidade do contexto escolar do Agrupamento, é notório o alheamento total da família, espelhado pela ausência de qualquer tipo de acompanhamento por parte dos pais. A ausência de acompanhamento parental a nível escolar, não surge apenas e só no presente, uma vez que é uma consequência que vem detrás, porque os pais desde cedo descuraram desta função.

A Assistente Social reforça a importância e necessidade do acompanhamento parental nesta que é a fase mais crucial do desenvolvimento do ser humano, a adolescência. O **acompanhamento individualizado** é avaliado como uma metodologia de intervenção pertinente e essencial no trabalho com alunos. A Assistente Social refere que só desta forma é possível trabalhar profunda e detalhadamente, obtendo dados sobre os sujeitos, uma vez que a Política de Proteção de dados impede esse conhecimento.

Por fim, no que respeita à **intervenção realizada com os alunos**, a técnica assume que o trabalho foi bem conseguido, mediante a nossa perspetiva prévia sobre a realidade escolar daquele contexto. Considerou também, que mediante o nosso trabalho nos seria possível conseguir alcançar resultados profundos e concretos. A Assistente Social afirmou *“És responsável, tens uma boa relação com pais, tens boa relação com os alunos, consegues manter com um aluno a distância entre uma profissional e um aluno (...) portanto acho que estás no caminho correto”*, pelo que é possível afirmar que a avaliação do nosso trabalho é positiva.

1.5 Entrevistas realizadas às Psicólogas

Neste ponto apresentamos a análise das entrevistas realizadas às Psicólogas da Escola em Estudo.

Categorias	Subcategorias	Excertos da Entrevista	
		Psicóloga 1	Psicóloga 2
Perfil dos alunos da Escola	Qual a importância que os alunos atribuem à escola	<p>E1- “Pouca. Muito pouca”</p> <p>E2- “No universo dos nossos alunos se calhar (...) menos de metade dão importância devida à escola”</p> <p>E3- “a escola hoje em dia está um bocadinho (...) desadequada aos nossos jovens atuais”</p>	<p>E1- “Depende dos alunos e da tipologia dos cursos”</p> <p>E2- “A nível geral sim, há muitos que dão valor à escola e que reconhecem a importância da escola, mas também tens uma percentagem ainda relativamente considerável de alguns que não dão”</p>
	Responsabilidade e o empenho dos alunos	<p>E4- “Alguns sim”</p>	<p>E1- “Mais ou menos”</p> <p>E2- “Existem os dois extremos da escala, porque se nós formos olhar para a escola como um todo, a escola no global tem aquilo que é médio, que são aqueles que são mais</p>

			<p>ou menos empenhados, preocupam-se, dentro daquilo que é a norma”</p> <p>E2- “E depois tens os extremos: tens uns que são híper preocupados, híper trabalhadores e híper estudiosos e tens o outro extremo daqueles que não querem mesmo saber da Escola”</p> <p>E3- “Dentro destes extremos (...) acho que se encontram os que efetivamente não estão minimamente empenhados, não estão minimamente ligados até à escola e que estão lá sem reconhecer absolutamente valor nenhum naquilo”</p>
<p>Percorso escolar dos alunos de turmas CEF</p>	<p>Causas associadas ao insucesso escolar dos alunos de turmas CEF</p>	<p>E1- “Penso que a principal (...) tem a ver um bocadinho com percurso escolar até este momento”</p> <p>E2- “são jovens com algumas dificuldades, para não dizer com muitas dificuldades e acabam por estar num sistema que têm de fazer a escolaridade do 1º ano até ao 6º ano tal e qual como os restantes alunos”</p> <p>E3- “Um jovem quando entra para a primária e depara-se com estas dificuldades começa a sentir uma baixa autoestima (...) e (...) ele próprio vai se desvalorizando a nível escolar e vai perdendo o interesse pela escola”</p> <p>E4- “Outra delas também, infelizmente tem a ver (...) com as dinâmicas familiares: as dinâmicas familiares complicadas, algumas famílias completamente desestruturadas”</p> <p>E5- “os próprios pais muitas vezes não conseguem dar a estrutura que estes jovens precisam”</p> <p>E6- “são jovens que acabam por recorrer (...) aos amigos, são bastante influenciados (...) e acabam por se afastar do contexto familiar e ao</p>	<p>E1- “aqui encontram-se muitos alunos que vêm destes tais extremos”</p> <p>E2- “na maior parte das vezes, na criação de turmas, como (...) os CEF (...) o que se faz é tentar responder a um determinado perfil de alunos, que são alunos que à partida (...) não estão motivados, que não gostam da escola, ou pelo menos não da escola num modelo mais tradicional, mais teórico e aulas expositivas”</p> <p>E3- “à partida sabes que quem vai para os cursos CEF já tem um historial de retenções, desmotivação ou desinteresse em relação à escola ou absentismo elevado e alguns têm tudo isto junto”</p> <p>E4- “Portanto, (...) nestas turmas efetivamente os fatores que contribuem para o insucesso têm a ver (...) com aquilo que já é um percurso que o aluno leva para o curso, (...) marcado pelo insucesso ou pela desmotivação e, as vezes até, as duas coisas em conjunto”</p>

		mesmo tempo também do contexto escolar”	
Absentismo Escolar	Motivos/causas da frequência das faltas injustificadas	E1- “Os alunos faltam porque não atribuem a importância devida à escola”	E1- “na maior parte das vezes os alunos têm muitas faltas porque não vêm grande utilidade ou não vêm grande vontade na frequência das aulas”
	Influência da relação entre pares e as faltas injustificadas	E1- “Isso não tenho qualquer dúvida” E2- “quando eles faltam a gente percebe que não é só um, são 2, 3, 4 naquela turma”	E1- “Pode e influencia na maior parte das vezes” E2- “Genericamente, os alunos que faltam às aulas injustificadamente, não faltam às aulas para estar sozinhos, normalmente estas faltas são feitas em grupo” E3- “Pode não ser um grupo que seja da turma, mas há muito o efeito de grupo, ou vamos todos ou não vamos todos” E4- “não vamos todos porque vamos fazer outra coisa qualquer, e outra coisa qualquer até pode ser tão pouco significativa como estar no café a beber café e ficar lá, o que não tem grande interesse em termos de atividade prática” E5- “às vezes, esta influência pode funcionar pela negativa, mas às vezes também funciona pela positiva” E6- “até há muitos (...) que têm faltas injustificadas e que se calhar tu tens listados como alunos que têm elevados índices de absentismo, que se for preciso tu vês às 8h30 na rua da escola (...) portanto, eles vão à escola e vão ter com colegas, aquilo pode funcionar às vezes como ponto de encontro e não vão às aulas”
	Relação de pares como ferramenta de abolição das faltas injustificadas		E1- “Havendo um par que seja uma influência positiva no sentido de ir às aulas e que seja alguém com quem tu te relacionas também se pode trabalhar, por exemplo a questão das faltas injustificadas por este lado” E2- “E em vez de teres só os professores ou outros técnicos a trabalhar com os alunos no

			sentido de reduzir o absentismo, teres alguém que é mais próximo deles porque é um par, não é? Da mesma idade, é um aluno como ele, mas que trabalha isto de outra maneira, pela proximidade”
	Estratégias de combate às faltas injustificadas	<p>E1- “Acho que teríamos mesmo de mudar aqui um bocado o nosso sistema de ensino”</p> <p>E2- “no fundo estes jovens mesmo que tenham uma componente muito mais prática continuam a ter uma carga horária imensa”</p> <p>E3- “muitas das vezes entram às 8h30 e saem as 18h30 e para eles é saturante estar tantas horas na sala”</p> <p>E4- “se conseguíssemos dilatar aqui a carga horária deles seria excelente”</p>	<p>E1- “uma das estratégias que resulta melhor, no sentido de combater as faltas injustificadas passa muito por trabalhar a motivação deles em contexto de escola”</p> <p>E2- “utilizando várias estratégias, não só no sentido de trabalhar um a um, mas por exemplo, a própria maneira como os cursos estão organizados”</p> <p>E3- “o tipo de atividades que às vezes propõem, o facto de serem cursos que já são mais práticos por natureza, mas que muitas vezes até lhes permitem fazer trabalhos de projeto ou numa determinada disciplina prática em vez de terem as aulas sempre na escola, por exemplo, aulas que são de oficina, em vez de estarem na oficina da escola vais a uma oficina qualquer visitar um dia e fazes um trabalho lá”</p> <p>E4- “Este lado mais prático e de maior ligação daquilo que é a escola, a realidade de sala de aula e ir às aulas diariamente (...) relacionar este lado com o lado de utilidade ou “<i>para que é que a escola me pode servir?</i>” ou “<i>em que é que a escola me pode ajudar?</i>”, acho que se calhar é aquilo que é o caminho mais funcional e mais eficaz no sentido de levar a que a generalidade dos alunos não tenha tantas faltas”</p> <p>E5- “é evidente que isto não resulta a 100% com todos eles, não é?”</p> <p>E6- “em termos teóricos se calhar é funcional (...) e em termos práticos há alunos que efetivamente não tem uma redução tão significativa em relação às faltas”</p> <p>E7- “muitas vezes também há muitos que as faltas não estão</p>

			<p>relacionadas só com o não gostar da escola ou com o não ver grande valor pessoal ou valor para mim enquanto pessoa na escola, mas tem a ver com outro tipo de interesses, (...) que os alunos têm paralelamente à escola”</p> <p>E8- “E, portanto, esses interesses (...) ou esses afazeres acabam por ter prioridade relativamente ao ir às aulas, porque ainda por cima é uma coisa que eles não gostam”</p>
Medidas sancionatórias disciplinares	Conceito		<p>E1- “Normalmente a suspensão é efetivamente isso, tu não podes ir nem entrar nas instalações da escola, nem podes assistir às aulas e não podes mesmo lá estar”</p> <p>E2- “Estás suspenso de frequência daquele local, portanto não podes ir para ali”</p>
	Vantagens e/ou desvantagens da suspensão dos jovens	<p>E1- “Eu para ser sincera não concordo muito com uma suspensão”</p> <p>E2- “Para este perfil de alunos até é um favor”</p> <p>E3- “não têm obrigatoriedade de vir à escola, excelente!”</p> <p>E4- “é o que está imposto e nós temos de cumprir as regras, não é?”</p>	<p>E1- “Na minha opinião, e isto é uma opinião pessoal, na maior parte das vezes não altera comportamentos”</p> <p>E2- “até porque muitos destes alunos (...) são alunos que não estão motivados com a frequência escolar”</p>
	Visão dos jovens sobre a medida		<p>E1- “estes dias de suspensão, ainda que seja um castigo e ainda que tenham algum tipo de consequências, nomeadamente em termos de aproveitamento (...) em traços gerais, para estes alunos mais desmotivados, não são castigos que sejam efetivamente sentidos como castigos, muitas vezes são sentidos como uma pausa nos dias que tu tens de ir à escola (...) Isto se tivermos a falar de alunos (...) com estas características mais afastadas daquilo que é o interesse escolar ou do que é o interesse pelos cursos”</p> <p>E2- “Acredito que em alguns casos, por exemplo se esta suspensão os impedir de naqueles dias fazer determinadas atividades das</p>

			<p>que eles gostam mais ou que os bloqueiem em algum tipo de saídas ou participações em projetos que eles gostem mais, aí acredito que tenha um bocadinho mais de peso”</p> <p>E3- “Mas na maior parte dos casos não tem muito, no sentido de eles sentirem que aquilo efetivamente é muito mau e que não vão poder ir à escola naqueles dias”</p>
	Aversão à medida		<p>E1- “Ainda que já tenha acontecido, alunos estarem suspensos e nos dias de suspensão quererem ir às aulas”</p> <p>E2- “Repara, muitas vezes a escola é um local de encontro, não é a escola no sentido de aulas, mas é a escola no sentido de encontrar outras pessoas (...) com os tais amigos que nós falamos há pouco”</p>
	Medidas alternativas à Suspensão	<p>E1- “Mas acho que deveríamos aqui arranjar outras medidas alternativas”</p> <p>E2- “O não vir à escola para mim não é solução”</p> <p>E3- “Eles até podiam estar suspensos, mas se calhar viriam à escola tendo um trabalho extra”</p>	<p>E1- “Em alternativa à suspensão, às vezes, há castigos que passam pelo trabalho comunitário e isso já aconteceu aqui na escola”</p> <p>E2- “Já houve alunos que mediante determinada medida disciplinar, tiveram medidas neste sentido (...) Foram ajudar por exemplo no bar dos professores, ajudar no refeitório, ajudar no bar dos alunos”</p> <p>E3- “As participações disciplinares é uma coisa que é em escalada, portanto há vários níveis de gravidade. A suspensão é o considerado mais grave, portanto, estas coisas dos castigos na escola ou de medidas corretivas vêm numa etapa anterior”</p> <p>E4- “A suspensão é como se fosse uma pena, um castigo mais pesado do que os outros, mas isso já aconteceu também”</p>
Acompanhamento Parental no Percurso	Frequência com que os Encarregados de Educação vêm à Escola	<p>E1- “Para mim vêm muito pouca”</p> <p>E2- “só mesmo quando solicitados e às vezes pressionados”</p> <p>E3- “se nós não fizermos pressão, eles não virão”</p> <p>E4- “não há o valorizar da escola em casa, isso também</p>	<p>E1- “Em termos gerais, se calhar a maioria efetivamente é presente e vai à escola e muitas vezes de forma autónoma, vai quando os diretores de turma chamam”</p> <p>E2- “mesmo assim nas turmas CEF acho que a maioria dos</p>

Educativo dos Jovens		me parece que não existe muito”	<p>encarregados de educação é presente e até vai”</p> <p>E3- “Se calhar os alunos que têm mais necessidade que os encarregados de educação estejam presentes, isso não acontece”</p> <p>E4- “da experiência de trabalho que eu tenho das reuniões (...) de final de período, os encarregados de educação de uma maneira geral até são presentes e preocupados”</p> <p>E5- “haver aqueles pais que vão às reuniões todas, todas mas todas mesmo e isto acontece nos cursos todos, nos anos todos e depois tens aqueles pais que talvez nunca lá tenham ido, e portanto vão fazendo um bocadinho o acompanhamento à distancia ou não fazem sequer”</p> <p>E6- “também existem (...) pensando nestes cursos especificamente, existem aqueles pais que mesmo em contexto escola dizem que não sabem muito bem o que devem fazer aos filhos ou de que forma os devem orientar/direcionar”</p> <p>E7- “nestas faixas etárias, há um distanciamento maior dos encarregados de educação em relação à escola do que se assiste em faixas etárias mais baixas”</p> <p>E8- “com o passar dos anos, no curso, acredito que esta proximidade e esta frequência nas idas à escola tenda a reduzir”</p>
	Exemplos concretos		<p>E1- “Repara, quando tu falas em encarregados de educação de alunos que dão imensos problemas e se pensares nos alunos que estão a fazer tarefas na escola, os pais são muito presentes e interessados”</p> <p>E2- “Por exemplo, nos vocacionais acontecia os alunos que, entretanto, estavam perto de atingir a maioria ou atingiam, os pais já entram naquela onda de <i>“eles é que fazem, eles é que</i></p>

			<p><i>assinam”, portanto, nem sequer lá iam”</i></p> <p>E3- “na turma do OSTA se tu perguntares, eu acredito que haja muitos que não vão, mas se calhar a maioria até foi à reunião com a diretora de turma. Uma turma de primeiro ano, é uma turma em que “os pais são novos”, o curso é novo, os alunos estão pela primeira vez naquele sítio”</p> <p>E4- “quando tu vais para um curso CEF, muitos alunos chegam-nos ali à escola de outras escolas. Não sabem que curso é, os pais antes de eles entrarem para o CEF, por exemplo, têm sempre de ir lá com eles fazer a matrícula. Fazer a entrevista e, portanto, logo no início, eles são como que obrigados a ir à escola, numa primeira fase. E por isso, este contacto no início com os encarregados de educação é relativamente fácil, no sentido que acontece”</p> <p>E5- “Se calhar muitos pais até vão à escola, mas se calhar nas turmas de eletricidade de segundo ano não tanto porque eu acho que os pais aí já estão um bocadinho mais “descansados” digamos assim”</p> <p>E6- “Uma turma de 2 ano já é a continuidade, portanto, os pais e os alunos já têm muito mais noção de como aquilo é e se calhar há uma maior facilidade (...) os pais não vão tanto às reuniões do que no primeiro ano”</p>
	<p>Frequência e regularidade do acompanhamento dos pais no percurso escolar dos filhos</p>	<p>E1- “Não penso que não”</p> <p>E2- “A única coisa que muitas vezes eu sinto, isto falando nestas turmas específicas de CEF é que os pais não querem que eles deem problemas”</p> <p>E3- “Acompanhamento acho que quase nenhum”</p>	<p>E1 - “No CEF, genericamente, se calhar não”</p> <p>E2- “Não é o ideal, nem é o que deveria ser. Nem no CEF, nem em muitos outros. Às vezes até nem em níveis de educação mais baixos como o primeiro ciclo”</p> <p>E3- “Há muitos alunos que tu tens referenciados como alunos que têm necessidades de reforçar uma competência a nível de leitura ou de escrita, que esta indicação é dada para casa e por uma questão de tempo ou por uma questão de</p>

			disponibilidade ou às vezes até das pessoas não terem facilidade (...) de trabalhar aquilo, não conseguem ter esse acompanhamento ou fazer esse acompanhamento como seria desejado”
	Influência do acompanhamento parental no percurso educativo dos jovens	<p>E1- “Eu acho que sim, bastante”</p> <p>E2- “É um dos principais pilares (...) destes jovens”</p> <p>E3- “não há dúvida nenhuma que se houver esse acompanhamento as coisas conseguem ser trabalhadas de uma forma diferente do que quando não existe”</p>	<p>E1- “Claro que sim.</p> <p>E2- “Em qualquer atividade, se tu tiveres orientação, esta atividade é desenvolvida de uma forma mais cimentada e o caminho é mais fluido do que se a atividade não for orientada e isto é válido para aquela questão da educação da escola para os resultados escolares, é válido para a prática de um desporto que se veja com orientação ou sem (...) é válido para tudo”</p> <p>E3- “se tu vais à escola durante x horas num dia e chegas a casa e tens alguém que acompanha aquilo que tu fizeste, que se preocupa em perceber, não só em termos académicos mas em termos relacionais, em termos da forma como tu te dás com a turma, com a forma como estás na escola, que acompanha aquilo que é o teu percurso diário, na vida e na escola, naturalmente que isto tem muito mais fatores de sucesso do que fatores que potenciam o insucesso”</p> <p>E4- “É uma coisa tão simples como isto, logo na entrada no primeiro ciclo tens 2 alunos que entram para a mesma turma, têm o mesmo professor, estão na mesma escola: um aluno chega a casa e o pai incentiva, vê aquilo que ele já aprendeu, reforça as coisas que ele já sabe, dá-lhe uma valorização no sentido de para que é que esta aprendizagem ou porque é que isto da escola me poderá vir a servir no futuro, portanto dá-lhe ali um objetivo para aquela função para que a tarefa que o aluno tem. E nessa mesma turma tens outro aluno que chega a casa, ninguém pergunta sobre o que ele fez na escola, ninguém vê se tem trabalhos</p>

			<p>para fazer ou não, ninguém lhe oferece um livro, ninguém estimula a leitura, ninguém tem nenhum tipo de discussão sobre a matéria sobre a escola, sobre nada”</p> <p>E5- “Só isto, faz com que o aluno tenha uma predisposição para aprender e o interesse completamente diferente do outro, isto fora aquilo que são as características individuais de cada um e os contextos socioeconómicos”</p>
	Reforço e estímulo por parte dos pais		<p>E1- “qualquer atividade que nós fazemos, escolar ou não, se esta atividade tem um reforço por parte do outro habitualmente tende a repetir-se e tende a manter-se. Quando esta atividade não é reforçada, nem tanto”</p>
	Aprendizagem por imitação de modelos		<p>E1- “Além da questão do reforço, ainda podes ter noção daquilo que é a nossa aprendizagem por imitação dos modelos”</p> <p>E2- “Se eu vejo modelos em casa que incentivam o estudo e que até leem jornais e têm revistas, e eles próprios têm atividades relacionadas com a escola, eu criança, tendo a seguir os modelos que eu tenho”</p> <p>E3- “Se os modelos que eu tenho não têm nenhum tipo de reforço de incentivo ou valorização pela realidade escolar, eu criança, também não vou ter”</p>
Intervenção Realizada	Intervenção realizada com os alunos	<p>E1- “Eu acho que esse trabalho é muito interessante”</p> <p>E2- “devia de ser estendido (...) a todos os jovens que tinham essa necessidade”</p> <p>E3- “chamaria isso de quase uma tutoria”</p> <p>E4- “onde nós acabamos por fazer aquele papel que os pais não fazem”</p> <p>E5- “acho que isso é extremamente importante”</p>	<p>E1- “Existem alguns tipos de trabalho ou de metodologias de apoio em vigor nas escolas agora, que até passa (...) por os alunos terem uma espécie de tutor, alguém que os orienta e que vai acompanhando com eles as coisas do dia-a-dia, as atividades, o cumprimento de responsabilidades ou não, estabelecimento de objetivos, etapas para chegar a estes objetivos”</p> <p>E2- “Portanto, da maneira que eu o encaro, acho que este trabalho que é feito mais numa ótica de acompanhamento</p>

			individual possibilita este lado assim de quase diria tutoria ou mentoria, no sentido de fazer uma intervenção mais próxima deles e de conseguir trabalhar por um lado, aspetos que em contexto turma ou em contexto de grupo não se trabalha, porque a relação é diferente e o nível de confiança que eles têm com o técnico também é diferente e por outro lado (...) daquilo que é a imitação de modelos, também permite trabalhar aqui nesta perspectiva, não só na ótica de orientar a atuação do outro, mas se calhar o próprio técnico funcionar como um modelo em formas de reagir em determinadas circunstancias, postura a ter em determinados sítios, formas de fazer as coisas”
	Importância do acompanhamento individualizado no trabalho com alunos	E1- “Acho que é essencial”	E1- “Eu acho que é benéfico, pelas razões que expus anteriormente” E2- “É benéfico porque se é um trabalho mais próximo, é individual (...) onde o aluno tem um espaço de certa forma seguro no sentido em que o aluno tem ali, espaço e tempo, alguém disponível para ele e que pode trabalhar com ele coisas que ele eventualmente possa não querer trabalhar em contexto escolar” E3- “Portanto, eu acho que sim, que é benéfico”

Tal como mencionado na análise das entrevistas das Diretoras de Turma, também ao longo da análise das entrevistas das Psicólogas existem unidades de contexto em branco numa das entrevistadas porque no decorrer da entrevista uma delas falou sobre outras questões e consideramos pertinente colocar essa informação.

No que respeita à **importância que os alunos atribuem à Escola**, a Psicóloga 2 afirma que é algo que depende do tipo de alunos e da tipologia dos cursos que integram. No entanto considera que, de um modo geral, os alunos dão valor à Escola e reconhecem a sua importância, não descurando uma percentagem ainda relativamente considerável de alguns que não dão. A Psicóloga 1 refere que no universo dos alunos da Escola, menos de metade dão a importância devida à Escola, por considerar que a Escola não está adaptada aos jovens atuais.

Na sub-categoria da **responsabilidade e empenho dos alunos**, a Psicóloga 1 assume que alguns alunos apresentam uma postura responsável. Já na perspectiva da Psicóloga 2, existem três grupos de caracterização dos alunos nesta categoria: aqueles que são mais ou menos empenhados, que se preocupam dentro daquilo que é a norma, aqueles que são *“híper preocupados, híper trabalhadores e híper estudiosos”* e, por último, aqueles que não reconhecem valor à Escola.

De acordo com as narrativas, o **insucesso escolar relativamente às turmas de CEF**, advém de um historial académico marcado por retenções, absentismo escolar, níveis de desmotivação e desinteresse acentuados, alicerçados na desvalorização da educação. A Psicóloga 1 alude, ainda, à influência negativa das dinâmicas familiares desestruturadas, pois muitos destes pais não conseguem dar aos filhos uma estrutura adequada, o que contribui para que os jovens recorram aos amigos e, conseqüentemente, se desviem do contexto escolar.

Relativamente ao **absentismo escolar**, as técnicas mencionam como causa principal a ausência de valoração à educação e, conseqüentemente, à Escola. Ambas consideram que a **relação entre pares influencia significativamente o número de faltas injustificadas** dos alunos, sabendo que não faltam às aulas para estar sozinhos, uma vez que normalmente as faltas são feitas em grupo. A Psicóloga 2 enfatiza a influência da relação de pares nas faltas dos alunos mediante dois polos: positiva e negativa. Para além do contributo negativo, este também se pode assumir como uma ferramenta de abominação das faltas injustificadas, na medida em que *“havendo um par que seja uma influência positiva no sentido de ir às aulas”*, o absentismo escolar atenua. Desta forma, importa realçar outras **estratégias de combate às faltas injustificadas** dos alunos identificadas, nomeadamente *“dilatar (...) a carga horária”* e *“trabalhar a motivação deles em contexto de escola”* pelo tipo de atividades propostas, porque apesar dos CEF serem cursos maioritariamente práticos devem propor dinâmicas diferentes.

A Psicóloga 2 menciona que a **suspensão**, pressupõe a não frequência de um determinado local, neste caso concreto, a Escola, onde os alunos não podem entrar nas instalações da Escola, nem assistir às aulas. Ambas as profissionais consideram que a suspensão não se adequa como uma medida punitiva para jovens que não atribuem valor à ida à escola e, conseqüentemente, frequência das aulas, pelo que esta medida se assume como uma medida positiva para os jovens pois afasta-os da realidade de que eles não gostam. É ainda referido que na perspectiva dos alunos a suspensão não é vista como a medida sancionatória mais grave, de forma que a mesma na maior parte dos casos, não pressupõe a alteração de comportamento e/ou atitude por parte dos alunos. Como **medidas alternativas à suspensão**, sobressai a realização de tarefas em contexto escolar, tal como aplicado em resposta a diversas participações disciplinares de alunos.

Sobre qual a **frequência com que os Encarregados de Educação vêm à Escola**, a Psicóloga 1 refere que os pais vêm muito poucas vezes à Escola, apenas quando solicitado, por considerar que não há o valorizar da Escola em casa. Por outro lado, na perspectiva da Psicóloga 2, *“a maioria efetivamente é presente”*, pela experiência de

trabalho que tem é-lhe possível afirmar que *“os encarregados de educação de uma maneira geral até são presentes e preocupados”*. Pensando especificamente nos CEF, refere que alguns pais assumem que não sabem muito bem o que devem fazer ou de que forma os devem orientar/direcionar os filhos. Nestes mesmos cursos, por compreenderem dois anos de escolaridade, é mais provável que no primeiro ano de curso os encarregados de Educação sejam mais presentes do que no segundo ano de curso, não só pelo conhecimento do conceito do curso, como pela mudança de ensino dos filhos, de acordo com a Psicóloga 2. A técnica refere, ainda, que *“nestas faixas etárias, há um distanciamento maior dos encarregados de educação em relação à escola do que se assiste em faixas etárias mais baixas”*.

Quando questionadas sobre se existe um **acompanhamento regular e coeso dos pais no percurso escolar dos filhos**, pensando nos cursos CEF, ambas referiram que não existe acompanhamento por parte dos pais, afirmando que *“não é o ideal, nem é o que deveria ser”*.

Relativamente ao **acompanhamento parental no percurso escolar dos filhos**, é destacada a sua importância e influência significativamente positiva, pelo que se incita a necessidade de efetivar este acompanhamento. Foi referenciado, pela Psicóloga 2, que a predisposição das crianças/jovens para aprender depende muito do estímulo e reforço positivo, como também da aprendizagem por imitação de modelos e/ou dinâmicas familiares.

No que concerne ao **trabalho realizado com os alunos**, o acompanhamento individualizado, é intitulado pelas técnicas de *“tutoria”* ou *“mentoria”*. Na perspetiva das técnicas é um trabalho essencial, não só porque existe a garantia de alguém que orienta os alunos, que *“vai acompanhando as coisas do dia-a-dia, as atividades, o cumprimento de responsabilidades ou não, estabelecimento de objetivos, etapas para chegar a estes objetivos”*, como também pelo facto de nós técnicos preenchermos as lacunas relativamente à ausência do acompanhamento parental.

Por fim, destaca-se a **importância** e benefícios **do acompanhamento individualizado** no que respeita ao trabalho com alunos, por ser um trabalho de cariz individual, onde o aluno tem *“alguém disponível para ele e que pode trabalhar com ele”*, no sentido de *“fazer uma intervenção mais próxima (...) e de conseguir trabalhar (...) aspetos que em contexto turma ou em contexto de grupo não se trabalha”*.

2. Acompanhamento Individual dos Alunos

O trabalho realizado com os alunos teve início no dia 30 de Novembro de 2018, tendo o acompanhamento individualizado sido semanal, pelo que cada aluno usufruiu de 18 sessões de acompanhamento.

Inicialmente, as Diretoras de Turma enquadraram-nos, de forma geral, sobre ao percurso escolar dos alunos, no que respeita ao absentismo escolar (facultaram a listagem das faltas), à recente suspensão (origem e consequências) e ao comportamento em contexto de sala de aula (postura e atitudes).

Posteriormente, contactámos os Encarregados de Educação dos respetivos alunos, com o intuito de marcar uma reunião onde explicássemos, de forma mais clara e objetiva, os objetivos do projeto no qual os filhos seriam inseridos. De notar que o acompanhamento dos alunos teve o aval dos Encarregados de Educação, mediante uma autorização de Estudo de Caso, por escrito (apêndice D), documento que permitiu o início da intervenção.

Os dias das sessões de acompanhamento foram ao encontro da presença da investigadora na Escola em Estudo, sendo que os horários nunca colocaram em causa a assiduidade dos alunos. As Diretora de Turma demonstraram-se disponíveis e colaborantes ao longo da aplicação do projeto mencionado.

Num primeiro contacto, o aluno C. mostrou-se cooperante, tendo um conhecimento prévio da intervenção por parte do Encarregado de Educação. O aluno H., no primeiro contacto, evitou ao máximo olhar nos olhos e pouco ou nada falou, dando respostas muito vagas, pelo que consideramos que absorveu tudo menos aquilo que lhe foi dito, não demonstrando interesse sobre o assunto.

Mediante a nossa avaliação, tendo em conta a valoração dos alunos relativamente à Escola, a falta de interesse pelo curso, a falta de empenho escolar e crescente absentismo escolar, é-nos possível aferir que são alunos caracterizados por um nível acentuado de desmotivação pelo ensino e/ou aprendizagem.

Quando questionados sobre qual a importância que atribuem à escola, os alunos C. e H. afirmam “média” e “nenhuma”, respetivamente. Importa notar que nenhum dos dois alunos apresentam qualquer tipo de método ou hábito de estudo, frisando que não o fazem porque não têm vontade de o fazer. Numa escala de 0 a 10, no que respeita à sua motivação e empenho escolar, ambos identificaram o nível dois, ressaltando a elevada falta de empenho ao nível escolar. Ambos os alunos têm no seu percurso escolar, um historial de duas retenções.

O aluno C. não gosta do curso em que está matriculado, mencionando que é a via mais fácil para ingressar para um curso profissional. No curso, o que mais lhe desagrada é a extensa carga horária. O aluno H. gosta do curso apenas e só por considerar um curso de facilidade maior, no qual, segundo o mesmo, não tem de se esforçar. Na mesma ordem de ideias, os Encarregados de Educação divergem no que toca ao interesse dos filhos pelo curso que frequentam: o pai do aluno C. afirma que o filho se encontra completamente desmotivado pelo curso, por ser a única opção de escolha disponível; a mãe do H. refere que o filho gosta do curso pela facilidade que assume. Desta forma, numa escala de 0 a 10, foi solicitado aos Encarregados de Educação que definissem o nível de motivação e empenho dos filhos relativamente à Escola, pelo que ambos atribuíram o nível três.

O comportamento dos alunos selecionados foi referenciado pelas Diretoras de Turma mediante uma conduta inadequado, ao nível da postura e do comportamento. O aluno H., de acordo com a Diretora de Turma 1, apresenta uma postura de total apatia pela Escola e pelas tarefas que lhe são propostas, no entanto existem aulas em que demonstra ser empenhado. O aluno H. usa sistematicamente o telemóvel, apesar das várias advertências dos professores, sendo considerado como o “*aluno que mais recorre ao telemóvel*”, contudo não é considerado um elemento perturbador. Por sua vez, o aluno C., de acordo com a Diretora de Turma 2, assume uma postura de

“*dissimulado*”, uma vez que os seus atos objetivam a culpa no outro, de forma a que nunca o identifiquem como autor do ato.

Nesta vertente foi necessário trabalhar com os alunos a alteração das suas atitudes, começando por pequenas mudanças ao nível da comunicação com os professores, a interação com colegas de turma, a postura na sala de aula e aprender métodos de estudo e/ou realização de trabalhos, concretamente auxílio na realização e estruturação de um trabalho que resultou na sequência de um PRA (em ambos os alunos).

O aluno H., nas sessões de acompanhamento, demonstrou ser completamente desinteressado pelas atividades propostas pelos professores, pelas avaliações e, até mesmo, pelas datas das avaliações, ao ponto de só saber que tem frequências ou entrega de trabalhos no dia dos mesmos, isto porque quando está presente nas aulas, não ouve o que é dito. Este aluno afirma ter certeza de que conseguirá concluir o curso, mesmo apresentando uma postura onde a ausência de empenho prevalece.

O nível de empenho e motivação do aluno H., numa escala de 0 a 10, foi identificado pelo próprio com um dois, pela Encarregada de Educação com um três e, por fim, pela Diretora de Turma com um cinco, por considerar que “*os dias maus, que ele vem com aquela preguiça, são superiores*” aos dias em que se mostra empenhado. Na perspetiva de um nível de empenho e motivação fracos trabalhámos com o aluno H. no sentido de consciencializá-lo da necessidade de completar o 9º ano de escolaridade, com vista a garantir um futuro profissional, sendo para tal necessário alterar a sua atitude em contexto de sala de aula.

O aluno C. é advertido inúmeras vezes pelos professores pela falta de concentração na realização das tarefas ou por destabilizar os colegas com comentários inoportunos e despropositados. No que respeita ao nível de empenho e motivação escolar deste aluno, o mesmo afirmou estar no nível dois, o pai referenciou o nível três e a Diretora de Turma, um cinco, por considerar que o aluno “*faz o mínimo possível*”. O trabalho realizado com o aluno C. pretendeu a garantia da responsabilidade do sujeito, no sentido em que qualquer que fosse a situação que desse origem, autonomamente se afirmasse como culpado, não descartando a responsabilidade dos seus atos. Outro dos intuitos da intervenção com este aluno prendeu-se na minimização de situações que prejudicassem o ambiente de sala de aula e, conseqüente, processo de aprendizagem dos alunos.

Ao nível da exploração de ocorrências e/ou consciencialização dos alunos para as conseqüências que daí advêm, abordamos a questão da suspensão, de forma individual, em detrimento da agressão a um colega e constante desestabilização do ambiente de sala de aula.

Ambos os alunos foram suspensos, no 1º período, de forma a sancionar o seu comportamento, resultando em três e cinco dias de suspensão. O aluno H. exercia bullying sobre um colega de turma, pelo que foi advertido pelos professores e com a aplicação de faltas disciplinares, no entanto “*não soube aprender (...) com o facto de ter uma primeira participação disciplinar*”, mantendo a mesma postura para com o colega dentro e fora do contexto escolar. O Bullying culminou na agressão física ao colega. A

Diretora de Turma 1 afirmou que *“se nada fosse feito ali, provavelmente teríamos tido uma situação muito grave entre esses dois alunos”*, no entanto a medida só por si, não foi suficiente, porque o aluno H. *“voltou revoltado (...) ainda com mais vontade de agredir o colega”*.

Mais tarde, ao longo das sessões de acompanhamento, o aluno H. tornou-se mais consciente dos seus atos, diferenciando o correto e o errado, para além de assumir que não foi um comportamento adequado e sensato interiorizou que o facto de não se identificar com o colega, não lhe dá o direito de exercer qualquer tipo de violência sobre o outro, considerando que a melhor postura passa por ignorar o colega de turma. O aluno H. tomou consciência das implicações dos seus atos, pelo que alterou a sua postura.

No final do 2º período o aluno H. foi novamente suspenso por conduta imprópria, resultado de uma falta coletiva numa das aulas práticas, onde foram evidenciados comportamentos inadequados ao contexto de sala de aula e, ainda, foi roubado material das oficinas. Averiguámos que o aluno agiu em conformidade com os restantes colegas de turma, o que não desculpa o sucedido, mas enfatiza a influência da relação entre pares no seu comportamento.

A segunda medida sancionatória agravou a situação escolar do aluno H., no sentido em que o número de faltas injustificadas aumentou, estando o aluno, no momento presente com um limite de faltas que lhe eram permitidas dar. Avisámos o aluno das consequências desta nova suspensão, bem como para eventuais faltas injustificadas que pudesse pensar vir a dar, uma vez que se encontra próxima a realização do estágio e consequente conclusão do curso. O aluno ficou alarmado por perceber que a realização do estágio está em risco.

No que respeita ao aluno C., a medida foi aplicada na sequência de três participações alusivas a comportamentos inapropriados e falta de empenho nas tarefas, o que consequentemente compromete o ambiente da aula porque o aluno destabiliza os colegas. A Diretora de Turma 2 afirma que a suspensão foi, sem dúvida, valorizada pelo aluno com algo positivo por ter a hipótese de não ir à escola, pois é algo de que não gosta. A Diretora de Turma 2, no que respeita à alteração de comportamento por parte do aluno C. mediante a medida aplicada, afirma que as mudanças se fizeram sentir tardiamente, quando o aluno se apercebeu que estava próximo do limite de faltas.

Alertámos, desde início, o aluno C. para a aproximação do número de faltas injustificadas e das consequências que daí advêm, fator que consciencializou numa fase inicial. Na maioria das faltas o aluno apresenta justificação por doença, no entanto, as faltas apenas são justificadas se apresentar atestado médico ou fatura da farmácia relativa a medicação, sendo este o critério da Diretora de Turma. A necessidade de prova para justificação de faltas decorre do crescente número de faltas dadas pelos alunos e justificadas por doença.

Outro dos temas abordados no decorrer do acompanhamento teve por base as perspetivas de futuro dos alunos, a curto e longo prazo.

A curto prazo, ambos pretendem ingressar num curso de três anos, que lhes dê equivalência ao 12º ano. O aluno C. assume o gosto pelo desporto, nomeadamente o

futebol, pelo que pretende matricular-se num curso profissional de Desporto. Já o aluno C apresenta uma postura igual àquela que demonstrou aquando da escolha deste curso: escolher o curso mais fácil onde não tenha de se esforçar, de acordo com a sua visão. O aluno H. vai matricular-se num curso profissional, onde sabe que não lhe é exigido empenho nas tarefas propostas, pois aquilo que lhe interessa é continuar nesta postura de alheamento total de empenho pelas atividades escolares. Trabalhar com ele de forma a mudar a maneira de pensar relativamente à postura que apresenta na escola, foi uma tarefa complicada, por ser um aluno com uma ideia fixa e difícil de moldar e/ou melhorar.

No que respeita ao futuro, numa perspetiva a longo prazo, é notória a discrepância de objetivos traçados pelos alunos, dado que para o aluno C. prevalece o gosto pelo futebol e a escolha de uma profissão nessa área. Em oposição o aluno H. não apresenta um objetivo ou gosto que prevaleça no que respeita à profissão que pretende exercer no futuro, até porque nunca pensou sobre o assunto, afirmando que *“ficar em casa é sem dúvida uma boa opção”*. Assim sendo, aferimos que nenhum dos cursos que os alunos frequentam se enquadra na profissão que pretendem exercer no futuro, constituindo apenas uma forma mais fácil e eficaz na obtenção do grau de 9º ano de escolaridade.

Na abordagem da problemática que melhor caracteriza ambos os alunos, o absentismo escolar, os alunos fundamentam as faltas injustificadas, na falta de vontade de estarem presentes nas aulas. Este foi o ponto mais difícil de trabalhar com os alunos, dado que por muito que dissessem estar consciencializados das consequências das faltas e/ou que não voltariam a faltar injustificadamente, acabavam por fazê-lo.

Aqui há uma ambivalência naquilo que foi o trabalho realizado com o aluno e as ações que este assume. Não nos é possível “controlar” todo e qualquer passo dos alunos, até porque são sujeitos autónomos com carácter suficiente para assumirem a responsabilidade dos seus atos, pelo que o nosso trabalho está dependente do nível de empenho e predisposição dos sujeitos à mudança.

Contudo, por muito que não consigamos alcançar a 100% as mudanças propostas, porque não nos é possível, valorizamos todos os pequenos ganhos no percurso escolar dos alunos.

Falando concretamente no aluno C., este jogava no Benfica de Castelo Branco, até ao momento em que foi necessário ser intervencionado cirurgicamente ao joelho, pelo que foi obrigado a desistir, fator que influenciou de certa forma o empenho e motivação escolar do aluno. O aluno após ser operado, como deixou de praticar futebol, assumiu para si que não poderia realizar as atividades propostas nas aulas de Educação Física, sendo esta a disciplina em que o aluno ultrapassou o limite de faltas.

Quando se confirmou que tinha excedido o número de faltas injustificadas estipulado por lei, a Diretora de Turma foi obrigada a sinalizar à CPCJ, no dia 17 de Janeiro, sendo a função da escola informar esta Entidade antes dos alunos atingirem metade do número de faltas que podem dar. Desta feita, era para nós técnicas, certo, que na semana seguinte, o aluno faltaria, mais uma vez, à aula de Educação Física, facto que determinaria o chumbo integral do ano.

Dada a falta de atestado médico em como não poderia realizar as atividades, trabalhámos com o aluno com o intuito de o consciencializar de que a não frequência das aulas desta disciplina constituía uma ação prejudicial ao seu aproveitamento escolar. O aluno contrariamente ao esperado, analisou e compreendeu as consequências desta ação, pelo que mostrou alterações ao nível do seu comportamento, alterando a sua conduta e não voltando a dar faltas injustificada.

Correu tudo bem, até ao momento em que o aluno começou a namorar, pois numa manhã decidiu faltar para estar com a referida rapariga, porque de acordo com o aluno, a namorada teria hora livre naquele horário. Nesse dia, no momento em que detetamos a falta de presença do aluno na sala de aula, contactámos de imediato o Encarregado de Educação. A rápida articulação da técnica com os pais contribuiu para que o aluno faltasse apenas a uma aula, pois o pai veio trazer o aluno à Escola de imediato. O aluno foi novamente advertido por ter falhado, mais uma vez, os objetivos definidos, pelo que posteriormente adotou uma conduta exemplar.

Mais uma vez aludimos à necessidade constante de lembrar os alunos das consequências que advêm das suas ações como também, à influência que os sistemas externos à Escola detêm na coerência dos resultados da intervenção realizada com os sujeitos.

No decorrer do acompanhamento, o aluno H. alterou a sua postura, tanto na maneira de se sentar na cadeira como na forma de se expressar. O aluno foi demonstrando o seu à vontade com o trabalho realizado pela técnica, sem ser necessário impor o acompanhamento.

Considera-se que o aluno H, ainda não consegue controlar a sua impulsividade a 100% e é influenciado pelos colegas/amigos, fatores que prejudicam deliberadamente o seu aproveitamento escolar, tendo em conta as participações disciplinares que daí advêm. Exemplos práticos: advertência a chamadas de atenção do professor em tom de voz grosseiro, mencionar palavras obscenas, brincar com o isqueiro em contexto de sala de aula, atuar em conformidade com colegas que estão a atuar de forma errada.

Percebe-se, portanto, que ambos os alunos têm dificuldade em manter uma postura adequada em contexto escolar, numa lógica de continuidade, uma vez que existem fatores externos que conferem uma “recaída” naquilo que é uma evolução positiva, por muito pequena e fugaz que seja.

De forma a fazer valer mais um resultado positivo no que respeita ao incentivo ao estudo e melhoria de comportamentos em contexto de sala de aulas, é de ressaltar que: o aluno C., passou de duas negativas no final do primeiro período para apenas uma no final do segundo período, já o aluno H., manteve todas as positivas incluindo níveis 3 e 4. Estes pequenos ganhos promovem, sem dúvida, a melhoria do percurso escolar e, conseqüentemente, o sucesso escolar dos alunos.

3. Atividade com as Turmas

A atividade 3 (apresentada em apêndice C) foi realizada às turmas de CEF de OSTA e CEF de Eletricidade, no dia 5 de Abril, em horários diferentes, de forma a ocupar a disciplina lecionada pela professora responsável pela turma. Na sala estiveram presentes, ainda, três estagiárias de Serviço Social da Escola Superior de Educação do IPCB, uma a realizar Estágio de Observação e duas a realizar Estágio Pré-profissional, nesta mesma Escola. A sua presença teve como intuito a observação do comportamento dos jovens e, conseqüentemente, a elaboração de notas de campo sobre a sua participação nas atividades.

A atividade foi, essencialmente prática, propondo a realização de 6 dinâmicas de grupo aos alunos, aludindo à exposição da sua perspetiva sobre o seu percurso escolar, sendo a sua perceção fundamental na discussão realizada.

Foi um espaço promotor de conhecimento e de participação ativa dos jovens na defesa dos seus princípios, ideias e valores, elementos base na fundamentação realizada sobre a temática em causa. Foram, ainda, retiradas dúvidas, se necessário, o que permitirá aos jovens ter um conhecimento mais informado e esclarecido sobre o tema abordado.

Os jovens tiveram o poder da palavra em todas as atividades propostas para debate, de forma a expressarem o seu ponto de vista e partilharem conhecimento entre si. É, portanto, um momento e/ou meio para os jovens estabelecerem relações e exprimirem sentimentos e/ou emoções.

No que respeita ao comportamento das turmas, é importante realçar que o papel/postura do Diretor de Turma influencia o comportamento dos elementos da turma. Contrapondo uma turma à outra, é possível afirmar que o CEF de OSTA demonstrou empenho nas atividades, sem que fosse necessário chamar a atenção dos alunos, de forma contínua. A Diretora de Turma do CEF de OSTA afirma uma postura de respeito, pelo que os alunos participaram ativamente nas atividades.

O CEF de Eletricidade demonstrou ser uma turma muito menos empenhada e difícil de cativar a atenção. Por muitas vezes, foi necessário repreender alunos, pelo uso continuado do telemóvel, pela constante interrupção de um aluno (com NEE, que se encontrava sob o efeito de substâncias), pela não participação de dois alunos nas atividades (um deles chegou quase no fim da aula e deu uso ao telemóvel até ao fim, o outro por nos parecer que para além da falta de vontade, não se encontra integrado na turma). Os restantes alunos da turma participaram nas atividades, apesar de pontualmente ser necessário chamar a atenção pela conversa entre pares (foi pedido a alguns alunos que mudassem de lugar de forma a evitar conversas paralelas). Nesta turma, em momento algum a Diretora de Turma deu uso da palavra, pelo que consideramos ter sido mais complicado gerir o trabalho com a turma.

No entanto, independentemente do comportamento das turmas, foi possível aplicar todas as atividades propostas.

De seguida, apresentamos as atividades realizadas, tendo em conta o conceito, objetivos e resultados obtidos. As dinâmicas de grupos foram suportadas por um PowerPoint, de forma a gerir o tempo e dar seguimento às atividades.

✓ **Dinâmica de Apresentação**

A atividade consiste em conhecer os alunos, com o intuito de pensarmos “fora da caixa”, mediante questões que devem aplicar à sua vida.

A título de exemplo, questionamos um aluno – *“Se tu fosses um animal, que animal serias?”* – o aluno respondeu *“um leão, porque sou determinado, tenho garra e sou um líder”*. A outro aluno foi questionado *“Se tu fosses um desporto, que desporto serias?”*, a resposta – *“Escolhia o atletismo, porque corremos para alcançar um objetivo e não desistimos até o alcançar”*. Outra das questões *“Qual a palavra que melhor te define?”*, o aluno afirmou *“Distraído, porque algumas coisas me passam ao lado”*.

Aos alunos foi solicitado que justificassem o porquê da sua escolha e o que transmite na sua vida, no entanto muitos não entenderam o intuito da atividade. As questões assentaram nos seguintes tópicos: um dos elementos da natureza, uma estação do ano, uma mota/carro, uma árvore, um objeto, uma cor, uma mudança, uma viagem de sonho, uma peça de roupa, um lugar.

✓ **Perguntas Semáforos: sim ou não**

Aos alunos foram entregues post-its de cor verde e rosa escuro (correspondente à cor vermelha), os quais nas perguntas que se seguiam correspondiam ao “sim” (verde) e “não” (vermelho) como resposta.

A cada pergunta registou-se o número de respostas correspondentes a cada cor, solicitando-se, ainda, a justificação das respostas.

No CEF de OSTA apenas cinco alunos não **gostam do curso que integram**, no entanto apenas um dos quinze alunos da turma pretende seguir a vertente de estudo como **profissão do futuro**. Esse aluno pretende trabalhar numa ETAR, onde lhe será possível desenvolver e aplicar os conhecimentos lecionados nas disciplinas. As profissões que os restantes alunos da turma pretendem exercer são: Músico/Cantor, Motorista, Cozinheiro, Mecânicos, Fotógrafo; Piloto; Treinador; Oficial da Marinha e Informático. Alguns alunos pretendem exercer a mesma profissão.

Na questão que alude ao **gosto pelo curso** que frequentam, seis dos alunos de CEF de Eletricidade assumem que gostam do curso pela facilidade, por ser uma alternativa que lhes permite alcançar o 9º ano de escolaridade de forma mais rápida. Os restantes sete, apesar de confirmarem as afirmações dos colegas, assumem que deveria existir mais variedade na escolha deste tipo de cursos, que se adaptasse às preferências dos alunos. Isto porque a maioria dos alunos (dez), não pretende dar uso da formação que integram, pelo que têm uma ideia definida sobre a profissão que querem exercer.

Aos alunos foi solicitado que de entre os três sistemas: **Família, Escola e Amigos**, definissem qual consideram ter **maior importância na sua vida**. Nesta atividade parece haver um consenso na definição das prioridades, no CEF de Eletricidade, destacando-se a família como o pilar de todos alunos da turma, à exceção de um aluno.

Por sua vez, na turma do CEF de OSTA, apenas três alunos não referiram a família, pelo que dois alunos identificaram os amigos como o mais importante, primeiro porque a família acaba e, também, porque é com os amigos que passam a maior parte do tempo e ajudam mais que a família. Na perspetiva de outro aluno, todos devem aprender a tratar de si próprios sem depender da ajuda de alguém.

Na **resolução dos problemas**, existe uma prevalência dos alunos em recorrer a amigos e/ou resolverem os problemas sozinhos, em oposição a recorrerem à ajuda dos pais. Apenas 3 alunos da turma de CEF de OSTA indicam que recorrem à família para solucionar determinadas questões, todos os restantes (tanto desta turma como da outra) descartam o papel dos pais nesta temática. Mediante declarações dos alunos do CEF de Eletricidade, pedir ajuda aos pais para resolver um problema, ainda cria mais problemas, referindo que o melhor é os pais não terem conhecimento de certas situações.

✓ **Escala da Motivação e Empenho Escolar**

Mediante todas as questões anteriormente realizadas aos alunos, foi-lhes entregue uma escala de 0 a 10, na qual deveriam fazer um círculo à volta do número que correspondia ao seu nível de motivação e empenho escolar, avaliando e refletindo sobre o seu percurso académico e disposição/postura que apresentam na Escola.

Elaboramos gráficos que permitem uma melhor compreensão sobre a motivação e empenho escolar dos alunos das diferentes turmas:

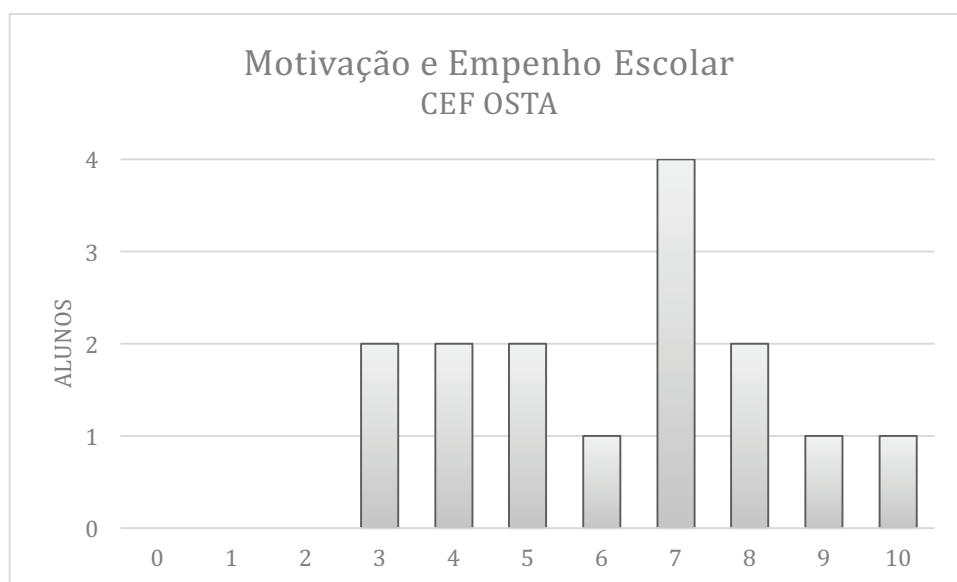


Gráfico 1 - Nível de Motivação e Empenho Escolar dos alunos do CEF de OSTA

No CEF de OSTA, tal como expresso no gráfico 1, os alunos apresentam um nível de motivação e empenho favorável, com maior afluência no nível 7. Tendo em conta os dados elaboramos a média deste indicador, com valor igual a 6,2.

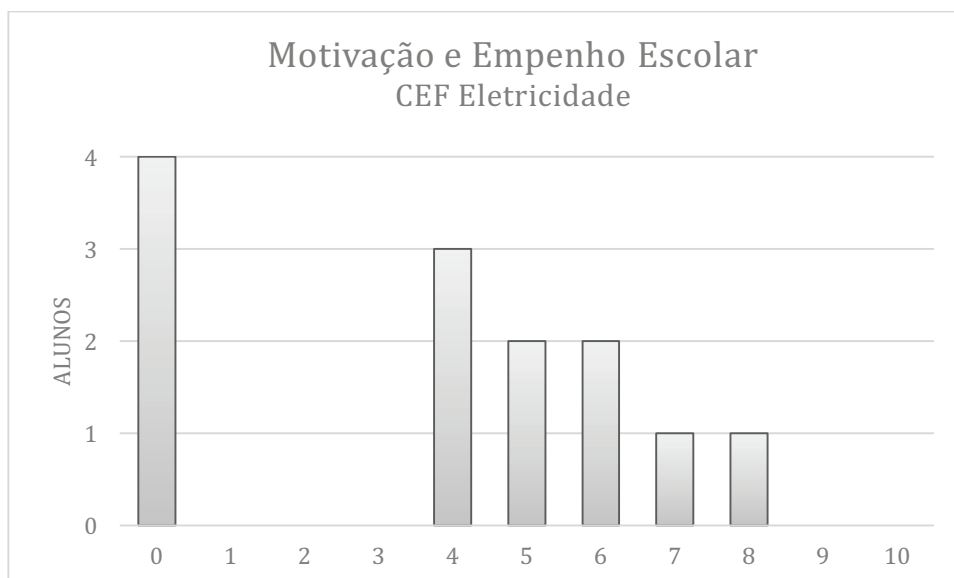


Gráfico 2 - Nível de Motivação e Empenho Escolar dos alunos de CEF de Eletricidade

De acordo com o gráfico 2, o grau de motivação e empenho escolar da turma de CEF de Eletricidade, comparativamente à turma anterior é significativamente mais baixo, com uma média de 3,77.

No que respeita às razões e/ou fatores que abjudicam a pouca motivação e empenho dos jovens, tal como mencionado pelos mesmos na atividade anterior, passa pela advertência à área do curso, pelo que não é algo que pretendam aplicar no futuro.

✓ **Perspetiva de Vida em Desenho**

A atividade exigiu uma retrospeção sobre as três fases da vida: o passado, o presente e o futuro.

Aos alunos foi entregue uma folha em branco, a qual deveriam dividir em quatro, onde devem elaborar 4 desenhos sobre: uma **lembrança de infância**, uma **característica pessoal**, algo relacionado com a **Escola** e, por fim, um **sonho**, conforme a figura 5.

Lembrança de Infância	Característica Pessoal
Algo relacionado com a Escola	Sonho

Figura 5 - Atividade sobre a Perspetiva de Vida em Desenho

À partida os alunos da turma de CEF de Eletricidade consideram que desenhar seria desnecessário, porque segundo os mesmos seria “chato e cansativo”, sendo necessário estimulá-los para a realização da tarefa. Pela interação com os alunos consideramos

que existe uma necessidade constante de estimular a ação dos mesmos, uma vez que após o estímulo os alunos demonstram-se colaborativos e empenhados na realização da atividade. Por outro lado, os alunos do CEF de OSTA revelaram interesse em desenhar.

Nesta atividade, para além do desenho, pretendíamos que os alunos apresentassem os mesmos, com o intuito de dar a conhecer aos outros colegas o seu trabalho e, conseqüentemente, a sua perspetiva de vida sobre as categorias apresentadas. No entanto, o tempo dispensado para cada atividade foi adaptado a cada turma, tendo em conta a sua participação e envolvimento nas mesmas, pelo que só nos foi possível efetuar este suplemento da atividade na turma de CEF de Eletricidade. Nesta turma, todos os alunos, à exceção de um, que não quis realizar a atividade, definiram a categoria que pretendiam apresentar aos colegas da turma, expondo a sua ideia relativamente à mesma (não foi possível realizar a apresentação dos trabalhos na íntegra pela imposição de tempo).

Porquê o desenho? Campos (1976) faz referência a Ricci, por ser pioneiro no uso teste do desenho no trabalho com crianças, em 1887, como instrumento de diagnóstico da personalidade. Consideramos que o desenho constitui uma forma de autoexpressão completa, na medida em que promove o desenvolvimento da capacidade cognitiva, configura a atribuição de significados e desenvolve o autoconceito.

No livro da autora, são evidenciadas as técnicas da interpretação do desenho, pelo que adotamos algumas na análise da atividade realizada, nomeadamente: informações sobre os sujeitos, associação livre e pela interpretação de símbolos comparativa.

A principal vantagem da utilização do desenho no trabalho com crianças passa por ser mais fácil para as crianças expressarem-se através do desenho do que por palavras, a qual é também mencionada por Campos (1976).

Mediante a análise dos desenhos elaborámos duas grelhas que nos indicam aquilo que foi retratado pelos alunos em cada categoria, diferenciado por turma. Contudo, não podemos afirmar com segurança que o sentido do desenho vai exatamente ao encontro da nossa interpretação, por ser algo subjetivo.

Tabela 3 - Atividade sobre a Perspetiva de Vida dos alunos do CEF de OSTA

CEF de OSTA	
Lembrança de Infância	Característica Pessoal
Criança com dúvidas	Smile Endiabrado
Casa com Garagem + Família (4 alunos)	Cozinheiro
Impróprio	Impróprio
Bullying e/ou Violência (2 alunos)	Jogos de Consola e/ou computador (2 alunos)
Jogo do Pião	Música
Jogar Futebol (2 alunos)	Smile Feliz (2 alunos)
Desenhos Animados	Vento
Ida à neve - Boneco de Neve	Volante de um carro
Criança Feliz	Desgosto amoroso
Em branco	Coração forte com um escudo
	Ginásio - musculação
Algo relacionado com a Escola	Sonho
Grades da Escola - Prisão	Viajar pelo mundo
Relação entre pares/amigos	Microfone - ser cantor
Bullying	Serrote - ser carpinteiro
Livros (4 alunos)	Capacete - Ser piloto
Material escolar (3 alunos)	Camião - Ser motorista
Praticar basquetebol	Ferramenta - Ser mecânico
Matrecos	Máquina Fotográfica - Ser fotógrafo
Smile feliz	Campo de Futebol - Ser Treinador de Futebol
Em branco	Viagem de barco
	Nuvens ou Balões de pensamento (3 alunos)
	Ter uma casa ou jipe (2 alunos)
	Corações

As **lembranças da infância** identificadas pelos alunos CEF de OSTA, fazem referência a uma casa e respetiva família (num total de quatro alunos), ao jogo do pião, ao futebol (dois alunos), a desenhos animados, uma ida à neve, uma criança feliz e uma criança com dúvidas. Importa realçar que dois alunos desenharam violência e bullying como lembrança da sua infância, sendo que o bullying foi ainda referenciado na categoria “**algo relacionado com a escola**”.

Sobre uma **característica pessoal**, alguns alunos definiram-se pela atividade que mais gostam de fazer como: jogos de consola e/ou computador, cozinhar, música, ginásio e conduzir. Este último está em consonância com o sonho do aluno, ser piloto de carros, pois o aluno ainda não tem idade permitida por lei para conduzir. Os restantes alunos desenharam o vento, um smile endiabrado, felicidade (smile feliz), um coração forte com um escudo e um desgosto de amor.

Quando confrontados com a categoria que alude a **algo relacionado com a Escola**, muitos alunos desenharam livros e materiais escolares, os amigos, os matrecos, a prática de basquetebol e um smile a rir. O aluno que desenhou as grades da escola mencionou noutra atividade que a Escola não deveria ter grades porque é um ambiente que se assemelha à prisão.

Os **sonhos** destes alunos correspondem, maioritariamente, a objetivos profissionais que pretendem alcançar no futuro, nomeadamente ser cantor, carpinteiro, piloto, motorista, mecânico, fotógrafo e, também, ser treinador de futebol.

No que respeita a viagens, um aluno pretende viajar pelo mundo e outro viajar de barco. Três alunos demonstraram estar indecisos relativamente ao sonho, desenhando nuvens e/ou balões de pensamento. Através do desenho de um dos alunos acreditamos que o aluno pretende encontrar a sua cara metade, conceção realçada pelos corações desenhados. Nesta lógica, dois alunos pretendem ter um jipe e outro uma casa.

O desenho de um dos alunos, nas categorias da lembrança de infância e da característica pessoal foi definido como impróprio para ser definido. Existem ainda categorias em que os alunos não desenharam, pelo que identificamos “em branco”.

Tabela 4 - Atividade sobre a Perspetiva de Vida dos alunos do CEF de Eletricidade

CEF de Eletricidade	
Lembrança de Infância	Característica Pessoal
Música	Smile Dorminhoco
Episódios de quedas com bicicletas (4 alunos)	Bifurcação com mais e menos: <i>“Entre o bem e o mal, escolho sempre os maus caminhos, apesar de saber qual o caminho que devia seguir”</i> ; jovem dentro de um círculos e jovens por fora: <i>“sou bastante introvertido”</i>
Jogos e computador (2 alunos)	Jovem feliz (2 alunos): <i>“Sou uma pessoa feliz”</i>
Jogo da Macaca	MP3: <i>“Gosto de ouvir música”</i>
Criança a dormir	Musculação: <i>“Gosto de ir ginásio e principalmente de musculação”</i>
Peluche	Ponto pequeno ou Bola em branco (2 alunos)
Duas crianças a jogar à bola	Bola de Futebol (2 alunos): <i>“Gosto de Jogar à bola, é uma coisa que me define”</i>
Uma Bola	Fumador
Em Branco (2 alunos)	Cannabis
	Em Branco (2 alunos)
Algo relacionado com a Escola	Sonho
Gabinete do Diretor da Escola + aluno + castigo	Planta: <i>“Quero ser uma planta, porque as plantas não morrem”</i>
Bola em Branco: <i>“Isto quer dizer nada. A Escola a mim não me diz nada”</i>	Campo de Futebol – Ser jogador de Futebol (2 alunos) <i>“Quero ser jogador de futebol”</i>
Melhor amigo: <i>“Desenhei o meu melhor amigo, porque ele é tudo para mim. Na Escola o que mais me importa é a amizade dele”</i>	Construir Família (2 alunos): <i>“Quero ter uma família e vão ter o cabelo grande como eu. Quero ter um Ferrari e também quero paz”</i>
Relação entre pares (2 alunos)	Mota: <i>“Quero ser piloto de motocross”</i>
Avaliações de testes – notas elevadas	Dinheiro (2 alunos): <i>“Quero ser rico e quando conseguir, vou doar o meu dinheiro todo”</i>
Livro (3 alunos)	Trator + pinheiros
Um triângulo	Avião <i>“Quero viajar pelo mundo”</i>
Uma professora	Saltar de Paraquedas
Em Branco	Carro
	Isolamento vs Família

Os alunos do CEF de Eletricidade nas **lembranças da infância** desenharam alguns acidentes de bicicleta, um peluche, uma criança a dormir, o jogo da macaca, jogos e computador, crianças a jogar à bola e a música.

Na **característica pessoal**, os desenhos, à semelhança da outra turma, também foram ao encontro daquilo que os alunos mais gostam de fazer: dormir, ir ao ginásio jogar futebol, ouvir música e fumar, tendo um aluno desenhado a Cannabis. Dois alunos consideram que são felizes. Outro aluno da turma, desenhou uma bifurcação, explicando que quando tem de fazer escolhas, escolhe maioritariamente o caminho errado, no entanto afirma que tem consciência da sua escolha, afirma, ainda, que é uma pessoa introvertida.

Sobre **algo relacionado com a Escola**, os alunos desta turma também evidenciaram a relação entre pares e os livros, como simbologia do contexto. Os alunos desenharam, ainda, uma professora, notas de avaliação de testes elevadas, um triângulo, o gabinete do diretor da Escola e o aluno, onde foi escrito castigo (provavelmente por ser uma constante). Um dos alunos apresentou uma bola em branco por afirmar que *“A Escola não me diz nada”*.

No que respeita ao **sonho**, os alunos pretendem construir família (dois alunos), ganhar dinheiro (dois alunos), ser jogador de futebol (dois alunos), ser piloto de motocross, ter um carro, saltar de paraquedas, viajar pelo mundo, um trator e pinheiros e, ainda, um jovem isolado socialmente e/ou da família. No sonho, o aluno que escolheu “planta” como sonho, foi o aluno H., aluno em estudo, referindo que quer ser uma planta porque as plantas não morrem.

✓ **Aspetos Positivos e Negativos da Escola + Proposta de Mudança**

No que respeita à Escola, os alunos têm sempre algo a dizer, normalmente são críticas, associadas à pouca ou nenhuma valoração que atribuem ao ensino e, conseqüentemente, à Escola. Assim sendo, foi proposto aos alunos que utilizassem os post-its, cedidos na atividade das perguntas, para escrever três aspetos positivos e três aspetos negativos relativamente à Escola.

As turmas aderiram à atividade, uma vez que os aspetos negativos surgiram de imediato. No entanto, apresentaram alguma dificuldade em definir aspetos positivos, talvez porque nunca pensaram sobre o que a Escola tem de bom. Desta forma, a atividade exigiu dos jovens, um momento de reflexão sobre o tema.

Os post-its foram colados, pelos alunos, na parede da sala de aula, de forma a transmitir uma imagem visual sobre os prós e contras da Escola segundo a perspetiva dos mesmos. Os alunos apresentaram a sua perspetiva sobre os aspetos negativos, explicando-os.

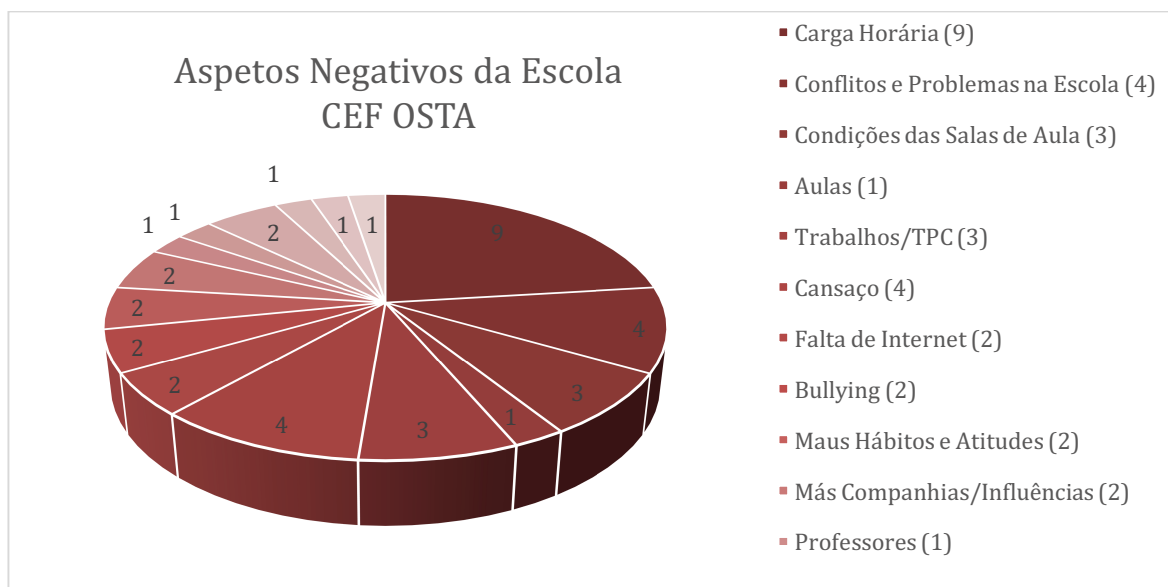


Gráfico 3 - Aspetos Negativos da Escola - CEF OSTA

A maioria dos alunos de CEF de OSTA enfatizam a excessiva **carga horária** que o seu curso integra, referindo que deveriam ser reduzidas as horas de aulas (o número de horas das aulas devia ser reduzido). O curso é referenciado como **cansativo** não só devido a este motivo como ainda acrescentam, a falta de interesse pelos **trabalhos e/ou tarefas** que lhes são solicitados.

No que respeita às **condições das salas de aula**, os alunos consideram que não são adequadas às suas necessidades, pelo que referem ser necessário que a Escola invista na melhoria do material escolar. Dois alunos assumem que as **falhas constantes de Internet** não são também benéficas.

Os alunos desta turma aludem aos **conflitos e problemas** existentes **entre colegas** no contexto escolar, os **maus hábitos e atitudes** e, ainda, as **más influências/companhias** como fatores que prejudicam significativamente o ambiente escolar. Alicerçado a esses fatores surge o **bullying**, conceito sugerido, provavelmente, por alunos que já sofreram ou sofrem deste tipo de violência. Os alunos demonstram estar conscientes da influência dos mesmos no seu percurso educativo.

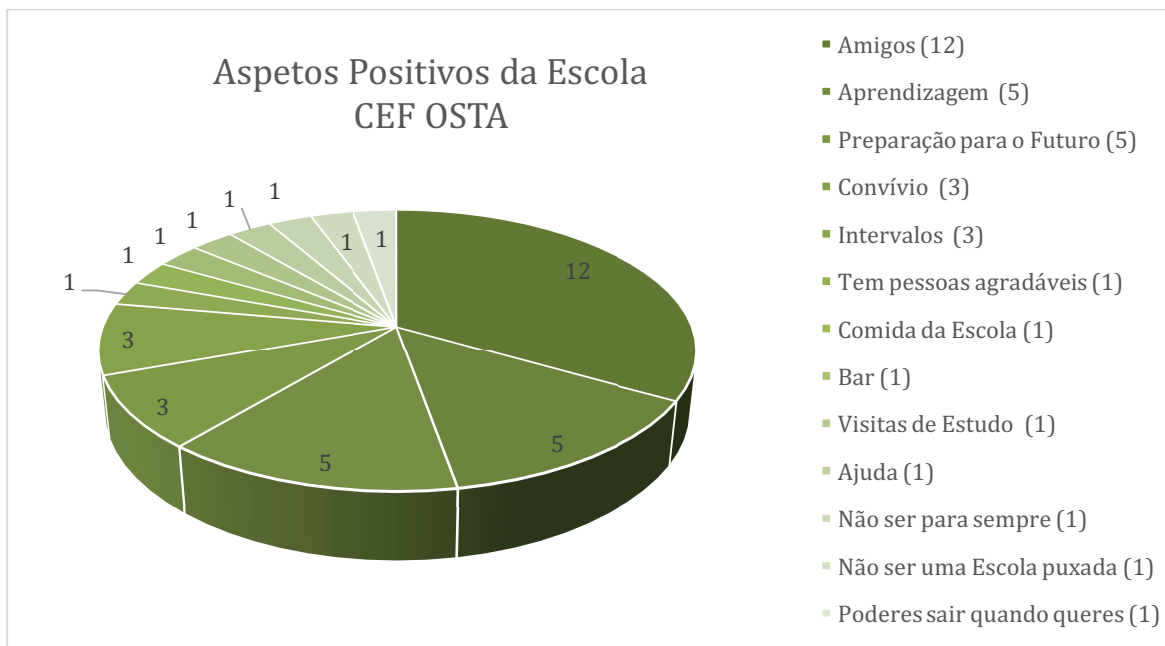


Gráfico 4 - Aspetos Positivos da Escola - CEF OSTA

De acordo com o CEF de OSTA, os aspetos positivos da Escola prevalecem na **relação entre pares**, pelo que valoram significativamente a amizade no contexto escolar, nomeadamente nos intervalos e pelo convívio que estabelecem. Devemos ter em conta que a Escola é, sem dúvida, um contexto privilegiado no que respeita à socialização.

Os alunos estão conscientes da importância da **aprendizagem** como **ferramenta que os prepara para o futuro**, tanto a nível pessoal como profissional. Contudo, surgiram frases que se opõem, porque a escola **“não ser para sempre”** e/ou por **“não ser uma Escola puxada”**, uma vez que frequentam cursos de facilidade maior e com um nível de exigência mínimo.

Outros pontos identificados como positivos passam pelas **visitas de estudo**, pela **comida** da escola, pelo **bar** e por ser uma escola que integra **pessoas agradáveis**, que se dispõem a **ajudar** sempre que necessário.

O aluno que referiu **“poderes sair quando queres”**, refere-se à facilidade com que contornam a ausência de autorização de saídas da escola.

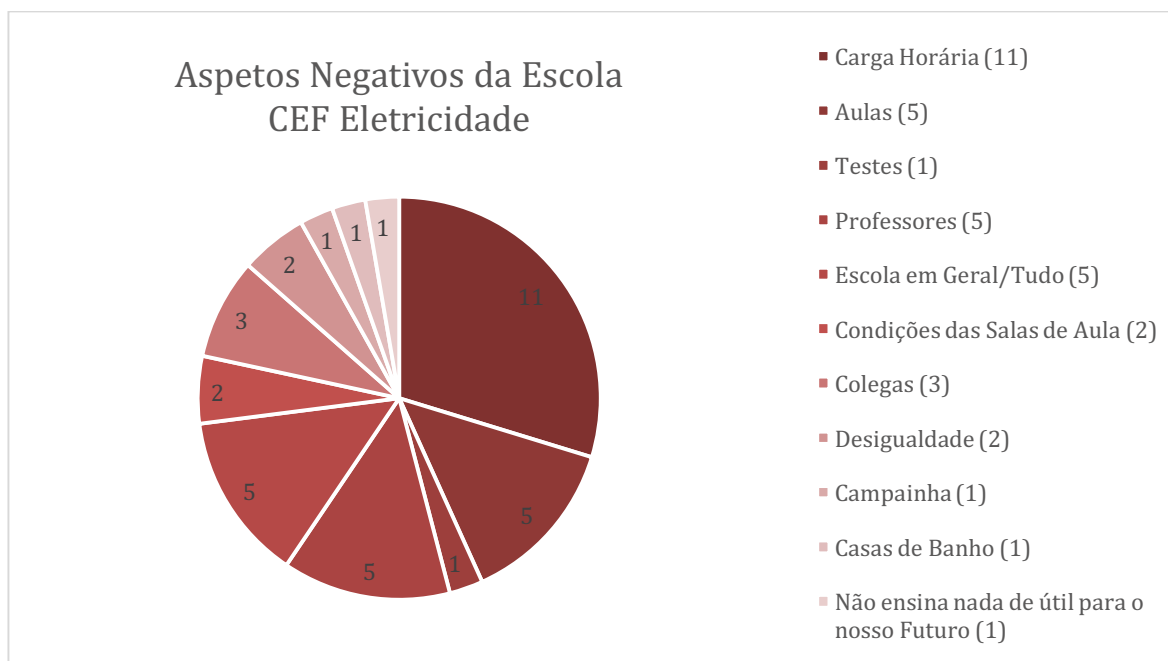


Gráfico 5 - Aspetos Negativos da Escola - CEF Eletricidade

A **carga horária** é uma questão que incomoda grande parte dos alunos do CEF de Eletricidade bem como as **aulas**, à semelhança do CEF de OSTA. Acrescentam, ainda, os **testes**, a **campainha** e alguns **colegas**.

Metade dos alunos da turma consideram que a **Escola**, só por si, traduz um aspeto negativo na sua vida, **desvalorizando a importância da aprendizagem/ensino na sua vida futura**. Mediante a desvalorização da Escola vincada na turma do CEF de Eletricidade, alguns dos alunos do CEF de Eletricidade, afirmaram que a escola para ser ideal não deveria existir.

A turma referiu que existem **desigualdades** na relação entre professores e alunos, pela forma do trato, referindo ainda que se um aluno fizer algo é repreendido, mas se for outro aluno a fazer o mesmo, não lhe é dito nada. Os alunos consideram que certos **professores** são contra determinados alunos.

Tal como indicado pelo CEF de OSTA, esta turma também indica que as **condições das salas de aulas** devem ser alvo de melhoria.

Relativamente à **casa de banho** como um aspeto negativo da Escola, os alunos assumem que a casa de banho dos rapazes se apresenta sempre suja e com mau cheiro.

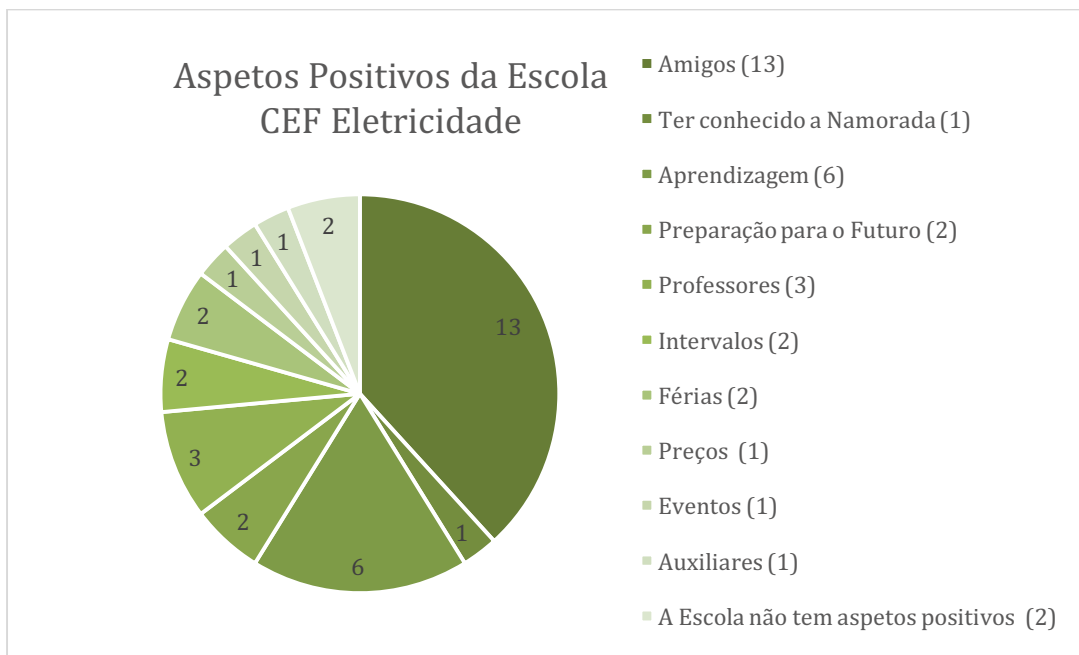


Gráfico 6 - Aspetos Positivos da Escola - CEF Eletricidade

No CEF de Eletricidade, a turma revela que os **amigos** constituem o ponto mais importante e ao qual atribuem maior significado em contexto escolar, acrescentando um aluno o facto de **ter conhecido a namorada**.

É referenciada a importância dos **professores** na **aprendizagem** como ponto de partida para a **preparação do futuro** dos jovens.

Outros aspetos favoráveis da Escola, de acordo com esta turma, são: as **férias**, os **intervalos**, os **preços**, os **eventos** propostos e as **auxiliares**.

Dois alunos assumem que a **escola não tem** quaisquer pontos e/ou **aspetos positivos**, por não considerarem os benefícios da educação na garantia de um futuro profissional adequado e estável.

✓ **Objetivos de Vida – Atividade dos Pés**

Não poderíamos acabar a atividade sem falar de objetivos de vida e a sua importância no nosso percurso de vida e académico.

Numa folha branca, os alunos desenharam o próprio pé e, posteriormente, foi solicitado que escrevessem 2 objetivos que pretendem alcançar. Porquê o pé? Por considerarmos que todos caminhamos com um fim, um objetivo e/ou um sonho que pretendemos concretizar, valorizando-os como nossos e que dependem, apenas e só, de nós.

Elaboramos 2 gráficos que distinguem os objetivos dos alunos das duas turmas, o gráfico 7 e 8:

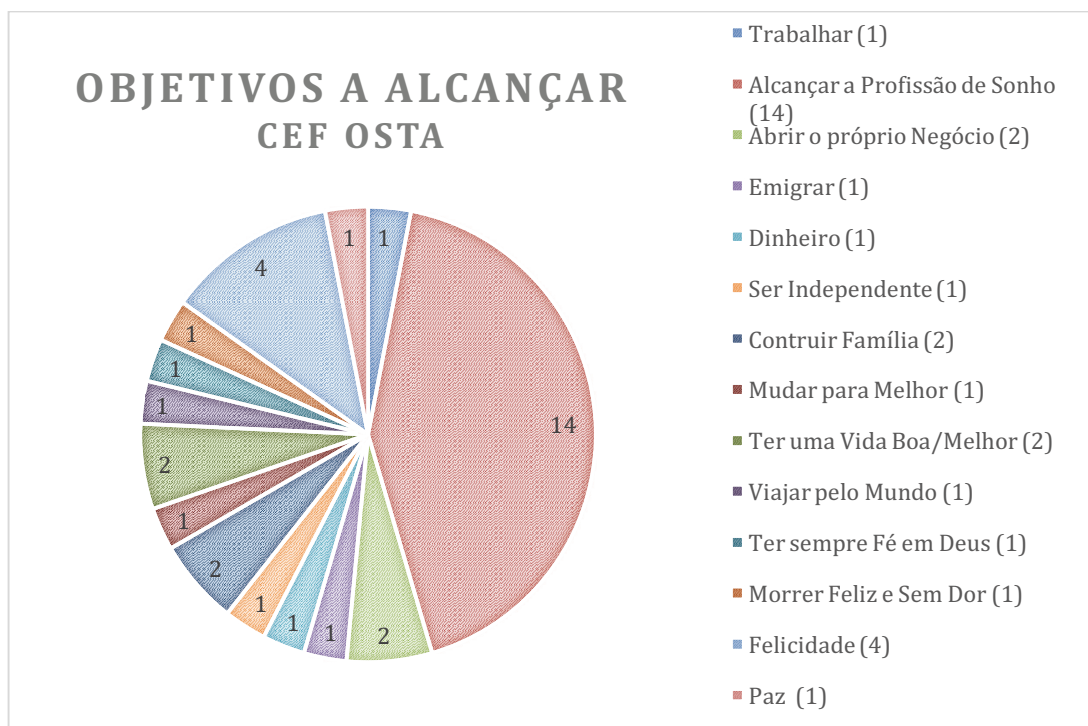


Gráfico 7 - Objetivos a Alcançar dos alunos de CEF OSTA

Distinguimos nos gráficos, a resposta “**trabalhar**”, das respostas que especificavam as **profissões que pretendem exercer**. Na turma de CEF OSTA, as profissões que os alunos indicaram são: piloto, piloto de moto GP, oficial da marinha, treinador da 1^aliga, mecânico, cantor/músico, informático, designer, carpinteiro e fotógrafo. Ressaltam, ainda, dois alunos que pretendem **abrir o seu próprio negócio**: abrir um restaurante e abrir um bar de stand-up comedy e um que pretende **emigrar**. Os alunos desta turma apresentam uma ideia definida sobre o seu futuro profissional e da importância do **dinheiro** na garantia da sua **independência**.

A **construção de família**, a **manutenção da fé em Deus** e a **garantia de uma vida melhor**, são também, referenciados como objetivos que os alunos pretendem alcançar. O desejo da **felicidade** sobressai, tendo um aluno associado a felicidade a outro objetivo, “**morror feliz e sem dor**”.

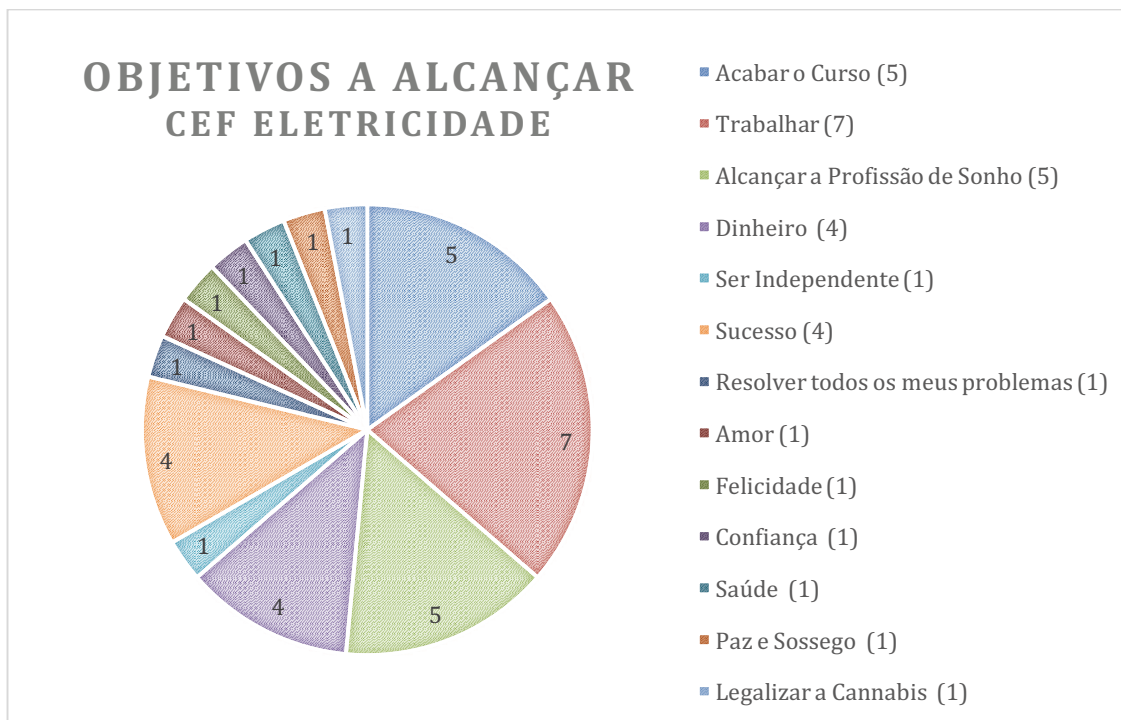


Gráfico 8 - Objetivos a alcançar dos alunos de CEF de Eletricidade

Os alunos do CEF de Eletricidade definiram a **conclusão do curso** como um objetivo a alcançar num futuro próximo, tendo sido referenciado por 4 alunos o **“sucesso”**.

A nível profissional, 7 alunos referiram **“trabalhar”**, enquanto que 2 pretendem ser piloto de motocross, 1 quer ser piloto de carros e outro aluno refere “concretizar o meu sonho”. O **dinheiro** e a **independência** também foram referenciados.

A **resolução de problemas**, o **amor**, a **felicidade**, a **confiança**, a **saúde** e a **paz e sossego**, foram também objetivos escritos pelos alunos.

Um dos alunos assume a sua preferência do consumo de Cannabis, na atividade do desenho relativamente na característica pessoal, aquando da referência em desenho de um isqueiro e da planta de Cannabis. Essa mesma preferência levou o aluno a definir como objetivo de vida, a **legalização da Cannabis**. Nesta turma, é de conhecimento da Diretora de Turma que existem mais alunos associados a consumo de substâncias psicoativas.

✓ **Avaliação da Atividade**

Por fim, foi entregue aos alunos uma escala de avaliação da atividade. A escala é igual à Escala da Motivação e Empenho Escolar, faseada entre 0 e 10.

A maioria dos alunos do CEF de OSTA avaliou a atividade com um número superior a 10 (gráfico 9). Se considerarmos “superior a 10” como um 11 (houve respostas de 11, 20 e de 10000), a avaliação da atividade assume uma média de 8,79.

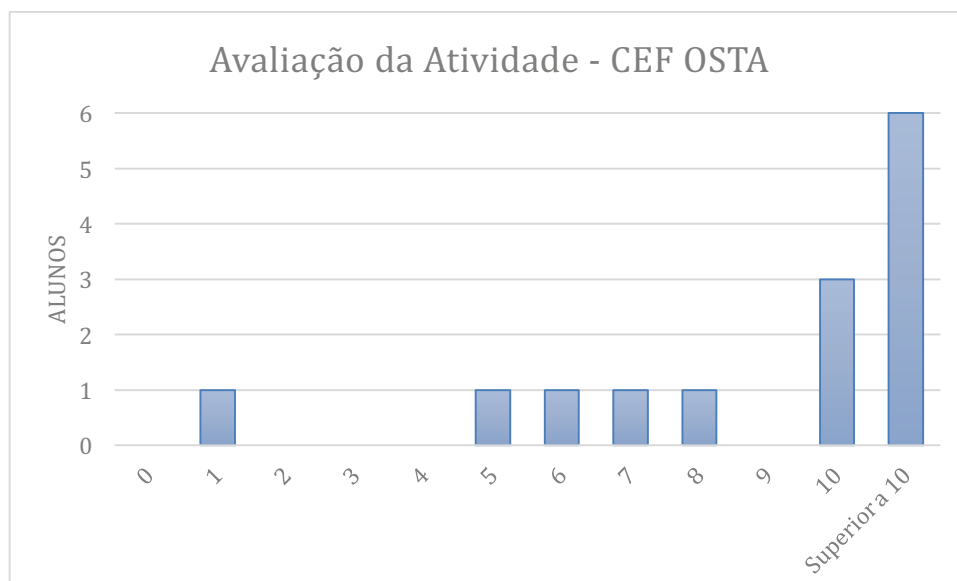


Gráfico 9- Avaliação da Atividade dos alunos de CEF de OSTA

No que respeita à avaliação da turma de CEF de Eletricidade, os alunos na grande maioria avaliaram a atividade com um 10, como é visível no gráfico 10. A média da avaliação do CEF de Eletricidade é de 8,15. Nesta turma, a avaliação da atividade marcada como zero, corresponde ao aluno que não se mostrou disponível para participar na mesma.

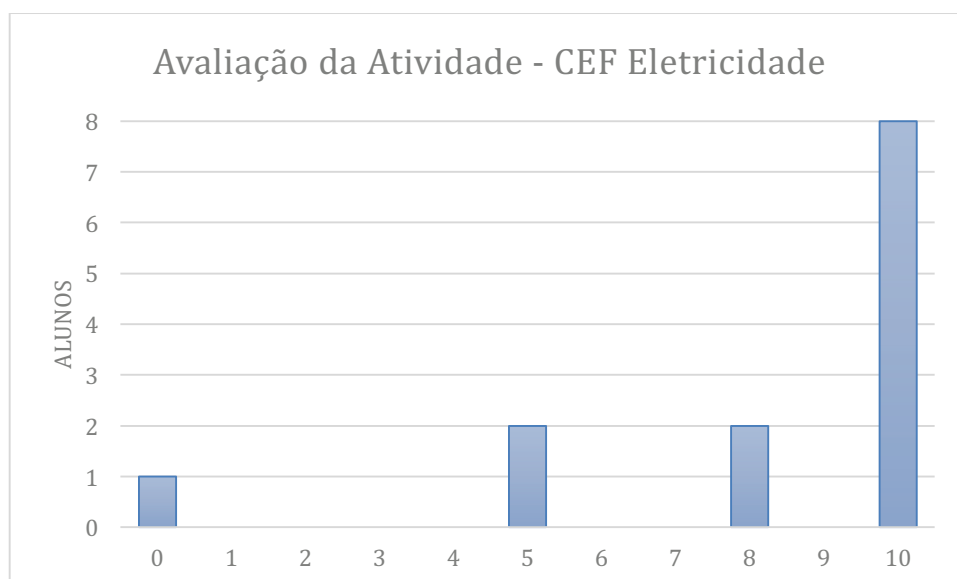


Gráfico 10 - Avaliação da Atividade dos alunos do CEF de Eletricidade

4. Triangulação dos Dados

Triangular pressupõe encontrar regularidades nos diferentes processos de análise de dados. Por este motivo elaboramos um quadro que clarifica os dados obtidos na investigação, nomeadamente nas entrevistas realizadas, nas atividades e na observação participante.

Dados Obtidos / Categorias	Entrevista realizada aos Alunos	Entrevista realizada aos Encarregados de Educação	Entrevista realizada às Diretoras de Turma	Entrevista realizada à Assistente Social	Entrevista realizada às Psicólogas	Atividades Realizadas nas Turmas	Observação Participante e Notas de Campo
Perfil dos alunos selecionados	Ambos têm no seu percurso escolar duas retenções.	Os pais afirmam que os filhos têm duas retenções no seu percurso. De acordo com os Encarregados de Educação: o aluno H. gosta do curso pela facilidade e o aluno C. está completamente desmotivado pelo curso.	As Diretoras de Turmas afirmam que ambos os alunos estão na Escola com uma postura de total alheamento face à Escola, porque apenas estarem pretendem obter o grau de 9ºano de escolaridade.	Os alunos, de acordo com a Assistente Social, são alunos completamente desmotivados.	De acordo com as Psicólogas, os alunos são caracterizados por um percurso escolar marcado por retenções, desmotivação e falta de empenho.		Consideramos que são alunos completamente desmotivados pela Escola, pelo que fazem o mínimo dos esforços na realização das tarefas propostas.
Importância que os alunos atribuem à Escola	Para o aluno H. e C., a Escola não tem qualquer importância e tem uma importância média, respetivamente.	Os Encarregados de Educação afirmam que os filhos não dão a devida importância à Escola.	As Diretoras de Turmas afirmam que são alunos que só estão na escola porque precisam de obter um certo grau de	Foi mencionado que os alunos não atribuem importância à Escola, apesar de terem conhecimento de	Na perspetiva da Psicóloga 1, os alunos na sua maioria atribuem pouca importância à escola. Por outro	De modo geral os alunos das duas turmas valorizam pouco a Educação e consequentemente	Os alunos não atribuem valor à Escola, não avaliando os seus benefícios.

			escolaridade, sendo que a importância que atribuem à Escola vai de encontro ao referido.	que só desta forma consegue obter o grau de 9º de escolaridade.	lado, a Psicóloga 2 defende que de forma geral os alunos reconhecem a importância da escola.	te a Escola.	
Comportamento dos alunos das Turmas CEF			As Diretoras de Turma afirmam que o comportamento dos alunos da sua direção de turma é referenciado como insuficiente, por apresentar em uma postura desadequada ao contexto em que se inserem, alicerçada das suas atitudes e comentários.			Verificamos que existem diferenças entre as turmas, por ter sido mais fácil trabalhar com o CEF de OSTA. OS alunos do CEF de Eletricidade demonstraram-se mais desordeiros e pouco colaborativos.	Consideramos que o comportamento da turma depende do papel que o Diretor de Turma afirma em contexto de sala de aula, nomeadamente a postura, a imposição de limites e o tom de voz.
Comportamento dos alunos selecionados	O aluno C. indica o seu comportamento como razoável, já o aluno H. afirma que não		O comportamento do aluno H. é referenciado pela Diretora de Turma como inadequado, pelo uso	A Assistente Social afirma que os alunos não conseguem estar atentos nas aulas,		Na atividade realizada com as turmas, os alunos em estudo demonstram	Consideramos que o comportamento dos alunos em estudo não se enquadra

	faz nada nas aulas.		sistemático do telemóvel, por dormir nas aulas, bem como pela apatia que expressa. Contudo, a Diretora de Turma afirma que aluno H. não é um elemento perturbador da turma. Quanto ao aluno C., a Diretora de Turma afirma ser um aluno dissimulado, que faz pela calada e que não assume os próprios atos.	apresentando um comportamento inadequado.		raram empenho na realização das atividades.	nas exigências do contexto em que se inserem.
Nível de responsabilidade e empenho dos alunos das turmas CEF			As Diretoras de Turma afirmam que a maioria dos alunos apenas se encontra inscrito neste tipo de cursos para obtenção do grau de 9º ano, pelo que consideram ser alunos desmotivados,	A Assistente Social considera que os alunos não são empenhados nem responsáveis, pois se assim fosse, cumpriam as tarefas que lhes são propostas, por	As Psicólogas afirmam que existem extremos: alguns são empenhados e responsáveis ao invés daqueles que não são.	O empenho dos alunos varia consoante a turma, a turma de CEF de OSTA foi mais empenhada na realização das atividades.	O CEF de OSTA demonstra ser uma turma mais empenhada e responsável quando comparada com o CEF de Eletricidade.

			os. Sobre a responsabilidade referem que há alunos que são responsáveis, mas também existem alunos que não são.	muito desgosto que seja para eles.			
Nível de empenho e motivação escolar dos alunos selecionados	Ambos os alunos assumem como nível de empenho e motivação escolar, um 2.	Os Encarregados de Educação, o pai do aluno C. e a mãe do aluno H. assumem como nível de empenho e motivação escolar dos filhos, um 2 e 3.	As Diretoras de Turma, do aluno C. e do aluno H., assumem como nível de empenho e motivação escolar dos alunos, um 5.	A Assistente Social considera que não são alunos motivados ou empenhados face à Escola.		Nas atividades realizadas nas turmas os alunos selecionados demonstraram-se empenhados.	Mediante a nossa perspetiva, avaliamos o nível de empenho e motivação escolar dos alunos selecionados com um 2.
Estratégias de promoção do empenho e motivação dos alunos			As Diretoras de Turma afirmam ser necessário ir ao encontro dos interesses dos jovens, de forma a conseguir estimular a motivação dos jovens.	A Assistente Social refere que já foram testadas várias estratégias, como conscienciar os jovens para a necessidade da educação na sua vida profissional futura e		As atividades objetivaram o estímulo dos alunos a uma dinâmica diferente da rotina escolar. No entanto, nem mesmo com as atividades	Devem ser estratégias apelativas, que proponham dinâmicas diferentes da rotina escolar. Contudo, deve ter-se em conta a predisposição dos alunos à

				ainda, trabalhar com os pais no sentido de aludir à necessidade de estimular e repreender os jovens.		es os alunos demonstraram o devido empenho, sendo necessário repreender algumas vezes os alunos pelo seu comportamento.	realizações das propostas, porque o seu interesse e empenho influenciaram a concretização das mesmas.
Percurso escolar dos alunos selecionados	Ambos os alunos afirmam que não têm dificuldades ao nível da aprendizagem e que não possuem hábitos ou métodos de estudo.	A mãe do aluno H. assume que a sua carga horária prejudica o percurso escolar do filho, pela ausência de supervisão da sua parte. Foi mencionado, ainda, que nenhum dos alunos tem qualquer método ou hábito de estudo.	As Diretoras de Turma assumem que a maioria dos alunos das turmas não gosta do curso, apenas o integram por ser a única opção disponível. Assim sendo, o insucesso escolar dos alunos da turma, de acordo com as Diretoras de Turma, decorre de interesses divergentes dos escolares e da ausência de empenho escolar.	A Assistente Social refere que os alunos possuem um historial académico marcado por faltas injustificadas, pela desmotivação e pela indisciplina, percurso escolar idêntico ao atual. Afirma, ainda, que os alunos não têm métodos de estudo.			Verificamos que o percurso escolar enfraquecido dos alunos selecionados é fortemente condicionado pela conduta familiar, pois advém de lacunas no que concerne à imposição de regras e limites e, ainda, da permissividade dos pais de ambos os alunos.

Absentismo Escolar	Ambos faltam porque não têm vontade de ir às aulas.	A mãe do aluno H. só tem conhecimento das faltas quando é informada pela Escola, ao contrário do pai do aluno C. que refere ter conhecimento da maioria das faltas do filho.	As Diretoras de Turma realçam que os alunos excedem deliberadamente o limite de faltas que lhes é permitido dar, tendo como fundamentos a falta de interesse pelas aulas, a ausência de responsabilidade e a replicação de condutas (alunos que já chumbaram em anos anteriores por excederem o número de faltas).	A Assistent e Social afirma que o absentismo escolar está associado à desmotivação dos alunos face à Escola, bem como à ausência de acompanhamento parental. Ressalta ainda a influência de pares na afluência do absentismo escolar por parte dos jovens.			Os alunos usam muitas vezes como justificação das faltas, a doença. No entanto, sabemos que o principal motivo é a falta de interesse pela frequência das aulas, alicerçada pela influência de pares.
Estratégias de combate ao absentismo escolar			As Diretoras de Turma enfatizam a necessidade de consciencializar os jovens das consequências que esse comportamento acarreta.	A Assistent e Social refere que quando os alunos são sinalizados à CPCJ existe, normalmente, uma alteração no seu	A Psicóloga 1 afirma ser necessário alterar a carga horária dos alunos, por ser imensa. Por outro lado, a Psicóloga		Denota-se difícil encontrar estratégias que cativem a atenção e despertem a motivação dos alunos.

				comportamento. Como estratégia aponta a realização de atividades na Escola.	2 considera ser pertinente e propor atividades fora da escola, de forma a alterar a rotina escolar.		
Objetivos e perspectivas futuras	O aluno C. pretende tirar um curso de desporto pois é a área que quer exercer a nível profissional. O aluno H. não sabe qual a profissão que quer exercer, no entanto relativamente ao curso assume que vai inscrever-se num curso que considera ser fácil obter o 12º ano de escolaridade.	Não há consonância no que respeita às perspectivas que os filhos têm quanto ao futuro, pois apenas o aluno C. tem uma ideia definida sobre o que pretende fazer, seguir desporto. A mãe do aluno H. afirma que o filho não tem ideia do que pretende fazer.	Ao nível profissional a maioria dos alunos não pretende exercer como profissão a sua área de formação, de acordo com as Diretoras de Turma. Foi mencionado ainda, que muitos dos alunos não pensam sequer no futuro, pelo que se encontram em fase de descoberta daquilo que pretendem fazer no futuro.			Alguns alunos demonstraram ter definidos objetivos no que respeita ao curso que pretendem ingressar após a conclusão do CEF e à profissão que pretendem exercer. No entanto, na maioria dos alunos, denota-se que o curso que frequentam nada tem a ver com aquilo que	Existem alunos com ideias definidas sobre o futuro e outros que não, por nunca terem pensado no assunto.

						pretende m fazer no futuro.	
Medidas Sancionatórias disciplinares	Não considera m justa a medida, pois considera m não existirem razões para a aplicação da mesma.	Mediante as narrativas foi possível aferir que a suspensão não é uma medida que se deva aplicada a alunos desmotivados. Devem ser pensadas novas formas de repreender os alunos que não a proibição de ir à Escola, porque o facto de ser um local que eles não gostam de frequentar, avaliam a medida como algo positivo para si. A Assistente Social afiança que a alteração de comportamento dos jovens depende do acompanhamento familiar dos alunos. Desta forma, foi mencionado pelas técnicas que não transmite alterações imediatas no comportamento dos alunos.					Nem os pais nem os alunos concordam com as medidas aplicadas , culpabilizando a Escola, fazendo com que os alunos desvalorizem as medidas aplicadas . Verificamos que o comportamento dos alunos apenas sofre alterações quando estes se encontram em situação que assim o imponha.
Sistema familiar dos alunos selecionados	O aluno C. refere que tem uma boa relação com os pais e com a irmã, afirmando que tem uma	Ambos os Encarregados de Educação afirmam que existe uma boa relação com os filhos, ressaltando uma	As Diretoras de Turma afirmam que ambos os Encarregados de Educação demonstram	A Assistente Social afirma que os pais desde cedo descartaram a função de			Os Encarregados de Educação dos dois alunos em estudo são bastante benevolentes

	rotina normal. O aluno H, tem uma boa relação com a mãe, no entanto passa pouco tempo com ela devido à profissão da mãe.	relação de proximidade. A mãe do aluno H. assume ainda que os seus horários não coincidem com os do seu filho, o que faz com que passem pouco tempo juntos.	preocupação pelos filhos, no entanto no que respeita à educação dos filhos consideram que são pais demasiado benevolentes e permissivos.	acompanhamento dos filhos. Pelo que sempre foram ausentes na vida escolar dos filhos.			ntes, permissivos e não impõem aos filhos qualquer tipo de regras ou limites.
Frequência com que os Encarregados de Educação dos alunos selecionados vão à Escola	O aluno C. afirma que o pai vem várias vezes à Escola, já o aluno H. refere que a mãe vem quando lhe é permitido.	O pai do aluno C. afirma ter facilidade em deslocar-se à Escola, por trabalhar perto da mesma, já a mãe do aluno H. afirma que tem de conciliar o seu horário de trabalho com o da Diretora de Turma.	A Diretora de Turma do aluno H. afirma que a mãe vem há Escola sempre que é convocada. Os pais do aluno C. vêm com maior frequência, no entanto após a aplicação da medida de suspensão os pais tornaram-se mais distantes, por considerarem que a medida é injustificada.	A Assistente Social assume que os pais na Escola em estudo não são tão ausentes, porque há um esforço por parte da escola para incentivar a vinda dos pais à Escola.			Os Encarregados de Educação dirigem-se à Escola sempre que solicitado, sendo colaboradores com a Escola.
Acompanhamento parental no percurso			As técnicas assumem um alheamento total das famílias, pelo que não consideram que haja regularidade no acompanhamento parental dos				Os Encarregados de Educação

educativo dos jovens			<p>alunos. Mediante as narrativas, destacam-se como motivações: a falta de disponibilidade parte dos pais, bem como o facto da ausência de acompanhamento parental a nível escolar, não surgir apenas e só no presente, pois é uma consequência que vem detrás, porque os pais desde cedo descuraram desta função.</p> <p>A ausência de estímulo por parte dos pais é também referenciada como lacuna na educação e atenção que os pais prestam aos filhos, pois sem essa afirmação não é possível a alteração de comportamentos dos filhos em contexto escolar.</p> <p>É reforçada, por todas as técnicas, a importância e influência positiva do acompanhamento parental no percurso escolar dos filhos. Consideram que a Escola não deve ser vista como um sistema que substitui a educação dada pelos pais, pois a família é o primeiro contexto de aprendizagem dos jovens.</p>	<p>dos dois alunos em estudo são presentes na Escola e colaboram com esta Instituição. No entanto, o acompanhamento do percurso escolar dos filhos não é aquilo que se espera que seja, uma vez que não repreendem os filhos quando necessário, não incentivam a criação de hábitos de estudo, não estimulam o empenho dos filhos e não responsabilizam os filhos pelas</p>
----------------------	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

					participações ou até das suspensões aplicadas.
Intervenção realizada junto dos alunos	Ao longo da intervenção foi exigido aos alunos a reflexão sobre o seu comportamento e atitudes em contexto escolar.	Os Encarregados de Educação mostraram interesse pelo projeto, pelo que a autorização da intervenção. Contudo demonstraram-se apreensivos no que respeita à intervenção e trabalho com os filhos, porque consideraram que este poderia ser comprometido pela falta de vontade e/ou colaboração dos filhos.	A atividade realizada nas turmas foi avaliada pelas Diretoras de Turma como positiva. A Assistente Social assume que o trabalho proposto foi bem conseguido, mediante o conhecimento prévio sobre a realidade escolar da Escola em estudo. Quanto ao trabalho realizado com os alunos, as Diretoras de Turma assumiram que contribuiu para a alteração de comportamentos dos alunos, tendo, portanto, sido avaliado como positivo e benéfico. Todas as técnicas avaliaram o trabalho realizado com os alunos como positivo, enfatizando a importância do acompanhamento individualizado no trabalho com alunos, pelos benefícios que acarreta.	Os alunos das diferentes turmas avaliaram as atividades como positivas. A média da avaliação das atividades das duas turmas corresponde a 8 valores.	Verificamos que o acompanhamento individualizado e o trabalho com os pais proporcionaram melhorias no percurso escolar dos alunos, ao nível da alteração de comportamentos e atitudes e consequentemente na avaliação final de período. Arrogamos, assim, a necessidade do trabalho próximo com os pais, de forma a criar e/ou fortalecer a relação pais-escola para que seja coesa e cooperante de

					<p>ambas as partes. Isto porque quanto mais próximo for o acompanhamento dos pais ao percurso escolar dos filhos, mais benefícios transmite no empenho e motivação dos alunos, pelo que consideramos ser essencial.</p>
--	--	--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

De forma a clarificar a análise das narrativas podemos aferir três aspetos fundamentais no que respeita ao acompanhamento dos alunos, quer seja por parte dos pais como por parte de profissionais:

- ✓ A família assume um papel fundamental no processo de aprendizagem dos jovens, tanto ao nível da sua educação como também da sua capacitação, pelo que assumimos que o envolvimento dos pais no percurso educativo dos filhos assume um conjunto de benefícios, promotores do sucesso escolar;
- ✓ O acompanhamento dos jovens, o reforço positivo e os feedbacks estimulam os alunos a desenvolver as suas capacidades, potenciando o seu empenho na realização das tarefas escolares. Desta forma, o acompanhamento individualizado dos jovens traduz uma evolução positiva no seu desempenho escolar;
- ✓ Concluimos, portanto, que o acompanhamento parental e profissional potencia o sucesso escolar dos alunos, mediante a união da Escola e da Família, numa lógica de cooperação e partilha de responsabilidades, cujo objetivo passa por ceder aos jovens um melhor contexto de aprendizagem.

Elaboramos, ainda, uma tabela comparativa (tabela 5) sobre o acompanhamento parental e profissional dos alunos, de forma a clarificar aspetos que consideramos pertinentes no que respeita às conclusões do estudo.

A Tabela 5 apresenta cores que indicam a incidência da resposta de cada indivíduo, tendo em conta a análise das entrevistas realizadas. A cor vermelha representa uma resposta negativa, ou seja, “não”, a cor verde representa uma resposta positiva, neste caso “sim”, por fim a cor branca representa a ausência de resposta por parte dos sujeitos à questão abordada.

Tabela 5 - Tabela-resumo sobre o Acompanhamento Parental e Profissional dos Alunos

Categories	Encarregados de Educação	Diretoras de Turma	Assistente Social	Psicólogas	Observação e Notas de Campo
Existência de Acompanhamento Parental no percurso educativo dos jovens					
Benefícios de Acompanhamento Parental no percurso educativo dos jovens					
Avaliação do trabalho realizado com os alunos					
Necessidade de dar continuidade ao Projeto de Intervenção					
Mudanças alcançadas por parte dos alunos					

No que respeita ao acompanhamento parental no percurso educativo dos jovens da realidade escolar da Escola em estudo, as técnicas mencionaram a ausência de um acompanhamento regular por parte dos Encarregados de Educação na vida escolar dos filhos. A nossa observação em contexto escolar também nos permitiu aferir essa mesma ausência.

Quando questionadas sobre os benefícios do acompanhamento parental no percurso educativo dos jovens, as técnicas enfatizaram ser uma necessidade, de forma a que os jovens sentissem a presença e orientação dos pais no seu percurso. A observação participante também nos permitiu chegar a essa conclusão.

O trabalho elaborado com os alunos, nomeadamente o acompanhamento individualizado foi avaliado por todos os indivíduos como positivo, afirmando a necessidade de dar continuidade ao projeto de intervenção aplicado. Esta avaliação decorre dos resultados alcançados por parte dos alunos ao longo desta investigação, resultados que transmitem uma mudança positiva no percurso educativo destes alunos.

Apresentamos de seguida os resultados obtidos no trabalho de intervenção com os alunos:

- ✓ Alterações ao nível da comunicação e confiança;
- ✓ Alterações de atitudes e comportamentos em contexto de sala de aula;
- ✓ Diminuição/Controlo do nº de faltas injustificadas;
- ✓ Evitar uma suspensão a meio do ano letivo;
- ✓ O aluno H. no 2º período manteve todas as positivas do 1º período;
- ✓ O aluno C. de 2 negativas no 1º período passou a 1 no 2º período.

Ao longo da intervenção trabalhamos de forma contínua com os Encarregados de Educação de modo a promover um maior envolvimento no percurso dos filhos, enfatizando o empenho dos filhos nas tarefas educativas e quando necessário alertar para comportamentos negativos. O objetivo passou por reforçar a relação Escola-Família e estabelecer uma relação de partilha de responsabilidades educativas.

Realçamos que não basta um maior envolvimento por parte dos pais e alunos no alcance de um melhor contexto educativo para os jovens, importa que a escola também trabalhe nesse sentido. Assim sendo, realçamos uma vez mais o papel de todos os intervenientes na garantia de uma educação de qualidade dos jovens.

Capítulo IV - Conclusões

1. Limitações ao Estudo

Pensando nas limitações impostas à investigação consideramos o fator tempo como a principal, tendo em conta o contexto em que nos inserimos para a realização do estudo.

Quando trabalhamos com alunos, mediante a metodologia proposta, a qual é morosa e complexa só por si, pela necessidade de aprofundamento da investigação, reconhecemos a importância e necessidade, passando a redundância, de tempo com o sujeito de intervenção.

O acompanhamento exige ao investigador entrega e disponibilidade para a melhor realização do trabalho e tal como foi reforçado pela Diretora de Turma do CEF de OSTA durante a entrevista, *“com eles tem sempre de se pensar em mais tempo”*. Consideramos, ainda, que o acompanhamento deveria ter seguimento, até ao final do 3º período, de forma a acompanhar os alunos até ao fim desta etapa, tendo como intuito primordial a garantia de que os alunos não quebram os bons resultados que conseguiram alcançar.

Consideramos, ainda, como limitação o facto da metodologia de investigação utilizada, nomeadamente o Estudo de Caso, não ser uma metodologia de estudo generalizável.

2. Conclusão dos resultados obtidos na Investigação

A análise dos processos escolares dos alunos, as entrevistas realizadas aos Encarregados de Educação e técnicas da Escola, alicerçadas do acompanhamento realizado com os alunos permitiu o conhecimento da estrutura e dinâmicas familiares, das redes afetivas tanto a nível familiar como social dos alunos, do historial académico, das dificuldades e competências e da tipologia de comportamento e postura em contexto escolar.

Importa realçar a disponibilidade dos Encarregados de Educação e das técnicas para participar no estudo, nomeadamente na relação estabelecida, no trabalho de equipa e na realização das entrevistas.

Os dados apresentados resultam de um processo de recolha de informações necessárias ao estudo, cuja análise tem por base a triangulação de dados, nomeadamente do acompanhamento individualizado, da observação participante e das entrevistas.

É certo que não podemos generalizar os resultados, uma vez que apenas estudámos dois sujeitos, no entanto não é somente o poder da generalização que concede cientificidade a uma metodologia, de acordo com Pardal e Lopes (2011). A metodologia utilizada, o estudo de caso, traduz a profundidade da intervenção aquando a recolha de dados, demonstrando ser uma metodologia complexa e que exige tempo ao investigador.

Mediante as narrativas foi possível aferir a pertinência do acompanhamento individualizado dos alunos selecionados, por ser um trabalho com um envolvimento e proximidade que permite o conhecimento de necessidades específicas, o trabalho das competências e potencialidades dos jovens e uma reflexão profunda sobre acontecimentos do dia-a-dia escolar. Desta forma, as técnicas consideraram ser necessária a replicação do projeto aquando o trabalho com alunos, em geral, aqueles que apresentem necessidades ao nível da intervenção, de forma a melhorar o seu percurso escolar. Contudo, assumem ser difícil de concretizar pela logística que envolve.

Através da observação participante, verificamos que o percurso escolar enfraquecido dos alunos selecionados é fortemente condicionado pela conduta familiar, pois advém de lacunas no que concerne à imposição de regras e limites e, ainda, da permissividade dos pais de ambos os alunos.

Conhecer o aluno não implica apenas a avaliação das características cognitivas (capacidades, competências e/ou dificuldades), implica também conhecer os sistemas do seu meio envolvente, nomeadamente a família e a escola, no que respeita à qualidade do ambiente do sistema, às relações e interações que estabelece, as suas dinâmicas e ainda, a influência que transmite na vida do sujeito. Ou seja, pensar no aluno é pensar também, no seu sistema familiar e contexto escola.

Enquanto técnicas arrogamos a necessidade do trabalho próximo com os pais, de forma a criar (quando não existe) ou fortalecer a relação pais-escola, a qual se espera que seja coesa e cooperante de ambas as partes. Quanto mais próximo for o acompanhamento dos pais ao percurso escolar dos filhos, mais benefícios transmite no empenho e motivação dos alunos, pelo que consideramos ser essencial.

A ausência de empenho e motivação dos jovens relativamente à escola, é notória não só nos alunos selecionados, como também pelas turmas onde foram realizadas as atividades. Como fator condicionante podemos ressaltar a ausência de valoração no que respeita à educação por parte dos alunos, por não compreendem a sua importância na sua formação enquanto pessoas e garantia de um futuro profissional.

Quando trabalhamos para atingir um determinado objetivo, aquando a intervenção com um determinado grupo e/ou sujeitos, torna-se complicado gerir os resultados, sabendo que existem outras tantas variáveis que os influenciam e que o nosso trabalho está pendente disso.

Mediante o trabalho realizado com os alunos, podemos afirmar que as alterações que advêm do acompanhamento não se revelam no imediato, mas sim a longo prazo, sendo que deve ser valorizada toda e qualquer alteração positiva, por muito pequena que seja. Desta forma, aferimos a necessidade e importância de um acompanhamento permanente com os alunos, mediante os benefícios depreendidos na investigação que realizámos.

Assim, foi possível responder às questões da nossa investigação, cujas respostas passamos a apresentar:

- **Será que o acompanhamento parental e profissional dos estudantes os consciencializa da importância da escola, promovendo o seu desenvolvimento e empenho nas atividades que lhes são propostas?**

Pensando especificamente no perfil dos alunos das turmas de CEF, foi possível constatar que são alunos que não detiveram sucesso no ensino regular, pelo que apresentam um historial de retenções, problemas ao nível do comportamento, desmotivação acentuada, fatores estes que se refletiram ao longo do ano letivo em vigor. Ao nível do comportamento destes alunos, as Diretoras de Turma do CEF de Eletricidade e de OSTA referenciam-no como insuficiente, uma vez que os alunos apresentam comportamentos inadequados e desapropriados ao contexto de sala de aula. É mencionado também, pela Assistente Social, que os alunos não conseguem estar atentos numa aula, não conseguem aprender a matéria e não apresentam métodos ou hábitos de estudo.

Sobre a importância que atribuem à Escola, foi reiterado pela Assistente Social que os alunos da amostra não atribuem qualquer importância, no entanto, têm consciência de que para alcançar determinados objetivos profissionais é necessário obter o mínimo de escolaridade, o 9º ano. De um modo teórico eles têm essa consciência, no entanto na prática não gostam de estudar. A Psicóloga 1 é da mesma opinião, pelo que refere que no universo dos alunos da Escola, menos de metade dão a importância devida à Escola, pois considera que a Escola não está adaptada aos jovens atuais.

Em oposição, a Psicóloga 2 afirma que é algo que depende do tipo de alunos e da tipologia dos cursos que integram. No entanto considera que, de um modo geral, os alunos dão valor à Escola e reconhecem a sua importância, não descurando uma percentagem ainda relativamente considerável de alguns que não dão.

Nesta perspetiva, as Diretoras de Turma defendem que os alunos apenas frequentam o curso porque é a sua única alternativa, estando na Escola somente porque é uma obrigação que lhes é imposta. Na sua maioria, os alunos de CEF estão matriculados neste tipo de curso por ser a única alternativa, mediante a oferta formativa disponível, o historial de retenções e a necessidade de completar o 9º ano de escolaridade. Na atividade realizada com as turmas foi possível apurar que a maioria dos alunos das duas turmas de CEF, não pretende no futuro dar uso à formação que integram a nível profissional, sendo que já têm uma ideia definida sobre a profissão que querem exercer.

Ainda sobre as perspetivas de futuro, a Diretora de Turma do CEF de Eletricidade assume ter conhecimento que muitos dos alunos *“nem sequer vão prosseguir eletricidade”*, foi apenas *“uma forma de continuarem na escola sem ser no ensino regular”*, considerando, desta forma, que os alunos *“ainda não pensam no futuro deles como pessoas de trabalho”*.

O facto destes cursos apresentarem especificidades com envolvente mais prática, de facilidade maior relativamente ao ensino regular, não traduz nos alunos um fator de valoração pela oportunidade ou um fator promotor do empenho escolar. A Assistente Social refere que os cursos de CEF são essencialmente práticos e a nível teórico não apresentam grande complexidade, por ser um ensino aligeirado e superficial, mas é

facto que eles não gostam de estudar pelo que não se esforçam para alcançar bons resultados.

A diretora de Turma de CEF de OSTA, no que respeita à responsabilidade e empenho dos alunos, assume que a maioria dos alunos apresenta uma postura positiva em relação à Escola. À semelhança desta afirmação, a Psicóloga 2 defende que existem três grupos de caracterização dos alunos nesta categoria: aqueles que são mais ou menos empenhados, que se preocupam dentro daquilo que é a norma, aqueles que são “*híper preocupados, híper trabalhadores e híper estudiosos*” e, por último, aqueles que não reconhecem valor à Escola.

Mediante as narrativas é possível aferir que existe uma percentagem de alunos nas turmas CEF, que não são empenhados, motivados e/ou responsáveis, até porque muitos deles não apresentam qualquer tipo de hábito de estudo ou método de trabalho e é necessário chamar a atenção e repreender de forma continuada, pois não retêm aquilo que lhes é dito.

De acordo com a atividade realizada nas turmas de CEF, os alunos do CEF de OSTA ostentam um nível de motivação e empenho favorável, com maior afluência no nível 7, numa escala de 0 a 10. Tendo em conta os dados elaboramos a média deste indicador, com valor igual a 6,2. A turma de CEF de Eletricidade, comparativamente à turma anterior é significativamente mais baixo, com uma média de 3,77. No que respeita às razões e/ou fatores que abjudicam a pouca motivação e empenho dos jovens, tal como mencionado pelos mesmos, passa pela advertência à área do curso que frequentam e por não ser algo que pretendam aplicar no futuro.

Todos os fatores acima mencionados contribuem para que a postura e atitudes expressas pela maioria dos alunos no contexto de sala de aula não seja aquela que deveria ser. O número de retenções, os hábitos adquiridos até então, o comportamento desajustado ao contexto em que se inserem, a falta de interesse pelo curso, a ausência de métodos de estudo e o alheamento dos pais assumem as principais razões de desmotivação dos alunos.

No trabalho com os alunos, é importante ter em conta a predisposição destes para a intervenção, nomeadamente o seu empenho e a motivação escolar, por constituírem fatores condicionadores do trabalho com as técnicas, tanto numa vertente positiva como negativa. É crucial trabalhar a motivação dos jovens de forma a melhorar o seu aproveitamento escolar, promovendo e garantindo o sucesso educativo.

No que respeita a estratégias de promoção do empenho e motivação dos alunos, a Diretora de Turma 2 afirma ser necessário ir ao encontro daquilo que os alunos mais gostam de fazer. No entanto, é certo que se torna cada vez mais difícil “agradar” aos interesses dos jovens atuais, pela exigência e desvalorização daquilo que realmente importa, a Educação.

Este trabalho não deve ser apenas da responsabilidade da Escola, mas sim da Escola em colaboração com a família, da mesma forma que Diez (1989) arroga que a relação entre família e a Escola é vital e torna-se realidade na participação e co-responsabilidade.

Consideramos, portanto, uma mais valia e de maior importância estabelecer uma relação próxima com os Encarregados de Educação, trabalhando com eles numa lógica

de parceria e cooperação no que concerne à garantia de um acompanhamento parental e profissional coeso no percurso escolar dos jovens.

- **O acompanhamento parental e profissional da Assistente Social potencia a responsividade dos Jovens?**

Os alunos que frequentam os cursos de CEF apresentam uma bagagem repleta de problemáticas a nível escolar, nomeadamente a ausência de empenho e responsabilidade escolar, o número de retenções, a desmotivação e, conseqüente, absentismo escolar.

Tendo em conta o absentismo escolar foi mencionado pelas técnicas que os alunos não são responsáveis, pois faltam deliberadamente de forma a atingir o limite de faltas estipuladas. Se fossem responsáveis tentavam cumprir as tarefas e obrigações escolares ainda que de um modo desgostoso para eles e contra aquilo que têm na verdade vontade de fazer, mostrando-se conscientes dos benefícios da educação na sua vida futura.

Mediante as narrativas, a principal causa e/ motivação associada ao absentismo escolar indicada pelas técnicas é a ausência de valorização da educação e, conseqüentemente, da Escola. Por sua vez, a Diretora de Turma do CEF de OSTA menciona que este comportamento resulta de hábitos adquiridos de forma prévia, referindo que muitos dos alunos já foram anteriormente retidos por faltas injustificadas.

Assim sendo, sobressai a questão: **porquê repetir comportamentos dos quais já se conhecem as conseqüências?** A ausência de responsabilidade por parte dos alunos começa na replicação consciente de comportamentos inadequados e que prejudicam o seu percurso escolar.

Como principais argumentos de justificação de faltas injustificadas, os alunos afirmam estar doentes ou, de acordo com a Diretora de Turma 1, *“é porque se deixam dormir, porque não apetece ir, ou porque têm outras coisas combinadas lá fora”*.

Sabe-se que a relação entre pares influencia significativamente o número de faltas injustificadas dos alunos, sabendo que não faltam às aulas para estar sozinhos, uma vez que normalmente as faltas são feitas em grupo, maioritariamente constituídos por alunos de turmas diferentes.

Como estratégias de atenuar o absentismo escolar, as Diretoras de Turma aludem à importância e necessidade constante no acompanhamento do número de faltas, consciencializando os alunos das conseqüências que esse comportamento acarreta.

A Psicóloga 2 enfatiza, ainda, a influência da relação de pares nas faltas dos alunos mediante dois polos: positiva e negativa. Para além do contributo negativo, este também se pode assumir como uma ferramenta de abominação das faltas injustificadas, na medida em que *“havendo um par que seja uma influência positiva no sentido de ir às aulas”*, o absentismo escolar atenua. Desta forma, importa realçar outras estratégias de combate às faltas injustificadas dos alunos identificadas, nomeadamente *“dilatam (...) a carga horária”* e *“trabalhar a motivação deles em contexto de escola”* pelo

tipo de atividades propostas, porque apesar dos CEF serem cursos maioritariamente práticos devem propor dinâmicas diferentes.

As técnicas da Escola em estudo referenciaram que já foram aplicadas diversas estratégias aquando do trabalho com alunos, as quais não assumiam resultados efetivos na alteração da postura dos alunos.

No trabalho de articulação do Assistente Social com os contextos envolventes do aluno, nomeadamente a família e a Escola, sabe-se que todos os elementos da intervenção condicionam o sucesso educativo dos jovens (Nogueira, 2011), deste modo podemos aferir que a família deve assumir uma atitude imperativa na implementação de regras, limites e advertências ao comportamento dos jovens, de forma a adverter os efeitos consequentes dos seus atos.

- **Qual a influência do acompanhamento parental no percurso educativo crianças/jovens?**

De acordo com as narrativas, o insucesso escolar relativamente às turmas de CEF, advém de um historial académico marcado por retenções, absentismo escolar, níveis de desmotivação e desinteresse acentuados, alicerçados na desvalorização da educação. Quanto às causas associadas ao insucesso escolar, as Diretoras de Turma afirmam que *“são sempre os interesses divergentes dos escolares e a falta de empenho”, porque “talvez os interesses não passem pela formação académica”*.

A Psicóloga 1 alude, ainda, à influência negativa das dinâmicas familiares desestruturadas no aproveitamento escolar dos jovens, pois muitos destes pais não conseguem dar aos filhos uma estrutura adequada, o que contribui para que os jovens recorram aos amigos e, conseqüentemente, se desviem do contexto escolar.

A Assistente Social assume que a realidade do contexto escolar do Agrupamento, é notório o alheamento total da família, espelhado pela ausência de qualquer tipo de acompanhamento por parte dos pais. A ausência de acompanhamento parental a nível escolar, não surge apenas e só no presente, uma vez que é uma consequência que vem detrás, porque os pais desde cedo descuraram desta função.

Sobre a frequência com que os Encarregados de Educação em geral vêm à Escola, a Psicóloga 1 refere que os pais vêm muito poucas vezes à Escola, apenas quando solicitado, por considerar que não há o valorizar da Escola em casa. Por outro lado, na perspetiva da Psicóloga 2, *“a maioria efetivamente é presente”*, pela experiência de trabalho que tem é-lhe possível afirmar que *“os encarregados de educação de uma maneira geral até são presentes e preocupados”*.

De acordo com a mesma Psicóloga, o facto destes cursos compreenderem dois anos de escolaridade, é mais provável que no primeiro ano de curso os encarregados de Educação sejam mais presentes do que no segundo ano de curso, não só pelo conhecimento do conceito do curso, como pela mudança de ensino dos filhos. Importa frisar que no CEF de Eletricidade, de acordo com a Diretora de Turma 1, ainda há pais que não conhece, sendo que na reunião de entrega das avaliações finais, compareceram menos de 20% dos Encarregados de Educação.

A Psicóloga 2 refere, ainda, que *“nestas faixas etárias, há um distanciamento maior dos encarregados de educação em relação à escola do que se assiste em faixas etárias mais baixas”*. A título de exemplo, falemos da mãe do aluno H. pois reconhece que a sua profissão (empregada de mesa) influencia o desempenho escolar do filho, não só porque passa muito tempo sozinho, como pelo que isso acarreta, referindo que tem consciência de que *“isso dá azo a desleixos”*. A mãe assume, portanto, que não cede o melhor e mais adequado apoio e/ou acompanhamento ao filho, por estar condicionada profissionalmente.

Muitos dos pais, mediante o cargo profissional que ocupam, o cansaço, o acumular de responsabilidades e a agitação do dia-a-dia, dispõem de cada vez menos tempo para acompanharem as tarefas diárias dos filhos, tanto a nível pessoal como escolar.

Bergeret (1983) menciona que interrogar a criança sobre o seu dia-a-dia na escola exige disponibilidade por parte dos pais e é facto que muitos deles não têm essa disponibilidade e, até algumas vezes, esse interesse. Neste sentido, a falta de disponibilidade dos pais, advém da gestão do seu tempo, pelo que de acordo com uma hierarquia de prioridades, a função do acompanhamento dos filhos não se encontra no topo.

Assim sendo, podemos aferir que a desmotivação escolar dos jovens advém, de acordo com as narrativas, de determinados vícios previamente adquiridos, da isenção de regras por parte dos Encarregados de Educação, e conseqüente, do alheamento dos pais no percurso escolar dos filhos.

No que respeita à vinda dos Encarregados de Educação à Escola, de um modo geral relativamente às turmas de CEF, as Diretoras de Turma assumem que os pais não vêm à Escola por iniciativa própria, apenas e só quando necessário.

Os Encarregados de Educação dos alunos selecionados vêm à escola sempre que solicitado ou quando consideram pertinente, demonstrando-se disponíveis e cooperantes. Ambos reiteram a importância da Escola.

Os pais do aluno C, segundo a Diretora de Turma, são *“muito preocupados”*, contudo *“não agem da forma que deviam agir, ou seja, são muito permissivos”*, no que respeita à educação do filho. A mãe do aluno H. é referenciada pela Diretora de Turma como uma mãe que *“mostra de facto alguma preocupação pela situação escolar do filho”*, pois tenta *“através de um reforço positivo, de uma forma carinhosa, levá-lo a um bom porto”*. No entanto, à semelhança dos pais do aluno C., a mãe é caracterizada por ser compreensiva apresentando, por vezes, uma atitude demasiado tolerante, em relação ao comportamento do filho. Em ambos os sistemas familiares, a relação estabelecida entre pais e filhos, é referenciada como positiva e de constante proteção.

A permissividade dos pais influencia negativamente o desempenho dos filhos no contexto escolar, uma vez que para além de não serem estimulados para alterar os comportamentos (por exemplo a nível das faltas, pois sabem que os pais as justificam, resolvendo o problema no imediato), não lhe são impostas regras e/ou limites (não só pela ausência de hábitos de estudo, como também pela tolerância face às situações causadas pelos filhos).

De forma a confirmar esta influência, Oliveira (2002) afirma que o modelo/estilo parental influencia os comportamentos e atitudes académicos dos jovens, ao nível do empenho nas atividades/tarefas, predisposição para aprender e definição de objetivos e metas.

A permissividade dos pais influencia o comportamento e atitude dos jovens perante as situações, quer a nível pessoal como escolar. Os jovens assumem o comportamento de acordo com aquela que foi a sua aprendizagem ao longo da vida, de acordo com a teoria da aprendizagem social apresentada por Bandura.

Na perspetiva de Oliveira (2002), não são só os modelos parentais que influenciam o rendimento escolar dos jovens, importa também, avaliar a intensidade do envolvimento dos pais nas atividades escolares dos filhos, no que respeita ao apoio nas tarefas escolares, ao tempo que dispõem para os filhos, às conversas com os diretores de turma e/ou estímulo e encorajamento constante para o sucesso pessoal e escolar.

Na perspetiva da Diretora de Turma 2, a Escola não pode nem deve ser vista como um sistema que substitui a educação dada pelos pais, pois considera que muitos dos pais assumem que a educação é responsabilidade da Escola. Diez (1989) afirma que o ponto de encontro da relação família-escola é o educando, pelo que é exigido a ambos os sistemas que colaborem e participem na partilha de responsabilidades no que concerne aos alunos.

Foi referido que na Escola em estudo, as técnicas e estagiárias de Serviço Social do IPCB trabalham em colaboração com os pais, de forma a consciencializá-los das problemáticas inerentes aos filhos e da necessidade de falarem com os mesmos e qual a forma como devem agir, no que respeita à imposição de regras, sanções ou recompensas.

O trabalho com os pais decorre da dificuldade que os pais apresentam na forma como atuam em relação aos filhos. Pensando especificamente nos CEF, a Psicóloga 2 refere que alguns pais assumem não saberem muito bem aquilo que devem fazer ou de que forma os devem orientar/direcionar os filhos.

Quando questionamos as técnicas relativamente à existência de um acompanhamento regular e coeso dos pais relativamente ao percurso escolar dos filhos, todas aludiram à ausência de acompanhamento por parte dos pais, afirmando que *“não é o ideal, nem é o que deveria ser”*, pois são poucos os pais que o fazem, muitas vezes, resultado da sua disponibilidade ou pelo descurar dessa tarefa.

O acompanhamento parental assume uma influência positiva no percurso educativo dos jovens, tal como fora expresso pelas Técnicas. A Diretora de Turma do CEF de Eletricidade arroga a necessidade e importância do estímulo como uma ferramenta de melhoria, no sentido em que a falta de reforço assume nos jovens uma noção de não ser necessário melhorar, já que ninguém vai questionar sobre as nossas práticas ou tarefas. É, portanto, exigido aos pais que assumam um papel assertivo, de forma que saibam quando elogiar e/ou reprender os filhos.

- **O acompanhamento individualizado traduz uma evolução positiva no desempenho escolar?**

Numa fase inicial os Encarregados de Educação mostraram-se apreensivos relativamente à intervenção e trabalho com os filhos, o pai do aluno C. porque o filho tinha receio que o acompanhamento semanal lhe ocupasse as horas livres e a mãe do aluno H. por considerar que o acompanhamento pudesse ser comprometido pela falta de vontade/colaboração do filho.

O acompanhamento individualizado promove a reflexão sobre a postura do aluno, comportamento em determinados contextos e acontecimentos específicos, na qual é proposta ao aluno uma melhoria e/ou mudança quando necessário.

No que respeita aos alunos selecionados para o estudo, ambos apresentam uma postura semelhante em contexto escolar que reflete a completa desmotivação pelo ensino, fator que influencia o seu comportamento. Os alunos faltam às aulas e assumem um comportamento inadequado no contexto de sala de aula, o qual por vezes dá origem a participações disciplinares. O acompanhamento individualizado dos alunos baseou-se na definição de metas a alcançar, mediante os problemas identificados no percurso de cada aluno, numa perspetiva de mudança, de forma a minimizá-los.

Mediante as narrativas das profissionais é realçada a importância do acompanhamento individualizado no trabalho com alunos, por se considerar que é uma ferramenta de trabalho com base no apoio à orientação escolar dos alunos.

No que respeita ao trabalho realizado com os alunos em estudo, as Diretoras de Turma evidenciaram mudanças nos alunos, tendo em conta o antes e o depois do acompanhamento realizado. Afirmaram que *“conhecendo o aluno, no início antes de ser acompanhado por si e depois, acho que há aqui uma mudança nele”* e *“está a contribuir para esta mudança de atitude do aluno”*, respetivamente, pelo que foram evidenciadas alterações ao nível do comportamento, atitude e postura em contexto escolar por parte dos alunos, fator que corrobora a importância e significado do nosso trabalho.

A Assistente Social assume que o trabalho com os alunos foi bem conseguido, mediante a nossa perspetiva prévia sobre a realidade escolar daquele contexto. Considerou também, que mediante o nosso trabalho nos seria possível conseguir alcançar resultados profundos e concretos. A Assistente Social afirmou *“És responsável, tens uma boa relação com pais, tens boa relação com os alunos, consegues manter com um aluno a distância entre uma profissional e um aluno (...) portanto acho que estás no caminho correto”*, pelo que é possível afirmar que a avaliação do nosso trabalho é positiva.

As Psicólogas da Escola destacaram os benefícios do acompanhamento individualizado, por ser um trabalho de cariz individual, onde o aluno tem *“alguém disponível para ele e que pode trabalhar com ele”*, no sentido de *“fazer uma intervenção mais próxima (...) e de conseguir trabalhar (...) aspetos que em contexto turma ou em contexto de grupo não se trabalha”*.

O acompanhamento individualizado permite trabalhar profunda e detalhadamente com os alunos, pelo que constitui um espaço de partilha, reflexão, retrospeção sobre as ações, de forma a que os alunos se sintam estimulados a alcançar objetivos ou melhorar

atitudes, ressaltando a importância do reforço positivo constante no percurso educativo dos jovens.

Nesta mesma perspectiva, a Diretora de Turma do CEF de Eletricidade arroga a necessidade e importância do estímulo como uma ferramenta de melhoria, no sentido em que a falta de reforço assume nos jovens uma noção de não ser necessário melhorar, já que ninguém vai questionar sobre as práticas ou tarefas que realizam.

É ainda reforçada a necessidade do acompanhamento parental nesta que é a fase mais crucial do desenvolvimento do ser humano, a adolescência. O acompanhamento individualizado é avaliado como uma metodologia de intervenção pertinente e essencial no trabalho com alunos.

3. Considerações Finais

A Intervenção em contexto escolar permite identificar e responder aos problemas de índole social provenientes do contexto escolar. O Assistente Social deve reconhecer e procurar, constantemente, novas estratégias de intervenção, de forma a melhor responder às novas realidades sociais, dada a crescente complexidade das problemáticas que urgem.

A inserção do Serviço Social na Educação assume não só uma tarefa, como também, um desafio que se coloca ao interventor aquando a sua intervenção em contexto escolar com educandos e respetivas famílias (Carvalho, 2018).

Educar consiste no modo como os pais atuam perante os filhos: na maneira como falam e/ou reagem e deve estar presente que as decisões tomadas pelos pais influenciam positiva ou negativamente o desenvolvimento dos filhos (Marujo, Neto e Perloiro, 1998).

A escola e a família são sistemas que devem assumir a co-responsabilidade sobre a garantia de uma educação de qualidade para os jovens, sendo necessário afirmar uma relação de parceria e colaboração.

É, portanto, importante reafirmar a importância da qualidade da relação entre pais e filhos, não só na adolescência como ao longo da infância, de forma a promover um desenvolvimento favorável nesta faixa etária, destacando a importância dos pais neste processo. A adolescência é um período de construção de novas relações significativas, onde o adolescente demonstra a capacidade de se tornar, ele próprio, uma figura de vinculação (Machado e Oliveira, 2007).

4. Bibliografia

- Albuquerque, S. D. (2016). *Género e estilos parentais. Um estudo sobre a relação entre género dos pais e dos filhos e práticas de estilos parentais*. Dissertação de Mestrado não publicado, Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa.
- Antunes, A. (2008). *Avaliação de Projetos Sociais: Um estudo de caso do projeto social "Samba se aprende na escola" da Sociedade Rosas de Ouro*. Tese de Bacharelato não publicada. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Barreiros, N. (2012). *Desenvolvimento Profissional do Trabalhador Social. Contributo para um Modelo de Autoanálise Reflexiva*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Belo, S. e Coelho, A. (2017). *Family Coaching – 36 desafios para pais extraordinários*, (3ª ed.). Alfragide: Texto Editores.
- Bergeret, L. (1983). *Ele não quer ir à Escola*. (Aubyn, T. S. Trad.) Lisboa: Publicações Dom Quixote. (Obra original publicada em 1981)
- Bigas, A. R. (2016). *A relação entre a qualidade da vinculação aos pais, auto-estima, auto-conceito em pré-adolescentes*. Dissertação de Mestrado não publicado. Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em ação*. Porto: Editora.
- Caeiro, J. e Delgado, P. (2005). *Indisciplina em Contexto Escolar. Horizontes pedagógicos*. Lisboa: Piaget Editora.
- Campos, D. M. (1976). *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade*. (7 ed.). Petrópolis: Editora Vozes LTDA.
- Capul, M. e Lemay, M. (2003). *Da Educação à Intervenção Social* (vol. 2). Porto: Porto Editora.
- Cardoso, J. R. (2013). *O Professor do Futuro. Valorizar os Professores, Melhorar a Educação*. Lisboa: Guerra e Paz Editora.
- Carvalho, M. I. (2015). *Serviço Social com Famílias*. Lisboa: Pactor Editora.
- Carvalho, M. I. (2018). *Serviço Social em Educação*. Lisboa: Pactor Editora.
- Carvalho, M. I. e Pinto, C. (2014). *Serviço Social: Teorias e Práticas*. Lisboa: Pactor Editora.
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16 (2), 221-236.
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. (8a ed.). São Paulo: Cortez.
- Conselho da União Europeia (2006, Dezembro). Competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida. *Jornal Oficial da União Europeia*, 394, 10-18.
- Costa, M. E. (2003). *Gestão de conflitos na Escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., e Vieira, S. R. (2009, Dezembro). Investigação-ação: Metodologia nas práticas Educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 355-379.
- Cruz, F. M. e Santos, M. F. (2008). A relação Família-Escola: fronteiras e possibilidades. *Revista de Educação Pública*, 17 (35), 443-454.

Dias, M. O. (2000). A família numa sociedade em mudança problemas e influências recíprocas. *Gestão e Desenvolvimento*, 9, 81-102.

Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.

Diez, J. J. (1989). *Família-Escola, uma relação vital*. (Marinha, D. S., Trad.) Porto: Porto Editora. (Obra original publicada em 1982)

Diogo, J. M. (1998). *Parceria Escola-Família. A caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editora.

Eisenstein, E. (2005, Junho). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência e Saúde*, 2(2), 6-7.

Ferreira, I. S. e Vasconcelos, C. (2015, Outubro). Educação Parental e Intervenção Precoce – duas dinâmicas na redução de riscos. *Aprender - Revista Da Escola Superior de Educação de Portalegre*, (36), 8-28.

Ferreira, J. M. (2011). *Serviço Social e Modelos de Bem-Estar na Infância. Modus Operandi do Assistente Social na Promoção da Proteção à Criança e à Família*. Lisboa: Quid Juris.

Figueiredo, C. B. (s/d). O trabalho do Assistente Social na Educação: Demonstração do Plano de Ação na Escola. Manuscrito não publicado.

Le Gall, A. (1978). *O Insucesso Escolar* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Estampa.

Machado, J. M. e Alves, J. M. (2014). *Melhorar a Escola. Sucesso Escolar, Disciplina, Motivação, Direção de Escolas e Políticas Educativas*. Porto: Universidade Católica.

Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à Universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41(2), 5-28.

Machado, T. S. e Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o Estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, 6(1), 97-115.

Marujo, H. A., Neto, L. M. e Perloiro, M. F. (1998). *A família e o Sucesso Escolar*. (5ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Meirinhos, M. e Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. Instituto Politécnico de Bragança. *EDUSER: Revista de Educação: Inovação, Investigação em Educação*, 2(2), 49-65.

Mendonça, A. (s/d). *Insucesso Escolar: Etimologia e Definição*. Manuscrito não publicado. Universidade da Madeira, Madeira.

Ministério da Educação. (2015). Programa Educação 2015.

Monteiro, Alcides. (2008, Outubro). A avaliação nos projetos de intervenção social: reflexões a partir de uma prática. Associação Portuguesa de Sociologia (Coord.) *Prática e Processos da Mudança Social*. Simpósio conduzido na III Congresso Português de Sociologia. Oeiras, Portugal.

Muñiz, B. M. (1982). *A Família e o Insucesso Escolar*. Porto: Porto Editora.

Nogueira, B. C. (2011). *A Intervenção do Serviço Social nas Escolas TEIP: mais perto para chegar mais longe*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

Oliveira, E. A., Colledge, M., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravanello, T. e Rossato, C. (2002). Estilos Parentais Autoritário e Democrático-Recíproco Intergeracionais, Conflito Conjugal e Comportamentos de Externalização e Internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 1-11.

Oliveira, J. H. (2002). *Psicologia da Família*. Lisboa: Universidade Aberta.

Övén, M. (2015). *Educar com Mindfulness. Guia de parentalidade consciente para pais e educadores*. Porto: Porto Editora.

Pardal, L e Lopes, E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.

Pardal, L. e Lopes, E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.

Pinto, M. C. (2012). *Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade de Aveiro, Aveiro.

Programa Integrado de Educação e Formação. (2016). PIEF, na linha da frente das problemáticas escolares.

Queiroz, D. T., Vall, J., Souza, A. M. e Vieira, N. F. (2007, abr/jun). Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações na área da saúde. *Revista de Enfermagem*, 15(2): 276-283.

Reis, V. A. (2012). *O Envolvimento da Família na Educação de Crianças com Necessidades Educativas Especiais*. Dissertação de Mestrado não publicada. Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.

Ribeiro, E. J., Gomes, M. M. e Felizardo, S. A (2015). Parentalidade e estilos educativos: Perspetivas de pais e crianças (educação pré-escolar). *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, vol. extr. (5), 66-68.

Salavessa, M. C. (2015). *Vinculação e problemas de comportamento em adolescentes*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

Silva, A. e Esteves, J. (2012). *Parentalidade Positiva – Eu, tu, ele/a, nós, vós e eles/as? Centro de Estudos Para a Intervenção Social – Projeto Espiral*. Lisboa.

Silva, M. A. e Nascimento, R. O. (2005). Relação pais e filhos e o processo de aprendizagem escolar: Um estudo de caso. *Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, III(4), 89-110.

Sousa, L., Grilo, P., Rodrigues, S., Hespanha, P. (2007). *Famílias Pobres: Desafios à Intervenção Social*. Lisboa: Climepsi Editores.

Steiner, A. (2011). O uso de estudos de caso em pesquisas sobre política ambiental: vantagens e limitações. *Revista de Sociologia e de Política*. v. 19 (38), 141-158.

Tavares, C. M. e Nogueira, M. O. (2013, jan/jun). Relação família-escola: possibilidades e desafios para a construção de uma parceria. *Revista Formação Docente – Belo Horizonte*, 5(1), PP. 43-57.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso - Planejamento e Métodos*. (D. Grassi, Trad.). (2ª ed). Porto Alegre: Bookman. (Obra original publicada em 1994).

5. Legislação Consultada

Despacho n.º 9752-A/2012 de 18 de Julho

Despacho Conjunto nº453/2004 de 27 de Julho

Lista de Apêndices

Apêndice A - Atividade 1

Atividade 1	Acompanhamento Individualizado dos Alunos
<p>Descrição da Atividade</p>	<p>O trabalho com alunos tem na sua base uma estrutura de avaliação de necessidades, a qual pressupõe uma definição de metas e objetivos escolares, mediante a identificação dos obstáculos e dificuldades dos alunos. Para o cumprimento das metas, o aluno em conjunto com a Assistente Social elabora um levantamento de estratégias, que permitem capacitar e adquirir competências necessárias para ultrapassar as dificuldades.</p> <p>Como objetivos do acompanhamento individualizado dos Alunos pretende-se: potenciar a motivação dos alunos, superar dificuldades, capacitar os alunos, garantir a aquisição de competências e hábitos essenciais ao sucesso escolar, criar objetivos de estudo e perspetivas de futuro e avaliar os resultados alcançados (evolução).</p>
<p>Justificação</p>	<p>Os jovens devem ser estimulados e importa que sintam que têm alguém com quem contar. O acompanhamento potencia um melhor aproveitamento e percurso escolar dos jovens.</p>
<p>Periodicidade</p>	<p>Semanal</p>
<p>Público-alvo</p>	<p>2 Jovens (Estudo de Caso)</p>
<p>Técnico Responsável</p>	<p>Assistente Social</p>
<p>Instituições Parceiras</p>	<p>Não dispõe.</p>
<p>Caráter Inovador</p>	<p>O acompanhamento individualizado promove um melhor e aprofundado conhecimento sobre as necessidades e os problemas dos jovens.</p>


Apêndice B - Atividade 2

Atividade 2	<u>Pais ativos na Escola</u>
<p>Descrição da Atividade</p>	<p>Os pais não devem ser chamados à escola, apenas e só, quando os diretores de turma pretendem dar conhecimentos das notas dos alunos, no fim de cada período, como também aquando da necessidade de informar os Encarregados de Educação sobre problemas comportamentais, indisciplina e/ou processos disciplinares.</p> <p>Para que a relação Escola – Família seja efetiva, cabe à Escola mudar o paradigma das causas da vinda dos pais à Escola, ou seja, a Escola deve congratular os comportamentos adequados dos alunos e enfatizar as conquistas alcançadas pelos mesmos, pondo o foco na dimensão positiva do percurso educativo.</p>
<p>Justificação</p>	<p>Importa que os Encarregados de Educação se integrem no sistema de ensino dos filhos, para que se alcance uma correlação positiva no percurso e sucesso educativo dos jovens.</p>
<p>Periodicidade</p>	<p>Mensal</p>
<p>Público-alvo</p>	<p>Encarregados de Educação e Alunos</p>
<p>Técnico Responsável</p>	<p>Assistente Social</p>
<p>Instituições Parceiras</p>	<p>Não dispõe.</p>
<p>Caráter Inovador</p>	<p>Promove um maior envolvimento dos Encarregados de Educação na Instituição de Ensino, de forma a fortalecer e melhorar a relação entre os sistemas, Escola – Família.</p>

Apêndice C - Atividade 3

Atividade 3	Prós e Contras
Descrição da Atividade	Realização de dinâmicas de grupo com a presença das Diretoras de Turma em conjunto com os alunos, de forma a que seja exposta a sua perspetiva sobre o seu percurso académico, sendo a sua perceção fundamental na discussão realizada. Será um espaço promotor de conhecimento e de participação ativa dos jovens na defesa dos seus princípios e valores, elementos base na fundamentação realizada sobre a temática em causa. Serão, ainda, retiradas dúvidas e esclarecidos mitos sobre a mesma, o que permitirá aos jovens ter um conhecimento mais informado e esclarecido.
Justificação	É importante dar voz aos jovens, conhecer as suas perspetivas e dar resposta às suas dúvidas.
Periodicidade	5 de Abril de 2019
Público-alvo	Turmas de CEF (OSTA e Eletricidade)
Técnico Responsável	Assistente Social
Instituições Parceiras	Não dispõe.
Caráter Inovador	Os jovens terão o poder da palavra sobre todo e qualquer tema escolhido para debate, de forma a expressarem o seu ponto de vista e partilharem conhecimento entre si. É, também, um meio para os jovens estabelecerem relações e exprimirem sentimentos e/ou emoções.

Apêndice D - Autorização de Estudo de Caso

 <p>Instituto Politécnico de Castelo Branco Escola Superior de Educação</p>	<p>Mestrado em Intervenção Social Escolar</p>
<h3>Autorização do Estudo de Caso</h3>	
<p>Eu, _____, Encarregada de Educação do Aluno, _____, do curso _____, autorizo que a Cristiana Filipa Santos Fernandes, Licenciada em Serviço Social e Mestranda em Intervenção Social Escolar, da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, realize o Acompanhamento Individualizado e Estudo de Caso do meu Educando.</p>	
<p>Assinatura da/o Encarregado de Educação</p> <p>_____</p>	
<p>Mestranda em Intervenção Social Escolar</p> <p>_____</p>	

Apêndice E - Guião de Entrevista a Encarregados de Educação

Guião de Entrevista a Encarregados de Educação			
Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Questões/Tópicos	Sub-Questões
-Contextualização da Investigação e da Realização da Entrevista	-Contextualizar a Investigação -Obter do consentimento informado para a participação no estudo e gravação da entrevista, com o respetivo protocolo	-Apresentação do Investigador -Contextualização do problemas e objetivos de estudo -Valorizar a importância do entrevistado na investigação -Enfatizar os princípios éticos da confidencialidade e participação voluntária	-Retirar dúvidas ao entrevistado -Está disposto(a) a dar o seu contributo para o êxito desta investigação?
-Perfil do sujeito da amostra	-Caracterizar do sujeito da amostra	-Qual a atividade que o seu filho gosta mais de realizar?	-O seu filho tem por hábito sair à noite com amigos?
-Caracterização da família do sujeito da amostra	-Caracterizar a família do sujeito da amostra -Definir a relação Pais-Filho-Escola	-Como é composto o seu agregado familiar? -Descreva a sua dinâmica familiar. -Com que frequência vem à escola?	-Como é a relação pais-filho?
-Percurso escolar do sujeito da amostra	-Caracterizar o percurso escolar do aluno	-Qual a importância que a Escola tem para si? E para o seu filho? -Como caracteriza o percurso escolar do seu filho? -Quantas retenções houve e em que ano letivo? -Numa escala de 0 a 10, caracterize o empenho e motivação escolar do seu filho. -Considera que o seu filho apresente alguma dificuldade de inserção na escola, dificuldade na aprendizagem ou algum conflito com outro colega? -O seu filho tem hábitos de estudo?	-Relativamente às faltas injustificadas, tem conhecimento pelo seu filho ou pela Diretora de turma? Sabe quais as causas e o motivo da sua frequência? -No que respeita à recente suspensão, qual a sua opinião sobre esta medida? -O seu filho frequenta atividades extracurriculares? -O seu filho tem um grupo de amigos estável/coeso?
-Perspetivas de Futuro	-Identificar objetivos e perspetivas futuras do aluno	-A escolha do curso foi pensada em conjunto (pais-filho)? -O curso que o seu filho frequenta está relacionado com a profissão que quer exercer no futuro?	-O seu filho gostas do curso que frequenta? -Qual a profissão que o seu filho quer exercer no futuro?

Apêndice F - Guião de Entrevista a Alunos

Guião de Entrevista a Alunos			
Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Questões/Tópicos	Sub-Questões
-Contextualização da Investigação e da Realização da Entrevista	-Contextualizar a Investigação -Obter do consentimento informado para a participação no estudo e gravação da entrevista, com o respetivo protocolo	-Apresentação do Investigador -Contextualização do problemas e objetivos de estudo -Valorizar a importância do entrevistado na investigação -Enfatizar os princípios éticos da confidencialidade e participação voluntária	-Retirar dúvidas ao entrevistado -Estás disposto a dar o teu contributo para o êxito desta investigação?
-Perfil geral do sujeito da amostra	-Caracterizar do sujeito da amostra	-Que idade tens? -O que mais gostas de fazer?	-Costumas sair à noite com amigos?
-Caracterização da família do sujeito da amostra	-Caracterizar a família do sujeito da amostra -Definir a relação Pais-Filho-Escola	-Como é composto o teu agregado familiar? -Descreve a tua dinâmica familiar. -Com que frequência a tua mãe/pai vem à escola?	-Como te relacionas com os teus pais/irmã(s)?
-Percorso escolar do sujeito da amostra	-Caracterizar o percurso escolar do aluno -Identificar o nível de empenho e motivação escolar do aluno -Caracterizar a relação entre pares	-Qual a importância que a Escola tem para ti? -Como caracterizas o teu percurso escolar? -Gostas do curso que frequentas? -Quantas retenções houve e em que ano letivo? -Numa escala de 0 a 10, caracteriza o teu empenho e motivação escolar. -Sentes alguma dificuldade de inserção na escola, dificuldade na aprendizagem ou existe algum conflito com outro colega? -Tens um grupo de amigos estável/coeso?	-Descreve o teu comportamento em contexto de sala de aula -Qual o motivo do teu elevado número de faltas injustificadas? -No que respeita à tua recente suspensão, descreve o sucedido e refere qual a tua opinião sobre esta medida. -Frequentas atividades extracurriculares?
-Perspetivas de Futuro	-Identificar objetivos e perspetivas futuras do aluno	-O que pretendes fazer quando acabares este curso? -O curso que frequentas está relacionado com a profissão que pretendes ter? Explica porquê.	-Qual a profissão que queres exercer no futuro?

Apêndice G - Guião de Entrevista às Diretoras de Turma

Guião de Entrevista às Diretoras de Turma			
Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Questões/Tópicos	Sub-Questões
-Contextualização da Investigação e da Realização da Entrevista	-Contextualizar a Investigação -Obter do consentimento informado para a participação no estudo e gravação da entrevista, com o respetivo protocolo	-Apresentação do Investigador -Contextualização do problemas e objetivos de estudo -Valorizar a importância do entrevistado na investigação -Enfatizar os princípios éticos da confidencialidade e participação voluntária	-Retirar dúvidas ao entrevistado -Está disposta a dar o seu contributo para o êxito desta investigação?
-Perfil do sujeito da amostra	-Caracterizar do sujeito da amostra -Caracterizar o perfil dos alunos em contexto escolar	-De modo geral, como caracteriza a sua Direção de Turma? -Na sua perspetiva, os alunos são empenhados e responsáveis? Se não, quais considera serem as melhores estratégias na promoção do empenho e motivação destes alunos? -Considera que os alunos atribuem importância à Escola? Explique porquê	-Como caracteriza o aluno C. para o estudo? Descreva o seu comportamento e atitudes em contexto de sala de aula. -Numa escala de 0 a 10, indique o nível de motivação e empenho escolar do aluno.
-Caracterização da família do sujeito da amostra	-Caracterizar a família do sujeito da amostra -Definir a relação Pais-Filho-Escola	-Conhecendo a família do aluno, como a caracteriza?	-Como caracteriza a relação pais-filho? -E a relação pais-escola?
-Percurso escolar do sujeito da amostra	-Propor ao entrevistado que se pronuncie sobre diferentes aspetos do percurso académico dos alunos.	-Quais considera ser as principais causas associadas ao insucesso escolar dos alunos? -Relativamente às faltas injustificadas, sabe quais as causas e motivações das faltas serem frequentes? Qual a melhor estratégia para combater esta problemática? -No que respeita à recente suspensão do aluno, descreva o sucedido. Qual a sua opinião sobre a medida aplicada?	-Considera que a relação entre pares pode influenciar o percurso dos jovens (concretamente as faltas injustificadas)? -A medida proporcionou mudanças no aluno? -Qual a reação do Encarregado de Educação
-Acompanhamento Parental no Percurso Educativo dos Jovens	-Propor ao entrevistado que defina determinados aspetos, mediante a sua perspetiva pessoal e profissional	-Qual a frequência com que o(a) Encarregado(a) de Educação vem à Escola? De forma geral e específica. -Considera que existe um acompanhamento regular e coeso dos pais no percurso escolar do filho?	-Considera que o acompanhamento parental influencia o percurso educativo do(s) aluno(s). De que forma? Explique porquê.
-Avaliação do trabalho de investigação	-Propor ao entrevistado que avalie o trabalho realizado no decorrer da investigação	-Avalie a atividade realizada com a sua direção de turma. -Qual a sua opinião relativamente ao trabalho semanal que realizo	-Na sua perspetiva, o acompanhamento individualizado é

	<p>-Avaliar resultados</p>	<p>com o aluno (o acompanhamento individualizado)? -Considera que o trabalho realizado com o aluno, proporcionou alterações na atitude, comportamento e avaliações do aluno? Se sim, explique quais.</p>	<p>benéfico ou neutro no trabalho com alunos?</p>
--	----------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------


Apêndice H - Guião de Entrevista à Assistente Social

Guião de Entrevista à Assistente Social			
Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Questões/Tópicos	Sub-Questões
-Contextualização da Investigação e da Realização da Entrevista	-Contextualizar a Investigação -Obter do consentimento informado para a participação no estudo e gravação da entrevista, com o respetivo protocolo	-Apresentação do Investigador -Contextualização do problemas e objetivos de estudo -Valorizar a importância do entrevistado na investigação -Enfatizar os princípios éticos da confidencialidade e participação voluntária	-Retirar dúvidas ao entrevistado -Está disposta a dar o seu contributo para o êxito desta investigação?
-Perfil dos sujeitos da amostra	-Caracterizar do sujeito da amostra -Identificar o perfil dos alunos em contexto escolar	-Como caracteriza cada um dos alunos selecionados para o estudo? -Considera que estes alunos atribuem importância à Escola? Explique porquê. -Sente que os alunos são empenhados e responsáveis? Se não, quais considera serem as melhores estratégias na promoção do empenho e motivação destes alunos?	
-Caracterização da família dos sujeitos da amostra	-Caracterizar da família dos sujeitos da amostra -Definir a relação Pais-Filho-Escola	-Conhecendo as famílias de ambos os sujeitos, como as caracteriza? -Como caracteriza a relação pais-filho e pais-escola?	
-Percurso escolar dos sujeitos da amostra	-Propor ao entrevistado que se pronuncie sobre diferentes aspetos do percurso académico dos alunos.	-Quais considera ser as principais causas associadas ao insucesso escolar destes alunos? -Relativamente às faltas injustificadas, quais são as estratégias que considera mais eficazes para combater esta problemática? - Qual a sua opinião sobre a suspensão dos alunos?	-Considera que a relação entre pares pode influenciar o percurso dos jovens (concretamente as faltas injustificadas)?
-Acompanhamento Parental no Percurso Educativo dos Jovens	-Propor ao entrevistado que defina determinados aspetos, mediante a sua perspetiva pessoal e profissional	-Na sua perspetiva, qual a frequência com que os Encarregados de Educação vêm à Escola? -Considera que existe um acompanhamento regular e coeso dos pais no percurso escolar dos filhos?	-Considera que o acompanhamento parental influencia o percurso educativo do(s) aluno(s). De que forma? Explique porquê.
-Avaliação do trabalho de investigação	-Propor ao entrevistado que avalie o trabalho realizado no decorrer da investigação	-Qual a sua opinião relativamente ao trabalho semanal que realize com os alunos (o acompanhamento individualizado)?	-Na sua perspetiva, o acompanhamento individualizado é benéfico ou neutro no trabalho com alunos?

Apêndice I - Guião de Entrevista às Psicólogas

Guião de Entrevista às Psicólogas			
Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Questões/Tópicos	Sub-Questões
-Contextualização da Investigação e da Realização da Entrevista	-Contextualizar a Investigação -Obter do consentimento informado para a participação no estudo e gravação da entrevista, com o respetivo protocolo	-Apresentação do Investigador -Contextualização do problemas e objetivos de estudo -Valorizar a importância do entrevistado na investigação -Enfatizar os princípios éticos da confidencialidade e participação voluntária	-Retirar dúvidas ao entrevistado -Está disposta a dar o seu contributo para o êxito desta investigação?
-Perfil dos sujeitos da Escola	-Identificar o perfil dos alunos no contexto escolar	-Pensando na Escola Amato Lusitano, considera que estes alunos atribuem importância à Escola? Importa-se de clarificar? -De forma geral, sente que os alunos são empenhados e responsáveis? Se não, quais considera serem as melhores estratégias na promoção do empenho e motivação destes alunos?	
-Percorso escolar dos sujeitos da amostra	-Propor ao entrevistado que se pronuncie sobre diferentes aspetos do percurso académico dos alunos.	Pensando especificamente nas turmas de CEF: -Quais considera ser as principais causas associadas ao insucesso escolar destes alunos? -Relativamente às faltas injustificadas, quais são as estratégias que considera mais eficazes para combater esta problemática? -Qual a sua opinião sobre a suspensão dos alunos?	-Considera que a relação entre pares pode influenciar o percurso dos jovens (concretamente as faltas injustificadas)?
-Acompanhamento Parental no Percorso Educativo dos Jovens	-Propor ao entrevistado que defina determinados aspetos, mediante a sua perspetiva pessoal e profissional	-Na sua perspetiva, qual a frequência com que os Encarregados de Educação vêm à Escola? -Considera que existe um acompanhamento regular e coeso dos pais no percurso escolar dos filhos?	-Considera que o acompanhamento parental influencia o percurso educativo do(s) aluno(s). De que forma? Explique porquê.
-Avaliação do trabalho de investigação	-Propor ao entrevistado que avalie o trabalho realizado no decorrer da investigação	-Qual a sua opinião relativamente ao trabalho semanal que realize com os alunos (o acompanhamento individualizado)?	-Na sua perspetiva, o acompanhamento individualizado é benéfico ou neutro no trabalho com alunos?

Apêndice J - Consentimento Informado para realização das entrevistas

 <p>Mestrado em Intervenção Social Escolar</p> <p>Consentimento Informado da Entrevista</p> <p>Eu, _____, com a função de _____, na Escola _____ declaro que participo de livre e espontânea vontade na entrevista realizada pela Cristiana Filipa Santos Fernandes, Licenciada em Serviço Social e Mestranda em Intervenção Social Escolar, na Escola Superior de Educação de Castelo Branco.</p> <p>Declaro, ainda, que tomei conhecimento de que a entrevista é gravada e será usada como ferramenta de recolha de dados para o Trabalho de Projeto para obtenção do grau de Mestre.</p> <p>Assinatura da/o Participante</p> <p>_____</p> <p>Data: ____/____/____</p>

Apêndice K - Entrevista realizada às Diretoras de Turma

Diretora de Turma - CEF de Eletricidade

1. Tal como expresso no consentimento informado, está disposta a dar o seu contributo para o êxito desta investigação?

Claro, com certeza, tudo aquilo em que puder ser útil.

2. De modo geral, como caracteriza a sua Direção de Turma?

Portanto, a turma era inicialmente constituída por 18 alunos. Um dos quais nunca chegou a aparecer, foi indicado para abandono escolar, era de nacionalidade romena e, entretanto, já teria deixado o país. Entretanto a turma recebeu mais um aluno de etnia cigana que neste momento também está em abandono escolar. E houve uma transferência de um aluno que foi viver para a Suíça, portanto, a turma neste momento tem então 16 alunos.

De uma forma geral são alunos com um percurso que não tiveram sucesso no ensino regular, que estão num curso de eletricidade porque havia dois cursos à escolha, o outro era de madeiras. Muitos já percebi que nem sequer vão prosseguir eletricidade, foi uma forma de continuarem na escola sem ser no ensino regular. Não são alunos motivados, tirando, talvez excetuando 2, 3 alunos no máximo, que são alunos muito empenhados. Têm objetivos e a educação é modelo, gostam de aprender e fazem as tarefas. Tirando esses 3 alunos no máximo, os outros não, portanto são alunos que estão aqui porque têm de estar.

Já há 4 alunos que completaram recentemente os 18 anos e claro, continuam porque estão a um passo de ficar com o 9º ano e um estágio e sabem que isso é benéfico, mas é visível a falta de empenho deles.

3. Na sua perspetiva, os alunos são empenhados e responsáveis? Se não, quais considera ser as melhores estratégias na promoção do empenho e motivação destes alunos?

Não são empenhados como eu disse e nem sequer são responsáveis, à exceção desses 3. E mesmo os alunos com 18 anos de idade, que já são encarregados de educação de si próprios, faltam às aulas sem controlar o limite de faltas, sendo necessário lembrá-los sempre dos limites de faltas. Porque eles não controlam isso, o facto de terem de apresentar justificações, nos dias úteis que têm para as apresentar, e estão constantemente a fazer planos de reposição de horas, para não ficarem já em situação de retenção.

É assim, não existem milagres. Essas estratégias não podem ser ligadas às disciplinas, porque tem de ser algo diferente daquilo que não os motiva: a escola.

4. Como caracteriza o aluno selecionado para o estudo? Descreva o comportamento e atitudes do aluno em contexto sala de aula.

Portanto, os alunos de um modo geral revelam mau comportamento. São várias as queixas, nem todas deram em participação disciplinar, mas informalmente sem ter esses registos, os vários professores nas reuniões e nem sempre em situação formal,

também fora das aulas e das reuniões, comentam que a indisciplina é devastadora. Portanto, eles arraram os professores.

Mantê-los sossegados numa sala é complicado. Para além disso há várias participações disciplinares e nas datas dos conselhos de turma o comportamento é sempre referenciado como insuficiente.

5. Então considera que o comportamento do aluno é inadequado?

De alguma forma sim, mas não no sentido de perturbar as aulas, é inadequado porque usa sistematicamente o telemóvel, apesar das várias advertências dos professores vão dando. Talvez seja o aluno que mais recorre ao telemóvel. Ele na maior parte das aulas tem uma postura de apatia quase, tem outras em que trabalha, depende.

Mesmo na própria disciplina, por exemplo à disciplina que lhes leciono, língua portuguesa, há aulas em que ele vem motivado e trabalha e vai à frente da ficha. Portanto, eu dou as fichas, analiso com eles e damos as respostas em conjunto, as respostas são projetadas, porque se não fosse assim, estou agora no módulo 15 e se lhes desse tempo para eles fazerem as coisas estaria agora ainda no módulo 12, provavelmente.

Pronto, e às vezes, noto que ele, ele e o colega de carteira, por vezes têm um ritmo mais acelerado e eu vou na resposta 4 e eles já vão na 6, isso quer dizer que não estão à espera de copiar as respostas, fazem-nas sozinhos, isso é nos dias bons. Tem outros dias que é de total apatia. Portanto, aí o comportamento é inadequado: recorre ao telemóvel, dorme, mas não perturba.

Não é um aluno que seja necessário mandar calar, não perturba, alguns estão constantemente a falar e ele se tiver necessidade de falar com o colega do lado ou com o colega atrás, ele fá-lo de umas forma discreta, portanto a mim pessoalmente e vejo isso também pela opinião dos outros colegas, ele não é um elemento perturbador. É um elemento que não faz, não se empenha, porque não quer, porque tem capacidades para tal.

6. Numa escala de 0 a 10, indique o nível de motivação e empenho escolar do aluno.

Portanto, tentando gerir os dias bons com os dias maus, embora eu considere que os dias maus, em que ele vem com aquela preguiça, são superiores. Às vezes chegando ao pé dele e dizendo “vá faz um bocadinho” pronto, tentando ali conversar, por o lápis a correr melhor, fazendo ali o início. Talvez, talvez um 5, sendo um bocadinho benéfico.

7. Conhecendo a família do aluno, como a caracteriza?

Portanto, conheço a encarregada de educação, mostra de facto alguma preocupação pela situação escolar do filho. Vem, veio às reuniões convocadas para os Encarregados de Educação e veio sempre que a convoquei. Não vem por iniciativa própria, quando não há convocatória.

8. Como caracteriza a relação mãe-filho e mãe-escola?

Houve uma situação em que estiveram juntos, coloquei ambos para o mesmo tempo e pareceu-me que há uma boa relação, que a mãe tenta sempre por, através de um

reforço positivo, de uma forma carinhosa, levá-lo a um bom porto. Portanto, parece-me que há ali diálogo, compreensão, uma atitude até, demasiado tolerante, da mãe em relação ao filho.

9. Quais considera ser as principais causas associadas ao insucesso escolar dos alunos? (turma e aluno)

Talvez os interesses não passem pela formação académica, talvez. Aprender também dá trabalho, muitos deles estão aqui porque é a saída alternativa, não se empenharem, porque mesmo aqui o futuro até podia sorrir desde que aproveitassem a oportunidade de se especializarem em alguma coisa que não a eletricidade, não é? As pessoas que são formadas nessa área têm hipóteses de terem carreiras ótimas. Eu acho que eles ainda não pensam no futuro deles como pessoas de trabalho. Portanto, ainda estão aqui um bocadinho a ver o que irão fazer.

10. Considera então, que os alunos não têm perspetivas de futuro?

Não pensam sequer no futuro.

11. Relativamente às faltas injustificadas, sabe quais as causas e motivações das faltas serem frequentes?

No geral, onde o aluno também se envolve, é porque se deixam dormir, porque não apetece ir ou porque têm outras coisas combinadas lá fora. E excedem o limite de faltas de forma a chegarem mesmo até ao fim.

12. Qual a melhor estratégia para combater esta problemática?

A melhor estratégia, sem dúvida, é andar sempre em cima da situação. Cada falta que se dá, dizer “eu sei que tu faltaste, porque é que faltaste?”. E se isso não basta, porque na maior parte dos casos não basta, é telefonar para o Encarregado de Educação e então ao final do dia, o aluno chega a casa e o Encarregado de Educação diz “eu sei que tu faltaste, porque é que faltaste?”.

Agora acontece que numa turma, embora sendo pequena, só com 16 alunos, se eu fosse fazer isso eu teria de o fazer todos os dias essa quantidade de telefonemas e, portanto, seria impossível de fazer. Mas faço-o sempre que posso e acho que é, no caso de alguns pais que, a maior parte de tudo, os Encarregados de Educação eu percebo que quando comunico, há ali, eu vejo que o educando fica ali uns dias mais sossegado. Portanto, acho que resulta.

13. Considera que a relação entre pares influencia o percurso dos jovens (concretamente as faltas injustificadas)?

Sim, provavelmente os pares vão influenciar as faltas, no entanto não me parece que seja aqui o caso. Porque não vejo grandes grupos a faltar ou aqueles pares do costume a faltar. Uma vez falta um, outra vez falta outro.

14. No que respeita à recente suspensão do aluno, descreva o sucedido. Qual a sua opinião sobre a medida aplicada?

O aluno teve apenas, ou deu origem à suspensão, teve na origem aliás da suspensão, duas faltas disciplinares, no entanto o motivo foi o mesmo. E o motivo que levou à

instrução do processo, a agir dessa forma, foi o facto de se perceber ali uma pressão deste aluno para com outro aluno da turma.

Não soube aprender, não aprendeu nada com o facto de ter uma primeira participação disciplinar, continuou a fazer bullying com o aluno, nas aulas e lá fora. E quando é a 2ª participação disciplinar aí tinha mesmo de agir de forma inequívoca. Portanto, que os alunos por vezes levantem a voz nas aulas, que estejam distraídos, que não façam, é uma coisa. Que persigam colegas é outra e é grave e, portanto, não poderíamos deixar que isso continuasse a acontecer. Se nada fosse feito ali, provavelmente teríamos tido uma situação muito grave entre esses dois alunos.

15. A medida aplicada proporcionou a alteração do comportamento do aluno?

Eu creio que a medida só por si, não foi suficiente, porque ele voltou revoltado. Quando regressou à escola ele vinha ainda com mais vontade de agredir o colega.

Foi a forma como o processo foi conduzido. Até agora foi assim, levaste esta medida, se continuares a medida será pior. Portanto, a mãe teve de vir ter conhecimento, prestar entrevista, prestar conhecimento de tudo e assinar os documentos. Talvez ele tenha ficado mais calmo por reear outro processo, mas teve de se fazer ver que o processo que ele levou foi para as atitudes que tinha tido, não para continuar. Portanto, se continuasse iria ser novamente punido.

16. Como reagiu a mãe à medida?

A mãe, a mim pareceu-me que nem queria acreditar. Portanto, uma atitude de tanta agressividade do filho, porque segundo me disse o filho, ele próprio noutra escola era ao contrário, era ele a vítima. Normalmente aquele que é vítima depois futuramente é, tem mais tendência, para ser ele o agressor. É uma forma de vingança, não é?

17. Neste momento, esses alunos já não têm conflitos?

Não quer dizer que não hajam conflitos. Agora não chegam a vias de facto como estava a acontecer anteriormente, mesmo fisicamente, de agressões físicas, que aconteceram lá fora, portanto, o que aconteceu na aula foi apenas uma cinteia daquilo que se verificou também fora da escola.

De qualquer forma, o aluno visado, que foi vítima deste aluno, tem instruções para se queixar sempre que se sinta ameaçado, e isso acabou e claro que o outro aluno também foi avisado de que qualquer coisa que fizesse iria ter repercussões. Para ter cuidado, se não gosta do colega que o ignore, mas que não esteja constantemente a tentar provoca-lo, e creio que a situação acalmou bastante.

18. Qual a frequência com que a(o) Encarregada(o) de Educação vem à Escola?

Quando convocada, vem sempre.

19. Considera que existe um acompanhamento regular e coeso dos pais no percurso escolar dos filhos?

Nenhum encarregado de educação, nenhum, se dirige à escola sem ser convocado. Tem sido uma constante nesta turma. Não creio que os encarregados de educação perguntem “*como é que estão as tuas notas?*”, tanto que na reunião que dos

encarregados de educação para entrega das avaliações, a percentagem dos encarregados de educação que estão presentes é muito baixa, menos de 20%.

20. Quando os pais não comparecem a escola envia uma carta?

Eu faço sempre a convocatória e peço sempre que tragam a prova do conhecimento dos encarregados de educação. Os encarregados de educação têm aquela reunião para vir e aquela hora de atendimento para poderem vir buscar as avaliações.

21. Esses pais nunca vêm?

Há pais que não conheço ainda. Muitos encarregados de educação eu só conheço de contactá-los telefonicamente.

22. Considera que o acompanhamento parental influencia o percurso educativo do(s) aluno(s). De que forma? Explique porquê.

Sem dúvida. Também sou mãe e sei que se houver, não só dos pais, às vezes mesmo dos próprios professores, ou alguém da família que queira saber como estão as coisas. Se ninguém pergunta, nós não podemos melhorar. Agora se tivermos alguém que nos pergunta *“então, já conseguiste melhorar?”*, talvez nos lembremos de nos esforçar um pouco mais. Mas se houvesse aqui também outro acompanhamento dos pais, se eu não tivesse enviado através dos alunos as avaliações dos alunos, metade dos pais não saberiam quais as notas dos filhos. Portanto se não querem saber das notas, provavelmente não querem saber *“como é que foi o teste? Ou como é que foi a ficha?”* e essa falta de preocupação ou de verificação ou de, não é de interesse, mas esse deixar andar pelos responsáveis por eles, acaba por não ser estímulo. Eles não sentem estímulo para tirarem grandes resultados.

12. Como avalia a atividade realizada com a turma?

Foi positivo. Penso que colaboraram e acho que foi benéfico para eles e que gostaram.

23. Qual a sua opinião relativamente ao trabalho semanal que realizo com os alunos (o acompanhamento individualizado)?

Eu acho que é muito benéfico. Conhecendo o aluno, no início antes de ser acompanhado por si e depois, e acho que há aqui uma mudança nele. Ele sabe que alguém lhe vai perguntar alguma coisa, não é a mãe, talvez a mãe não lhe pergunte nada da escola, sobre a escola. Mas na escola há alguém interessado, quer por motivos de trabalho, investigação ou não, isso não interessa, mas ele sabe que há alguém que lhe vai perguntar as coisas. Ele vai ter de dar contas disso e então ele pareceu-me ter ficado mais calminho depois de ter começado a trabalhar consigo.

24. Considera que o trabalho realizado com o aluno, proporcionou alterações na atitude, comportamento e avaliações do aluno? Se sim, explique quais.

Sim, sem dúvida.

25. Na sua perspetiva, o acompanhamento individualizado é benéfico ou neutro no trabalho com alunos?

Eu acho que sim, há aqui muita alminha perdida.

26. Por sentir que falta acompanhamento dos pais?

Sim, sim.

Diretora de Turma – CEF de OSTA

1. Tal como expresso no consentimento informado, está disposta a dar o seu contributo para o êxito desta investigação?

Claro que sim.

2. De modo geral, como caracteriza a sua Direção de Turma?

A turma começou com 22 alunos, neste momento, para fins estatísticos estão 20, mas na sala já só estão 15. Porque uma foi transferida, outro anulou a matrícula e 5 alunos ultrapassaram o número de faltas permitido por lei, por isso mesmo estão, 2 abandonaram mesmo e os outros estão a cumprir um plano de estudos. Portanto, neste momento tenho 15 alunos.

O perfil da turma, pois o perfil destes alunos dum CEF, são normalmente alunos que vêm com muitas retenções, além do número das retenções, trazem problemas de comportamento e que se refletiu ao longo deste ano. Portanto, o facto de já 5 alunos terem ultrapassado o limite de faltas vem reforçar isto, vem ao encontro do que é o perfil da turma. A maior parte é preguiçosa, mas já vinham. Lá está, são hábitos que se adquirem, e hábitos e métodos de trabalho quase que não têm nenhuns, não é? Mas e muitas vezes, até o saber estar, quando eu digo o saber estar não são as regras de sala de aula, é o saber estar. Portanto, chamo muitas vezes à atenção diversos alunos que não sabem estar, ou seja, interrompem sem – pronto, têm – por vezes fazem comentários desapropriados, despropositados, mas que para eles quando eu lhes chamo à atenção eles ficam a olhar para mim como quem diz “*mas isto é despropositado?*”, não entendem pronto.

No entanto, este número de alunos que ficou e que eu acho que para o ano será uma turma, turma-turma, não é? eles funcionam muito bem como turma, tanto como para o bem como para o mal, como eu costume dizer.

Há ali alunos com algumas capacidades e que não o mostraram no ensino regular, mas que no ensino de CEF estão lindamente, irão de certeza absoluta completar os 2 anos com sucesso.

Nestas turmas CEF há alunos com graves situações económicas em que os pais têm uma baixa escolaridade, quase todos eles têm irmãos, para além de referir que eu tenho 4 nacionalidades na turma. Brasileiros, um sírio, um romeno, dois alunos de etnia cigana, apesar de um deles já ter abandonado, claro que isso também -como é que hei-de dizer? – a turma também fica mais enriquecida. Tudo enriquece a turma.

3. Na sua perspetiva, os alunos são empenhados e responsáveis? Se não, quais considera ser as melhores estratégias na promoção do empenho e motivação destes alunos?

Alguns sim. A maioria deles, destes 15 que eu falei. Outros não, estão simplesmente para tentar terminar o 9º ano.

A melhor estratégia é sempre ir, tentar ir ao encontro daquilo que eles mais gostam de fazer, porque eles estão a fazer um projeto em termos de cidadania e desenvolvimento que vai precisamente ao encontro daquilo que eles gostariam de fazer e o feedback que eu tenho dos professores que os estão a acompanhar é, portanto, eles estão muito motivados com os trabalhos. E os trabalhos que ali vêm para um concurso que eles vão participar. Não sei não mas há ali pelo menos um dos trabalhos que não sei não. Eles às vezes surpreendem-nos.

4. Considera que os alunos atribuem importância à escola? Explique porquê.

Vou voltar a dizer que a maioria dá importância à escola porque precisa dela para obter o 9º ano.

5. Sente que os alunos têm uma perspetiva de futuro definida?

Alguns sim, outros não.

6. Como caracteriza o aluno selecionado para o estudo? Descreva o comportamento e atitudes do aluno em contexto sala de aula.

Lá está, o aluno C. não deve, nem tem nenhuma perspetiva futura de certeza absoluta.

O comportamento, eu vou mesmo falar mal, portanto, o comportamento dele apesar de ter melhorado, ele incita os alunos a fazer por trás. E eu já lhe comuniquei isso, que ele é um dissimulado, um sonso, já lhe disse mesmo, porque ele por trás faz as coisas e depois não dá a cara. Faz pela calada, portanto não assume. No outro dia assumiu qualquer coisa que fizeram e ele pôs o braço no ar, sim senhora.

7. Numa escala de 0 a 10, indique o nível de motivação e empenho escolar do aluno.

Vou por 5. É assim ele faz o mínimo, é assim ele está aqui para tentar tirar o 9º ano, faz o mínimo possível, já atingiu o limite de faltas, e portanto, é um aluno que já foi referenciado para a CPCJ, uma vez que já fez um PRA, está no limite das faltas em algumas, não é só numa disciplina, são em várias disciplinas neste momento. Portanto, ele está aqui para fazer o mínimo, porque ele tem capacidades, tem muitas capacidades, aliás ele só pode ter capacidades pela forma que é e por aquilo que faz por trás com os colegas, portanto, tem inteligência para isso. Portanto, ele só não faz porque não quer, porque ele faz o mínimo.

8. Conhecendo a família do aluno, como a caracteriza?

É assim, a dinâmica familiar, no fundo parece-me, pronto é um pai, uma mãe, tem uma irmã, olhando e vendo são um casal, são pais à partida perfeitamente normais, se é que isso se pode dizer desta forma. No entanto, na educação do aluno foram muito – como é que eu hei-de dizer? – benevolentes. É assim, eu sei por histórias anteriores, a

antiga diretora de turma está no conselho de turma, portanto, já o conhece e contou-me. Ele era muito bom a jogar à bola e como era muito bom a jogar à bola projetaram isso nele, como um futuro Cristiano Ronaldo, digamos assim, não é bem o caso, mas pronto. Mas ele lesionou-se e teve de ser operado e, portanto, acabou-se o futebol, acabando-se o futebol, acabaram-se as perspetivas. E, portanto, estive no ensino regular na João Ruiz e depois resolveu, porque ele acha que ia ser só bom no futebol e, portanto, descurou o resto.

E os pais, a partir de já, quando quiseram ter não nele já não conseguiram. Para além daquelas crises de ansiedade que ele tem e que principalmente a mãe sempre lhe pôs as mãozinhas de baixo e só este ano é que houve uma confirmação que realmente é uma crise de ansiedade, porque ele depois se mete em sarilhos, fora da escola e enfim, devido a todo o seu histórico e os pais sempre lhe puseram as mãozinhas por baixo, é verdade. Sempre o protegeram e o entanto ele não é santo, e eles nunca deram verdadeiramente um castigo, um castigo-castigo, em que ele sentisse na pele o que é perder alguma coisa.

Mas são pais muito preocupados, não há dúvida, só que preocupados que quando agem não agem da forma que deviam agir, ou seja, são muito permissivos, muito muito. É sempre a desculpar, como por exemplo agora a história do teste de Higiene e Segurança no trabalho, portanto ele não veio ao teste, ele não se preocupou em vir, porque se ele tivesse estudado para o teste, de certeza absoluta que ela não se tinha esquecido do teste. E a mãe telefonou-me a perguntou-me se ele, pronto para confirmar se ele não tinha aulas, aliás eu telefonei à mãe quando a professora me informa que ele não tinha vindo ao teste e fui informar a mãe e a mãe disse que queria falar com a professora queria que ele fizesse o teste. É assim, para já não tem de falar diretamente com a professora, eu sou a interlocutora entre professores e encarregado de educação e é assim, já lhe foi dada a oportunidade de fazer o teste e pelos vistos ele não estava muito interessado porque se ele tivesse estudado ele não se esqueci, porque era a desculpa que a mãe dizia *“ah, ele com certeza esqueceu-se”* – *“desculpe? Ninguém se esquece de um teste”* – *“mas eu quero falar com a professora”*, e acho que ela não tentou mais e a professora nunca iria falar com ela. Portanto, ela queria *“mais ele tem de fazer o teste”*, pois, mas ele não foi. Mas safou-se pronto, safou-se porque tinha tido 3. Porque esses módulos são 50%-50%, mesmo que não tenha nota na parte cognitiva tem em tudo o resto.

9. Como caracteriza a relação pais-escola?

É assim, os pais começaram a vir à escola quando, a mãe principalmente, no 1º período, vinha mais quando ele começou a dar as primeiras faltas e que ela foi informada. E depois veio-me falar da história da ansiedade e que ele estava a sofrer de bullying, lá fora, não era dentro da escola. Mas ela vinha quase todas as semanas após a primeira vez que alertei. Quando cheguei, e chamo cá o pai e tenho uma conversa na presença da Assistente Social e lhe explicamos que o aluno pode ir para a CPCJ, pode ser referenciado à CPCJ, porque o número de faltas já é tão elevado, quer dizer que não queremos fazer porque eles têm uma filha mais pequena e o aluno ainda só tem 15

anos, portanto que eles iriam ser muito chateados e que o aluno poderia mesmo ser institucionalizado, o pai realmente ficou preocupado, mas após isso a coisa continuou a descambar e eu tive de sinalizar e pronto, deu isto tudo. E penso que eles não querem falar comigo, dá-me a sensação que cortaram relações, porque eu sou a má da fita, porque eu só quero mal ao aluno, por lhes ter dito na cara o quem era o filho. Eu não tenho papas na língua, mas eu trato-o como todos os outros alunos, não há ninguém ali que possa dizer que eu o trato de maneira diferente. Mas eles ao menos sabem com que está a falar, e ele tem positiva comigo, portanto, não foi isso que influenciou a avaliação que dei.

10. Quais considera ser as principais causas associadas ao insucesso escolar dos alunos?

São sempre os interesses divergentes dos escolares. E a falta de empenho. É evidente que este CEF só abriu este ano, o de tratamento de águas e muitos não estariam para aí virados, até mesmo nas aulas práticas se nota isso em alguns alunos. Ter negativa nas aulas práticas é não querer fazer rigorosamente nada mesmo. E têm, há alunos com 2 e com 1. Claro que só existia um e que era a única opção, mas para o ano vai acontecer o mesmo, também só vai existir um, se não gostarem não sei como é que tiram o 9º ano, a menos que esperem pelos 18 e anulem a matrícula, como uma aluna que tive, que depois de sair daqui foi para o centro de formação, onde já pode tirar outro tipo de cursos, é um curso mais prático, não é tão massudo.

11. Relativamente às faltas injustificadas, sabe quais as causas e motivações das faltas serem frequentes? Qual a melhor estratégia para combater esta problemática?

São muito frequentes, para já, porque eles não querem dizer aos pais, e depois, portanto, eles faltam porque já faltavam, ou seja, muitos deles também já foram retidos por faltas anteriormente, portanto já não iam às aulas, portanto, os seus interesses não são estar na aula. E depois acham que tudo se resolve, a geração que nós temos agora, não são só este tipo de alunos, tudo há-de ter uma resolução, tem uma resolução, mas não é aquela que eles realmente pretendiam.

A estratégia para combater as faltas injustificadas, é para além da conversa que se tem com o aluno, que se tem com a turma, para que eles vejam quais, para primeiro terem consciência do que isso vai acarretar. Provavelmente, posso dizer que posso ter falhado com eles logo no início, apesar de lhes ter contado algumas coisas, mas quer dizer, eu não imaginei que ia ter tantos alunos a serem sinalizados para a CPCJ. Disse-lhes sempre que era a última oportunidade que eles tinham e isso foi dito desde o início do 1º período, portanto sempre lhes disse, até mesmo alunos que estavam em risco, eles chumbam-me por faltas de pontualidade quando sabem que não podem, por faltas disciplinares, quer dizer não faz sentido.

Eu penso que eles não absorvem ou acham que tudo se resolve, pronto e que tudo tem solução e que a solução é para bem deles quando isso não é verdade e alguns estão a sofrer as consequências disso.

12. Considera que a relação entre pares influencia o percurso dos jovens (concretamente as faltas injustificadas)?

Dentro da turma não, é fora da turma. Os grupos são fora da turma.

13. No que respeita à recente suspensão do aluno, descreva o sucedido. Qual a sua opinião sobre a medida aplicada?

A suspensão do aluno vem mediante uma serie de participações.

Na primeira suspensão, lá está ele faz pela calada, desenhou o que não deveria ter desenhado no caderno de outro colega. A segunda participação, esta realmente foi péssima porque ele quis realçar à turma um mau comportamento de um aluno, uma coisa que outro aluno disse e que ele resolveu repeti-la normalmente e claro que a professora não acho piada nenhuma. A terceira foi porque ele não estava atento nem a cumprir a tarefa que lhe tinha sido proposta e a perturbar outros alunos, no fundo aqui foi apanhado.

Concordo lindamente com esta medida, fui eu que a apliquei, por isso concordo. É assim, a escola neste momento não tem condições para ter, porque eu ainda consegui fazer isso com uma outra aluna e que teve mais dias de suspensão que ele, que era fazê-lo aqui na escola. Portanto, estive no bar dos alunos, talvez uma dessas com este aluno tivesse resultado melhor. Para sentir o peso do trabalho, entre aspas porque não é um trabalho por aí além. É claro que os pais iriam barafustar e ele também, mas quer dizer estando dito estava dito. Mas nem sempre podemos aplicar essa pena e lá está tem de ser com o avalo dos pais, porque no caso da outra aluna foram mesmo os pais que pediram que fosse assim, em vez de ir para casa que era o que ela queria. Aqui neste aluno, também foi o que ele quis, portanto, não vir às aulas, mas que teve influência depois nas faltas.

13. A medida proporcionou mudanças no aluno?

Se teve mudanças? Teve, mas tardiamente, ou seja, como contribuiu para a falta de assiduidade e depois ele continuou a dar faltas, ele agora quando se sentiu apertado quando foi para a CPCJ sinalizado e se apercebeu do que é que tinha de fazer aí sim, aí é que deu resultado. Portanto, no fundo contribuiu.

14. Como reagiram os pais à medida?

Muito mal. Reagiram muito mal, porque assumiram que nós é que somos os maus da fita.

15. Qual a frequência com que a(o) Encarregada(o) de Educação vem à Escola?

Ultimamente, os pais dele tinham um atestado medico para me entregar e acabou por ser ele a trazer porque o pai queria-me entregar, mas nunca vinha à hora de atendimento, portanto não sei. Já vieram frequentemente, agora neste momento não, já vieram mais frequentemente do que vêm agora. Neste momento, eu acho que neste período, se os vi, vi o pai na reunião e talvez mais outra vez.

A maioria dos encarregados de educação vêm só quando solicitados. Só mesmo os problemas com mais problemas é que os pais são mesmo assíduos, ou seja, quando já estão em último caso.

16. Considera que existe um acompanhamento regular e coeso dos pais no percurso escolar dos filhos?

Não. Só em alguns casos. Mas não, a maioria não.

17. Tendo em conta o que disse, existe ou não estímulo por parte dos pais?

Sim, quando há uma participação. Sim, mas há pais que estão preocupados com isso, mas são muito poucos. Ou outros, ou porque não têm tempo, porque é mesmo assim, porque há casos aqui complicados. Outros porque acham que o filho está entregue à escola.

18. Considera que o acompanhamento parental influencia o percurso educativo do(s) aluno(s). De que forma? Explique porquê.

Sim, com certeza. Na educação dos filhos, porque a escola não substitui a educação dada pelos pais.

19. A falta de educação reflete-se aqui na Escola?

Claro que sim. Muito mesmo.

20. Como avalia a atividade realizada com a turma?

Achei espetacular. Sinceramente acho que estive muito bem, foi pena o tempo realmente, mas é assim com eles tem sempre de se pensar em mais tempo. E depois são só 45 minutos, quando é hora e meia estamos mais à vontade. Mas eu acho que correu muito bem.

21. Qual a sua opinião relativamente ao trabalho semanal que realizo com os alunos (o acompanhamento individualizado)?

Eu quase que digo que não tenho opinião porque não vejo, não sinto e não pergunto, que é mesmo assim. Mas se é ele que também está a contribuir para esta mudança de atitude do aluno, está a correr lindamente.

22. Considera que o trabalho realizado com o aluno, proporcionou alterações na atitude, comportamento e avaliações do aluno? Se sim, explique quais.

Eu acho que sim, que também foi uma das causas. A nível de atitudes, comportamentos e avaliação.

23. Na sua perspetiva, o acompanhamento individualizado é benéfico ou neutro no trabalho com alunos?

Isso era um sonho. Que todos os professores pudessem ter e com alguns alunos que apresentam dificuldades e não falo só no CEF, falo também em turma normais. Acho que se tivessem ali um apoio que nós professores muitas das vezes não conseguimos. Eu como professora de ciências quase que me recuso a fazer experiências com alunos de 6º ano, que são alunos muito pequeninos para estarem a mexer em vidros e eu estar com um olho num e outro noutros, e muito complicado. Mas depois no 3º ciclo isso já é

melhor, porque já são por turnos, pronto já se consegue fazer um bom trabalho experimental e nota-se perfeitamente que quando é em turno as aulas funcionam sempre muito melhor do que quando são em grupo, a turma inteira. Portanto lá está, isso era sopa no mel ou mel na sopa, termos ali alguém que nos ajudasse. Isso era fantástico.

Apêndice L - Entrevista realizada à Assistente Social

Assistente Social

1. Tal como expresso no consentimento informado, está disposta a dar o seu contributo para o êxito desta investigação?

Sim, com certeza. Com todo o gosto!

2. Como caracteriza cada um dos alunos selecionados para o estudo?

Em primeiro lugar, será bom salientar que os cursos de CEF, são direcionados a alunos que já vêm com alguma problemática para trás, nomeadamente em termos de retenções, com idades mais avançadas e desmotivação. Portanto, problemáticas a nível escolar.

Quanto aos alunos que foram selecionados, são 2 alunos que estão completamente desmotivados e voltando ainda atrás já vinham com algum percurso idêntico ao que estão a fazer, nomeadamente faltas às aulas, processos disciplinares, dado o comportamento inadequado no contexto de sala de aula, e, portanto, isso tudo advém de desmotivação a nível escolar. O porquê da desmotivação, neste momento temos ideia de algumas coisas, em primeiro lugar: são alunos que são isentos de regras, isentos de regras familiares, isentos de regras a nível de encarregado de educação, com determinados vícios já adquiridos à algum tempo e que os pais de facto com a nossa ajuda, nas escolas atrás desconheço totalmente, mas com a nossa ajuda, nomeadamente comigo, com as psicólogas no agrupamento, com as estagiárias que temos do IPCB, tentamos de facto conversar com os pais.

Fazemos todo o possível para que entendam como devem agir, o facto é que eles podem ter consciência do facto e conseguimos esse objetivo que é consciencializa-los da problemática inerente aos filhos, mas dado que sempre foram ausentes nesse cumprimento de regras a nível familiar, neste momento é difícil impor-lhes regras, é difícil fazer com que eles as cumpram e eles próprios, pais, não sabem como atuam em relação aos filhos.

3. Considera que estes alunos atribuem importância à escola? Explique porquê.

Não, eles não atribuem, ou por outra, eles sabem que para conseguirem determinados objetivos nomeadamente a nível profissional que são obrigados a ter o mínimo dos mínimos de escolaridade, já descurando aqui o 12º ano, o 9º ano. Portanto, eles sabem que a nível profissional eles precisam disso e este CEF dá equivalência ao 9º ano. Portanto eles, de um modo teórico eles têm essa consciência, na prática eles não gostam de estudar, embora os CEF sejam cursos essencialmente práticos e a nível teórico são muito soft, é um ensino muito mais aligeirado, muito mais superficial, mas é facto que eles não gostam de estudar. Não conseguem estar atentos numa aula, não conseguem aprender a matéria, de todos não têm métodos de estudo e, portanto, há aqui a ambiguidade de perceberem que necessitam do 9º ano para um futuro

profissional, como digo e reitero, já não considero o 12º ano, mas é facto que não gostam e, portanto, a cabeça pensa de uma maneira e o corpo de outra.

4. Sente que os alunos são empenhados e responsáveis? Se não, quais considera ser as melhores estratégias na promoção do empenho e motivação destes alunos?

Empenhados não são, responsáveis muito menos. Empenhados não são por aquilo que já referi e responsáveis pior ainda, porque se fossem responsáveis tentavam ainda que de um modo difícil para eles, desgostoso para eles e contra aquilo que têm na realidade vontade de fazer, eles não conseguem minimamente cumprir. Portanto, responsáveis de todo não são.

Já tentamos de tudo e mais alguma coisa. No sentido de, e num modo muito básico, eu digo que motivando “se conseguirem fazer isto terão a oportunidades muito melhores para uma vida profissional” ainda que difícil, mas sim, têm e que podem estar muito melhor na vida e fazendo pensar nos prós e nos contras daquilo que estão a fazer. Em casa, explicar aos pais como motivá-los e como castigá-los, nomeadamente se errarem, obviamente que merecem uma repreensão, um castigo ou sanção como queiram pensar em retirar aquilo que o aluno mais gosta, nomeadamente agora serão as playstations, os jogos, tudo isso, portanto, telemóveis, tirar numa de castigo. Se o aluno tiver um comportamento cada vez melhor e progredindo ainda que mais lentamente, que um aluno normal, ser-lhe-á dado aquilo que eles gostam. Portanto, isto funciona de um modo básico, portanto faz, tem o seu elogio, o aluno é - como é que eu hei-de dizer? - o aluno é elogiado, é - faltam-me as palavras - Se um aluno efetivamente tem um comportamento coreto e faz um esforço para conseguir aquilo que sabe teoricamente que tem de fazer ou que deve ter, se o fizer deve ser elogiado. Agora, se um aluno tiver essa consciência que deve fazer ainda que não goste, mas que deve porque precisa e ainda faz pior, obviamente que deve ser castigado.

5. Conhecendo as famílias de ambos os sujeitos, como as caracteriza?

São pais demasiado ausentes, ou por outra, foram pais demasiado ausentes. Aqui no agrupamento não são tanto porque nós fazemos questão de chamar os pais, os encarregados de educação, com frequência à escola, explicando o que está a acontecer e que é importante estar com o jovem, é importante também falar como é que correu o dia de aulas, é importante falar qual a relação que eles têm com os professores, ou seja, é importante a proximidade familiar. Na maior parte das vezes essa proximidade não existe. Não existe porque os pais, os locais de trabalho cada vez exigem mais disponibilidade, mais tempo no local de trabalho e os pais chegam a casa e estão cansados e, portanto, ainda que seja de um modo involuntário, vão descurando dessa proximidade dos filhos.

Ou seja, são crianças adolescentes, que já por si é uma fase difícil, pronto, que o comportamento do adolescente é, é a fase de vida mais difícil do ser humano, já por si têm tendência para comportamentos desviantes. Quando os pais se mantêm ausentes mais tempo eles têm e mais ideias vêm para fazer aquilo que não devem, isso em primeiro lugar. Segundo, a nível escolar, os pais também já não têm conhecimentos, ao

ponto de conseguirem pedagogicamente acompanhar os filhos, e, portanto, uma coisa vem da outra.

6. Como caracteriza a relação pais-filhos e pais-escola?

A relação pais-filhos foi aquilo que eu disse, pronto. Não é aquilo que se pretendia, ou aquilo que nós técnicos pretendíamos que fosse. Em relação à relação pais-escola, infelizmente, e também isto é uma característica destes alunos mais difíceis. Difíceis no sentido de aprendizagem, no sentido comportamental, são pais que vêm à escola única e exclusivamente quando solicitado. Porque por vontade própria acham que é totalmente desnecessário.

7. Quais considera ser as principais causas associadas ao insucesso destes alunos?

Já disse. A desmotivação, depois a desmotivação relacionada com o ambiente familiar, com as ausências a vários níveis, como já referi, a nível da família, os consumos estão também muito ligados a essa desmotivação, o grupo de amigos, obviamente o grupo de amigos associado ao consumo de substâncias e a isenção de regras a nível de família e tudo isso leva a uma desmotivação total e o resultado é negativo, obviamente eles não podem progredir.

8. Relativamente às faltas injustificadas, quais são as estratégias que considera mais eficazes para combater esta problemática?

Bom, é assim, quando há faltas injustificadas, é um facto que não somos nós, é a lei que o determina, a partir do momento em que os alunos, se aproximam de metade do número de faltas que lhe é permitido, o diretor de turma é obrigado a encaminhar, ou por outra, a sinalizar o aluno à Comissão de proteção de jovens, a CPCJ. Por vezes, essa sinalização, quando os pais e o aluno ou a aluno são chamados à CPCJ, digamos que ou chamemos de modo básico, assustam-se e tem algum efeito a nível escolar e por vezes aí resolvemos o assunto, ainda que não seja definitivamente, que seja temporariamente. Por vezes isso não resulta também e o que é que nós fazemos? Fazemos, obriga-los a fazer tarefas extracurriculares, para eles perceberem o que é trabalhar e responsabilizá-los e perceberem que o futuro deles será por algumas dessas atividades de castigo que passam aqui na escola. Por vezes resulta, por vezes não resulta. Tudo depende e continuo e reitero, que tudo depende do acompanhamento familiar dos alunos na escola, é fundamental.

9. Considera que a relação entre pares pode influenciar o percurso dos jovens (concretamente as faltas injustificadas)?

Claro que sim, claro que sim.

10. Sabendo da recente Suspensão de ambos os alunos (motivos diferentes), qual a sua opinião sobre a medida aplicada?

Em relação às faltas e processos disciplinares, quando por vezes eles em suspensão, é aquilo que a lei obriga. Quanto a mim, não é correto. Porque muitos deles provocam mesmo essas situações para poderem estar em casa. E porquê? Estão sozinhos, têm o

tempo todo disponível do mundo para fazerem o que devem e o que não devem, certo? E, portanto, é, por vezes, e confirmo, eles provocam essas situações para chegar a esse ponto. Claro que depois tem as suas repercussões, mas isso eles sabem. Portanto, são faltas que não são justificadas e um aluno em situação de pré-reprovação em faltas, isso aumenta-lhes as faltas e podem esmo reprovar dado essa sanção disciplinar, mas infelizmente, acontecem sim senhora. Depois eles ficam como que anestesiados, “há pois, mas nós não fizemos” ou “isto não podia ter sido feito”, mas no fundo foi aquilo que eles querem. Porque estarem 3 dias em casa, suspensos 3 dias. 5 dias 7 dias, 11 dias, é espetacular estar em casa sem pais, sem ninguém, podemos ter o grupo de amigos em casa, podemos fazer tudo e mais alguma coisa. Portanto, eu na minha opinião, sim senhora tem de haver sanções disciplinares, concordo plenamente, mas não o facto de serem suspensos.

11. Considera que existe um acompanhamento regular e coeso dos pais no percurso escolar dos filhos?

Não, de todo. Já falei, não de todo.

12. Considera que o acompanhamento parental influencia o percurso educativo do(s) aluno(s). De que forma? Explique porquê.

Claro que sim. Já expliquei porquê. E infelizmente em termos de percentagem, chamemos-lhe assim, no nosso agrupamento, essencialmente o que acontece é isso. A ausência de qualquer acompanhamento, ausência de qualquer obrigatoriedade de cumprimento de regras, um alheamento total da família.

13. Qual a sua opinião relativamente ao trabalho semanal que realizo com os alunos (o acompanhamento individualizado)?

Eu acho que para já, fizeste o teu estágio de 3ºanos de licenciatura aqui na escola, já tinhas noção, uma boa noção da nossa realidade escolar, portanto acho que estás a trabalhar muito bem. Acho que consegues perceber infelizmente qual é, quais são as realidades dos nossos jovens de hoje em dia, e que serão os adultos do futuro, e estás ciente disso.

Estas a trabalhar corretamente e acho que vais conseguir resultados ainda melhores e aís profundos que o que fizeste no estágio de licenciatura, portanto acho que estás excelente. És responsável, tens uma boa relação com pais, tens boa relação com os alunos, consegues manter com um aluno a distância entre uma profissional e um aluno, consegues ter e reitero, uma boa relação, de respeito, de profissionalismo com os pais e encarregados de educação, portanto acho que estás no caminho correto.

14. Na sua perspetiva, o acompanhamento individualizado é benéfico ou neutro no trabalho com alunos?

É benéfico. É muito benéfico mesmo. Porque se não nem conseguias obter os dados que consegues e neste momento se fosses trabalhar, não com um, nem com dois, não com um só, separadamente ou individualmente, mas em conjunto, nem sequer o poderias fazer. Neste momento, há aquela - ajuda-me - aquela lei agora em relação a

dados, a proteção de dados exatamente, tu não podias interagir com eles, não podias ter as informações que tens quando fazes um estudo individual.

Apêndice M - Entrevista realizada às Psicólogas

Psicóloga 1

- 1. Tal como expresso no consentimento informado, está disposta a dar o seu contributo para o êxito desta investigação?**

Sim, claro que sim.

- 2. Pensando na Escola, considera que estes alunos atribuem importância à Escola? Importa-se de clarificar?**

Pouca, pouca. Muito pouca. No universo dos nossos alunos se calhar não consigo aqui por em percentagem tão concreta, mas se calhar menos de metade dão importância devida à escola. Portanto, parece-me também que a escola hoje em dia está um bocadinho desadequada, a escola que nós temos atual e um bocadinho mais tradicionalista está desadequada aos nossos jovens atuais.

- 3. De forma geral, sente que os alunos são empenhados e responsáveis? Se não, quais considera serem as melhores estratégias na promoção do empenho e motivação destes alunos?**

Alguns sim.

Pensando especificamente nas turmas CEF:

- 4. Quais considera ser as principais causas associadas ao insucesso escolar destes alunos?**

Penso que a principal serve, tem a ver um bocadinho com percurso escolar até este momento. Muitos dos jovens que estão nos cursos de CEF são jovens com algumas dificuldades, para não dizer com muitas dificuldades e acabam por estar num sistema que têm de fazer a escolaridade do 1º ano até ao 6º ano tal e qual como os restantes alunos. Embora alguns possam ter assim algumas ajudas no que diz respeito à educação especial, mas pronto à partida terão de frequentar a escola como os outros frequentam: ter as mesmas disciplinas, ter os mesmos conteúdos. Muitos destes jovens têm imensas dificuldades. Um jovem quando entra para a primária e depara-se com estas dificuldades começa a sentir uma baixa autoestima, começa a ter dificuldades em progredir e depois ele acaba por ir progredindo mas ele próprio vai se desvalorizando a nível escolar e vai perdendo o interesse pela escola, portanto penso que essa será uma das principais problemáticas a nível dos CEF. Outra delas também, infelizmente tem a ver um bocadinho com as dinâmicas familiares: as dinâmicas familiares complicadas, algumas famílias completamente desestruturadas, muitas vezes mesmo quando há divórcio entre os pais, poderia haver uma estrutura familiar, não é verdade? Um divórcio não significa uma desestruturação familiar, não tem de significar isso. Contudo infelizmente, mesmo os próprios pais muitas vezes não conseguem dar a estrutura que estes jovens precisam, são jovens que acabam por recorrer um bocadinho aos amigos, são bastante influenciados pelos amigos e acabam por se afastar do contexto familiar e ao mesmo tempo também do contexto escola.

5. Relativamente às faltas injustificadas, quais são as estratégias que considera mais eficazes para combater esta problemática?

Os alunos faltam porque não atribuem a importância devida à escola.

Eu acho que é assim, acho que teríamos mesmo de mudar aqui um bocado o nosso sistema de ensino, a forma, porque no fundo estes jovens tenham uma componente muito mais prática continuam a ter uma carga horária imensa, muitas das vezes entram às 8h30 e saem às 18h30 e para eles é saturante estar tantas horas na sala. Se calha se conseguíssemos dilatar aqui a carga horária deles seria excelente.

6. Considera que a relação entre pares influencia o percurso dos jovens (concretamente as faltas injustificadas)?

Isso não tenho qualquer dúvida, quando eles faltam a gente percebe que não é só um, são 2, 3, 4 naquela turma ou pelo menos no contexto da nossa escola sim penso que sim.

7. Qual a sua opinião sobre a suspensão dos alunos?

Eu para ser sincera não concordo muito com uma suspensão. Para este perfil de alunos até é um favor, portanto não têm obrigatoriedade de vir à escola, excelente! Penso que eu, claro que é o que está imposto e nós temos de cumprir as regras, não é? Mas acho que deveríamos aqui arranjar outras medidas alternativas. O não vir à escola para mim não é solução. Eles até podiam estar suspensos, mas se calhar viriam à escola tendo um trabalho extra.

8. Na sua perspetiva, qual a frequência com que os Encarregados de Educação vêm à Escola?

Para mim vêm muito pouca, só mesmo quando solicitados e às vezes pressionados, que se nós não fizermos pressão, eles não virão.

9. Sente que há uma relação distante entre a escola e a Família?

Sem dúvida, sem dúvida. Também se formos fazer uma análise um bocadinho da turma todos os pais têm baixa escolaridade no geral, portanto também não há o valorizar da escola em casa, isso também me parece que não existe muito.

10. Considera que existe um acompanhamento regular e coeso dos pais no percurso escolar dos filhos?

Não penso que não. A única coisa que muitas vezes eu sinto, isto falando nestas turmas específicas de CEF é que os pais não querem que eles deem problemas, desde que não deem problemas, não recebam chamadas ou da escola ou de outra instituição é o que os pais querem. Acompanhamento acho que quase nenhum.

11. Considera que o acompanhamento parental influencia o percurso educativo dos alunos. De que forma? Explique porquê.

Eu acho que sim, bastante. É um dos principais pilares, não é? Destes jovens, não há dúvida nenhuma que se houver esse acompanhamento, não quer dizer que pontualmente e nós vemos aí situações em que há muito acompanhamento e que os

próprios filhos tem um comportamento que podemos considerar um pouco desviante, mas quando há esse acompanhamento as coisas conseguem ser trabalhadas de uma forma diferente do que quando não existe.

12. Qual a sua opinião relativamente ao trabalho semanal que realizo com os alunos (o acompanhamento individualizado)?

Eu acho que esse trabalho é muito interessante e se calhar até devia de ser estendido é pena não conseguirmos o fazer, a todos os jovens que tinham essa necessidade e sobretudo porquê? Eu chamaria isso de quase uma tutoria, não é? É uma tutoria, não é? onde existe um bocadinho, onde nós acabamos por fazer aquele papel que os pais não fazem e perceber o que é que aconteceu durante a semana, saber o que é que esteve mal, o que é que esteve bem e o que é que esteve mal, talvez não num tom de crítica mas num tom de melhoria: como é que tu podes melhorar isso, como é que isso pode não voltar a acontecer e eu acho que isso é extremamente importante.

13. É um pouco tapar as lacunas que existem?

Sim, é um bocadinho.

14. Na sua perspetiva, o acompanhamento individualizado é benéfico ou neutro no trabalho com alunos?

Acho que é essencial.

Psicóloga 2

1. Tal como expresso no consentimento informado, está disposta a dar o seu contributo para o êxito desta investigação?

Claro que sim.

2. Pensando na Escola, considera que estes alunos atribuem importância à Escola? Importa-se de clarificar?

Depende dos alunos e da tipologia dos cursos. A nível geral sim, há muitos que dão valor à escola e que reconhecem a importância da escola, mas também tens uma percentagem ainda relativamente considerável de alguns que não dão.

3. De forma geral, sente que os alunos são empenhados e responsáveis? Se não, quais considera serem as melhores estratégias na promoção do empenho e motivação destes alunos?

Mais ou menos. Existem os dois extremos da escala, porque se nós formos olhar para a escola como um todo, a escola no global tem aquilo que é médio, que são aqueles que são mais ou menos empenhados, preocupam-se, dentro daquilo que é a norma. E depois tens os extremos: tens uns que são híper preocupados, híper trabalhadores e híper estudiosos e tens o outro extremo daqueles que não querem mesmo saber da Escola.

Dentro destes extremos, por exemplo, acho que se encontram os que efetivamente não estão minimamente empenhados, não estão minimamente ligados até à escola e que estão lá sem reconhecer absolutamente valor nenhum naquilo.

Pensando especificamente nas turmas CEF:

4. Quais considera ser as principais causas associadas ao insucesso escolar destes alunos?

Aquilo que estava a dizer em relação aos outros, que estão num extremo, fora da tal média, aqui encontram-se muitos alunos que vêm destes tais extremos, porque na maior parte das vezes, na criação de turmas, como o que eram os vocacionais e como são os CEF agora, o que se faz é tentar responder a um determinado perfil de alunos, que são alunos que à partida tu já sabes que não estão motivados, que não gostam da escola, ou pelo menos não da escola num modelo mais tradicional, mais teórico e aulas expositivas, ou coisas assim do género. Portanto, à partida sabes que quem vai para os cursos CEF já tem um historial de retenções, desmotivação ou desinteresse em relação á escola ou absentismo elevado e alguns têm tudo isto junto. Portanto, nestes casos nestas turmas efetivamente os fatores que contribuem para o insucesso têm a ver com isto, com aquilo que já é um percurso que o aluno leva para o curso, mas que já vem marcado pelo insucesso ou pela desmotivação e, as vezes até, as duas coisas em conjunto.

5. Relativamente às faltas injustificadas, quais são as estratégias que considera mais eficazes para combater esta problemática?

Em termos muito genéricos, na maior parte das vezes os alunos têm muitas faltas porque não vêm grande utilidade ou não vêm grande vontade na frequência das aulas. Portanto, eu acho que uma das formas ou uma das estratégias que resulta melhor, no sentido de combater as faltas injustificadas passa muito por trabalhar a motivação deles em contexto de escola. Isto é, utilizando várias estratégias, não só no sentido de trabalhar um a um, mas por exemplo, a própria maneira como os cursos estão organizados, o tipo de atividades que às vezes propõem, o facto de serem cursos que já são mais práticos por natureza, mas que muitas vezes até lhes permitem fazer trabalhos de projeto ou numa determinada disciplina prática em vez de terem as aulas sempre na escola, por exemplo, aulas que são de oficina, em vez de estarem na oficina da escola vais a uma oficina qualquer visitar um dia e fazes um trabalho lá. Este lado mais prático e de maior ligação daquilo que é a escola, a realidade de sala de aula e ir às aulas diariamente e afins, relacionar este lado com o lado de utilidade ou "*para que é que a escola me pode servir?*" ou "*em que é que a escola me pode ajudar?*", acho que se calhar é aquilo que é o caminho mais funcional e mais eficaz no sentido de levar a que a generalidade dos alunos não tenha tantas faltas. Agora também é evidente que isto não resulta a 100% com todos eles, não é? E em termos teóricos se calhar é funcional e tem a ideia que corre bem e em termos práticos há alunos que efetivamente não tem uma redução tão significativa em relação às faltas e muitas vezes também há muitos que as faltas não estão relacionadas só com o não gostar da escola ou com o não ver

grande valor pessoal ou valor para mim enquanto pessoa na escola, mas tem a ver com outro tipo de interesses, se lhe quisermos chamar assim, que os alunos têm paralelamente à escola. E, portanto, esses interesses e essas atividades ou esses afazeres acabam por ter prioridade relativamente ao ir as aulas, porque ainda por cima é uma coisa que eles não gostam.

6. Considera que a relação entre pares influencia o percurso dos jovens (concretamente as faltas injustificadas)?

Pode e influencia na maior parte das vezes. Genericamente, os alunos que faltam às aulas injustificadamente, não faltam às aulas para estar sozinhos, normalmente estas faltas são feitas em grupo. Pode não ser um grupo que seja da turma, mas há muito o efeito de grupo, ou vamos todos ou não vamos todos. Neste caso, não vamos todos porque vamos fazer outra coisa qualquer, e outra coisa qualquer até pode ser tão pouco significativa como estar no café a beber café e ficar lá, o que não tem grande interesse em termos de atividade prática.

Mas, às vezes, esta influência pode funcionar pela negativa, mas às vezes também funciona pela positiva. Havendo um par que seja uma influência positiva no sentido de ir às aulas e que seja alguém com quem tu te relacionas também se pode trabalhar, por exemplo a questão das faltas injustificadas por este lado. E em vez de teres só os professores ou outros técnicos a trabalhar com os alunos no sentido de reduzir o absentismo, teres alguém que é mais próximo deles porque é um par, não é? Da mesma idade, é um aluno como ele, mas que trabalha isto de outra maneira, pela proximidade.

7. Qual a sua opinião sobre a suspensão dos alunos?

Na minha opinião, e isto é uma opinião pessoal, na maior parte das vezes não altera comportamentos, até porque muitos destes alunos, como estávamos a falar antes, são alunos que não estão motivados com a frequência escolar. E portanto estes dias de suspensão, ainda que seja um castigo e ainda que tenham algum tipo de consequências, nomeadamente em termos de aproveitamento, porque eles não estão nas aulas, em traços gerais, para estes alunos mais desmotivados, não são castigos que sejam efetivamente sentidos como castigos, muitas vezes são sentidos como uma pausa nos dias que tu tens de ir à escola ou nos dias que és obrigado a fazer isto ou aquilo em relação a determinada aula. Isto se tivermos a falar de alunos por exemplo com estas características mais afastadas daquilo que é o interesse escolar ou do que é o interesse pelos cursos.

Acredito que em alguns casos, por exemplo se esta suspensão os impedir de naqueles dias fazer determinadas atividades das que eles gostam mais ou que os bloquem em algum tipo de saídas ou participações em projetos que eles gostem mais, aí acredito que tenha um bocadinho mais de peso. Mas na maior parte dos casos não tem muito, no sentido de eles sentirem que aquilo efetivamente é muito mau e que não vão poder ir à escola naqueles dias.

Ainda que já tenha acontecido, alunos estarem suspensos e nos dias de suspensão quererem ir às aulas. Normalmente a suspensão é efetivamente isso, tu não podes ir nem entrar nas instalações da escola, nem podes assistir às aulas e não podes mesmo

la estar. Estás suspenso de frequência daquele local, portanto não podes ir para ali. Repara, muitas vezes a escola é um local de encontro, não é a escola no sentido de aulas, mas é escola no sentido de encontrar outras pessoas, com pares, com os tais amigos que nós falamos à pouco. E até há muitos deste que se calhar, se fores fazer um controlo há muitos destes que têm faltas injustificadas e que se calhar tu tens listados como alunos que têm elevados índices de absentismo, que se for preciso tu vês às 8h30 na rua da escola. E portanto, eles vão à escola e vão ter com colegas, aquilo pode funcionar às vezes como ponto de encontro e não vão às aulas. E muitas vezes entram no edifício da escola e dão meia volta e voltam a sair.

Em alternativa à suspensão, às vezes, há castigos que passam pelo trabalho comunitário e isso já aconteceu aqui na escola. Já houve alunos que mediante determinada medida disciplinar, tiveram medidas neste sentido de serem castigos. Foram ajudar por exemplo no bar dos professores, ajudar no refeitório, ajudar no bar dos alunos. As participações disciplinares é uma coisa que é em escalada, portanto há vários níveis de gravidade. A suspensão é o considerado mais grave, portanto, estas coisas dos castigos na escola ou de medidas corretivas vêm numa etapa anterior. A suspensão é como se fosse uma pena, um castigo mais pesado do que os outros, mas isso já aconteceu também.

8. Na sua perspetiva, qual a frequência com que os Encarregados de Educação vêm à Escola?

Em termos gerais, se calhar a maioria efetivamente é presente e vai à escola e muitas vezes de forma autónoma, vai quando os diretores de turma chamam, mesmo assim nas turmas CEF acho que a maioria dos encarregados de educação é presente e até vai. Se calhar os alunos que têm mais necessidade que os encarregados de educação estejam presentes, isso não acontece. Por acaso da experiência de trabalho que eu tenho das reuniões por exemplo de final de período, os encarregados de educação de uma maneira geral até são presentes e preocupados.

Repara, quando tu falas em encarregados de educação de alunos que dão imensos problemas e se pensares nos alunos que estão a fazer tarefas na escola, os pais são muito presentes e interessados.

Se calhar muitos pais até vão à escola, mas se calhar nas turmas de eletricidade de segundo ano, não tanto porque eu acho que os pais aí já estão um bocadinho mais “descansados” digamos assim. Por exemplo, nos vocacionais acontecia os alunos que, entretanto, estavam perto de atingir a maioridade ou atingiam, os pais já entram naquela onde de *“eles é que fazem, eles é que assinam”*, portanto nem sequer lá iam.

Para mim isto de ir à escola, mesmo por exemplo na turma do OSTA se tu perguntares, eu acredito que haja muitos que não vão, mas se calhar a maioria até foi à reunião com a diretora de turma. Uma turma de primeiro ano, é uma turma em que “os pais são novos”, o curso é novo, os alunos estão pela primeira vez naquele sítio. Uma turma de 2 ano já é a continuidade, portanto, os pais e os alunos já têm muito mais noção de como aquilo é e se calhar há uma maior facilidade que neste segundo ano, os pais não vão tanto as reuniões do que no primeiro ano. Porque quando tu vais para um

curso CEF, muitos alunos chegam-nos ali à escola de outras escolas. Não sabem que curso é, os pais antes de eles entrarem para o CEF, por exemplo, têm sempre de ir lá com eles fazer a matrícula. Fazer a entrevista e, portanto, logo no início, eles são como que obrigados a ir à escola, numa primeira fase. E por isso, este contacto no início com os encarregados de educação é relativamente fácil, no sentido que acontece, com o passar do tempo e com o passar dos anos, no curso, acredito que esta proximidade e esta frequência nas idas à escola tenda a reduzir até por isto. Porque eu sei como e que é o curso e depois também há pais que não são daqui, são de fora.

9. Sente que existe uma relação distante, tendo em conta o que disse?

Se calhar a taxa de participação ou a taxa de proximidade que tu consegues fazer num tipo de cursos e noutros tipos de cursos, ainda que não seja a mesma, juntando aquilo tudo acaba por te dar uma coisa semelhante. Que é haver aqueles pais que vão às reuniões todas, todas mas todas mesmo e isto acontece nos cursos todos, nos anos todos e depois tens aqueles pais que talvez nunca lá tenham ido, e portanto vão fazendo um bocadinho o acompanhamento à distância ou não fazem sequer. E também existem aqueles que, até pensando nestes cursos especificamente, existem aqueles pais que mesmo em contexto escola dizem que não sabem muito bem o que devem fazer aos filhos ou de que forma os devem orientar/direcionar. Acho que tendencialmente a distância na relação está a aumentar e não a reduzir. A nível da relação escola família, tendencialmente acho que, sobretudo nestas faixas etárias, há um distanciamento maior dos encarregados de educação em relação à escola do que se assiste em faixas etárias mais baixas.

10. Considera que existe um acompanhamento regular e coeso dos pais no percurso escolar dos filhos?

No CEF, genericamente, se calhar não. Não é o ideal, nem é o que deveria ser. Nem no CEF, nem em muitos outros. Às vezes até nem em níveis de educação mais baixos como o primeiro ciclo. Há muitos alunos que tu tens referenciados como alunos que têm necessidades de reforçar uma competência a nível de leitura ou de escrita, que esta indicação é dada para casa e por uma questão de tempo ou por uma questão de disponibilidade ou às vezes até das pessoas não terem facilidade no sentido de logística, de trabalhar aquilo, não conseguem ter esse acompanhamento ou fazer esse acompanhamento como seria desejado.

11. Considera que o acompanhamento parental influencia o percurso educativo dos alunos. De que forma? Explique porquê.

Claro que sim. Em qualquer atividade, se tu tiveres orientação, esta atividade é desenvolvida de uma forma mais cimentada e o caminho é mais fluido do que se a atividade não for orientada e isto é válido para aquela questão da educação da escola para os resultados escolares, é válido para a prática de um desporto que se veja com orientação ou sem, ou é válido para tudo. Naturalmente se tu vais à escola durante x horas num dia e chegas a casa e tens alguém que acompanha aquilo que tu fizeste, que se preocupa em perceber, não só em termos académicos mas em termos relacionais,

em termos da forma como tu te dás com a turma, com a forma como estás na escola, que acompanha aquilo que é o teu percurso diário, na vida e na escola, naturalmente que isto tem muito mais fatores de sucesso do que fatores que potenciam o insucesso.

É uma coisa tão simples como isto, logo na entrada no primeiro ciclo tens 2 alunos que entram para a mesma turma, têm o mesmo professor, estão na mesma escola: um aluno chega a casa e o pai incentiva, vê aquilo que ele já aprendeu, reforça as coisas que ele já sabe, dá-lhe uma valorização no sentido de para que é que esta aprendizagem ou porque é que isto da escola me poderá vir a servir no futuro, portanto dá-lhe ali um objetivo para aquela função para que a tarefa que o aluno tem. E nessa mesma turma tens outro aluno que chega a casa, ninguém pergunta sobre o que ele fez na escola, ninguém vê se tem trabalhos para fazer ou não, ninguém lhe oferece um livro, ninguém estimula a leitura, ninguém tem nenhum tipo de discussão sobre a matéria sobre a escola, sobre nada. Só isto, faz com que o aluno tenha uma predisposição para aprender e o interesse completamente diferente do outro, isto fora aquilo que são as características individuais de cada um e os contextos socioeconómicos, mas qualquer atividade que nós fazemos, escolar ou não, se esta atividade tem um reforço por parte do outro habitualmente tende a repetir-se e tende a manter-se. Quando esta atividade não é reforçada, nem tanto.

Alem da questão do reforço, ainda podes ter noção daquilo que é a nossa aprendizagem por imitação dos modelos. Se eu vejo modelos em casa que incentivam o estudo e que até leem jornais e têm revistas, e eles próprios têm atividades relacionadas com a escola, eu crianças tendo a seguir os modelos que eu tenho. Se os modelos que eu tenho não têm nenhum tipo de reforço de incentivo ou valorização pela realidade escolar, eu criança, também não vou ter.

12. Qual a sua opinião relativamente ao trabalho semanal que realizo com os alunos (o acompanhamento individualizado)?

Existem alguns tipos de trabalho ou de metodologias de apoio em vigor nas escolas agora, que até passa por, ou podem passar, não quer dizer que seja por aqui, mas passam por os alunos terem uma espécie de tutor, alguém que os orienta e que vai acompanhando com eles as coisas do dia-a-dia, as atividades, o cumprimento de responsabilidades ou não, estabelecimento de objetivos, etapas para chegar a estes objetivos. Portanto, da maneira que eu o encaro, acho que este trabalho que é feito mais numa ótica de acompanhamento individual possibilita este lado assim de quase diria tutoria ou mentoria, no sentido de fazer uma intervenção mais próxima deles e de conseguir trabalhar por um lado, aspetos que em contexto turma ou em contexto de grupo não se trabalha, porque a relação é diferente e o nível de confiança que eles têm com o técnico também é diferente e por outro lado, da mesma forma que nós estávamos a falar à pouco, daquilo que é a imitação de modelos, também permite trabalhar aqui nesta perspetiva, não só na ótica de orientar a atuação do outro, mas se calhar o próprio técnico funcionar como um modelo em formas de reagir em determinadas circunstâncias, postura a ter em determinados sítios, formas de fazer as coisas.

13. Na sua perspetiva, o acompanhamento individualizado é benéfico ou neutro no trabalho com alunos?

Eu acho que é benéfico, pelas razões que expus anteriormente. É benéfico porque se é um trabalho mais próximo, é individual, dá um contexto ali de forma seguro, onde o aluno tem um espaço de certa forma seguro no sentido em que o aluno tem ali, espaço e tempo, alguém disponível para ele e que pode trabalhar com ele coisas que ele eventualmente possa não querer trabalhar em contexto escolar. Portanto, eu acho que sim, que é benéfico.